

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

JÉSSICA BAZZO

O JORNALISMO DE DADOS E SUA INCORPORAÇÃO
NO BACHARELADO EM JORNALISMO

GOIÂNIA – GOIÁS

2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS
DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo da autora: Jéssica Bazzo

Título do trabalho: O Jornalismo de Dados e sua incorporação no Bacharelado em Jornalismo

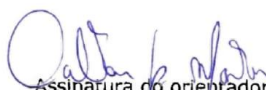
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura da autora

Ciente e de acordo:


Assinatura do orientador
Prof. Dr. Dalton Lopes Martins

Data: 20 / 03 / 2019

SIBISISTEMA DE
BIBLIOTECAS UFG**PRPG**PROFESSORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o(a) autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do(a) autor(a): Jessica Bazzo

Título do trabalho: O jornalismo de dados e sua incorporação no bacharelado em Jornalismo

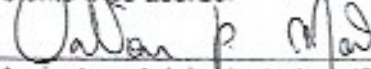
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 11 / 02 / 2021

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

JÉSSICA BAZZO

O JORNALISMO DE DADOS E SUA INCORPORAÇÃO
NO BACHARELADO EM JORNALISMO

Trabalho apresentado como requisito para
conclusão do Programa de Pós-Graduação em
Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação, Cultura e
Cidadania.

Linha de Pesquisa: Mídia e Cidadania.

Orientador: Dalton Lopes Martins

Coorientador: Claudomilson Fernandes Braga

GOIÂNIA – GOIÁS

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
GPT/BC/UFG**

BAZZO, Jéssica.

O Jornalismo de Dados e sua incorporação no Bacharelado em Jornalismo / Jéssica Bazzo. - 2019

204 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Dalton Lopes Martins.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Goiânia, 2019.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui lista de quadros, lista de gráficos, lista de tabelas.

1. Jornalismo de Dados. 2. Bacharelado em Jornalismo.
3. Jornalista.

I. Martins, Dalton Lopes, orient. II. Título.

CDU 007

ATA 03/2019



ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos vinte e um dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezenove, a partir das dezesseis horas, na sala sete do Labicom - Laboratórios Integrados de Comunicação e Informação realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação de Mestrado de **JÉSSICA BAZZO**, intitulada “O JORNALISMO DE DADOS E SUA INCORPORAÇÃO NO BACHARELADO EM JORNALISMO”. A banca examinadora foi composta pelos professores doutores Dalton Lopes Martins (orientador/FIC/UFG), Nélia Rodrigues Del Bianco (FIC/UFG) e Cleomar de Sousa Rocha (PPGACV/UFG). Após a arguição, os membros da banca se reuniram em sessão secreta para concluir a avaliação e definir o parecer final da dissertação, que foi APROVADA. Por fim, lavrou-se a presente ata, que segue assinada pelo Presidente e pelos demais membros da banca.

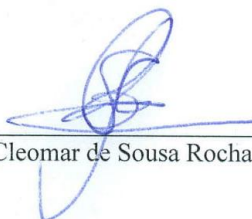
Prof. Dr. _____ (Presidente)


Dalton Lopes Martins

Profa. Dra. _____


Nélia Rodrigues Del Bianco

Prof. Dr. _____


Cleomar de Sousa Rocha

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que acreditam ser possível fazer a diferença (ainda que por pequenos atos de coragem), a cada um que crê ser necessário aprender com humildade e que o caminho do conhecimento não tem fim: aos meus avós, cuja memória e gratidão são eternas; ao meu pai, Itacir, minha mãe, Margarida, e ao meu irmão, Giovan, que são patrocinadores da minha estadia em Goiânia e a luz no meu caminho, mesmo em meio à mais sombria escuridão; ao meu companheiro de jornada, revisor, conselheiro, amigo e grande estimulador, Filipe, por sua paciência e confiança; e aos meus fiéis escudeiros, o cachorro Rex e meus gatos: Pipoca, Nobel, Amora e ainda ao Bastião, que foi cedo e deixou saudades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda espiritualidade e a cada professor que tive o privilégio de conhecer, a cada um que doou seu tempo e compartilhou comigo seus saberes, inspirando-me e estimulando para que chegasse até aqui, em especial, aos professores que conheci no mestrado: professora Nélia Del Bianco e professor Claudomilson Fernandes Braga (que aceitou ser meu coorientador, enfrentando esta jornada desafiadora junto comigo) – a vocês dois, agradeço muito os conselhos, orientações e sábias observações!

Agradeço a cada um que acreditou em mim, mesmo quando me faltou fé. Agradeço também a meus amigos, dentre os quais lembro: Gabi, Wilker, Taffareu, Leninne, Bertuolo, Lethícia, Ary, Gilmara e Dayane; sonhar um sonho sozinho é fundamental, mas sonhar juntos faz deste sonho uma possibilidade mais realizável – que bom ter vocês para compartilhar!

[...] Estou preso à vida e olho meus
companheiros.

Estão taciturnos mas nutrem grandes
esperanças.

Carlos Drummond de Andrade, “Mãos
Dadas”, Publicado em Sentimento do Mundo,
1940.

RESUMO

Nesta dissertação, empregamos metodologia qualitativa para análise da recente incorporação, ocorrida no Brasil, do Jornalismo de Dados aos currículos dos bacharelados em Jornalismo. Apresentamos não só o percurso histórico da formação superior em Jornalismo, até a recente criação dos cursos de bacharelado, como também um mapeamento, de âmbito nacional e internacional, do Jornalismo de Dados. Esse mapeamento não será realizado na forma de uma comparação, mas antes de uma revisão de literatura. Os bacharelados em Jornalismo, como revela a pesquisa, buscam se adaptar às novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), mas, devido a sua incorporação recente, observa-se, ainda que de maneira experimental e em menor número, a proposta de disciplinas, e, de maneira dispersa, práticas voltadas para o Jornalismo de Dados sendo inseridas nos currículos dos cursos de graduação em Jornalismo. Embora seja reconhecido pelos professores e pesquisadores da área como uma formação fundamental para os novos jornalistas, para se tornar uma realidade nas IES carece ainda de mais recursos para a formação docente, novos concursos para agregar docentes com um perfil mais atual e também a existência de infraestrutura adequada. Apesar dos desafios, o Jornalismo de Dados tende a se manter em discussão, mas longe de se estabelecer enquanto disciplina, os resultados sugerem que demais temas abrangentes ao digital o dissolvam na formação universitária das universidades públicas.

Palavras-chave: Jornalismo de Dados. Bacharelado em Jornalismo. Jornalista.

ABSTRACT

In this master's thesis, we employ a qualitative methodology to analyze the recent inclusion of Data Journalism in the curriculum of Journalism courses. We not only present the historical development of college education in Journalism, until the recent creation of the bachelor's degree in Journalism, but also provide a national and international mapping of the field of Data Journalism. We carry out this mapping not as a comparison, but rather as a literature review. Journalism courses, as our research reveals, are trying to adapt to the new National Curriculum Guidelines. It is already possible to identify specific disciplines and practical activities focused on Data Journalism inserted in the curricula of Journalism courses. Teachers and researchers of this area are aware of the importance of that knowledge, which guarantees a training that is consistent with the increasingly digital reality of contemporary journalism. Moreover, it enables the production of reports based on concrete data, without losing sight of the journalists' social function as the ones who mediate the access to information of public interest.

Keywords: *Data Journalism. Bachelor's Degree in Journalism. Journalist.*

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resumo da pesquisa.....	20
Quadro 2 – O Jornalismo de Dados na teoria e na prática	21
Quadro 3 – Pareceres do CFE e Resoluções do MEC.....	31
Quadro 4 – Autores e instituições ligados aos artigos.....	66
Quadro 5 – Dissertações que trabalharam o Jornalismo de Dados.....	72
Quadro 6 – Teses que trabalharam o jornalismo de dados	76
Quadro 7 – A disciplina Jornalismo de Dados nas faculdades de Jornalismo	100
Quadro 8 – Disciplinas que contemplam a Análise Matemática nas faculdades de Jornalismo.....	112
Quadro 9 – Disciplinas que contemplam a área Gráfica/Design nas faculdades de Jornalismo.....	115
Quadro 10 – Disciplinas que contemplam “o digital” nas faculdades de Jornalismo	125
Quadro 11 – Disciplinas que contemplam Especialidades do Jornalismo que indicaram abordar Jornalismo de Dados nas faculdades de Jornalismo.....	134
Quadro 12 – Definição de Jornalismo de Dados conforme os coordenadores de curso por IES	143
Quadro 13 – Oferta da disciplina Jornalismo de Dados nas faculdades.....	146
Quadro 14 – Espaço em que a disciplina de Jornalismo de Dados acontece	146
Quadro 15 – Divisão da metodologia de ensino da disciplina de Jornalismo de Dados	148
Quadro 16 – Desafios enfrentados na formação do jornalista tendo em vista as novas diretrizes curriculares.....	152
Quadro 17 – Interesse em incorporar o Jornalismo de Dados à Faculdade.....	154

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A Pirâmide Invertida do Jornalismo de Dados (completa)	46
Gráfico 2 – Número de artigos sobre Jornalismo de Dados publicados por ano.....	67
Gráfico 3 – Número de dissertações sobre Jornalismo de Dados por ano de defesa	74
Gráfico 4 – Número de teses sobre Jornalismo de Dados por ano de defesa	78
Gráfico 5 – Número de artigos publicados por ano.....	82
Gráfico 6 – Número de publicações por área	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Periódicos de Comunicação que publicaram artigos sobre Jornalismo de	
Dados	64
Tabela 2 – Número de publicações por instituição.....	82
Tabela 3 – Autores que mais publicaram	83
Tabela 4 – Publicações por país	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABECOM – Associação Brasileira de Escolas de Comunicação Social
- ABEPEC – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Comunicação
- ABRAJI – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo
- BD – Base de Dados
- BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEP/UFG – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás
- CES – Câmara de Educação Superior
- CFE – Conselho Federal de Educação
- CIESPAL – Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina
- CNE – Conselho Nacional de Educação
- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CNRS – *Centre National de la Recherche Scientifique*
- COMPÓS – Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação
- DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais
- ECA/USP – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
- ESPM-RJ – Escola Superior de Propaganda e Marketing Rio de Janeiro
- EUA – Estados Unidos da América
- FCL – Faculdade Cásper Líbero
- FIC/UFG – Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás
- FNPJ – Fórum Nacional de Professores de Jornalismo
- GJOL – Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line
- IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
- IES – Instituições de Ensino Superior
- Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- ISSN – International Standard Serial Number
- JD – Jornalismo de Dados
- JDBD – Jornalismo Digital em Base de Dados
- JorDi – Grupo de Pesquisa em Jornalismo Digital
- LAI – Lei de Acesso à Informação
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- MEC – Ministério da Educação

ONU – Organização das Nações Unidas
PPC – Projeto Pedagógico de Curso
PPGCOM/UFG – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás
PPP – Projeto Político Pedagógico
PSL – Partido Social Liberal
PT – Partido dos Trabalhadores
PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RAC – Reportagem Assistida por Computador ou Reportagem com Auxílio de Computador
SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo
SESU – Secretaria de Educação Superior
SQL – *Structured Query Language* (Linguagem de Consulta Estruturada)
STF – Supremo Tribunal Federal
TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação
UCM – Universidad Complutense de Madrid
UEL – Universidade Estadual de Londrina
UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais
UEPB – Universidade Estadual da Paraíba
UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFAC – Universidade Federal do Acre
UFAL – Universidade Federal de Alagoas
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT – Universidade do Estado de Mato Grosso
UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFS – Universidade Federal de Sergipe
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFMS – Universidade Federal de Santa Maria
UFT – Universidade Federal do Tocantins
UFU – Universidade Federal de Uberlândia
ULB – *Université Libre de Bruxelles*
UnB – Universidade de Brasília
UNESCO – Organizações das Nações Unidas, para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste
UNIFAP – Universidade Federal do Amapá
UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa
UNIR – Universidade Federal de Rondônia
UO – Universidade de Oregon
USC – Universidad de Santiago de Compostela
USP – Universidade de São Paulo
UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
2 MUDANÇAS NA FORMAÇÃO DO JORNALISTA NO BRASIL E A EMERGÊNCIA DO JORNALISMO DE DADOS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	24
2.1 O Jornalismo como curso superior.....	24
2.2 Histórico das diretrizes curriculares e da educação superior em Jornalismo.....	28
2.3 O contexto: o Jornalismo e o jornalista no digital.....	38
2.4 O caminho percorrido até o Jornalismo de Dados.....	42
2.5 Comunicar para a cidadania.....	50
2.5.1 O papel do jornalista na Era da Informação.....	55
2.5.2 (In)Formar e Comunicar para cidadania.....	58
2.6 A formação em Jornalismo de Dados.....	59
3 O CAMPO DO JORNALISMO DE DADOS NO BRASIL E NO MUNDO.....	62
3.1 Recorte na revisão de artigos.....	63
3.2 Recorte na revisão de dissertações e teses.....	63
3.3 Artigos sobre Jornalismo de Dados.....	64
3.3.1 Autores e instituições.....	65
3.3.2 Série histórica.....	67
3.3.3 Palavras-chave.....	68
3.3.4 Abordagens e conceituações.....	68
3.3.5 Trajetórias dos autores.....	71
3.4 Dissertações sobre Jornalismo de Dados.....	72
3.4.1 Série histórica.....	74
3.4.2 Palavras-chave.....	74
3.4.3 Resumo sintético das dissertações.....	75
3.5 Teses sobre Jornalismo de Dados.....	76
3.5.1 Série histórica.....	77
3.5.2 Palavras-chave.....	78
3.5.3 Resumo sintético das teses.....	79
3.6 Considerações finais da revisão nacional.....	80
3.7 Revisão internacional: Jornalismo de Dados.....	81
3.7.1 Resultados.....	81
3.7.2 Série histórica.....	81

3.7.3 Publicações por instituições/universidades.....	82
3.7.4 Autores com mais publicações	83
3.7.5 Publicações por país	84
3.7.6 Publicações por área	85
3.7.7 Análises dos artigos mais citados: o que eles têm a dizer?.....	86
3.8 Considerações sobre a revisão internacional.....	94
4 ABORDAGEM METODOLÓGICA	95
5 O JORNALISMO DE DADOS NOS PPCs E NA ANÁLISE DE COORDENADORES DE CURSO.....	98
5.1 A disciplina Jornalismo de Dados nas faculdades de Jornalismo	99
5.2 Práticas de Jornalismo de Dados encontradas nas faculdades que não ofertam a disciplina explicitamente	110
5.2.1 Disciplinas que contemplam a Análise Matemática nas faculdades de Jornalismo	111
5.2.2 Disciplinas que contemplam a área Gráfica/Design nas faculdades de Jornalismo	115
5.2.3 Disciplinas que contemplam “o digital” nas faculdades de Jornalismo	125
5.2.4 Disciplinas relativas a especialidades do Jornalismo que contemplam práticas do Jornalismo de Dados nas faculdades de Jornalismo.....	133
5.3 Análises das respostas dos coordenadores de curso de Jornalismo aos formulários	142
5.3.1 Definição de Jornalismo de Dados conforme os coordenadores de curso por IES.....	143
5.3.2 Oferta da disciplina de Jornalismo de Dados	145
5.3.3 Produtos resultantes da disciplina de Jornalismo de Dados e divulgação de resultados	147
5.3.4 Abordagens ao Jornalismo de Dados dentro de outras disciplinas.....	148
5.3.5 A formação dos professores que lecionam Jornalismo de Dados nas IES	149
5.3.6 Foco no digital para atender às novas Diretrizes Curriculares Nacionais	149
5.3.7 Formação plural e cidadã do jornalista.....	150
5.3.8 O que dizem os coordenadores sobre as práticas de Jornalismo de Dados	153
5.3.9 Incorporação (ou não) do Jornalismo de Dados nas Faculdades futuramente...	154
5.4 O conteúdo dos PPCs está alinhado com o dos coordenadores de curso?	157
5.4.1 Oferta da disciplina Jornalismo de Dados	157
5.4.2 Como o Jornalismo de Dados é ofertado	157

5.4.3 Divulgação dos resultados da disciplina de Jornalismo de Dados	158
5.4.4 Identificação do Jornalismo de Dados como conteúdo de outra disciplina.....	159
5.4.5 Teoria e prática no ensino da disciplina de Jornalismo de Dados	162
5.4.6 Atenção ao digital para atender às Novas Diretrizes	163
5.5 Das práticas de Jornalismo de Dados	165
5.5.1 Análise matemática/estatística.....	165
5.5.2 Métodos digitais ou uso de software para análise de dados	166
5.5.3 Visualização de dados.....	167
5.6 Interesse de incorporar (ou não) o Jornalismo de Dados nos cursos	169
5.7 Considerações gerais dos resultados do diálogo entre PPCs e respostas dos coordenadores	171
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
REFERÊNCIAS	178
APÊNDICES	190
Apêndice A – Resposta dos coordenadores ao questionário – elaborado com Google Forms.	190

1 INTRODUÇÃO

As novas tecnologias digitais e a internet têm impactado diretamente no cotidiano dos cidadãos, modificando as formas de se fazer Jornalismo e inaugurando novas áreas de pesquisa, especialmente no campo da Comunicação. Nesse contexto, tem-se o Jornalismo de Dados, que não é recente, mas diante do digital ganha uma nova configuração e importância, evidenciando alto potencial para a construção de reportagens aprofundadas e inovadoras, com informações extraídas de grandes bases de dados on-line e com uma forma particular de apresentação por meios infográficos, mapas, quadros e tabelas simples e atrativas, a fim de que o cidadão comum compreenda melhor dados de interesse público. Assim, grandes volumes de dados são inseridos no Jornalismo, mas, em contrapartida, a tarefa de fazer os dados falarem e extrair informações relevantes destas grandes bases – principalmente governamentais – não é tarefa fácil e requer uma formação específica ou mesmo o trabalho em equipes de multiprofissionais, com cientistas da informação, da comunicação e da sociedade (entre outros) atuando de maneira colaborativa.

Se o assunto é a formação do jornalista, para lidar com estas tecnologias é necessário ir à base da construção desse profissional cientista, e investigar de que maneira as universidades estão incorporando a formação em Jornalismo em Dados ou não, e, se sim, como este tem sido incorporado aos currículos dos bacharelados em Jornalismo; mediante quais “práticas”; e como este processo se relaciona com as demandas das Novas Diretrizes Curriculares Nacionais que orientam a formação. Quanto ao conceito de “práticas” adotado neste trabalho, a referência é Bourdieu (1972), que argumenta ser mais importante se descobrir o que se faz a respeito de algo do que aquilo que se diz sobre algo, e também que estas práticas estão relacionadas ao “*habitus*”, visto que é o cotidiano de um grupo e seus indivíduos e suas ações que orientarão as suas práticas, nem sempre estritamente orientadas por regras explícitas, mas por apropriações de experiências anteriores, por uma estrutura social que as reproduz até sua naturalização (BOURDIEU, 1972). A categoria de “prática” em Pierre Bourdieu foi estudada por Thiry-Cherques (2006, p. 35), que a define como aquilo que se revela nas condutas regulares dos agentes em dinâmica de interação social, instituindo “as ‘coisas que se fazem’ e as ‘coisas que não se fazem’ em um determinado campo”.

A motivação da construção desse problema está em que, para colocar o Jornalismo de Dados em prática, é necessário ao menos domínio técnico em certas áreas do conhecimento – tais como: estatística, infografia, design, informática (com a utilização de recursos e técnicas de mineração e tratamento de informação para grandes bases de dados) etc.– e de computadores e softwares especializados, que potencializam o trabalho junto a outros recursos tecnológicos,

como mídias digitais e redes de internet rápida. A ideia aqui não é fazer apenas uma averiguação pontual, constatando ou não se o Jornalismo de Dados se encontra explicitamente recomendado nos currículos dos cursos de bacharelado em Jornalismo, mas sim procurar entender como de maneira emergente vem de fato sendo absorvido nesses cursos, identificando as estratégias com as quais o implementam ou não, em suas práticas, por exemplo: criando disciplinas eletivas, grupos de pesquisa, organizando eventos, oferecendo cursos de extensão ou de pós-graduação etc. Assim sendo, esta busca por práticas que possam ser reconhecidas como próprias do Jornalismo de Dados se justifica pelo fato de que, conforme constatado em trabalho de campo preliminar (que corrobora a hipótese inicial desta pesquisa), as instituições realizam práticas de Jornalismo de Dados, como as supracitadas, mas não as reconheçam como tal. Desta forma:

Quadro 1 – Resumo da pesquisa

A minha pesquisa se propõe a	Investigar de que maneira, no contexto nacional, as escolas superiores públicas de Jornalismo estão incorporando a formação em Jornalismo em Dados e/ou mediante práticas de Jornalismo de Dados.
Para	Entender como se encontra o estágio atual de práticas sobre jornalismo de dados.
Com a finalidade de	Descobrir como as escolas de jornalismo têm absorvido e tratado a emergência deste tema.
O que permitirá	Discutir a formação profissional do jornalista e identificar como as Faculdades públicas de Jornalismo estão incorporando a formação em Jornalismo de Dados diante das novas diretrizes curriculares nacionais que regulamentam a profissão.

Fonte: A autora.

Juntamente com uma comissão formada por professores de Jornalismo experientes, em 2013, o Ministério da Educação (MEC) modificou as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de graduação em Jornalismo, modificações estas implementadas em 2015. De acordo com o novo documento produzido na ocasião, o curso deixa de ser uma Habilitação do Bacharelado em Comunicação Social e se torna Bacharelado em Jornalismo. Além disso, a Resolução nº 1 de 27 de Setembro de 2013 (documento ao qual aqui se refere) preconiza mudanças importantes e que devem aparecer já na elaboração do projeto pedagógico do curso, sendo uma destas a orientação de que as instituições deverão ampliar a atuação profissional do jornalista em novos campos, projetando a função social da profissão em contextos ainda não delineados no presente; preparar profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica

constante, no qual, além de dominar técnicas e ferramentas contemporâneas, é preciso as conhecer em seus princípios fundamentais para poder as transformar na medida das exigências presentes; ter como horizonte profissional um ambiente regido pela convergência tecnológica, em que, embora conserve a sua importância no conjunto midiático, o Jornalismo Impresso não seja mais a ‘espinha dorsal’ do espaço de trabalho, nem dite as referências da profissão.

O Jornalismo de Dados entra em questão e se torna importante nesse contexto, pois une uma série de técnicas e tecnologias contemporâneas, levando em consideração aspectos mais humanistas e cidadãos da função social do jornalista, ou seja, tanto pela forma de produzir as matérias, quanto pelas suas pautas, o que é condizente com as novas diretrizes do Bacharelado em Jornalismo, que, em seu documento de referência, no artigo 5º, especifica:

[...] o concluinte do curso de Jornalismo deve estar apto para o desempenho profissional de jornalista, com formação acadêmica generalista, humanista, crítica, ética e reflexiva, capacitando-o, dessa forma, a atuar como produtor intelectual e agente da cidadania, capaz de responder, por um lado, à complexidade e ao pluralismo característicos da sociedade e da cultura contemporâneas, e, por outro, possuir os fundamentos teóricos e técnicos especializados, o que lhe proporcionará clareza e segurança para o exercício de sua função social específica, de identidade profissional singular e diferenciada em relação ao campo maior da comunicação social. (BRASIL, 2013, s/n)

Com base nestas novas orientações do MEC, que preconizam também o foco no digital, optou-se pela realização deste estudo, que busca analisar as práticas com as quais o Jornalismo de Dados (de modo emergente) tem sido incorporado aos bacharelados em Jornalismo, visando identificar também práticas previstas nos currículos destes mesmos e que, embora não sendo reconhecidas, sejam próprias do Jornalismo de Dados. O quadro abaixo ajuda a compreender melhor algumas das práticas que se entende aqui estarem relacionadas ao Jornalismo de Dados e aos questionamentos levantados até o momento.

Quadro 2 – O Jornalismo de Dados na teoria e na prática

Teoria	Prática
Análise matemática dos dados	Ex.: Estatística, Economia
Análise computacional	Ex.: Métodos digitais para análise de dados

Continua...

Continuação

Visualização dos dados	Projeto gráfico, infografia
Oferta da disciplina em si	Jornalismo de Dados
Oferta de práticas dentro de outras disciplinas	Ex.: RAC, Webjornalismo, Jornalismo Investigativo, etc.
Cursos de extensão voltados ao Jornalismo de Dados	Quais? De que maneira se dão?
Programas de pesquisa na web que trabalhem Jornalismo de Dados	Sim? Não?
Eventos relacionados à temática?	Sim? Não?
Professores que estudem a temática	Sim? Não? Projetos pessoais ou colocados em prática na Instituição?

Fonte: A autora (quadro feito com base em definições de Jornalismo de Dados apresentadas no tópico 1.6 e em entrevistas realizadas em caráter exploratório, em 2017).

A presente pesquisa está inserida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Goiás (UFG), na linha *Mídia e Cidadania*, e de acordo com as pesquisas exploratórias iniciais, espera-se encontrar experiências variadas e em que o Jornalismo de Dados aparece em diferentes níveis e formatos, como: a partir de uma disciplina específica; conteúdo de outras disciplinas, ou mesmo fragmentado em apropriações técnicas ou instrumentais de suas práticas etc, bem como, deixar de modo mais claro os desafios à sua incorporação nas Faculdades públicas de Jornalismo.

Sou jornalista e o interesse por pesquisas voltadas às novas tecnologias de comunicação e informação me acompanham desde a graduação, tendo sido ainda potencializado depois, na especialização em Comunicação Integrada e Novas Mídias, que concluí em 2015. Além disso, a convergência tecnológica no Jornalismo, assim como necessidades de adaptação profissional, foi algo que vivi na prática. E, entre outros fatores relevantes para a definição desta pesquisa, está a participação como aluna especial na disciplina *Métodos Digitais para Análise de Dados*, ofertada pelo PPGCOM/UFG em 2016, e ministrada pelo orientador desta dissertação, o Prof. Dr. Dalton Lopes Martins, disciplina que deu uma guinada no meu interesse rumo aos dados, e, em 2017, a realização do curso de extensão em Jornalismo de Dados ofertado pela Associação Brasileira dos Jornalistas Investigativos (ABRAJI).

O presente texto de dissertação está dividido em quatro capítulos de desenvolvimento, no primeiro capítulo, é apresentada uma perspectiva histórica, desde a implantação da primeira

formação superior em Jornalismo no Brasil até as novas diretrizes curriculares vigentes, que a transformaram em um bacharelado, apresentando também os novos desafios profissionais que este contexto impõe ao jornalista. No segundo capítulo, realizou-se um mapeamento do campo do Jornalismo de Dados, por meio de uma revisão de literatura visando a produção relacionada ao campo, nacional e internacionalmente, o que serviu para conceituar melhor o Jornalismo de Dados e apresentar um histórico da produção no campo, bem como evidenciar a importância deste trabalho. Já o terceiro capítulo é dedicado à apresentação da metodologia da pesquisa escolhida, que, tendo em vista o recorte desta pesquisa, restringe-se aos cursos de Bacharelado em Jornalismo, gratuitos, presenciais e em atividade, de faculdades das Instituições de Ensino Superior (IES) federais e estaduais que sinalizaram terem incorporado as novas DCN. A saber, em junho de 2018, eram quarenta e quatro (44) o número de IES que cumpriam os quesitos anunciados, conforme dados do e-MEC¹, e, destas, trinta (30) disponibilizam o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) on-line, ainda que, em algumas, este se encontre desatualizado, e oito (8) ofertam ou planejam a oferta explicitamente da disciplina Jornalismo de Dados e no quarto capítulo a parte de campo com a análise dos PPCs e também de questionários feitos com coordenadores de curso de Jornalismo via formulário eletrônico. As informações dos PPCs e dos questionários foram analisadas de maneira separada e depois os resultados foram comparados. A escolha de IES públicas se deu por se pressupor que estas teriam disponíveis publicamente os PPCs referentes aos cursos, atendendo ao que orienta a LAI.

¹ Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 19 jan. 2019.

2 MUDANÇAS NA FORMAÇÃO DO JORNALISTA NO BRASIL E A EMERGÊNCIA DO JORNALISMO DE DADOS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

2.1 O Jornalismo como curso superior

Segundo José Marques de Melo (2015), a educação em Jornalismo não é um desafio recente, mas algo que perdura há mais de um século, principalmente devido à industrialização da imprensa, com mudanças na produção das mídias e nas práticas jornalísticas, que vêm desde a automatização das gráficas, e chega à sua digitalização e interatividade no século XXI.

Apontando a formação universitária como providência tardia, Melo (2015) recorda que, em 1908, Gustavo de Lacerda (fundador da Associação Brasileira de Imprensa) já reivindicava a criação de um curso superior de Jornalismo no Brasil. O que só aconteceu 40 anos depois, com a abertura de escolas de Jornalismo em São Paulo (em 1947) e Rio de Janeiro (em 1948).

Barbosa (2017) faz um balanço histórico mais detalhado e acrescenta que, ainda que as disciplinas relacionadas diretamente aos meios de comunicação ou mídias sejam oferecidas desde a formação dos primeiros cursos de Jornalismo, por volta de 1950, e da constituição dos cursos superiores em Comunicação, na década de 1970, a educação em Jornalismo passou por reformulações ao longo de mais de meio século. Barbosa (2017, p. 6) cita o Decreto 22.245, de 1946, que regulamentou o Decreto-Lei 5.480 e autorizou a criação do primeiro Curso Superior de Jornalismo. O autor cita como sendo os mais antigos cursos superiores em Jornalismo do Brasil o curso da Fundação Cásper Líbero, em São Paulo, criado em 1947, e o primeiro curso oficial de Jornalismo no país, de 1948, da antiga Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), então, agregado à Faculdade Nacional de Filosofia; e, do início dos anos 1960, o autor cita também a primeira faculdade de Comunicação do país, a Faculdade de Comunicação de Massa, da Universidade de Brasília. Também conforme Barbosa (2017), na década de 1970, há a primeira expansão dos Cursos de Comunicação no país, com currículo mínimo e carga horária estabelecidos, além de cinco habilitações: Jornalismo; Publicidade e Propaganda; Relações Públicas; Rádio e Televisão; e Cinematografia.

De acordo com Melo (2015), com seis décadas de experiência na formação universitária de jornalistas, o Brasil possui uma matriz pedagógica didático-científica autônoma, que une os modelos europeu e estadunidense, criando um “modelo mestiço”. Segundo o autor, esse modelo crítico-experimental de ensino-pesquisa está fundamentado no tripé: conhecer, experimentar e pesquisar. Contudo, ainda para Melo (2015), mesmo com consideráveis conquistas, o ensino de Comunicação no Brasil precisa ainda passar por melhorias no compromisso educativo, de modo

a aproximar graduandos da sociedade. Melo (2015) defende um ensino padronizado nas escolas de Comunicação, e isso porque, segundo ele, a ‘lei do diploma’ separou jornalistas práticos e técnicos com formação superior, e fez surgir escolas de “segunda classe”, que interferiram na qualidade dos jornalistas que vão para o mercado.

Com o passar do tempo e tendo o Jornalismo adquirido maior complexidade, em função principalmente da convergência midiática e das transformações da sociedade, torna-se urgente repensar as estratégias e objetos investigativos dos pesquisadores em Jornalismo, e os colocar em sintonia com as prioridades cognitivas culturais do novo século.

Trata-se de criar e experimentar formatos jornalísticos que, potencializando as novas tecnologias, sejam capazes de catalisar o saber popular, estimulando o apetite cognitivo dos que estacionaram à margem da cultura impressa. Trata-se de compromisso que está a desafiar o espírito público da nova geração de educadores e investigadores do jornalismo. Cabe a esse segmento da comunidade acadêmica, em sintonia com o mercado e a sociedade civil, romper as paredes do gueto universitário, repensando o esgotamento do nosso modelo de jornalismo. (MELO, 2015, p. 16)

Meditich (2017a) destaca que a prática do Jornalismo como uma forma de produção de conhecimento sobre a realidade é diferente do estudo científico desta mesma prática. Enquanto o Jornalismo como prática está presente no exercício de recortar a realidade, o Jornalismo como disciplina envolve métodos e objetivos, precisa se colocar como uma ciência.

Ainda conforme o mesmo autor:

[...] o ensino do Jornalismo e o ensino da Jornalística precisam andar juntos nos projetos pedagógicos dos cursos de Jornalismo que, ao ensinar a profissão, lidam assim com três tipos de conhecimento. A partir da distinção entre os tipos de conhecimento relacionados ao Jornalismo em diferentes práticas. (MEDITSCH, 2017a, p. 63-64 [f. 72-73])

Meditich (2017a) separa os conhecimentos relacionados ao Jornalismo em três tipos: (1) o primeiro é próprio “do Jornalismo”, está em etapa de “criação de novo conhecimento”, utiliza o método “jornalístico” para abordar “fatos da atualidade”, seu “objeto”, e seu “produto” é a “cobertura jornalística”, portanto, sua forma de “ação” é a própria “prática” do Jornalismo; (2) o segundo tipo é um conhecimento “sobre o Jornalismo”, também em etapa de “criação de novos conhecimentos”, mas, utiliza o método “científico” para abordar “o Jornalismo enquanto fenômeno”, e, tendo como meio de “ação” a “pesquisa” e como “objeto” o próprio Jornalismo, produz “teorias do Jornalismo”; (3) já o terceiro tipo, voltado “para o Jornalismo”, está na etapa de “conhecer o conhecimento existente”, e utiliza o método “pedagógico” para ensinar “Teoria

e Prática do Jornalismo (mais Teoria da Comunicação, Ciências Humanas, etc.)”, tendo como seu “produto” o “profissional para a práxis” jornalística, sendo sua “ação” baseada, portanto, no “ensino-aprendizagem”.

Atualmente, segundo dados do sistema e-MEC de 2018/1, existem 338 cursos de graduação (presenciais e em atividade) e 83 cursos de especialização (presenciais ou à distância e em atividade) em Jornalismo no país.

Identificou-se mais de 80 grupos de pesquisa certificados de acordo com o diretório de pesquisas do CNPq – os quais contam com alunos de graduação e pós-graduação e professores com diversas titulações (mestrado e doutorado) – e 104 linhas de pesquisa voltadas ao Jornalismo, conforme a Plataforma Sucupira, em setembro de 2018, em programas de pós-graduações *stricto sensu* em Jornalismo e/ou Comunicação (que incluem o Jornalismo), em suas mais diversas abordagens e meios: impresso, televisivo, radiofônico ou *web*, ambiental, cultural, documental, independente, alternativo, científico, histórico, teórico, das linguagens, identidades, das rotinas produtivas, das tecnologias, de entretenimento, da memória, político, econômico, digital etc.; cursos estes distribuídos em 43 Instituições de Ensino Superior.

Adghirni (2006, p. 60) comenta que “avaliar a produção acadêmica em jornalismo no Brasil é tarefa quase impossível”. Segundo a autora, o próprio sistema de currículos Lattes do CNPq não tem sido utilizado de maneira muito eficiente pelos pesquisadores e seus programas, responsáveis por enviar as informações de sua produção.

O próprio Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (aqui utilizado como base de dados) depende da atualização dos Programas e não tem as informações organizadas de forma totalmente clara, além disso, pode-se observar que o sistema de busca e filtros aparece de forma limitada, no tempo – ainda que, de acordo com a própria CAPES, a base indexe trabalhos desde 1987 – e na prática, na medida em que poucas possibilidades de categorização e de análise dos dados cientométricos das produções são disponibilizadas.

Ainda assim, de acordo com o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, a busca por “jornalismo”, em novembro de 2018, nos títulos e resumos dos trabalhos indexados, resulta em aproximadamente quase 1.600 produções, divididas em dissertações e teses sobre Jornalismo, localizadas especificamente dentro da área da comunicação; mas, por data, observa-se um total de 1.987 até 2012 (último ano registrado), e, embora defasado, é possível se observar que o número de produções aumenta bastante em função do tempo.

Além disso, na Plataforma Sucupira, da CAPES, que coleta e publica parte dos dados dos Programas de Pós-Graduação vinculados a IES brasileiras, estão registrados 53 programas em Comunicação, oferecendo o seguinte total de cursos *stricto sensu*: 7 cursos de mestrado

profissional, 46 mestrados acadêmicos e 25 cursos de doutorado; sendo que, destes, 5 cursos de mestrado profissional, 12 de mestrado acadêmico e 6 de doutorado são em Jornalismo ou têm alguma relação com o Jornalismo, ou com a prática do Jornalismo.

Partindo das informações disponíveis, tem-se que, entre os cursos, considerando cada tipo e o nível, de acordo com os dados disponibilizados na Plataforma Sucupira, e conforme as linhas de pesquisa ativas no segundo semestre de 2018, a maioria dos mestrados profissionais priorizavam a prática jornalística, atividades extracurriculares, com foco no digital, passando pela ética, indo até a gestão e o planejamento em prol da inovação e da reconfiguração do jornalismo atual, unindo teoria e prática, e o estudo da produção de conhecimentos e sentidos, com a atuação jornalística e o domínio das linguagens, e modalidades que compõem o campo jornalístico, e, entre outros propósitos, a fim de formar profissionais altamente capacitados e que atendam às demandas atuais do mercado.

Já com base nas linhas de pesquisa dos cursos de mestrado e doutorado acadêmicos, o foco parece estar no estudo da produção, difusão e recepção, da convergência midiática, dos processos informacionais e éticos envolvidos na comunicação e nos produtos jornalísticos, das mídias e tecnologias de informação e comunicação, das relações pessoais e em nível massivo; e interessam as influências socioculturais na comunicação e processo de produção de sentidos e significados (as semiologias), portanto, no âmbito da cultura. As linhas de pesquisa abordam também a convergência tecnológica em diversas perspectivas, das rotinas produtivas, passando pelos contextos e suas mensagens, às memórias coletivas.

Dentre os programas de mestrado acadêmico exclusiva e explicitamente dedicados ao estudo do Jornalismo, conforme informações obtidas na Plataforma Sucupira, um é vinculado à Universidade Estadual de Ponta Grossa e o outro à Universidade Federal de Santa Catarina, sendo que o programa que abriga este último também possui o único doutorado exclusivamente em Jornalismo do país. Uma breve análise das linhas nestas pós-graduações sugere que estas contemplam tanto aspectos voltados à epistemologia do Jornalismo, como estudos empíricos e teóricos, e aplicados ou profissionais, abrangendo dinâmicas, rotinas produtivas e aspectos da produção midiática, e até mesmo as relações entre o campo do Jornalismo e outros campos.

Dos 23 cursos listados – entre mestrados profissionais e acadêmicos, e doutorados, que possuem relação com o Jornalismo, explicitamente ou não –, os mais antigos são os cursos da Universidade de São Paulo (1972 e 1980, respectivamente, mestrado e doutorado), seguido dos programas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1994) e da Universidade Paulista (1997), e, depois, 7 surgindo nos anos 2000, e 13 de 2012 para cá.

Onze (11) desses vinte e três (23) cursos de pós-graduação voltados à formação em Jornalismo foram abertos a partir de 2013, ano em que foram aprovadas as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais e se instituiu o Bacharelado em Jornalismo, porém, a maior parte destes programas segue com nota mínima relativamente ao Conceito CAPES, o que se deve ao fato de a avaliação ser quadrienal e estes serem bastante recentes, necessitando ainda se consolidar, especialmente na área de pesquisa e na produção científica.

A partir das Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Jornalismo, a Resolução nº 1 de 27 de setembro de 2013, o Jornalismo deixa de ser uma das habilitações possíveis da Comunicação Social e adquire um currículo independente: e se instituiu o Bacharelado em Jornalismo. Tendo esta Resolução sido aprovada em 2013, as IES tiveram até 2015 para adequar seus currículos. Assim, portanto, o impacto dessas novas diretrizes só se permitirá medir a partir de 2019 e/ou 2020, tempo suficiente para que os primeiros bacharéis em Jornalismo tenham sido diplomados, e tenham iniciado o seu ingresso (e a aplicação dos conhecimentos adquiridos a partir dos novos currículos) no mercado de trabalho.

De acordo com Meditsch (2012), é a negação da possibilidade teórica e a rejeição da literatura e da tradição que fazem com que o campo científico do Jornalismo não se consolide, ocasionando muitas vezes um ensino tecnicista, acrítico e sem reconhecimento como atividade intelectual. E isso se agrava no cenário atual de avanços tecnológicos na área de comunicação e informação, em que a “perspectiva de mutação desafia a pesquisar e ensinar coisas novas, e as escolas não têm claro ainda o que nem como ensinar” (MEDITSCH, 2012, p. 127). Ainda conforme o mesmo autor, para que o Jornalismo sobreviva à Era da Informação é preciso uma preparação que passe pela Universidade, pelo diálogo entre teoria e prática, pela crítica e pela busca de respostas para os novos desafios da profissão, aprimorando a formação de jornalistas que possam de fato cumprir com seu papel social.

2.2 Histórico das diretrizes curriculares e da educação superior em Jornalismo

A Graduação em Jornalismo surgiu antes mesmo da Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, e foi regulamentada pelo Decreto-Lei 5.480, de 13 de maio de 1943, que, conforme Moura (2002), autorizou a Faculdade Nacional de Filosofia (na cidade do Rio de Janeiro) a ministrar o curso.

Para aprofundar um pouco este breve histórico das diretrizes curriculares e da educação superior em Jornalismo no Brasil, a referência é a obra do pesquisador e professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Eduardo

Meditsch, que além de se dedicar especificamente a estes temas de estudo, fez parte da comissão que sugeriu as novas diretrizes curriculares nacionais que regulamentam a profissão.

Segundo Meditsch (2012), os construtores do modelo pedagógico brasileiro de ensino de Jornalismo foram Cásper Líbero, em São Paulo, e Danton Jobim, no Rio de Janeiro, os quais pensaram estratégias com base em experiências consolidadas em outras partes do mundo, mas voltadas a formar profissionais com foco para atuarem em empresas jornalísticas. O trabalho dos precursores foi continuado por Luiz Beltrão, em Recife, que criou um modelo alternativo para regiões em desenvolvimento, sendo inclusive convidado por países latino-americanos para socializar a inovação.

Meditsch (2012) destaca que, com mais de seis décadas formando jornalistas, o modelo brasileiro já consolidado une o padrão europeu (mais teórico) e o modelo estadunidense (mais empírico), resultando em “uma via crítico-experimental de ensino-pesquisa” (p. 230). Contudo, com a Resolução CNE/CES 16, de 13 de março de 2002, a educação superior em Jornalismo é amalgamada à graduação em Comunicação Social (e suas habilitações), o que dava margem a conflitos entre a área mais acadêmica da Comunicação e as áreas específicas de cada habilitação profissional.

Meditsch (2012) explica que o Jornalismo é profissão reconhecida e regulamentada, e inclusive é descrito desta forma no Código Brasileiro de Ocupações do Ministério do Trabalho, já a Comunicação Social é um campo científico, uma área acadêmica vasta e que abrange várias disciplinas, subsidiando com seu conhecimento também várias profissões. Segundo o autor, a confusão ocorre porque, no contexto da ditadura militar, “o Brasil adota como obrigatório...”

[...] o modelo de ensino da Comunicação Social proposto então pela Unesco para o Terceiro Mundo, com a intenção de substituir todas as profissões do campo da Comunicação historicamente existentes (Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Editoração etc.) por uma “profissão de novo tipo”, a de “Comunicador Polivalente”. (MEDITSCH, 2012, p. 231)

A justificativa para agrupar todas as profissões em uma era de que o Terceiro Mundo não necessitava do Jornalismo como aquele modelo encontrado nas sociedades desenvolvidas, mas “de uma outra forma de Comunicação Social, voltada ao desenvolvimento econômico e educacional” (MEDITSCH, 2012, p. 231). Isso se deve ao fato de que a maior parte das nações ao sul do Equador estavam vivendo em ditaduras e na prática não era admitida a liberdade de expressão, direito à informação e fiscalização do poder. Ainda assim, de acordo com o mesmo autor, a proposta do “profissional polivalente” (MEDITSCH, 2012) foi bastante criticada e com o tempo foi esquecida, deixando inclusive de aparecer em versões posteriores que orientavam

a formação, contudo, a ideia de um curso em Comunicação Social com formações profissionais específicas se manteve – na Europa, por exemplo, majoritariamente, não há Escolas Superiores de Jornalismo, e a graduação até hoje está concentrada em grandes áreas.

Conforme recorda Meditsch (2012), o Jornalismo é anterior à consolidação do campo científico da Comunicação. Como apresenta o autor, a primeira graduação em Jornalismo surge em 1908 e o primeiro doutorado em 1920, ambos nos Estados Unidos da América, já cursos superiores em Comunicação aparecem décadas mais tarde, inicialmente como estudos na área de Comunicação de Massa, devido ao contexto da 2ª Guerra Mundial, pela forma com que os governos utilizavam a comunicação (e a propaganda) para lidar com os conflitos e mobilizar esforços da sociedade civil. Em 1963, Pompeu de Souza e Darcy Ribeiro estiveram à frente do projeto da Faculdade de Comunicação de Massa da Universidade de Brasília (UnB), seguindo um modelo que abrangia: Jornalismo, Radio-TV-Cinema e Publicidade e Propaganda; distinção essa que durou só até 1969, com a criação do Currículo Mínimo Obrigatório, que impôs o curso de Comunicação Social como modelo único.

Conforme Meditsch (2012), a partir da influência do *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL)*, criado pela UNESCO, o ensino de Jornalismo no Brasil foi incluído na área da Comunicação visando reconhecimento político e acadêmico, o que distanciou teoria e prática (jornalística) e também a pós-graduação (então centrada em questões de semiologia). Esse fator pode ter influenciado inclusive a configuração atual da formação em Jornalismo no país, com poucos grupos e linhas de pesquisa específicos, e uma discussão atrasada e persistente na academia de que Jornalismo é profissão e não campo científico. O mesmo autor critica a imposição desse modelo único e justifica que a substituição gerou mudanças prejudiciais à formação universitária, como o desaparecimento ou dissolução de conteúdos fundamentais; a ruptura entre teoria e prática, com mais teoria sobre Comunicação que sobre Jornalismo, influenciando inclusive uma evolução da Comunicação focada na crítica da mídia, mas sem intervenção na prática, formando jornalistas inseguros sobre a sua própria profissão, e que quando se veem na prática tendem a negar a teoria. Foi em razão destas lacunas na formação do jornalista que, durante o 9º Encontro do Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo, em 2006, aprovou-se uma resolução recomendada ao MEC pedindo a constituição de uma graduação específica em Jornalismo e não mais habilitações, o que também foi discutido e aprovado no 32º Congresso Nacional dos Jornalistas, no mesmo ano, em Ouro Preto (MG). Como relata Meditsch (2012), na ocasião, Cinema e Audiovisual foram também desmembrados das Diretrizes Curriculares pela Resolução nº 10 de 27 de junho de 2006.

Em 2007, em nível internacional, a UNESCO reconheceu seu equívoco histórico e a importância do Jornalismo para as democracias, reorientando, assim, para a criação de um curso independente e não mais alocado dentro dos cursos de Comunicação. Para Meditsch (2012), foi tendo em vista essas mudanças e novas orientações, bem como em função da criação de revistas científicas internacionais e nacionais focadas no Jornalismo, e também da Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo (SBPJor), do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e do Programa de Qualidade de Ensino de Jornalismo, que se encaminhou a proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para uma graduação específica em Jornalismo.

Depois, conforme Moura (2002), aconteceu a implantação de cinco currículos mínimos que marcaram o curso superior em Jornalismo e posteriormente o curso de Comunicação Social e suas habilitações. Para se ter uma ideia, antes do estabelecimento das DCN para a Graduação de Jornalismo, implantou-se cinco currículos mínimos, com os pareceres do Conselho Federal de Educação (CFE) e do MEC, os quais podem ser observados no quadro abaixo.

Quadro 3 – Pareceres do CFE e Resoluções do MEC

PARECERES DO CFE	RESOLUÇÕES DO MEC
Parecer nº 323/62, de 16 de novembro de 1962	-
Parecer nº 984/65, de 19 de abril de 1966	-
Parecer nº 631/69, de 02 de setembro de 1969	Resolução nº 11/69, de 06 de agosto de 1969
Parecer nº 1203/77, de 5 de maio de 1977	Resolução nº 03/78, de 12 de abril de 1978
Parecer nº 02/78, de 30 de janeiro de 1978	Resolução nº 01/79, de 08 de janeiro de 1979
Parecer nº 480/83, de 6 de outubro de 1983	Resolução nº 02/84, de 24 de janeiro de 1984

Fonte: Adaptado de Moura (2002, p. 82).

O primeiro currículo mínimo (Parecer nº 323/62) implantado para o curso de Jornalismo preconiza a formação profissional e a tendência de formar profissionais da imprensa, contando com disciplinas gerais obrigatórias e técnicas de treinamento, como datilografia e fotografia, por exemplo. Moura (2002) destaca, porém, que o Jornalismo já contava com uma legislação específica, na qual seu exercício e registro profissionais estavam contemplados: Decreto-Lei nº

910, de 30 de dezembro de 1938; Decreto-Lei nº 7.037, de 10 de novembro de 1944; Decreto nº 51.218, de 22 de agosto de 1961; Decreto nº 1.177, de 12 de junho de 1962; e Decreto nº 53.263, de 13 de dezembro de 1963.

O segundo currículo mínimo (nº 984/65) propôs mudanças significativas no primeiro e regulamentou a duração do curso superior de Jornalismo, então, com referência no CIESPAL, mantido pela Organização das Nações Unidas (ONU) por meio da UNESCO, o qual estabeleceu que a formação do jornalista deveria acontecer em três dimensões: cultural, fenomenológica e instrumental.

O terceiro currículo mínimo (conforme parecer nº 631/69) aborda o Plano de Currículo de Comunicações e reforma o currículo de Jornalismo. Desde então, o currículo poderia ser organizado conforme habilitações específicas, mas dentro de um tronco comum que teria como foco a Comunicação. A Resolução nº 11/69 atribuiu ao curso de Comunicação Social o grau de bacharelado com habilitação polivalente ou com uma habilitação específica em: Jornalismo; ou Relações Públicas; ou Publicidade e Propaganda; ou Editoração.

O quarto currículo mínimo (nº 1.203/77) revê o anterior e regulamenta o ensino superior de Comunicação Social no país, propondo três fases de ensino para a área: clássico-humanística, científico-técnica e crítico-reflexiva, sugerindo uma nova estrutura curricular, apresentando a Comunicação como uma via de mão-dupla, e o comunicador como uma possibilidade variada de profissões que, embora ligadas, são diversificadas, assim sendo, sugerindo cinco habilitações para o curso de Comunicação Social: Jornalismo; Publicidade e Propaganda; Relações Públicas; Rádio e Televisão; e Cinematografia. As disciplinas também foram reorganizadas conforme o campo profissional. Essa proposta de currículo foi feita com base nas orientações da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Comunicação (ABEPEC).

O quinto currículo mínimo (regulamentado pelo parecer nº 480/83) apresenta um estudo sobre os currículos anteriores feito por uma comissão de professores e conselheiros do Conselho Federal de Educação, e apresenta também um levantamento feito sobre a situação dos cursos no país. Com base nesse levantamento, o quinto currículo propõe novas estruturas disciplinares, nova carga horária e a infraestrutura mínima necessária para funcionamento de cada curso. A resolução nº 02/84 fixa o currículo mínimo do Bacharelado em Comunicação Social, e para a habilitação em Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Produção Editorial, Radialismo (Rádio e TV) e Cinema.

Após 17 anos da implantação do quinto currículo mínimo, em 2001, foram aprovados dois pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE) para a regulamentação do curso de Comunicação Social: 492/2001, de 3 de abril de 2001, e 1.362/2001, de 12 de dezembro de

2001 (cujo documento engloba também os cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia); e a Resolução nº 16, de 13 de março de 2002, que regulamenta especificamente o curso de Comunicação Social e suas habilitações. O caminho que levou até o currículo pleno aprovado em 2001 foi longo e contou com uma série de acontecimentos que marcaram sua elaboração: teve apoio na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB); contou com uma comissão de especialistas de Ensino da Comunicação do MEC, que se apoiou na revisão de documentos anteriores; sofreu influência do Movimento Nacional pela Qualidade do Ensino em Comunicação, dos Encontros de Escolas de Comunicação Social promovidos pela ABECOM e pela Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós); e o Exame Nacional dos cursos, o antigo ‘provão’ aplicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep); tudo isso resultando na indicação de quatro eixos básicos sobre a formação curricular do jornalista, aqui indicados de maneira específica, pois são os de maior interesse no desenvolvimento do presente trabalho: conhecimento interdisciplinar; processos do Jornalismo; análise crítica da imprensa e do contexto social; e, por fim, conhecimentos comunicacionais e de Jornalismo.

No Brasil, conforme Pereira e Maia (2016), de 1969 até 2009, segundo a Lei 972/1969, para atuar como jornalista, exigia-se o diploma de curso superior, o que, segundo os autores, ocasionou um aumento na oferta de cursos superiores em Jornalismo. Por outro lado, Pereira e Maia (2016) criticam essa lei, que regulamentou por muito tempo a profissão do jornalista, afirmando que esta não estabeleceu parâmetros para o exercício profissional e não contemplou a identidade profissional e a prática jornalística, culminando, em função da falta de clareza, em 2009, na queda da exigência do diploma para o exercício da profissão.

A decisão – tomada primeiro em São Paulo – deu brecha para que, posteriormente, fosse votado em nível nacional, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), e mesmo a manifestação de sindicatos em defesa da formação superior não foi suficiente para que, em 17 de junho daquele ano, sob justificativa de que não era necessário o diploma, visto que era uma profissão daqueles que tinham “intimidade com a palavra” ou “olho clínico”, ou uma atividade prática e técnica, comparável, por exemplo, à culinária, o STF votasse pela não-obrigatoriedade do diploma.

Segundo os mesmos autores, essa “ruptura” gerou questionamentos sobre a qualidade da informação produzida por e sobre atuação profissional de jornalistas, mas, na prática, o maior impacto se deu na redução da oferta de cursos superiores particulares e, também, na redução de registros profissionais, porém, ainda assim, as empresas optaram por contratar profissionais de formação superior.

Segundo a Resolução nº 1 de 27 de setembro de 2013, do MEC, por meio do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior, que instituiu as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Jornalismo, não mais como habilitação da Comunicação Social, mas, a partir de então, como um bacharelado, o curso deve contribuir com uma formação que vise o exercício da cidadania e o desenvolvimento social local, ou seja, tendo em conta as singularidades da região onde se insere. Neste documento, a cidadania está orientada em um eixo específico da Educação em Jornalismo, a saber, o Eixo de Fundamentação Humanística. Segundo a Resolução, o bacharel em Jornalismo deve estar apto a atuar como um agente de cidadania, considerando a complexidade e pluralismo da sociedade contemporânea, e, para isso, o graduando deve conhecer o processo histórico vivo de consolidação da cidadania, e os seus fundamentos e conquistas, bem como compreender e valorizar o papel do Jornalismo para a democracia e o exercício da cidadania.

Em 2013, após 12 anos da aprovação das últimas diretrizes, o Ministério da Educação (MEC) – juntamente a uma comissão de professores de Jornalismo (selecionados em função de sua vasta experiência na área) – modificou o currículo das graduações em Jornalismo.

A comissão de especialistas foi nomeada pela Portaria MEC-SESU 203/2009, sendo, então, composta pelos professores: José Marques de Melo (presidente), Alfredo Vizeu, Carlos Chaparro, Eduardo Meditsch, Lucia Araújo, Luiz Gonzaga Motta, Sonia Virginia Moreira e Sérgio Mattos; comissão empossada no dia 19 de fevereiro de 2009. Os jornalistas, professores e pesquisadores, conforme recorda Meditsch (2012), receberam a orientação do então ministro da educação, Fernando Haddad, para “repensar o ensino de jornalismo no contexto de uma sociedade em processo de transformação (...), no qual o Jornalismo, assim como outras áreas do conhecimento, desempenha papel decisivo, informando os cidadãos e formando as correntes de opinião pública” (p. 220).

Inicialmente, uma das estratégias da comissão foi ouvir a sociedade civil, afirmando que seria necessário avaliar a emissão à recepção de notícias e os comentários em *feedback*. Assim, foram realizadas três audiências públicas, no Rio de Janeiro, em Recife e em São Paulo, das quais participaram lideranças e representantes da sociedade civil, estudantes, professores e pesquisadores, os quais poderiam, nesta ocasião, deixar registradas as suas recomendações e sugestões. Como descreve Meditsch (2012), o diálogo com a sociedade possibilitou, à época, o diagnóstico do cenário atual do Jornalismo. O mesmo autor e membro da comissão recorda que, paralelamente, enquanto se davam os trabalhos da equipe, o cenário nacional, em especial no que dizia respeito ao Jornalismo, também sofria modificações/interferências, como as decisões do STF, o qual revogou a Lei da Imprensa e a Obrigatoriedade do Diploma para o exercício

profissional, e também a regulamentação anunciada pela CAPES sobre o mestrado profissional, que influenciaram a avaliação e as recomendações da comissão de especialistas para a escrita das novas diretrizes curriculares.

As iniciativas recomendadas para a melhoria dos cursos de graduação, no contexto das novas regras para o exercício profissional, correspondem aos anseios das entidades sindicais e acadêmicas, defensoras do ensino de qualidade, e ganham legitimidade com as declarações explícitas das empresas do ramo, assegurando que, mesmo sem a obrigatoriedade do diploma, continuarão a contratar os graduados em Jornalismo que tenham competência profissional. (MEDITSCH, 2012, p. 222)

Segundo Meditsch (2017b), houve grande consenso e pouca polêmica no interior da comissão. Após a redação final do documento, o mesmo foi entregue ao ministro da educação em uma solenidade em Brasília, passando pelos setores técnicos do MEC, e, depois, foi para o CNE, que fez mais uma audiência pública, na qual houve mais polêmica pelo fato da mudança do curso de uma habilitação da Comunicação Social para Bacharelado em Jornalismo, o que engavetou o projeto por mais de três anos. Mas, após mínimas alterações, tais como no formato dos Trabalhos de Conclusão de Curso e outros elementos básicos do currículo, as indicações dos especialistas foram quase que totalmente acatadas.

Ainda conforme Meditsch (2017b, s/n), a mudança de uma habilitação da Comunicação Social para o Bacharelado em Jornalismo talvez não seja tão radical quanto a polêmica em torno sugeria que fosse. Dentre as mudanças, em entrevista, o pesquisador pontua uma maior abertura para disciplinas teóricas do Jornalismo e o início da “superação da hegemonia do Jornalismo gráfico nos currículos pela perspectiva digital, convergente e multimídia, atualizando em relação às tecnologias e às práticas profissionais”. Mas Meditsch (2017b) ainda deixa em aberto uma incerteza: até que ponto essas duas indicações serão adotadas dependerá dos projetos pedagógicos de cada curso, mas, certamente, será em grau variável, assim como a resistência à mudança, além da expectativa de como será resolvida a questão da nova regulamentação sobre um estágio obrigatório no curso. Também conforme este pesquisador, a orientação para o foco no digital será um dos grandes desafios, devido à resistência à mudança de muitos professores, então, retirados de suas zonas de conforto, o que se resolve de várias maneiras, da estrutura ao pessoal: “As tecnologias, cada vez mais acessíveis, facilitam a atualização dos laboratórios... nas escolas privadas, pode haver uma substituição de professores... nas públicas, há um movimento de abrir concursos voltados para as áreas emergentes” (MEDITSCH, 2017b, s/n).

De acordo com Meditsch (2012), a nova regulamentação representou um desafio para os cursos de graduação, os quais teriam de reformular seus projetos pedagógicos, e modificar a identidade do Jornalismo, mas sem negar a sua histórica inserção na área da Comunicação, e dentro das Ciências Sociais Aplicadas.

Com a Resolução, o curso deixa de ser habilitação do Bacharelado em Comunicação Social e se torna uma formação independente, o Bacharelado em Jornalismo. Assim, regida pela Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013, a formação superior em Jornalismo passou por modificações importantes, que afetaram desde a elaboração do projeto político pedagógico e a carga horária, tempo máximo de curso, estrutura física (aparatos tecnológicos e laboratórios), perfil do ingresso, até as competências e habilidades do egresso, mantendo-se, então, apenas as preocupações anteriores com relação a algumas disciplinas obrigatórias. As Escolas Superiores de Jornalismo tiveram até 2015 para acatar a essa Resolução.

Um dos pontos principais dessa Resolução para a presente pesquisa é a orientação de que as instituições de ensino superior deverão ampliar a atuação profissional do jornalista para novos campos, preparando-os para atuar num contexto de mutação tecnológica constante, e de que, nesse sentido, ainda que o Jornalismo impresso conserve a sua importância no conjunto midiático, este deixe de ser a espinha dorsal do trabalho. Outro ponto que aqui se destaca é a recomendação de que os profissionais de Jornalismo estejam aptos a atuar de maneira plural e humanista, incrementando o papel social do jornalista com valores próprios da cidadania e da democracia brasileiras.

Essa nova Resolução vai também de encontro ao modelo curricular da UNESCO (2010) para o ensino de Jornalismo, que leva em consideração uma série de competências técnicas e humanísticas para o profissional da Comunicação, como: a capacidade de apuração, habilidade de redigir, domínio de ferramentas jornalísticas para edição, planejamento gráfico, produção de materiais para meios impressos, audiovisuais e on-line, compreensão e capacidade de se adaptar à convergência e às transformações tecnológicas do trabalho do Jornalismo, familiaridade com exemplos atuais e do passado de boas práticas jornalísticas, com referências no próprio país e no mundo, e compreensão da ética profissional, incluindo os direitos e deveres do jornalista.

Sobre os aspectos mais humanistas a se considerar na formação do jornalista, Meditsch (2017b) acredita haver uma certa acomodação nos cursos de Comunicação Social em favor de disciplinas de Ciências Humanas meramente conceituais, e um descuido da necessidade que o jornalista tem de compreender a realidade para nela atuar, mas para ele, esse despertar e saída da zona de conforto irá depender do projeto político pedagógico de cada faculdade. Meditsch (2017b) propõe ainda uma reflexão sobre a formação atual dos jornalistas e destaca que a crise

por que passa o Brasil obriga a sociedade a refletir sobre o papel social do jornalista e, no caso de professores e universidades, a avaliar sua parcela de responsabilidade pelo que acontece no país. Neste sentido, o entrevistado enumera algumas das falhas importantes que afetam o ensino de Jornalismo, e que deveriam ser sanadas: (1) as universidades não estão experimentando ou criando alternativas possíveis ao Jornalismo dominante; (2) o Jornalismo popular tem sido ignorado, o que pode ser visto pela forma com que os alunos são preparados para o mercado; (3) os estudantes que geralmente são de elite, assim como os professores, são formados para falar apenas para a elite.

Não há um único jornal laboratório, ou pelo menos eu não conheço, um programa de rádio ou TV laboratórios voltados para o público popular, justo o que tem a maior necessidade de informação jornalística de qualidade. Se não rompermos esse nosso isolamento elitista, não cumpriremos nossa obrigação em relação à cidadania. (MEDITSCH, 2017b, s/n)

Por fim, o pesquisador aponta uma terceira falha, (3) a qual diz respeito à formação dos professores, no Brasil, uma responsabilidade legal atribuída aos cursos de pós-graduação, mas que, na realidade, formam para a pesquisa e deixam o ensino voltado à docência de lado, o que é, segundo Meditsch (2017b), uma contradição: “As instituições deveriam também dar meios de formação permanente para seus docentes, mas na atual conjuntura isso parece sonho. É cada um por si, infelizmente” (s/n).

Sobre a formação do jornalista mediante os desafios atuais, de acordo com o professor e pesquisador Alfredo Vizeu (2018), o qual compôs também a comissão nomeada pelo MEC para a elaboração das novas DCN, há iniciativas de atualização por parte dos professores, mas existem três gerações ou grupos de docentes nas universidades hoje: os dinossauros, que são aqueles mais antigos, que inclusive já trabalharam com máquina de escrever; os de transição, que pegaram a fase da convergência; e por fim, a nova geração, aqueles que virão inclusive a partir de novos concursos, que já trabalham com a tecnologia e os quais ele aposta que trarão a mudança mesmo diante do atual cenário de desmonte da universidade pública.

Também conforme esse professor, ainda é cedo para traçar um quadro do impacto da implantação das novas diretrizes nos currículos de Jornalismo e ele prevê que só será possível conseguir uma avaliação mais consistente e coerente a partir de 2019 ou 2020, com a realização de mais encontros, eventos, publicação de artigos e trabalhos que abordem a temática. Diz ele: “Todos nós que sistematizamos as diretrizes vimos uma preocupação principalmente em dois sentidos: das tecnologias e das questões éticas, questões gerais que permitem que os cursos

diante de novos contextos jornalísticos façam bons currículos pensando nos desafios atuais” (VIZEU, 2018, s/n).

Para o professor e pesquisador, a configuração curricular atual do bacharelado coloca o digital dentro do contexto central do Jornalismo ao lado da ética e da qualidade da informação, assumindo o jornalista, desta forma, o papel de centralizador, mesmo diante das possibilidades favorecidas pelo digital, que modificaram inclusive a relação entre o profissional e suas fontes. Para Vizeu (2018), os aspectos voltados ao digital têm sido as maiores modificações, o que ele comprovava em experiências pessoais, e do contato com outros professores e universidades. Ainda conforme o entrevistado, o ensino do Jornalismo tem mudado e novas questões têm sido trabalhadas, inclusive o Jornalismo com algoritmos e o foco na checagem de dados.

A gente pode ter essas disciplinas que envolvem dados e algoritmos, os novos formatos e linguagens, de forma tranquila, porque o currículo foi modificando e você vai incluindo... não há problema em trabalhar com o ‘velho’ e agregar o novo do ponto de vista teórico e prático na formação do jornalista. (VIZEU, 2018, s/n)

De acordo com o mesmo autor, a mudança do bacharelado favorece e significa também um resgate à autonomia e singularidade do curso, o que não era possível quando o Jornalismo estava dentro da comunicação social.

Havia um esvaziamento de questões importantes sobre o Jornalismo, que dão reflexo até hoje... você nota que os estudantes de Jornalismo que não têm bem claro os aspectos do Jornalismo, porque não era passado antes quando estava dentro da Comunicação, e quando você desmembra isso é garantido. (VIZEU, 2018, s/n)

2.3 O contexto: o Jornalismo e o jornalista no digital

A integração entre indivíduos em redes foi potencializada na ‘web 2.0’ ou ‘web social’, sinônimo de velocidade de informação, grande quantidade de dados e de concentração de uma multidão de indivíduos, os quais participam e podem estabelecer algum tipo de relacionamento entre si. A internet também influenciou diretamente o modo de fazer Jornalismo, bem como a relação dos profissionais de comunicação com o seu público, e, embora se observe que algumas características originais da profissão e seus princípios fundamentais se mantiveram, houve uma grande mudança na própria estrutura do fazer jornalístico.

Fundamentalmente, segundo Lopes (2013), poder-se-ia estruturar a Jornalismo em três dimensões, a saber: a primeira, “gnoseológica”, está relacionada ao Jornalismo como forma de

conhecimento; a segunda, “político-discursiva”, faz alusão ao caráter retórico do jornalista e ao profissional de Jornalismo como um mediador, com discurso legitimado e autorizado a ser produzido e reproduzido; e, por fim, a terceira, “formal-funcional”, está voltada à reflexão sobre a atualidade e a periodicidade, que, segundo a autora, são duas das características fundamentais da profissão e que acompanharam o Jornalismo em todo seu percurso histórico. (LOPES, 2013, p. 44)

Contudo, conforme Ramonet (2013), algumas transformações operariam mudanças nas dimensões que definiam o próprio Jornalismo. A rapidez da informação e o aumento estonteante da quantidade e qualidade de dados disponíveis tiveram um impacto profundo no Jornalismo, levando-o a se adaptar a novos formatos e públicos, e a uma dinâmica que praticamente fez surgir um novo Jornalismo, muito mais interativo, e até mesmo colaborativo, aumentando a participação dos cidadãos conectados. Entre estas transformações estruturais, segundo Ramonet (2013, p. 56), está uma mudança que desafia a própria definição da profissão, pois o Jornalista é essencialmente o analista de uma jornada, ou seja, de um certo período, mas, com o advento da internet, esse período não existe mais, ou é indeterminado, e com a informação viajando “na velocidade da luz”, os profissionais se transformaram em “imediatistas”, perderam o tempo que seria necessário para exercer sua capacidade de análise crítica, ou até mesmo, a depender de qual veículo, perdendo a sua capacidade de produzir reportagens mais aprofundadas e melhor embasadas.

Primo (2017) afirma que o Jornalismo deveria ter uma definição mais funcional e não normativa ou puramente teórica: reunir “atividades desenvolvidas em uma busca independente por informação acurada sobre acontecimentos recentes e que tem uma representação original sobre para a edificação pública” (p. 53). Em contrapartida, o autor pontua que o Jornalismo está longe de ser independente, como mostra a história, pois interesses comerciais estiveram quase sempre em jogo. Segundo o mesmo, outra questão fundamental é a relação do Jornalismo com as tecnologias, “nunca existiu jornalismo sem tecnologia”, ou seja, não é devido ao Jornalismo Digital que devemos associar tecnologia e Jornalismo, pois tal discussão é basal para o campo. Portanto, desde os germens do Jornalismo moderno até hoje, a tecnologia foi e é determinante, desde a prensa móvel de Gutemberg até máquinas de escrever e de fotografar, fax, gravadores, filmadoras, computadores, *smartphones* etc.

Machado (2003) afirma que o avanço das tecnologias digitais influenciou os modos de produção jornalísticos principalmente de duas maneiras: possibilitando a coleta de informações com novos métodos e modificando a produção jornalística voltada ao ciberespaço.

A falta de clareza sobre as consequências para o jornalismo da disseminação do suporte digital dificulta a compreensão plena das particularidades da prática jornalística nas redes, das mudanças do perfil do profissional, na estrutura organizacional das empresas jornalísticas e das funções que o usuário passa a ocupar no sistema de produção dos conteúdos. (MACHADO, 2003, p. 19).

Ainda conforme Machado (2003), formatado para o ciberespaço e composto por uma série de discursos produzidos e reproduzidos dentro do ambiente on-line, e tendo como suporte redes ou demais tecnologias que transmitam sinais numéricos e que envolvam a relação entre usuários, o Jornalismo Digital foi obtendo cada vez mais espaço dentro das redações e, como consequência, foram requeridas técnicas específicas de apuração e pesquisa na internet.

Para Martins (2017), o jornalista em si é um ser complexo e, no atual contexto, a sua cultura profissional deve ser repensada como um todo. Ainda que na formação universitária seja reforçada a defesa da democracia, dos Direitos Humanos, do interesse público, a graduação ainda necessita ser mais abrangente, principalmente no caso do jornalista em tempos de internet. Em meio a um verdadeiro “bombardeio de informações”, o profissional precisa cumprir seu papel social e facilitar a compreensão dos cidadãos sobre o contexto em que estão inseridos, como se em um conjunto de nós ou num emaranhado de fios, coubesse ao jornalista organizar, desenrolar e dar sentido às conexões. Não é devido às possibilidades da internet que se pode banalizar a informação, pois, com possibilidades enormemente multiplicadas de divulgação e de interação passa também a ser responsabilidade do jornalista observar até que ponto certos interesses comerciais e ideológicos não comprometem os deveres jornalísticos.

Lorenz (2014) coloca que as fontes hoje mudaram e tudo que acontece é compartilhado em mídias sociais, recebendo mais do que nunca comentários e reações diversas. O jornalista se torna responsável por filtrar entre uma imensidão de dados aqueles que possuem potencial de notícia, e isso diz respeito não apenas ao que está entre os assuntos mais polêmicos ou mais discutidos, mas também entre discussões marginais e que têm potencial para se tornarem boas reportagens. Ainda conforme Lorenz (2014), de olho nos dados, o trabalho do jornalista deixa de ser a busca pelo ‘furo de reportagem’, e se volta ao que um determinado fato pode significar, segundo o que os dados oferecem e com embasamento profundo, facilitando a compreensão ou explicando algo de forma simples, ainda que se trate de um assunto complexo.

Para Zuculoto (2017), a exigência da formação superior é uma conquista histórica dos jornalistas e da sociedade, pois modificou profundamente a qualidade do Jornalismo brasileiro. Segundo a autora, se hoje se fala em “fim do Jornalismo”, mudanças no mercado de trabalho tradicional, aumento na oferta de empregos formais e tantas outras transformações no mundo

do trabalho e no próprio Jornalismo, faz-se necessário que o jornalista seja um profissional atento à contemporaneidade multimídia e convergente da comunicação. Mas, ainda conforme a autora, não se pode admitir que este profissional altamente capacitado e multitarefa receba a mesma remuneração com uma mesma carga horária de quem não acompanha as tendências do mercado.

De 2013 para cá, aprofundaram-se as transformações e mudanças. Nos últimos três anos, principalmente no mercado tradicional, assistimos ondas de demissões em massa, agravamento da precarização das condições de trabalho dos jornalistas, enxugamento dos postos de trabalho e uma crescente juvenilização do exercício do Jornalismo, marcada pelo rebaixamento salarial dos jovens ingressantes na profissão. Nesta reconfiguração do mundo do trabalho jornalístico, da profissão e da própria sociedade no que se refere às suas necessidades quanto à informação, a comunicação e em especial o Jornalismo adquirem centralidade cada vez maior na construção social da realidade. A sociedade precisa de mediadores para ter conhecimento dos principais fatos sociais e das ideias em debate. O Jornalismo, portanto, é uma necessidade social. E o profissional jornalista tem um importante papel social a cumprir. (ZUCULOTO, 2017, p. 137)

Ainda conforme Zuculoto (2017), em função da relevância e da qualidade da informação jornalística se vive uma crise de credibilidade sem precedentes no Jornalismo, o que pode ser revertido com o investimento em formação crítica a fim de que sejam superados os desafios do profissional na sociedade atual e com a retomada do foco no interesse público, no conhecimento para exercício da democracia e cidadania por meio da informação jornalística.

Com relação ao Jornalismo de Dados especificamente, tem-se alguns fatos que foram cruciais para atenção às suas práticas, bem como o desenvolvimento do campo. Começando a partir de 2006, com a criação do *WikiLeaks*, e de 2010, com a divulgação de uma série de dados confidenciais vazados de governos de importantes países por *hackers* e por seus ex-agentes de inteligência, os jornalistas foram levados a repensar seu papel, o que, segundo Bounegru (2014), culminou em uma demanda urgente pelo aperfeiçoamento dos profissionais de comunicação em técnicas de Jornalismo de Dados, pois tais situações lhes exigiram transformar uma quantidade enorme de dados brutos e documentos em reportagens.

Royal e Blasingame (2015) e Träsel (2014a) concordam que o Jornalismo de Dados se popularizou recentemente devido principalmente à grande quantidade de dados disponíveis, e à existência de ferramentas que auxiliam na investigação jornalística e na produção de notícias, como técnicas de mineração e tratamento de *big data*, além da adoção de políticas de acesso à informação por governos de todo o mundo, como as políticas de “dados abertos” (*open data*) e “transparência pública” (*open government*), resultantes de um processo cada vez mais rígido de

accountability como forma de prestação de contas dos governos e Estados para com a sociedade civil.

No Brasil, a Lei nº 12.527/2011 – conhecida como Lei de Acesso à Informação (LAI) – regulamenta o direito (previsto na Constituição Federal) a qualquer cidadão que queira solicitar e receber dos órgãos e entidades públicos informações públicas por estes custodiadas. Estas informações incluem muitos tipos de dados, processados ou não, e que podem ser utilizados para a produção e transmissão de conhecimento, assim como registrados em qualquer suporte ou formato. Com a LAI (BRASIL, 2011), a publicidade passou a ser a regra e o sigilo a exceção, de modo que, no Brasil, qualquer cidadão pode ter acesso a qualquer informação pública. Nesse sentido, o Jornalista de Dados possui um papel social muito importante: filtrar e interpretar os dados disponibilizados nos portais e plataformas de transparência, atuando como mediador das informações que os cidadãos recebem.

2.4 O caminho percorrido até o Jornalismo de Dados

Fazendo um panorama histórico, Machado (2003) utiliza como referência o pesquisador e jornalista Tom Koch, que, ainda em 1991, lançou o livro “*Journalism for the 21st Century: Online information, electronic databases and News*” e, de maneira muito vanguardista, afirmou que, com os bancos de dados on-line, nasceria uma nova forma de produzir notícia, inclusive diminuindo a dependência dos jornalistas de entrevistas com especialistas e a busca por fontes oficiais. No digital, a busca envolveria palavras-chave, encontrando fatos e tornando públicos dados que devem ser públicos, e filtrando informações em escala local e global. Com tantas fontes possíveis no ambiente on-line, as reportagens podem ser mais diversas e o tempo gasto na busca por personagens foi reduzido, e, além disso, enquanto no Jornalismo tradicional havia uma grande dependência das fontes, de modo que as notícias eram compostas basicamente por declarações, o Jornalismo on-line requer que antes o profissional faça um levantamento de tudo o que puder encontrar sobre a pauta na internet para depois recorrer a entrevistas. (MACHADO, 2003, p. 31)

Nesse contexto, para compreender algumas demandas atuais, vale revisitar conceitos anteriores, como o de Jornalismo de Precisão, criado por Philip Meyer na década de 70 para definir o trabalho jornalístico em cenários complexos com base nas Ciências Sociais, maturado por ele em 1991, quando entendeu que mesmo com o meio digital a função clássica do jornalista havia sido preservada. De acordo com Machado (2003, p. 22), Meyer assume que “quando uma mudança quantitativa alcança magnitude, tende a se tornar uma transformação qualitativa”. O

seu conceito foi incorporado para ajudar a definir o Jornalismo com Auxílio de Tecnologias, assim como o conceito de Reportagem Assistida por Computador ou Reportagem com Auxílio de Computador, que, conforme Bounegru (2014, s/n), trata-se da “primeira tentativa organizada e sistemática de organizar computadores para coletar e analisar dados para aprimorar a notícia”. Mas em contrapartida, Machado (2003) avalia que houve escassa incorporação e formação de jornalistas para utilizarem todas as potencialidades ofertadas pelos computadores e tecnologias na realização de suas tarefas diárias.

Para definir a Reportagem Assistida por Computador, Machado (2003, p. 23) utiliza como referência Nora (1999), dividindo-a em quatro modalidades: a reportagem, a pesquisa, a referência e o encontro. Esta separação permite compreender melhor o processo de atuação do jornalista que produzirá reportagens amparadas pelas tecnologias digitais on-line, tanto que, na *web*, o jornalista pode ter acesso a uma série de programas que o auxiliarão a interpretar dados complexos e compreender estatísticas, criando arquivos de informação e predizendo tendências. Suas fontes podem ser primárias ou secundárias, desde entrevistas e observações, até relatórios, planilhas e demais tipos de documentos disponíveis em bancos de dados, consultando inúmeras referências e diferentes *sites*, e ainda participando de diversos grupos de debate, acompanhando discussões e especialistas que manifestam suas opiniões em *blogs* e mídias sociais.

Fazendo um paralelo histórico, Bradshaw (2014) pondera que há 20 anos o único tipo de dado com que o jornalista tinha que lidar eram números apresentados em uma tabela. Mas, no mundo digital atual, quase tudo pode ser descrito em números, inclusive fotos e documentos, devido mesmo à linguagem binária (0 ou 1), que é código básico da linguagem de programação, abrindo as possibilidades a uma escala jamais vista antes, factível devido à informação digital.

Nesse contexto, conforme Bertocchi (2016, p. 127), um processo jornalístico abrange desde a captura e curadoria dos dados até um formato que possa ser acessado e compreendido nas interfaces digitais. Ainda segundo esta autora, os dados podem ter diferentes naturezas e serem divididos em: estruturados (compostos em base de dados e organizados numa mesma estrutura, geralmente encontrados em formato SQL), semiestruturados (dispostos de forma heterogênea sem estrutura definida e em formatos variados) e não estruturados (como a própria segmentação diz, são dados sem estrutura definida e em diferentes formatos).

Atualmente, quando se fala em divulgação de grande quantidade de dados e informações digitais é quase impossível não tomar como exemplo o WikiLeaks, página *hacker* de divulgação de documentos públicos e privados e informações de fontes secretas sobre temas de interesse coletivo, criada em 2006, cujo editor-chefe é Julian Assange, jornalista e ciberativista, página que ficou mais conhecida em 2010, quando tornou públicos mais de 250 mil documentos do

Departamento de Estado dos Estados Unidos, impactando relações diplomáticas; e chamando a atenção dos veículos e profissionais de mídia aos modos de fazer Jornalismo hoje, que, diante de tanta informação disponível, suscitaram questionamentos: Como lidar com aquela avalanche de dados? Como tratá-los? Filtrá-los? Transformá-los em notícia? Esse evento e outros fizeram com que a prática jornalística fosse questionada, e também com que a ética e a relação com as fontes no ambiente digital fossem severamente modificadas. Em 2011, a WikiLeaks chegou a ser indicada ao Nobel da Paz, sob o argumento desta ter proporcionado “uma das contribuições mais importantes para a liberdade de expressão e transparência” no século XXI, pois, ao tornar públicas “informações sobre corrupção, violações dos Direitos Humanos e crimes de guerra”, o WikiLeaks se tornaria “um candidato natural ao Prêmio Nobel da Paz”, coloca o parlamentar norueguês Snorre Valen, autor da indicação. A WikiLeaks também estabeleceu alianças com diversos veículos de mídia tradicionais, como: El País, Le Monde, Der Spiegel, The Guardian e The New York Times.

Fato é que, desde então, o fazer jornalístico no digital se tornou objeto de ainda maior reflexão, e o Jornalismo de Dados apareceu como assunto e instrumento de pesquisa, acadêmica e profissional, culminando na publicação, em 2012, da primeira versão do *Data Journalism Handbook*, uma construção colaborativa criada para ajudar jornalistas a entender e trabalhar com o Jornalismo de Dados. Segundo Bradshaw (2014), o Jornalismo de Dados aparece desde a utilização de programas para automatizar o trabalho de combinar informações até softwares que auxiliam a filtrar dados em documentos e criar modelos para sua visualização, propiciando a criação de matérias jornalísticas mais completas, em formatos mais atrativos e com dados que interessem aos cidadãos, e que os informem e aproximem de sua realidade, a exemplo de uma reportagem que aborde o orçamento público ou que descreva em forma de dados o desempenho de um governo. Assim, os “dados podem ser a fonte do jornalismo de dados, ou podem ser as ferramentas com as quais uma notícia é contada” (Bradshaw, 2014, s/n).

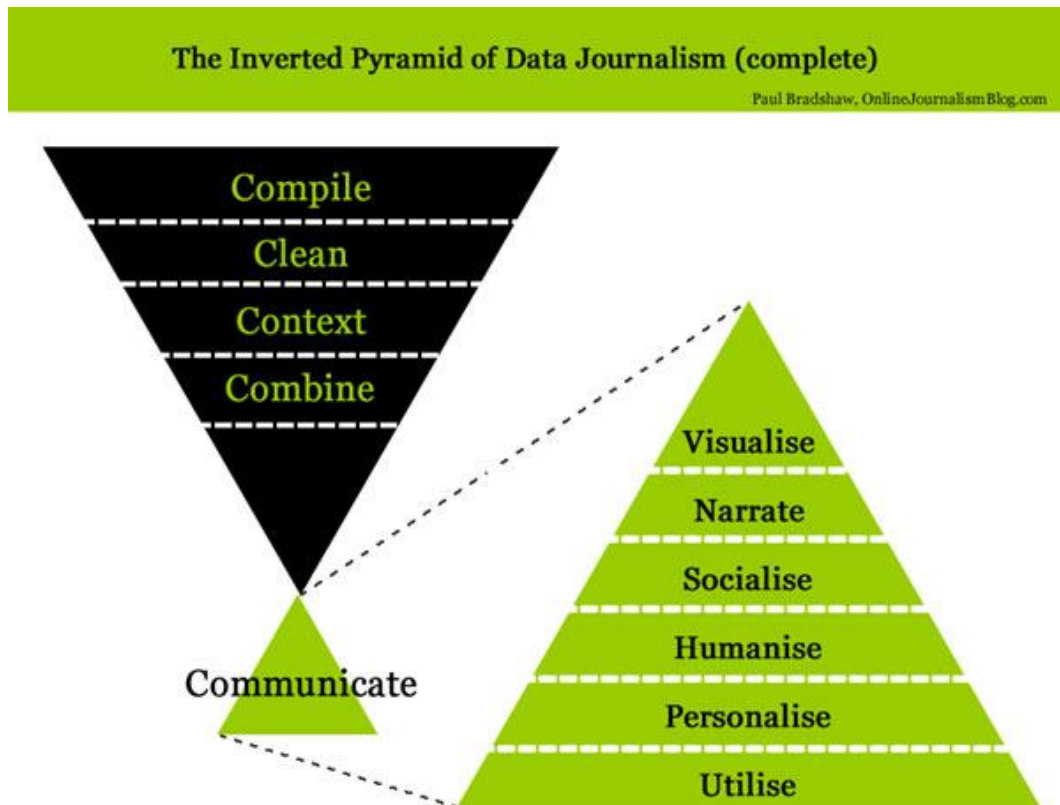
Conforme Royal e Blasingame (2015), o termo “jornalismo de dados” começou a ser utilizado na década de 2000 substituindo a expressão “reportagem assistida por computador”, tendo raízes também no Jornalismo Investigativo. Segundo os mesmos, ainda que não se trate de um termo novo, uma definição conceitual precisa e abrangente ainda não foi desenvolvida, de modo que o Jornalismo de Dados compreende uma ampla gama de significados, podendo causar confusão ou dificuldade de categorização. Porém, a partir de pesquisa realizada com base em entrevistas concedidas por profissionais e pesquisadores da área, Royal e Blasingame (2015) sugerem uma definição muito simples feita a partir da síntese destas entrevistas, na qual

o Jornalismo de Dados seria “um processo pelo qual a análise e apresentação de dados são empregados para melhor informar e envolver o público” (s/n).

Crucianelli (2013) entende o Jornalismo de Dados, chamado antigamente de Jornalismo Guiado por Dados, como uma modalidade jornalística que abrange uma grande quantidade de dados, difíceis de organizar e trabalhar em um programa genérico de edição e por um único e solícito jornalista, necessitando ainda formas de visualização interativas, o que leva a autora e sugerir inclusive a incorporação de um programador à equipe, para customizar as ferramentas. Crucianelli (2013) destaca que além de grande quantidade de dados, visualização interativa e transdisciplinaridade com a programação, o Jornalismo de Dados reúne ainda características de outros cinco subcampos do Jornalismo: Jornalismo Investigativo, Jornalismo de Profundidade, Jornalismo de Precisão, Reportagem Assistida por computador (RAC) e o Jornalismo Analítico; reunindo, destarte, pesquisa, análise, caráter investigativo, métodos quali e quanti, e, por fim, o aprofundamento da abordagem.

Já Bradshaw (2011) se preocupou em identificar e organizar os processos que compõem o Jornalismo de Dados, e, para isso, ele desenvolveu um esquema, ao qual denominou Pirâmide Invertida do Jornalismo de Dados, porque começa com um grande volume de dados, que passa por processos e etapas até chegar na comunicação dos resultados.

Gráfico 1 – A Pirâmide Invertida do Jornalismo de Dados (completa)



Fonte: Bradshaw (2011).

O esquema de Bradshaw (2011) é composto pelas etapas: **compilar**, ou seja, reunir os dados, os quais podem vir de uma base pública ou ser fornecidos por alguma organização, ou ser extraídos por meio de técnicas de mineração, ou coletados por pesquisa; posteriormente segue-se à etapa de **limpar** estes dados, removendo erros ou informações que não se deseja analisar, padronizando-os, para depois **contextualizá-los**, questionar o que há por trás destes dados, o que eles falam, a que interesses atendem e se necessário reunir informações adicionais, e, na sequência, **combinar** com informações adicionais ou diferentes narrativas, como também comparar, para, por fim, **comunicar**. Mas esta última, que seria a base da pirâmide, não é assim tão simples, pois o ato de comunicar envolve também uma série de procedimentos.

A comunicação dos dados se dá na **visualização**, e para isso, o jornalista pode utilizar como recursos infográficos, ilustrações, quadros, tabelas, ou até mesmo ferramentas on-line e que favoreçam a visualização de maneira eficaz. A comunicação se dá também na **narração** destes dados, porque o Jornalismo precisa de uma narrativa, precisa contar uma história; sendo, por fim, necessário **socializar** os, pois, ainda conforme Bradshaw (2011), os dados comunicam, mas, para isso, é necessário torná-los disponíveis. Outra etapa está em **humanizar** os dados, o que se relaciona também com tudo que foi apresentado acima; os dados não estão aparecendo

à toa, eles têm um motivo para serem abordados, é necessário deixar isso claro e não se esquecer que são outras pessoas que vão lê-los, e que precisam compreendê-los, nesse sentido, de nada adianta um infográfico majestoso que não será interpretado pelos leitores. Uma outra forma de comunicar estes dados é a **personalização**, possibilitar que de maneira interativa e particular o leitor acesse e veja estes dados, que selecione o que mais lhe interessa ou que lhe diga respeito, transitando pelas informações. Finalizando, Bradshaw (2011) reforça que os dados devem ser **úteis** e que nem sempre eles poderão ser personalizados, mas utilidade e relevância são critérios já aplicados no Jornalismo tradicional e que não ficam de fora no Jornalismo de Dados.

Para aclarar alguns aspectos da presente argumentação, faz-se necessário conceituar dado e informação, os quais podem ser confundidos quando se fala em Jornalismo de Dados. Estevanim (2016, p. 38) define “dado” como tudo que pode ser registrado ou também como um “conjunto de elementos quantitativos, qualitativos, categóricos ou indefinidos podendo ser organizados ou não”; já “informação” é quando um dado é manuseado, e que ganha um sentido interpretativo quando organizado quantitativa ou qualitativamente.

Para Semidão (2014), dado é um substantivo incontável, e que pode ser usado tanto no plural quanto singular, com caráter generalista, definido como um fato ou “elemento bruto sem significação imediata” (p. 72), mas que passará por inferência ou será submetido ao cálculo e/ou análise. Já a informação gira em torno da investigação ou de “comunicar o conhecimento, conhecimento comunicado, comunicação de um fato (de um dado)” (p. 79).

Utilizando mais uma vez como referência Crucianelli (2013, p. 63), pode-se citar alguns exemplos de produtos decorrentes do Jornalismo de Dados, como: reportagens que fazem uso dos dados como protagonistas e não apenas como complementos; matérias produzidas levando em consideração a visualização interativa para melhor compreensão dos dados; reportagens a partir de conjuntos de dados abertos (portais de transparência, dados públicos de usuários em mídias sociais etc.); e, por fim, aplicativos de notícias, para comportar e evidenciar informações que não caberiam em uma reportagem tradicional, ou melhor, em formato que não caberia uma reportagem tradicional, e aí não é só uma questão de tamanho, mas de usabilidade.

Para Lorenz (2014), não é à toa que a área oferece perspectivas promissoras. Redações e empresas estão buscando jornalistas habilitados para interpretar dados, filtrar e encontrar em meio a esse mar de informações algo tangível. Em contrapartida, o autor pondera que ainda existem barreiras para os jornalistas utilizarem o potencial dos dados em suas reportagens, como treinamento para lidar com os dados brutos, para os transformar em produtos manipuláveis e atrativos. Nesse sentido, dominar conhecimentos sobre busca, limpeza e visualização de dados

é um grande diferencial profissional e transformador para a prática jornalística. O Jornalismo de Dados permite a construção de matérias embasadas.

Em entrevista concedida para a presente pesquisa, Marcelo Träsel (2017a) – professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especialista em Ciberjornalismo, Jornalismo Guiado por Dados e Jornalismo Participativo, pontua que o principal desafio do jornalista que migra para o Jornalismo de Dados é a falta de familiaridade com os conceitos básicos da matemática, especialmente na área de estatística. “Muitos jornalistas não sabem a diferença de média para mediana, por exemplo, ou significado da margem de erro numa pesquisa eleitoral. Sem uma alfabetização numérica fundamental, é difícil até mesmo usar o Excel para coisas simples” (TRÄSEL, 2017a, s/n). Ele acrescenta que se faz necessária a formação contínua na área e conhecimento em outros idiomas, em especial Inglês, porque muitos dos softwares que auxiliam o trabalho do Jornalista de Dados são nesta língua.

Träsel (2017b, p. 105) avalia que “o Jornalismo Guiado por Dados é encarado como uma rebeldia, frente à burocratização da cobertura noticiosa. O resgate da objetividade pela tecnologia alimenta o sentido de missão do Jornalismo”. Ainda conforme o autor, com a falta de dinheiro das redações, a aproximação com a cultura *hacker* vem como uma promessa de renovação da profissão, mas, ainda assim, os bancos de dados não substituem o que representa a rua e o contato do jornalista com a sociedade de maneira direta, pois os bancos de dados são uma representação muito limitada da realidade social, “ainda que em alguns casos possam ser até mais úteis e próximos da verdade do que a informação captada por nossos sentidos”.

O processo ideal seria coletar, analisar e interpretar dados na redação, depois sair para a rua e tentar mostrar como esses resultados numéricos abstratos se manifestam na complexidade do cotidiano. Diante da ausência de orçamento para a reportagem *in loco*, um problema cada vez mais comum nas redações, o Jornalismo de Dados é uma alternativa perfeitamente aceitável para se continuar realizando investigações. É possível dar conta da maioria das pautas de interesse público aplicando essas técnicas e falando com as fontes por telefone. Poderia citar o escândalo dos cartões corporativos, no qual uma simples consulta ao Portal de Transparência do Governo Federal redundou na demissão de uma ministra em 2008, além da instalação de uma CPI. (TRÄSEL, 2017a, s/n)

Ainda conforme Träsel (2017a), desde o lançamento do Manual de Jornalismo de Dados da ABRAJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), publicado em português, o interesse pelo campo aumentou muito por parte das empresas e profissionais, inclusive com aumento na oferta de treinamentos e o surgimento de iniciativas com reportagens embasadas

em números, algumas das quais receberam prêmios importantes. “Se em 2013 mais falávamos que produzíamos reportagens com dados, hoje as grandes redações todas têm repórteres capazes de trabalhar com números” (idem). Como exemplo desse crescimento e consolidação da área, Träsel cita empreendimentos recentes, como o *Volt Data Lab* (<https://www.voltdata.info/>) ou o *Nexo* (<https://www.nexojornal.com.br/>), e projetos de caráter cidadão como o *Fiquem Sabendo* (<http://www.fiquemsabendo.com.br/>), que contam com equipes multiprofissionais, as quais, além de jornalistas, têm programadores e designers especializados. Para o pesquisador, esses empreendimentos e projetos indicam o interesse de jornalistas e do público por reportagens embasadas em dados e visualizações, entre outros produtos do Jornalismo de Dados. Mas, em contrapartida, segundo ele, ainda não está claro como se pode ganhar dinheiro com isso e se o Jornalismo de Dados não trouxer mais assinantes ou anunciantes para a mídia, perderá força no futuro. Olhando de outro ângulo, todavia, as técnicas do Jornalismo de Dados parecem alcançar não só redações especializadas, sugerindo que, futuramente, o Jornalismo de Dados possa ser de fato incorporado em toda a rotina produtiva das notícias.

Em entrevista concedida para esta pesquisa, o coordenador de cursos da ABRAJI desde 2015, Tiago Mali, relata que a Associação oferece cursos de formação para jornalistas visando a capacitação para o uso mais sistemático de dados. Desde a fundação da ABRAJI, em 2002, ofertava-se cursos presenciais na área, cujas técnicas ainda não eram associadas ao Jornalismo de Dados, mas à Reportagem com Auxílio de Computador (RAC). Conforme Mali (2017), foi somente entre 2006 e 2007 que começaram a ser ofertados cursos on-line com Jornalismo de Dados focados em temas específicos, como análise de índices de desenvolvimento humano e de contas públicas, entre outros temas de relevância social. Segundo o coordenador, o termo Jornalismo de Dados começou a ser mais utilizado a partir de 2010, e ele observa que, no Brasil, há pouca produção acadêmica a respeito e que as maiores referências vieram da Europa e dos Estados Unidos. Ainda assim, conforme Mali (2017), persiste a discussão na academia sobre as semelhanças e diferenças entre a RAC e o Jornalismo de Dados; e ressalta que um dos principais avanços deste último em relação à primeira é a interatividade com o leitor, que pode ter acesso aos dados e os visualizar de forma simples, possibilitando-o fazer sua própria interpretação, além de avanços com a utilização de programação para extrair e analisar dados.

Para Mali (2017), existe uma carência na formação em Jornalismo de Dados por parte das escolas superiores de Jornalismo no Brasil, e se, de um lado, pode-se observar muitos cursos que são uma exceção, de outro, em contrapartida, muitos dos que incorporaram a formação o fizeram de maneira superficial e incompleta. “Muitas vezes a disciplina aparece com o nome de Jornalismo de Dados, mas o que oferecem é Jornalismo on-line, então, o que se vê é uma

deficiência dessa formação no Brasil; e os nossos jornalistas estão ficando para trás” (MALI, 2017, s/n). O coordenador faz ainda comparações com escolas de Jornalismo estadunidenses, que trabalham programação e estatística visando uma formação plena em Jornalismo de Dados. E Mali completa dizendo que o atual curso em Jornalismo de Dados ofertado pela ABRAJI (o qual a autora da presente dissertação cursou em 2017) aparece para suprir essa demanda de formação, que é inclusive uma das missões da Associação, capacitar jornalistas para produzirem um Jornalismo de mais qualidade. “A academia ainda não está levando isso muito a sério e nós da ABRAJI acabamos assumindo essa função para formar jornalistas aptos a trabalharem com o Jornalismo de Dados” (MALI, 2017, s/n).

Como estratégia de formação, o curso básico de Jornalismo de Dados da ABRAJI busca resgatar conceitos matemáticos vistos na formação básica e também orientar a como manipular planilhas, desta forma, o Jornalismo de Dados é inserido aos poucos para desmistificar a relação entre jornalistas e números. Sobre os participantes do curso, Mali (2017) afirma que quase todos são jornalistas e alguns poucos são de áreas afins. A formação da ABRAJI tem influenciado as produções e os participantes têm buscado incorporar o que aprendem nas redações, produzindo matérias tendo como protagonistas os dados, e, por mais que muitos veículos tenham aderido a esse tipo de reportagem, o campo precisa ainda evoluir e ter continuidade, sem depender de uns poucos jornalistas, mas sendo reconhecido por toda a equipe de produção, tendo mais tempo de dedicação à produção de reportagens mais aprofundadas, mas, nesse quesito em especial, de acordo com o coordenador, não se vê muitos exemplos no Brasil. “É necessário que os grandes veículos comecem a prestar mais atenção nesse movimento para que haja uma cobertura mais abrangente utilizando esse tipo de técnica” (MALI, 2017, s/n). Diante de disso, e por falta de jornalistas capacitados, Mali (2017) destaca que as redações têm contratado programadores e estatísticos para desempenharem essa função, mas que, por mais que estes dominem a técnica, falta-lhes a capacidade de fazerem as perguntas certas para os dados, enxergar o que pode ser relevante para sociedade, e isso precisa ser ‘equacionado’ não somente em termos de dados e números, mas em termos de informação inteligível ao grande público.

2.5 Comunicar para a cidadania

No Brasil, tanto a Lei 12.527/2011, conhecida como Lei de Acesso à Informação (LAI), quanto a Lei nº 12.965/2014, conhecida como o Marco Civil da Internet, deram subsídios para regulamentar e incentivar o fortalecimento da democracia e o jornalista tem papel fundamental

nesse cenário, favorecendo a divulgação e fiscalização dos assuntos de interesse público para o exercício da cidadania.

No Marco Civil da Internet se explicita uma série de direitos e deveres dos usuários, dentre os quais: os direitos dos indivíduos à liberdade de expressão e ao exercício da cidadania em meios digitais; além disso, no documento, o próprio acesso à internet é visto como essencial ao exercício da cidadania na atualidade, bem como a preservação da natureza participativa on-line e o acesso à informação.

Castells (2015) afirma que a tecnologia por si só não produz mudança, visto que, esta podem ser usada tanto para libertação quanto opressão, para conectar e desconectar, incluir e excluir, mas não se pode negar que se trata de uma ferramenta valiosa para se utilizar em prol da mudança e para se criar oportunidades de divulgação de novos mensageiros e mensagens, para disseminar as redes de comunicação da sociedade como um todo, reprogramando-as em torno de seus valores, interesses e projetos.

Conforme Castells (2015, p. 29), uma das características principais da comunicação na Era da Internet é que esta deixa de ser de massa e se torna uma intercomunicação individual, com mensagens “autogeradas, autodirigidas e autosselecionadas”. Assim, por sua capacidade de ampliar a autonomia comunicativa dos sujeitos – estes não somente recebem, mas também emitem mensagens – as redes horizontais têm propiciado o surgimento do que Castells (2015) denomina “autocomunicação de massa”.

Poster (2005) apresenta um neologismo para designar o cidadão no ambiente on-line, chamado por ele de “net-cidadão”, pois, ainda que ninguém viva inteiramente neste ambiente, “certas características estruturais da internet encorajam, promovem, ou pelo menos, permitem trocas através das fronteiras nacionais” (p. 329), ou também porque em rede os “ecos do mundo da política territorial são, mesmo assim, mediados por máquinas de informações em rede e não reproduzem exatamente a política de épocas anteriores” (p. 334). Ainda conforme o autor, por ser uma rede aparentemente desterritorializada, a internet encorajaria novas práticas, não só de comunicação, mas práticas culturais de ressignificação. O espaço on-line promove e possibilita o aperfeiçoamento de estruturas e de formações políticas existentes, mas também serve de local para a divulgação de novas ideias e de resistência social, favorecendo a emergência de novos sujeitos políticos partidários e a estruturação de uma nova esfera pública.

Nesse sentido, é notório que com a interação favorecida pelo digital, a possibilidade de participação entre as audiências foi fortalecido. Segundo Orozco Gómez (2014), esse fenômeno propiciou aos usuários transformarem as informações recebidas em novos produtos, assumindo, inclusive, o papel de emissores e de receptores ativos ao mesmo tempo, o que faz surgir neste

sentido uma nova cidadania, a qual, “a partir das telas, como audiências-usuários, pode incidir na vida cotidiana real, na esfera pública, nos cenários econômicos e financeiros, tanto como políticos ou ficar excluído deles” (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 94).

Nesse sentido, e à luz das eleições presidenciais de 2018 no Brasil, pode ser observado um impacto preocupante dessa participação on-line na relação entre a comunicação e a política, com um movimento intenso de usuários das plataformas digitais, especialmente, pelas mídias sociais *WhatsApp*, *Twitter* e *Facebook*, no compartilhamento indiscriminado – e, até mesmo, na produção – de notícias falsas, caracterizado pelo “efeito de manada”, conforme Gragnani (2017), em que as pessoas seguem um influenciador ou um determinado grupo, o “um vai com os outros”. Isso se deu em uma escala e de tal maneira que os veículos de mídia e os órgãos eleitorais competentes se posicionaram e criaram canais e forças tarefa para desmentir as *Fake News*. O “mito” em torno do então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro (PSL) teve seu efeito ‘mitificador’ sobre essas notícias compartilhadas, ao ponto de as pessoas optarem por acreditar nas correntes de *WhatsApp*, compostas de amigos, colegas e familiares, ao invés de crerem em versões oficiais divulgadas pela imprensa. Conforme Magenta (2018), as pautas principais de estabelecimento das *Fake News* foram o *Kit Gay*, o Comunismo e ataque direto ao Partido dos Trabalhadores (PT), aproveitando o forte ‘sentimento antipetista’ gestado desde a reeleição ex-presidenta Dilma Rousseff e a ascensão da extrema direita conservadora, unindo o discurso pela defesa à religião, à moral e aos bons costumes, a partir de estratégias de humor ‘questionável’ ou ‘politicamente incorreto’ (outra pauta atacada é a do politicamente correto, prática que tolhe a manifestação de suas opiniões extremistas, para não dizer fascistas, racistas, xenófobas, machistas e misóginas), ou a partir de textos e vídeos de supostos “especialistas” e “filósofos” de canais da plataforma gratuita de vídeos *YouTube*, sem conhecimento legitimado cientificamente, que deturpam a história e propagam suas ideias de maneira irresponsável.

Assim, ao invés da democracia direta no ciberespaço imaginada por Lévy (2015), a qual seria construída mediante a participação, formulação de argumentos e contribuição coletiva, a internet se tornou reflexo da dualidade de discursos e da disputa entre esquerda e direita, por mais vazio que de fato seja a incorporação real destas definições, e também da frágil democracia do Brasil, de sua carência educacional crítica e reflexiva, bem como ausência de uma educação para a cidadania e Direitos humanos – outra pauta importante atacada nesse movimento, que defende o “fim dos Direitos Humanos” no seu formato atual, que serviria apenas para defender bandido, e defendem a noção “Direitos Humanos para humanos direitos”, ou para aqueles que, de modo bastante questionável, definem como “cidadãos de bem”.

Nesse mesmo contexto, mas de forma geral, Machado e Rivera (2017) discutem que a inclusão digital demanda também uma educação digital para que haja de fato a participação democrática, utilizando como referência inclusive o artigo 205 da Constituição Federal, que prevê a educação como ferramenta de promoção e incentivo ao desenvolvimento pleno do ser humano e preparo para o exercício da cidadania.

Assim, a educação digital demanda não apenas o conhecimento técnico para operar meios digitais e ter voz na sociedade, mas também conhecimentos, dentre outros, sobre suas potencialidades transformadoras, bem como sobre os direitos políticos e o discurso democrático, com o respeito à clareza no diálogo, à pluralidade, ademais do incentivo à participação da mulher na política. (MACHADO; RIVERA, 2017, p. 607)

Ainda conforme os mesmos autores, cabe aos governos democráticos produzir e efetivar políticas públicas para que as tecnologias sejam ferramentas positivas e que favoreçam de fato a participação política. Orozco Gómez (2014) também defende uma comunicação educativa e cidadã, mas inicialmente se faz necessário localizar de qual cidadania o autor está falando. Para ele, a cidadania está relacionada aos direitos e deveres do cidadão enquanto indivíduos vivendo em uma coletividade, mas a cidadania possui diversos desdobramentos, entre estes, a “condição comunicativa” que abrange a interação entre audiências-usuários e telas.

Além disso, conforme este autor, pela imprensa lida/escrita, falada e assistida, e, agora também, pela mídia on-line são repassados modelos que convidam os ouvintes/telespectadores e leitores à imitação, podendo até impor condutas, regular ou estabelecer o que é aceitável ou não. Assim, a “inclusão e a exclusão sociais, políticas e culturais das pessoas e dos grupos, bem como de ideias, valores e posições ideológicas diversos se realizam também a partir das telas” (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 95). Nesse sentido, reforçando o poder legitimador da mídia, em que só o que aparece ou ganha visibilidade de fato existe e/ou aconteceu, e com isso também o contrário, as telas influenciam o exercício da cidadania quando visibilizam ou omitem, quando exageram ou reduzem, neutralizam, manipulam, ou também descontextualizam sujeitos, grupos e fatos, influenciando não a opinião e o cotidiano dos cidadãos. A cidadania comunicativa tem influência direta sobre o consumo, e sua não atualização pode implicar em uma defasagem nos direitos do consumidor em relação à cultura imaterial que opera o digital na atualidade, ou seja, os “direitos do consumidor, elaborados para mercadorias tangíveis, materiais, aplicar-se-iam ao consumo não necessariamente tangível, mas simbólico, midiático e informático” (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 99).

Orozco Gómez (2014, p. 96) defende que a cidadania comunicativa é relevante e deve ser “tratada a partir da educação como um dos objetos mais preciosos da formação humana e democrática da atualidade”; contudo, o autor pondera também que o desenvolvimento de uma cidadania comunicativa deve partir de duas questões fundamentais: a primeira, “o que o cidadão deve aprender ante as telas”, e, a segunda, “como facilitar esse aprendizado nos moldes de uma educação contemporânea”.

Orozco Gómez (2014) destaca que é necessário promover uma educação comunicativa e cidadã, ensinar a conhecer o funcionamento da mídia, a partir das limitações e possibilidades de cada meio, e diante das variações tecnológicas, de linguagem, de formatos e de gêneros que envolvem a “midiaticidade”, o que pode provir destas, por qual motivo ou com qual propósito, compreendendo assim, as agências e a institucionalidade existente por trás das telas, sejam estas públicas, privadas ou mistas. O autor destaca também que a educação deve compreender não somente o olhar crítico do cidadão, mas, no mundo atual, “educar e desenvolver a capacidade de produção”, a fim de que o cidadão se sinta parte deste, e desenvolva uma comunicação mais participativa, e também como produtor de conteúdo, ultrapassando a fronteira emissor-receptor, almejando a possibilidade de uma cidadania que possa ser observada on-line, e que, para isso, o cidadão tenha acesso e domínio dos conhecimentos específicos necessários para que interaja “entre cidadãos e telas, e entre cidadãos a partir das telas” (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 100), que produza, desenvolva e passe por um processo de transformação.

Dentro dessa série de fenômenos que envolvem comunicação, cidadania, Jornalismo e o digital, é necessário contextualizar o ser jornalista na era dos *Big Data*, em que a sociedade está imersa em dados, requer o olhar apurado de curadores da informação e da notícia, filtrando e fazendo com que dados de interesse da sociedade se tornem públicos. A exploração integral do espaço comunicacional on-line provoca alterações fundamentais no processo de constituição e na ampliação dos direitos de cidadania. Sob o ponto de vista do direito social, todo e qualquer cidadão tem direito aos canais de expressão, portanto, não somente no sentido de ter acesso à informação, mas acesso ao direito e ao poder de se comunicar (PERUZZO, 2005, p. 284). Conforme Peruzzo (2005), a socialização do acesso à internet representa também a necessidade de romper barreiras que ainda impedem o exercício ampliado da cidadania com liberdade e igualdade. Sua efetivação contribuirá com a dimensão política mediante a ampliação das possibilidades de participação por mídias sociais e outras redes on-line, que, se aproveitadas em toda sua potência, favorecerão o cidadão e o permitirão acompanhar as políticas públicas, fiscalizando, discutindo, participando, estudando e se informando; e indiretamente contribuirá também para que este tenha acesso à cidadania nas suas dimensões econômicas e sociais, pelo

acesso a bens materiais e a serviços públicos; e, por último, contribuirá na dimensão cultural, informando os cidadãos, que poderão adquirir conhecimento on-line, partilhar seus saberes e exercer seu poder de comunicar (p. 286).

Para Ramos (2005), a comunicação deve ser encarada como portadora de um direito social: o direito à comunicação, o qual supera até mesmo os direitos de acesso à informação e a ser informado, contudo, ainda é necessário avançar para que o direito à comunicação seja reconhecido e valorizado como deve ser em grau de importância. Para o mesmo autor, o direito à comunicação pode ser visto como um progresso rumo à liberdade e à democracia bem como meio para promoção da cidadania. Assim, se o que se almeja é uma cidadania plena, favorecida por meio da comunicação, e sendo o jornalista um agente deste processo, deve este profissional levar em consideração o compromisso social de comunicar para todos, e de informar para o empoderamento dos cidadãos – diferentemente da realidade de hoje, em que, infelizmente, o que se vê são jornalistas de elite comunicando para as elites e profissionais de Jornalismo presos pelas amarras dos interesses das grandes corporações de comunicação.

Nesse contexto, pode-se vislumbrar que os dados transformados em notícias podem assumir caráter educativo, formar e informar o público sobre seus direitos e deveres enquanto cidadãos, promover um debate mais construtivo e referenciado, oferecer uma alternativa para que os dados, numéricos ou textuais, dentro de contextos, ou ainda construídos historicamente, seja por longo ou curto período, ou em função de evento específico, tornem-se compreensíveis para todos os públicos. De modo otimista, é possível esperar também que, na era dos *Big Data*, com muita informação disponível, mas nem tudo real ou verificado, o Jornalismo possa retomar sua credibilidade por meio de notícias produzidas a partir de Jornalismo de Dados, pois estas são matérias mais aprofundadas, contam com dados de fontes oficiais que podem ser traduzidos e compreendidos por meio da atuação dos próprios jornalistas, ou seja, superando o jornalismo declaratório, construído com base em afirmações das fontes, seguidas de réplicas e trélicas – e, às vezes, nem isso, já que, infelizmente, com o sucateamento das redações, e com a redução de custos e as facilidades de se produzir exclusivamente on-line, admitiu-se a produção de um “jornalismo acomodado”.

2.5.1 O papel do jornalista na Era da Informação

Para Meditsch (2012), o Jornalismo entrou no século XXI em crise, afirmação esta que está amparada nas inseguranças que rondavam a mídia tradicional com o advento da internet, em que se falava no fim do Jornalismo, ou dos jornais, da TV e do rádio. Fato é que a Era da

Informação modificou a forma de fazer notícia, e também a relação do jornalista com as fontes. Se antes da internet o jornalista era quem tinha o controle sobre a realidade dos dados e sobre o que era notícia, agora, a notícia adquire caráter participativo, e, assim sendo, pessoas comuns conectadas à internet ganharam o poder interferir na notícia, reforçando a ideia de democracia participativa favorecida pelo on-line.

Desta forma, conforme Meditsch (2012), quanto ao Jornalismo que temos hoje, exige-se o domínio de uma série de técnicas, práticas, domínio de narrativas e argumentação, bem como habilidades que o coloquem como a prestação de um serviço público a fim de que “os cidadãos possam tomar decisões conscientes e responsáveis”, persistindo, porém, “o desafio de questionar, refletir e interagir com a multiplicidade de fontes” (p. 227). E, para que os novos e velhos desafios sejam superados, segundo Meditsch (2012), convém ao Jornalismo e à profissão a noção da ética associada a um entendimento da vida e da cidadania que tem como foco o interesse público e o compromisso cívico-social.

Para Marcondes Filho (2009), a convergência do Jornalismo para o on-line é cada vez mais nítida, isso se deve, conforme o autor, porque, para trabalhar no ambiente digital, até então, não se paga muitos impostos e um veículo pode sobreviver menos dependente de publicidade e propaganda. Outra característica da atuação do jornalista influenciada pelo digital é a mudança do seu papel social, pois, na atualidade, o profissional passa a ser um “autenticador” ou “árbitro da opinião pública” (p. 58), e, nesse sentido, a notícia deixa de ser um produto para se tornar um serviço (p. 59).

Serrano (2013) pondera que não se pode endeusar nem demonizar a internet, pois, assim como os meios tradicionais ocultam interesses por trás de suas publicações, na internet também há iniciativas ‘tóxicas’ a contaminar informações. Prova disso é que, na atualidade, muito tem se falado sobre as *fake news*, as notícias ‘montadas’, notícias falsas criadas para parecerem verdadeiras, e que são disseminadas atendendo a certos interesses, prática esta que vem sendo criminalizada em vários países. Mediante isto, Serrano (2013) aconselha cautela e desconfiança com as informações recebidas, selecionando fontes e autores que tenham maior credibilidade e ainda capacidade de diferenciar boas iniciativas on-line, tais como: a participação em fóruns, consultando portais da transparência e fazendo perguntas sempre que possível.

Há a necessidade de reconhecer que, ainda que haja crise de credibilidade, objetividade e até mesmo de relevância da informação veiculada nos meios tradicionais, não são todos os cidadãos que podem ter acesso ou o domínio de conhecimentos para utilizar as ferramentas da internet, portanto, não se deve desmerecer o alcance e poder de tais meios. Outra característica

dos meios tradicionais na atualidade é que estes estão em constante adaptação, em especial, no sentido de falar cada vez mais diretamente com os cidadãos.

Para Signates e Moraes (2016), ao atuar como um mediador da informação, o jornalista cumpre seu compromisso com a sociedade, assegurando que os cidadãos possam usufruir do direito à informação e comunicação. Desta forma, segundo os mesmos autores, a cidadania é evidenciada quando a comunicação aparece como meio, argumento, mecanismo ou instrumento para se conquistar direitos.

De outro lado, é necessário destacar o que, segundo Magno Medeiros (2016, p. 222), está ligado ao desserviço à sociedade e inclusive violações da cidadania e dos Direitos Humanos praticados pelo Jornalismo dominante atualmente, o que pode ocorrer de forma indireta ou direta, explícita ou implícita, manifesta ou latente. Como exemplo, o autor enumera a omissão ou negligência à pluralidade de fontes, realizando desta forma, uma cobertura jornalística tendenciosa; sem levar em consideração inclusive a diversidade cultural, ignorando as periferias e fortalecendo, assim, preconceitos ou estereótipos; espetacularizando a violência, apelando à comoção, em que as coberturas mais parecem uma produção cinematográfica, marcada pelo confronto entre heróis e vilões, entre bem e mal, naturalizando, por exemplo, comportamentos agressivos, a morte e a violência de gênero em busca de ‘audiência’.

Nesse mesmo sentido, Magno Medeiros (2016, p. 225) cita como “grave violação aos direitos do cidadão quando o jornalismo acaba por promover o ‘denuncismo’ vazio e sem provas e os pré-julgamentos públicos escusos” apontando “criminosos” e “culpados”, sem conceder a estes o devido direito de defesa, os quais muitas vezes são ainda suspeitos e estão sob investigação, resultando em notícias caluniosas e difamatórias, correndo o risco de expor inocentes à revolta popular, tudo pela ‘audiência’.

Diante deste cenário, fica evidente a influência do digital e da internet sobre os processos produtivos, reconhecendo sim as potencialidades e as novas ferramentas advindas, mas também a necessidade de rever o Jornalismo atual, a fim de se concentrar na produção de um Jornalismo aprofundado, e na autoatribuição de um papel mais técnico, claro, sem perder o humanismo que é característico da profissão, mediante o compromisso com o público, além de maior critério e cuidado para tratamento das informações e dados disponíveis, não apenas pelo agir em função do imediatismo, não se trata mais só do furo jornalístico, mas do observar a qualidade do que é veiculado, recuperando a credibilidade e o reconhecimento do que é ser jornalista, bem como o diferencial de suas produções e a sua responsabilidade com o público.

2.5.2 (In)Formar e Comunicar para cidadania

Mais do que informar e atuar como alguém que filtra informações, é necessário formar o jornalista para que ele tenha uma consciência cidadã e que de maneira ética e responsável informe para a promoção da cidadania. Essa noção de formar para a cidadania está amparada pelas novas DCN, e, nesta mesma direção, ressalta Caldas (2005, p.88) que se faz necessário “resgatar o sentido público da informação e a responsabilidade social do comunicador”.

Ainda conforme Caldas (2005), o Jornalismo possui uma função educativa, de informar para que os cidadãos sejam mais conscientes de seus direitos e deveres, dessa forma, é possível refletir que, com uma formação mais cidadã e humanista, o jornalista que chegar ao mercado terá maior consciência do poder da informação, não no sentido de ser usada como uma arma, mas como ferramenta de empoderamento social.

Para Duarte (2009, p. 105), “a comunicação é hoje o ponto de partida e de encontro para o processo de reaprendizado da cidadania”, ou seja, o direito à comunicação se torna um direito de participação. Contudo, no Brasil, apesar de todos os avanços, o direito à comunicação ainda não se estende a todos e se encontra desigualmente distribuído. A participação favorecida pelo ambiente on-line entra em disputa com as agências e canais que detém de certa forma direito ao monopólio da comunicação tradicional, as quais não disponibilizam mecanismos eficientes para que o cidadão possa opinar ou interferir nos conteúdos que lhe são repassados, ou mesmo de questionar sua qualidade. Ainda conforme Duarte (2009), a sociedade brasileira comunica de maneira desigual, a comunicação é transmitida do centro para as periferias e de cima para baixo, atendendo aos interesses econômicos e políticos dominantes, dificultando ou impedindo o processo de inclusão do cidadão da periferia enquanto sujeito de direito.

Também de acordo com Duarte (2009), a comunicação é uma ferramenta para a prática da cidadania, é comunicando que o cidadão comum pode opinar, discutir, e assim, modificar de alguma forma a realidade em que vive, nesse sentido, o jornalista, ao possibilitar o acesso à informação estimula o diálogo e o debate sobre temas de interesse público e oferece meios de participação, bem como o direito do cidadão à comunicação.

Nesse mesmo sentido, Temer e Tuzzo (2016) falam da importância da mídia no processo de construção da cidadania, pois a partir do momento em que o cidadão faz uma leitura crítica dos conteúdos repassados pelos meios de comunicação, cria também novas percepções a partir dos conhecimentos adquiridos e questiona a ordem social.

Ainda que a mídia não seja a única responsável pela construção da cidadania, ela estabelece uma relação de “diálogo social” que permanentemente gera novas formas de entender, explicar, ressignificar essa cidadania, visto que é ela um conceito inacabado, complexo e em constante formação, inclusive mudando de pessoa para pessoa, de lugar para lugar, de cultura para cultura e assim sucessivamente. (TEMER; TUZZO, 2016, p. 161)

Ainda conforme as autoras, a cidadania pode ser compreendida de quatro formas: pela participação política; por meio da utilização de serviços do Estado; mediante a participação de um indivíduo na movimentação econômica e processos de consumo; e, por último, pelo “acesso à informação que levará a uma possibilidade de formação de senso crítico e, conseqüentemente na participação da formação da opinião pública” (TEMER; TUZZO, 2016, p. 165).

2.6 A formação em Jornalismo de Dados

No que tange ao ensino do Jornalismo Digital, Machado (2003) acredita ser necessário investir na formação de profissionais habilitados a lidar com esse ambiente, porque se trata de uma das dimensões importantes do Jornalismo. O autor aconselha que as faculdades favoreçam uma ruptura com o ensino do modo tradicional de fazer Jornalismo e invistam na criatividade, experimentação, pesquisa aplicada, possibilitando que o conteúdo ensinado seja vivo e inovador para formar pensadores com olhar diferenciado, não apenas replicadores de modelos defasados de Jornalismo, pois é na graduação que acontece o primeiro contato e, de fato, uma formação que determinará o olhar do profissional, e se ele se importará com uma formação continuada ou se dará por satisfeito ao receber o diploma. Outra característica do profissional formado com foco no digital e no ciberespaço é a agilidade e o aprofundamento na produção das notícias; agilidade porque não gastará muito tempo em conversas cara a cara, e aprofundamento porque saber criar informações a partir de bancos de dados é possuir uma fonte confiável, significativa e impactante.

Para Gerson Martins (2017), a formação em Jornalismo já é ciber, mas falta renovação, visto que não é suficiente dominar técnicas jornalísticas para o contexto digital, é necessário domínio de técnicas de informática e também compreender as formas de informação e interação on-line a partir de um olhar macro, com criatividade, espírito crítico, compromisso com a ética e com o caráter social e humanista que é já próprio do Jornalismo. Ainda conforme o mesmo autor, não basta reproduzir a prática jornalística tradicional no ambiente on-line, é necessário criar novas técnicas e possibilidades, para isso, é necessário avançar na formação, ou seja, na qualificação dos pesquisadores, docentes e futuros docentes.

Gerson Martins (2017) pondera que investir em pesquisa no Jornalismo é fundamental para avançar nas práticas voltadas para o digital, assim como na formação dos docentes e de pesquisadores, e ainda que se tenha avançado qualitativa e quantitativamente, necessita-se de mais atenção ao fenômeno do digital nas faculdades de Jornalismo, reforçando que as demandas atuais exigem noções de informática, banco de dados e tantos outros recursos, transformando as formas de comunicar uma notícia e melhorando o nível de entendimento dos fatos pelos leitores. E o autor conclui: “O jornalismo produz também educação. As tecnologias de internet e o ciberjornalismo têm amplas possibilidades de gerar conhecimento, contribuir no processo de educação para a sociedade” (MARTINS, G., 2017, p. 317).

Segundo Marcelo Träsel (2017a), professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em entrevista concedida via e-mail para a presente pesquisa, não existe um modelo único para o ensino do Jornalismo de Dados nas universidades, pois a oferta precisa se adaptar ao contexto local e incluir uma série de fatores determinantes, tais como: disponibilidade de professores qualificados, estrutura curricular, infraestrutura da instituição, demanda do mercado regional por profissionais com esse tipo de habilidade e o interesse dos alunos; entre outros.

Com base na experiência profissional de Träsel, antes na PUC-RS e depois na UFRGS, ele relata que não há disciplinas específicas para o Jornalismo de Dados e que os professores procuram inserir o tema transversalmente no programa de outras disciplinas, como Jornalismo Investigativo, Ciberjornalismo ou Jornalismo Científico.

Para que o subcampo se consolidasse ou tivesse maior atenção das escolas superiores de Jornalismo, Träsel acredita que a inclusão de uma disciplina específica no currículo deve ser considerada, entretanto, o Jornalismo de Dados poderia continuar a ser trabalhado de maneira transversal, em disciplinas como Ciberjornalismo e Jornalismo Investigativo, em laboratórios, ou em cursos de extensão, e a visualização de dados, que também compõem o Jornalismo de Dados, poderia ser trabalhada numa disciplina de Design ou de Produção Gráfica. Porém, em termos das etapas necessárias para se constituir uma formação sólida em Jornalismo de Dados nas escolas superiores de Jornalismo, argumenta Träsel (2017a) que, por prescindirem de uma formação matemática, seria necessário e até “mais importante oferecer uma disciplina voltada à estatística do que uma disciplina específica de Jornalismo de Dados. Aprender a usar o Excel é fácil, difícil é entender a matemática e desenvolver o raciocínio lógico”.

Um exemplo de instituição que incorporou o Jornalismo de Dados como disciplina de núcleo livre foi a Universidade Federal de Goiás (UFG). A disciplina foi ofertada pela primeira vez no segundo semestre de 2014, para os cursos de Jornalismo e Gestão da Informação, por

iniciativa dos professores Dr. Dalton Lopes Martins e Dra. Angelita Pereira de Lima, surgida a partir de conversas sobre explorar o Jornalismo de Dados na formação, devido ao seu potencial de análises em um trabalho de Jornalismo Investigativo que vinham desenvolvendo. A oferta da disciplina também a experimentação de uma linguagem mais analítica com os estudantes de Jornalismo, tendo como perguntas norteadoras: Que desafios iriam aparecer? Que narrativas teríamos de produzir? Qual o nível de conhecimento desses estudantes? O que apresentar e em que sequência?

A ementa da disciplina contou com uma introdução ao que é o Jornalismo de Dados e exemplos de aplicação no país, fontes de informação e mapas de conhecimento; os estudantes puderam aprender como utilizar o Tableau (*software* voltado à visualização de dados) e demais conteúdos de Jornalismo Interpretativo e Investigativo. Conforme os professores, participaram em torno de 30 alunos, e o aproveitamento foi ótimo (com médias entre 8,5/10).

A oferta da disciplina se justificou no pressuposto de que a socialização mediada por tecnologias digitais tem ocupado cada vez mais espaço na sociedade, portanto, dominar técnicas e métodos digitais de análise e visualização de dados se torna um atributo fundamental para as profissões que visam a função social de comunicação. Além disso, os docentes reconhecem que há um enorme déficit desse tipo de conhecimento nas graduações e que, em parte, isso se deve ao fato de que esse déficit também está na formação dos professores. Para eles, é necessário criar alternativas a essa formação, pois se os profissionais dominarem essas técnicas terão maior facilidade de se recolocar em um mercado altamente dinâmico.

3 O CAMPO DO JORNALISMO DE DADOS NO BRASIL E NO MUNDO

Esta revisão objetiva estabelecer um panorama de como o Jornalismo de Dados está se desenvolvendo como subcampo científico do Jornalismo (e da Comunicação) no Brasil e no mundo.

Como estratégia metodológica para a revisão nacional, foram considerados os periódicos mais bem avaliados devido ao fator de impacto, e as dissertações e teses produzidas no país. Ainda que talvez não se produza um panorama geral, este recorte possibilita identificar a produção de maior relevância para o “campo” da Comunicação no Brasil. No caso dos artigos, utilizou-se da avaliação Qualis Periódicos para a seleção. A avaliação é feita por cientistas do mais alto gabarito e ligados a Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, sob convocação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), de acordo com cada área. Os conceitos buscam estimar o alcance e o fator de impacto das publicações de pesquisadores vinculados a instituições de ensino, pesquisa e extensão que operam neste país e não ranquear as revistas em si; quais sejam: A1 (maior impacto), A2, B1, B2, B3, B4 e C (menor impacto). As dissertações e teses foram selecionadas a partir da confrontação de dois bancos digitais de dissertações e teses: a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; que são fontes oficiais.

A seleção dos trabalhos para esta revisão se deu contemplando a produção de maior impacto no “campo” da Comunicação ou a que se poderia chamar de “dominante”, de acordo com a Sociologia da Ciência de Pierre Bourdieu (1983), pois, com a avaliação da CAPES dos periódicos (e dos revisores destes para cada artigo aceito) e com a avaliação das bancas de mestrado e doutorado para as dissertações e teses, esta produção obtivera sua legitimidade científica, sendo os seus autores reconhecidos como autoridades altamente competentes por sua “comunidade” de pares, aqueles cientistas já estabelecidos no “campo” da Comunicação, por trás de comitês de avaliação, de revisão e em bancas, reproduzindo o “capital científico” da área. Com esta perspectiva não se pretende um estudo crítico das práticas científicas no campo da Comunicação, mas um parâmetro ‘qualitativo’ para uma ‘amostra’ sociológica, que não tem efeito de ‘representação’ matemática (como seria em uma análise exclusivamente quantitativa), e sim reflete.

Já para a revisão internacional dos estudos internacionais relacionados ao Jornalismo de Dados, foram analisados apenas artigos indexados no *SciVerse Scopus*, um banco de dados de resumos e de citações de artigos para jornais/revistas acadêmicos, que abrange cerca de 19,5

mil títulos de mais de 5.000 editoras internacionais, incluindo a cobertura de 16.500 revistas *peer-reviewed* nos campos científico, técnico e de ciências médicas e sociais. O Scopus possui um sistema de métricas que permite ainda avaliar de forma ampla as publicações relacionadas a um assunto específico, o qual inclui: publicações por ano, autores (com informações sobre a instituições de origem), citações etc. Para o recorte, foram buscados artigos que contivessem a expressão “Data Journalism” no título, resumo ou palavras-chave, pois, subentende-se que a ocorrência da expressão em um desses componentes do artigo indicaria que o conceito e/ou o campo seriam trabalhados com destaque explícito pela pesquisa; filtrando para publicações nas categorias “Journal”; “Books” ou “Book Series”.

3.1 Recorte na revisão de artigos

Nesta parte da revisão sistemática, optou-se pelos artigos publicados em periódicos científicos ligados a instituições brasileiras e que obtiveram conceitos Qualis A1, A2 e B1 da Área de Avaliação em Comunicação e Informação da CAPES (do quadriênio 2013-2016).

Os sites dos periódicos selecionados foram acessados um a um, e na ferramenta de busca por conteúdo textual se utilizou a palavra-chave “Jornalismo de Dados”, restringindo a busca à identificação daqueles estudos com a correspondente expressão no título, resumo ou palavras-chave, pois se subentende que a ocorrência dessa expressão em algum destes componentes do artigo indicaria que o Jornalismo de Dados seria trabalhado com destaque.

A análise visou levantar possíveis usos conceituais e instrumentais do Jornalismo de Dados, identificar as abordagens metodológicas, os principais autores, suas instituições de origem, o período das publicações e as palavras-chave relacionadas, formando um conjunto básico de dados qualitativos e quantitativos sobre essa produção.

3.2 Recorte na revisão de dissertações e teses

Na busca pela expressão “jornalismo de dados” no BDTD do IBICIT e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (que redireciona para a Plataforma Sucupira), com pesquisa realizada entre agosto e outubro de 2017, foram encontradas 7 dissertações, as quais têm orientadores distintos e que provém de diferentes Universidades, e que, se distribuídas por regiões, apresentam a seguinte distribuição quanto à origem: três (3) da Região Sul, três (3) da Sudeste e uma (1) da Nordeste; e, em pesquisa realizada entre agosto e novembro de 2017, foram encontradas 6 teses, as quais têm orientadores distintos e são de diferentes Universidades,

e que, se distribuídas por regiões, apresentam a seguinte disposição quanto à origem: três (3) da Sudeste, duas (2) da Região Sul e uma (1) da Nordeste.

A busca nestes repositórios de dissertações e teses se deu com o uso da expressão “jornalismo de dados”, sendo selecionados os estudos que a contivessem no título, resumo ou palavras-chave, pois, assim como o critério adotado no filtro dos artigos, a ocorrência em um desses componentes indicaria que o conceito seria trabalhado em destaque.

A análise visou identificar: o período de produção, as abordagens metodológicas das pesquisas, outros temas a que estariam relacionadas, principais autores e/ou instituições articuladas em torno do tema, bem como desdobramentos dentro da temática do Jornalismo de Dados. Reunir estas informações possibilita compreender como está se consolidando este subcampo do Jornalismo na academia, e quais suas perspectivas e desafios. Como trabalhos finais de cursos em pós-graduação stricto sensu, as dissertações e teses refletem tempo de dedicação à pesquisa do tema e a mobilização de programas de pós-graduação, endossando tais estudos e instituindo linhas de pesquisa que os acolhem, o que sugere a relevância atual.

3.3 Artigos sobre Jornalismo de Dados

No total, seguindo a metodologia descrita na seção 3.1, foram explorados quarenta e quatro (44) periódicos, sendo que em oito (8) foram encontrados artigos sobre Jornalismo de Dados, um em cada. Na Tabela 1, tem-se a relação dos periódicos e os respectivos: número de ISSN, conceito Qualis CAPES na Área de Avaliação em Comunicação e Informação e o número de artigos sobre Jornalismo de Dados encontrados em cada qual.

Tabela 1 – Periódicos de Comunicação que publicaram artigos sobre Jornalismo de Dados

ISSN	Periódicos	Qualis	Número de Artigos
1808-4079	Brazilian Journalism Research	A2	1
1808-2599	E-compós	A2	1
1519-311X	Galáxia	A2	1
2175-7755	Comunicação & Sociedade	B1	1
1809-9386	Contemporânea	B1	1

Continua...

ISSN	Periódicos	Qualis	Continuação
			Número de Artigos
1807-8583	Intexto	B1	1
1807-1236	Organicom	B1	1
1984-8226	Revista Fronteira	B1	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se que 3 dos artigos se encontravam em periódicos A2 e 5 com conceito B1. A ausência de artigos sobre Jornalismo de Dados no estrato A1 pode indicar que a discussão sobre o tema ainda não alcançou o *status* das temáticas mais proeminentes entre os círculos dominantes da comunidade científica no campo da Comunicação, mas a sua presença nestes outros dois estratos, ainda que tacanha de discussão, indica que a demanda social à temática existe, mas não foi vista ou reconhecida como deveria, não acompanhando desta forma, a tendência internacional, o que poderá ser verificado no item 3.7.

3.3.1 Autores e instituições

De oito artigos, seis foram produzidos em coautoria. Para distinguir os autores em relação à coautoria, utilizou-se letras; desta forma, por exemplo, o autor principal do artigo identificado com o código A tem coautores identificados também com o código A.

Na amostra, foi possível identificar apenas uma autora com mais de uma publicação: a professora Luciana Mielniczuk, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Pode-se visualizar no Quadro 4 a distribuição dos autores de acordo com seu vínculo institucional e também as coautorias, identificando um total de 14 autores e coautores, com 2 artigos sendo produzidos em solo, 5 em duplas e 1 em trio, com diálogo entre instituições nas coautorias ocorrendo em 2 casos, sendo 2 dos artigos de autores estrangeiros, e com o envolvimento de 3 autores estrangeiros e 11 brasileiros, mas sem coautorias internacionais. Entre os estrangeiros, tem-se 2 autores de instituições francesas e 1 estadunidense; e, entre os brasileiros, são 6 pesquisadores da Região Sudeste (4 de São Paulo e 2 do Rio de Janeiro), 3 da Sul (todos do Rio Grande do Sul), e 2 da Região Nordeste.

Quadro 4 – Autores e instituições ligados aos artigos

Autores	Instituições
BARBOSA, Suzana Oliveira. Autora Principal A	UFBA
TORRES, Vitor. Coautor A	UFBA
MANCINI, Leonardo. Autor principal B	ESPM/RJ
VASCONCELLOS, Fabio. Coautor B	ESPM/RJ e UERJ
RENÓ, Luciana. Autora principal C	USP e UNESP
RENÓ, Denis Porto. Coautor C	UNESP, USC e UCM
CORRÊA, Elizabeth Saad. Coautora C	USP
GEHRKE, Marília. Autora principal D	UFRGS
MIELNICZUK, Luciana. Coautora D	UFRGS
CHARBONNEAUX, Juliette. Autora principal E	Sorbonne (FR)
GKOUSKOU-GIANNAKOU, Pergia. Coautora E	Clermont Auvergne (FR)
MIELNICZUK, Luciana. Autora principal F	UFRGS
TRÄSEL, Marcelo. Coautor F	UFRGS
ZIBORDI, Marcos Antônio	USP e FCL
RADCLIFFE, Damian	UO (EUA)

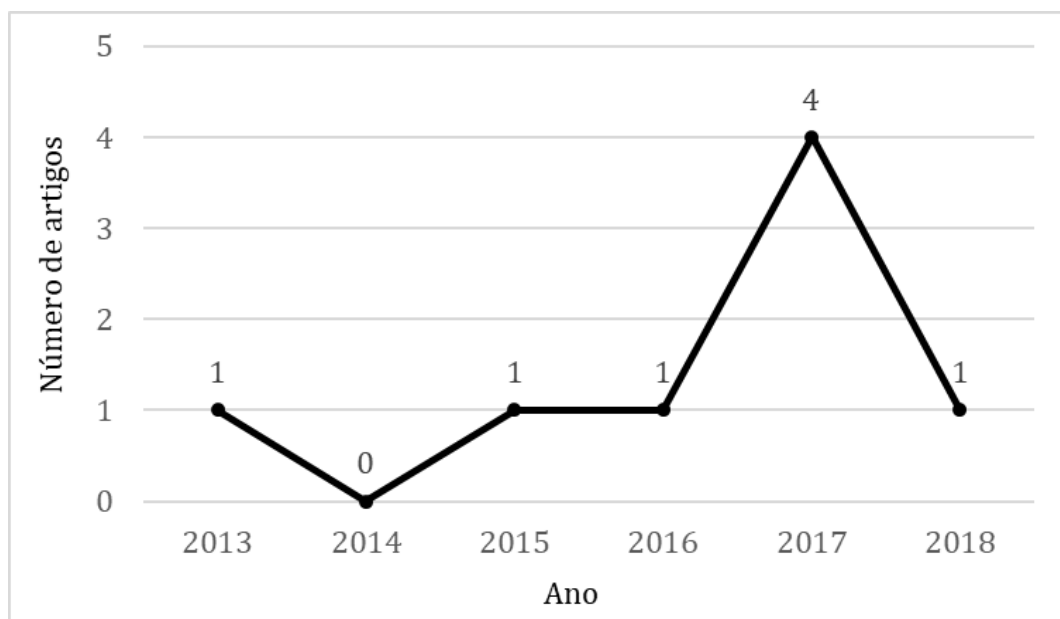
Fonte: Dados da pesquisa.

Entre as IES, destacam-se: as participações da UFRGS e da Universidade de São Paulo (USP), com 3 pesquisadores cada; e da Escola Superior de Propaganda e Marketing (RJ), da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Estadual Paulista (UNESP), com 2 pesquisadores cada; e, com apenas 1 pesquisador, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a Faculdade Cásper Líbero (FCL), as universidades francesas Sorbonne e Clermont Auvergne, na Espanha, a Universidade de Santiago de Compostela (USC) e a Universidade Complutense de Madrid (UCM), e nos Estados Unidos da América (EUA), a Universidade de Oregon (UO). No quesito número de artigos, a UFRGS e a USP se destacam de novo, tendo cada qual participado em 2 artigos, enquanto que todas as outras instituições em apenas 1.

3.3.2 Série histórica

No que tange às publicações em uma perspectiva temporal, conforme se observa na série histórica apresentada no Gráfico 1, após uma publicação em 2013 e nenhuma em 2014, entre as revistas mais importantes do campo da Comunicação no Brasil, de 2015 em diante se observa uma manutenção das publicações sobre o assunto nos estratos de maior impacto, com uma em 2016 e uma em 2018, e um pico em 2017, com 4 artigos sobre o Jornalismo de Dados. O fato de 2018 ter contabilizado apenas um artigo – sugerindo um decréscimo das publicações e salientando um extraordinário 2017 – deve ser visto com cuidado na análise, pois a coleta se limitou aos artigos publicados até julho do mesmo ano, dada a época da coleta.

Gráfico 2 – Número de artigos sobre Jornalismo de Dados publicados por ano



Fonte: Dados da pesquisa.

Em se desconsiderando o resultado para 2018, tem-se que o assunto pode estar ganhando ainda mais relevância nos últimos anos, estabelecendo-se no hall dos subcampos da Comunicação e do Jornalismo no Brasil. Já mantendo o resultado 2018, indica-se uma queda no número de produções no ano, sugerindo um clímax em 2017. Como veremos nas análises das publicações de dissertações e teses, há uma consonância temporal e de autores que indica também um crescimento do interesse sobre o tema na última década, com um crescimento expressivo em 2016 e 2017 – o cenário de 2018 fica indefinido devido à data da coleta no caso

dos artigos, e, no caso as dissertações e teses, em função do “lapso” nas atualizações da BDTD e do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

3.3.3 Palavras-chave

Entre outras coisas, as palavras-chaves revelam também a quais perspectivas e quais outros tipos de estudo o Jornalismo de Dados está relacionado. Então, além da referência ao “Jornalismo” (3 ocorrências) e ao subcampo do “Jornalismo de Dados” (6 ocorrências) – e suas expressões alternativas “Jornalismo Digital em Base de Dados” e “Jornalismo guiado por dados” (1 ocorrência cada) –, encontrou-se as seguintes palavras-chave: Cibercultura; Comunicação; Ensino de Jornalismo; Imaginário; Jornalismo de Precisão; Jornalismo Digital; Jornalismo Investigativo; Jornalismo local; Linguagem; Mídia local; Narrativa transmídia; Reportagem; há a referência a “Damian Radcliffe” e “Philip Meyer”, à “revista Realidade”, e a casos da “Alemanha” e “Grécia” – todas estas com uma (1) ocorrência cada –; um total de vinte e uma (21) palavras-chave nos oito (8) artigos em revisão.

As palavras-chave indicam associações a outras formas de Jornalismo (Jornalismo de Precisão, Investigativo, Digital etc.) – o que se subentende também com a referência a Philip Meyer, precursor do Jornalismo de Precisão e da Reportagem Assistida por Computador (RAC), e a Damian Radcliffe, referência do Jornalismo Digital, e autor de um dos artigos em revisão, o que mostra também a convergência de assuntos e de intelectuais de referência –, e também a estudos de Cibercultura, investigações da Comunicação e do Jornalismo clássicas e contemporâneas (Comunicação; Linguagem; Narrativa transmídia; Jornalismo local; Mídia local); e ao Ensino de Jornalismo. Estas associações confirmam a interdisciplinaridade e a abrangência do Jornalismo de Dados.

3.3.4 Abordagens e conceituações

Dentre os oito (8) artigos analisados, 75% apresentam um histórico do Jornalismo de Dados, e a maioria dos autores procura conceituar e apresentar exemplos de como este vem sendo incorporado, assim como também debater o papel do jornalista neste contexto, ressaltando aí as novas habilidades que se exige dos profissionais no manuseio de dados digitais. Muitos ressaltam ainda a importância da visualização de dados na composição de uma narrativa atraente e de fácil compreensão, e, por isso, esta deve ser considerada como parte da própria definição de Jornalismo de Dados. Vejamos uma síntese dos artigos.

Barbosa e Torres (2013) apresentam o “Jornalismo Digital em Base de Dados” como um campo em expansão, e os autores o definem como um Jornalismo...

[...] produzido com dados, os quais podem ser gerados e disponibilizados por uma variedade de fontes públicas e privadas – inclusive as próprias organizações jornalísticas de *mainstream* – e podem ser estruturados em sua forma mais bruta, comum, em planilhas Excel, ou mesmo publicados segundo padrões de design e formatos diversos para a narrativa jornalística que tiram partido de recursos variados para a melhor apresentação e compreensão do leitor/usuário, do público. (BARBOSA; TORRES, 2013, p. 153)

As francesas Charbonneaux e Gkouskou-Giannakou (2015) falam de números e de dados nos processos produtivos e da necessidade de rotinização da produção jornalística em prol do Jornalismo de Dados. As autoras destacam que o Jornalismo de Dados segue a linha da RAC e que se caracteriza pelo uso de complexos métodos de trabalho e colaboração entre jornalistas, técnicos e acadêmicos de áreas distintas, mas também mantém modelos do Jornalismo Investigativo. As autoras fazem também uma interessante comparação entre os casos grego e alemão, contextualizando o processo de consolidação do Jornalismo de Dados nestes países, e que ajuda a entendermos o crescimento e o aumento recente da importância deste subcampo no Brasil. Os resultados sugerem que o subcampo ganha força em contextos geopolíticos característicos de crise ou desconfiança dos cidadãos quanto aos governos, ou mesmo de aparente estabilidade política, mas com falta de transparência.

Ao tentarem categorizar e conceituar o Jornalismo de Dados, Mancini e Vasconcellos (2016, p. 73) destacam que o Jornalismo de Dados aparece no contexto de disseminação da cultura de dados abertos na web, atendendo ao princípio democrático do *open government*, e alterando, desta forma, a natureza do trabalho do jornalista, que se aproxima a uma fusão entre “os princípios da cultura de dados abertos” e “o trabalho computacional”. Os autores também se dedicam a diferenciar reportagem ‘com’ dados e reportagens ‘de’ dados. Segundo eles, a diferença principal é que a primeira se apropria dos dados de forma ilustrativa, mais superficial, já na segunda os dados são sua razão de existir e o próprio fundamento da pauta, conduzindo a reportagem. Mancini e Vasconcellos (2016) apresentam as três dimensões da reportagem no Jornalismo de Dados:

1. Investigativa: voltada à extração e/ou organização; são os esforços da equipe de jornalistas em produzir a reportagem; em coletar e estruturar o material;
2. Interpretativa: envolve a argumentação do jornalista, o qual não só apresenta os dados, mas também os analisa ou inclui entrevistados que farão a análise;

3. Comunicativa: relacionada à visualização, possui preocupação estética e tem o objetivo tornar os dados compreensíveis ao leitor, aprimorando a comunicação.

Convergindo em termos da abordagem, Zibordi (2018) se baseou nas três dimensões do Jornalismo de Dados tal como definidas por Mancini e Vasconcellos (2016), analisando o caso da revista *Realidade* (1966-1973), destacando aspectos de uma narrativa baseada em estatísticas, porém, considerou seu conteúdo como duvidoso e tendencioso.

Na entrevista feita por Gehrke e Mielniczuk (2017, p. 5) com Philip Meyer, o criador do Jornalismo de Precisão, as autoras também conceituam o Jornalismo de Dados: envolve a coleta, análise e visualização de dados, e reúne aspectos do Jornalismo de Precisão, da RAC e do Jornalismo Computacional, e mantém relação com a ‘transparência pública’, partindo de bases de dados governamentais e estatísticas. Introduzindo a entrevista, as autoras chamam atenção para uma antiga fala de Meyer, e que no contexto atual se comprovou, quando ele afirmara que escrever bem não seria a única atribuição demandada dos jornalistas, mas que seria necessário também entender e organizar dados.

Já Mielniczuk e Träsel (2017) abordam os desafios do ensino do Jornalismo de Dados e trazem exemplos do exterior e do Brasil, salientando também como sua aplicabilidade se desenvolve na prática. Apontam-no como uma inovação dentro do Jornalismo, e definem-no como o Jornalismo praticado a partir de fontes documentais e base de dados na apuração de informações que comporão a reportagem. Além disso, um ponto importante deste trabalho é a orientação do ensino para a prática do Jornalismo de Dados e não tanto pela teoria, com o ensino prático da coleta, análise e apresentação dos resultados obtidos em bancos de dados públicos.

Radcliffe (2017) dá exemplos de como o Jornalismo de Dados tem sido utilizado nos EUA e sugere formas de aplicabilidade. Destacando a importância do Jornalismo de Dados local, o autor incentiva que este também seja o foco dos jornalistas e não apenas a utilização de grandes bases nacionais. Argumenta ainda que o Jornalismo de Dados é interessante para o público, que tem valor-notícia e ressalta o seu caráter cidadão, pois os dados em si não são suficientes para a produção de uma reportagem, contudo, podem ser a base ou também o complemento a um texto informativo de interesse público.

Renó, Renó e Corrêa (2017) avaliam os desafios profissionais para o jornalista, que precisa se adaptar ao Jornalismo contemporâneo, e buscam conceituar também o Jornalismo de Dados, aproximando-o e o diferenciando de outros campos. Para eles, o Jornalismo de Dados é um se aprofundar nos dados, reunindo técnicas específicas das ciências exatas e sociais, e uma adaptação de diferentes métodos jornalísticos (RAC, Jornalismo Investigativo e Jornalismo de

Precisão), favorecendo um Jornalismo cidadão, e que possibilite ao leitor se aprofundar na informação e construir uma sólida opinião própria.

3.3.5 Trajetórias dos autores

Partindo dos conteúdos dos artigos, não é possível identificar núcleos de excelência, por isso a análise do currículo dos autores dos artigos foi importante para o mapeamento de grupos e projetos de pesquisa que compõem o subcampo científico do Jornalismo de Dados no Brasil. E, nesse sentido, vale destacar sinteticamente as trajetórias de alguns autores.

A que se destacar os autores ligados à UFRGS: a professora Luciana Pellin Mielniczuk (*in memoriam*) estudava Jornalismo Digital desde 1995, e desde 2003 coordenava projetos de pesquisa sobre a Lei de acesso à informação, webjornalismo, ciberjornalismo e sobre Jornalismo e redes sociais, tendo recentemente coordenado o projeto De práticas inovadoras e criativas no jornalismo em redes digitais às suas formas de abordagem pelo pensamento acadêmico; ela orientou Marília Gehrke, de quem foi coautora no artigo que traz a entrevista com Philip Meyer, que à época realizava Mestrado em Comunicação e Informação na UFRGS, onde integravam o Grupo de Pesquisa em Jornalismo Digital (JorDi), e onde ela defendeu a dissertação O uso de fontes documentais no jornalismo guiado por dados; e, hoje, no mesmo programa, realiza seu doutorado, com pesquisa intitulada Como os dados são transformados em conhecimento no jornalismo explicativo do Nexo. Também da UFRGS, o professor Marcelo Träsel (coautor de Mielniczuk em artigo aqui revisado) possui trabalhos voltados à internet e ao digital desde a década de 90 e tem desenvolvido diversos trabalhos sobre Jornalismo de Dados, inclusive com colaboração no Manual de Jornalismo de Dados lançado em português pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), em 2014.

Professora da UFBA, Suzana Oliveira Barbosa é Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea, coordenou o projeto Laboratório de Jornalismo Convergente, tem papel de destaque no Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line (GJOL); no doutoramento, realizou sanduíche com foco em Jornalismo Digital na Universidade da Beira Interior, em Portugal, e recebeu o Prêmio Adelmo Genro Filho de “Melhor Tese de Doutorado em Jornalismo”, com o texto *Jornalismo Digital em Bases de Dados (JDBD): um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos*, de 2007; realizou ainda estágio pós-doutoral na Universidade de Santiago de Compostela, onde integrou o projeto *Jornalismo na Internet: um estudo comparado dos cibermeios Brasil /Espanha*.

Um caso mais recente de tese sobre o assunto é o de Luciana Tarlá Lorenzi Renó, que, em 2016, doutorou-se em Comunicação pela Universidade Complutense de Madri na Espanha, com a tese *Periodismo de datos y narrativa transmedia en la era del Big Data*, e hoje é membra da Cátedra Latino Americana de Narrativa Transmídia e do MOBILAB RESEARCH, projeto ligado à UNESP, em que coordena a produção de Jornalismo de Dados em ambientes multiplataforma móveis, e também desenvolve pesquisa pós-doutoral sobre Jornalismo de Dados na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), sob supervisão de Elizabeth Nicolau Saad Corrêa (coautora no artigo em revisão), pesquisadora do Jornalismo Digital, tendo sido Professora Visitante na Oslo Metropolitan University na Noruega (2018), onde integrou o grupo de pesquisa Digital Journalism Studies.

Fábio Souza Vasconcellos é outro exemplo interessante. Jornalista premiado, Mestre em Comunicação e Doutor em Ciência Política, foi pesquisador e coordenador adjunto do Centro de Tecnologia e Sociedade da Fundação Getúlio Vargas entre 2017 e 2018, é docente do Departamento de Jornalismo da UERJ e da ESPM-RJ, onde, entre 2013 e 2015, coordenou o projeto Jornalismo guiado por dados e democracia: as novas ferramentas de investigação jornalística e sua contribuição para o processo de *accountability* político no Brasil.

3.4 Dissertações sobre Jornalismo de Dados

Majoritariamente, os títulos das 7 dissertações encontradas na pesquisa remetem a ao Jornalismo de Dados em seus aspectos técnicos e de maneira instrumental ou heurística, tanto apropriados na prática profissional da produção jornalística, quanto nas formas de se produzir reportagens com base em dados ou extrair, organizar e fazer curadoria de dados.

Quadro 5 – Dissertações que trabalharam o Jornalismo de Dados

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Universidade
O curador de informação em produtos agregadores de notícias	Vitor Torres	Suzana Oliveira Barbosa	UFBA
A reportagem com base na extração, análise e visualização de dados	Anna Barbara Medeiros	Rita de Cássia Romeiro Paulino	UFSC

Continua...

Continuação

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Universidade
Organização e gerenciamento de conteúdos jornalísticos na web semântica	Iuri Lammel Marques	Luciana Pellin Mielniczuk	UFSM
Siga os números: introdução ao uso de dados no jornalismo de finanças e negócios	Mariana Segala	Ana Cristina Menegotto Spannenberg	UFU
Jornalismo de dados na web: estudo da produção de sentido na infografia do Blog do Estadão Dados e do La Nación Data Blog	Kelly de Conti Rodrigues	Eliza Bachega Casadei	UNESP
Processos no jornalismo digital: do Big Data à visualização de dados	Mayanna Estevanim	Elizabeth Nicolau Saad Corrêa	USP
Usos e apropriações de tecnologias no cotidiano do jornalismo guiado por dados	Matias Sebastião Peruyera	Luiz Ernesto Merkle	UTFPR

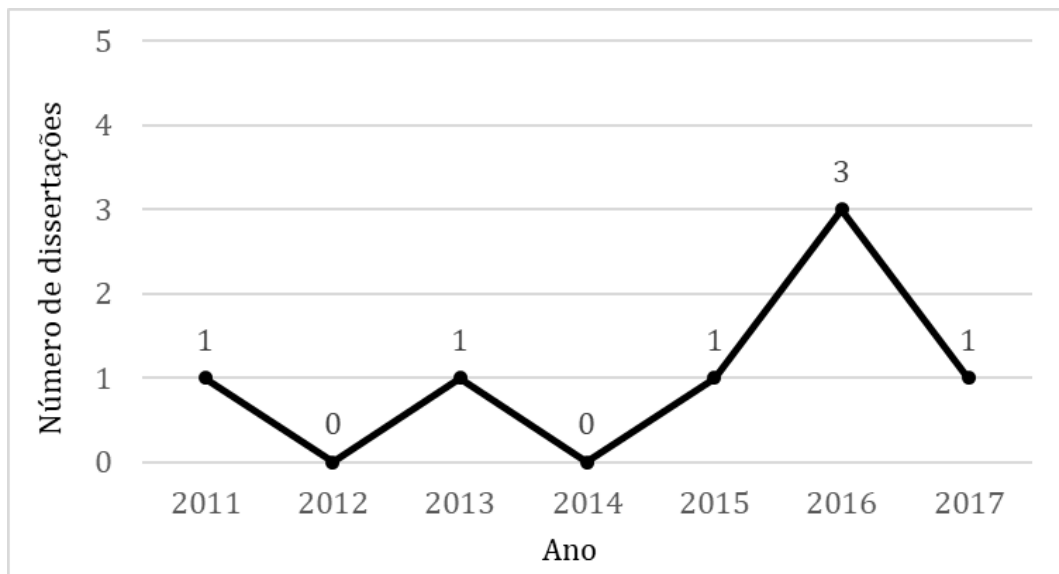
Fonte: Dados da pesquisa.

Destaque para o autor Vitor Torres e para a orientadora Suzana Barbosa, da UFBA, que também aparecem entre os autores; para Elizabeth Nicolau Saad Corrêa, que aparece na coautoria de um dos artigos aqui revisado e como orientadora de tese (como veremos mais adiante); e para Luciana Pellin Mielniczuk, então vinculada à UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), mas que aparece como autora e coautora dentre os artigos em revisão, já vinculada à UFRGS. Entre as instituições, todas produziram apenas uma (1) dissertação, mas é de se destacar que UFBA, UFRGS, UNESP e USP aparecem também entre os vínculos dos autores dos artigos, coincidindo também alguns autores, indicando a possibilidade de haver núcleos de excelência em Jornalismo de Dados nestas IES – ou linha mais amplas, ligadas ao Jornalismo Digital por exemplo. Como novidade, e reforçando a potência das regiões Sul e Sudeste, com uma (1) dissertação cada, aparecem: a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná; e a Universidade Federal De Uberlândia.

3.4.1 Série histórica

Conforme se observa no Gráfico 2, a primeira dissertação data de 2011, que contou com uma (1) produção. Em 2012 não houve produção; em 2013, uma (1); nenhuma em 2014; uma (1) em 2015; em 2016, observa-se um pico no número de defesas, com três (3) dissertações; retornando, em 2017, para uma (1).

Gráfico 3 – Número de dissertações sobre Jornalismo de Dados por ano de defesa



Fonte: Dados da pesquisa.

O resultado sugere que o assunto ganha relevância atualmente, o que é corroborado também pela alta na publicação de artigos em 2017, tal como mostramos na seção anterior, podendo caracterizar uma tendência (ou uma alta conjuntural). Como área de pesquisa, o Jornalismo de Dados ainda se encontra pouco expressivo nas pós-graduações brasileiras, e não se nota linhas de pesquisa especializadas, mas o crescimento recente, ainda que tímido, associado à formação de professores pioneiros aptos a orientarem trabalhos na área, sugere um incipiente processo de consolidação do subcampo.

3.4.2 Palavras-chave

Dentre as palavras-chave encontradas, as que mais ocorrem ou demonstram relação com o Jornalismo de Dados são: Jornalismo; Jornalismo Digital; Big Data; e Visualização de Dados;

que não foram surpresa, já que estão intrinsecamente relacionadas às dimensões do Jornalismo de Dados, e cumpriram sua missão de indexação para busca em bases de dados.

3.4.3 Resumo sintético das dissertações

Marques (2011) relaciona o Jornalismo Digital em Base de Dados e o funcionamento das tecnologias empregadas na *Web Semântica*. A pesquisa apresentou caráter exploratório e empregou como estratégia de investigação o estudo de caso, especificamente dos sites *BBC World Cup 2010* e *BBC Wildlife*.

No caso de Torres (2013), o objeto de pesquisa foi o desenvolvimento do produto agregador de notícias e da personagem que faz a curadoria da informação noticiosa, tanto o curador humano quanto o não humano. Amparada em Teorias do Jornalismo e trazendo o Jornalismo Digital como seu marco teórico e conceitual específico, e, especialmente, sobre o modelo teórico do Paradigma do Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD), a pesquisa buscou agregar concepções próprias aos conceitos de Curadoria de Informação na Internet e de Agregação de Notícias na Internet. Posteriormente, analisou-se os resultados empíricos à luz do modelo teórico do Paradigma do Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD). O autor observa que os curadores ou filtros atuam diretamente em um produto agregador, mas são externos à atividade jornalística.

Peruyera (2015) abordou como, cotidianamente, os profissionais do Jornalismo se apropriam de artefatos e tecnologias computacionais para trabalhar com Jornalismo Guiado por Dados e, em específico, com Visualizações de dados.

Anna Medeiros (2016) trata das maneiras com as quais os jornalistas podem integrar as técnicas de extração, análise e visualização de dados na elaboração e na apresentação da reportagem on-line, e desses processos de trabalho jornalístico.

Rodrigues (2016) busca compreender a emergência da infografia em base de dados e no Jornalismo Digital, a partir da investigação da estruturação discursiva de dados textuais e imagéticos. A análise empírica foca os casos do Blog *Estadão Dados* e *La Nación Data Blog*.

Estevanim (2016) problematiza a visualização de dados no Jornalismo que é feito no Brasil, e, a partir da análise empírica de veículos que usam o jornalismo de dados em seus portais, e com base em conceitos e práticas relacionados ao Jornalismo de Dados, demonstra como este proporcionaria diferenciais relevantes na visualização de dados.

E, por fim, Segala (2017) apresenta o percurso seguido por ela na pesquisa para o desenvolvimento de um manual, em formato de um e-book, sobre a aplicação de técnicas,

práticas e ferramentas de Jornalismo de Dados na cobertura jornalística de economia, em trabalho intitulado *Siga os números: introdução ao uso de dados no jornalismo de finanças e negócios*, abordando o Jornalismo de Dados como uma tendência emergente das implicações técnicas, sociais e institucionais do advento do digital e das redes, refletindo o crescimento das bases de dados ao alcance dos cidadãos.

3.5 Teses sobre Jornalismo de Dados

Os títulos das 6 teses em revisão chamam atenção para a relação entre o Jornalismo de Dados e a incorporação de números nas produções jornalísticas, a narrativa jornalística com a incorporação do Jornalismo de Dados e as mudanças nas rotinas produtivas, bem como para as mudanças no perfil de profissionais a partir do Jornalismo de Dados, o qual agrega às redações um perfil mais colaborativo e interdisciplinar.

Quadro 6 – Teses que trabalharam o jornalismo de dados

Título	Autor	Orientador	Universidade
Jornalismo digital em base de dados (JDBD): um paradigma para produtos digitais dinâmicos	Suzana Oliveira Barbosa	Marcos Silva Palacios	UFBA
Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil	Marcelo Ruschel Träsel	Francisco Rüdiger	PUC/RS
Jornalismo de (im)precisão: o conhecimento matemático e a apuração de números	Marco Antônio Gehlen	Beatriz Corrêa Pires Dornelles	PUC/RS
A colaboração no jornalismo: do Arizona project aos Panama papers	Carla Miranda B. de Freitas	Cecilia Almeida Salles	PUC/SP

Continua...

Continuação

Título	Autor	Orientador	Universidade
Formato: condição para a escrita do jornalismo digital de bases de dados. Uma contribuição da semiótica da cultura	Daniela Osvald Ramos	Elizabeth Nicolau Saad Corrêa	USP
Jornalismo transnacional: prática, método e conceito	Ben Hur Demeneck	Eugênio Bucci	USP

Fonte: Dados da pesquisa.

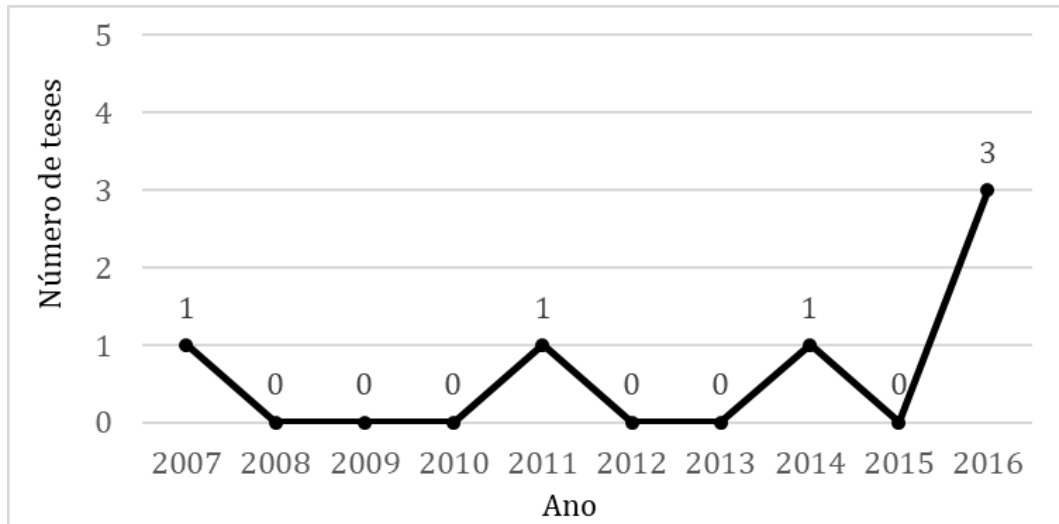
Destacam-se: a tese de Barbosa (2007), que aparece nesta revisão como orientadora de dissertação e como autora de artigo; a orientação de Elizabeth Corrêa, que aparece também como orientadora de dissertação e coautora de artigo; e a tese de Marcelo Träsel (com orientação de Francisco Rüdiger, um reconhecido pesquisador das teorias da cibercultura), que aparece como autor de um dos artigos aqui revistos. Entre as IES, em número de teses, com duas (2) cada, destacam-se a USP e a PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), que não apareceu entre os vínculos dos autores dos artigos; é de se pontuar também que USP e UFBA – esta com uma (1) dissertação – aparecem tanto entre os vínculos dos autores dos artigos, quanto entre as dissertações e teses; e, como uma novidade, aparece aqui a PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) – com uma (1) dissertação.

3.5.1 Série histórica

Conforme se observa no Gráfico 3, entre 2007 e 2016, foram defendidas um total de 6 teses sobre o assunto, com um maior número de defesas em 2016, em que se deram três (3), assim como entre as dissertações. A primeira defesa de tese ocorre em 2007, ano em que, assim como em 2011 e 2014, houve apenas uma defesa. De 2008 a 2010, e nos anos de 2012, 2013 e 2015 não foram registradas defesas de teses nas bases pesquisadas (BDTD e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES). Note-se que, em comparação com as datas de publicação do primeiro artigo sobre Jornalismo de Dados (2013) – considerando que nos estratos Qualis mais altos estão também a maioria das revistas mais antigas, o que evita em muito a chance de um lapso imprevisto na coleta – e da primeira dissertação (2011), a data de publicação da primeira

tese é bem anterior (2007); o que coloca os estudos de doutorado como pontas de lança na constituição do subcampo do Jornalismo de Dados no Brasil.

Gráfico 4 – Número de teses sobre Jornalismo de Dados por ano de defesa



Fonte: Dados da pesquisa.

Além do pico de defesas em 2016, a diminuição do intervalo entre as publicações (2007-2011-2014-2016, respectivamente, 3 anos, 2 anos e 1 ano de intervalo) sugere que o assunto tem sido constante e, provavelmente, vem se consolidando como área de pesquisa, contando com a realização de estudos densos e profundos, como são as teses, o que indica também um aumento na relevância do Jornalismo de Dados para o campo da Comunicação, e ainda um provável aumento na oferta de professores orientadores com maior capacidade e experiência para orientar pesquisas especializadas em e com Jornalismo de Dados.

3.5.2 Palavras-chave

Dentre as palavras-chave encontradas, as que mais ocorrem ou demonstram relação entre as pesquisas de doutorado revisadas são: principalmente, “Jornalismo Digital”; e, de mais maneira dispersa, várias outras palavras-chave relacionadas a métodos de pesquisa, a números e dados e à prática jornalística, tais como: “apuração”, “objetividade”, “notícia”; ou mesmo outros campos do Jornalismo que são próximos e às vezes até se confundem com o Jornalismo de Dados, tais como: o “Jornalismo de Precisão”, o “Jornalismo Investigativo”, o “Jornalismo Computacional” etc. Os dados indicam ainda que algumas abordagens não se voltam especificamente e exclusivamente ao Jornalismo de Dados (assim como ocorre entre as dissertações e os

artigos), mas isso se deve até mesmo ao ineditismo de produção nacional na área, levando os estudos a se apoiarem em áreas correlatas já mais desenvolvidas, e por isso também, as pesquisas em si não possuem uma centralidade temática ou de abordagem, o que mostra novamente a diversidade deste subcampo do Jornalismo.

3.5.3 Resumo sintético das teses

Barbosa (2007) foi pioneira no Jornalismo de Dados no Brasil. Sua premiada tese teve como preocupação central identificar e compreender as transformações advindas com a crescente utilização de bases de dados no Jornalismo Digital. No argumento endereçado, as bases de dados foram entendidas como um aspecto-chave, inspirando a designação de um paradigma numa etapa de transição entre a terceira geração e uma quarta fase de evolução para o Jornalismo Digital, a saber: o Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD), aplicado e conformado segundo funcionalidades e categorias específicas, e aliado ao método do estudo de caso.

Ramos (2011) apresenta um estudo teórico sobre como o formato serve de estrutura para as linguagens digitais, que são escritas com signos informáticos. Para isso, ela utilizou ferramentas teóricas da Semiótica da Cultura, tendo explorado textos digitais de informação jornalística. A noção do design foi central aos seus argumentos. E a autora trabalhou com a perspectiva de que o Jornalismo Digital de Bases de Dados (JDBD) é um texto da cultura, e que com esta se atualiza, tendo como princípios a representação numérica, a modularidade, a automatização, a variabilidade e a transcodificação.

Tendo em foco a prática profissional, Träsel (2014a) procurou investigar os valores, as crenças e a conduta dos profissionais de Jornalismo Guiado por Dados no Brasil, a partir de observação participante realizada junto à equipe do Estadão Dados, na redação do jornal O Estado de S. Paulo, e de entrevistas abertas com informantes considerados relevantes à formação e difusão desta nova especialidade do Jornalismo.

Com o intuito de verificar como os números e dados têm sido utilizados nas matérias jornalísticas, bem como a importância que os números têm adquirido nestas, Gehlen (2016) propôs em sua tese um estudo investigativo sobre números e dados na prática profissional de reportagem, a partir de discussão estabelecida com as teorias do Jornalismo de Precisão, Jornalismo Investigativo e Jornalismo de Dados, e sinaliza as competências matemáticas que se demanda na prática do Jornalismo contemporâneo.

Demeneck (2016) trabalhou o conceito de Jornalismo Transnacional (*in. cross border journalism; es. periodismo transfronterizo; din. journalistik over grænser*), que ganhou maior visibilidade na década de 2010, a partir de séries como a *OffshoreLeaks* e *SwissLeaks*, que estabeleceram redes de investigação colaborativa entre equipes de diferentes países e em torno de temas de relevância regional ou mundial. O autor pretendeu mapear os pioneiros dessa prática de imprensa, que atrai jornalistas novos e veteranos, e interessa às redações.

E, por fim, Freitas (2016) se baseou no Arizona Project, desenvolvido ainda nos anos 1970 e considerado o primeiro trabalho de atuação jornalística conjunta em grande escala, conhecido com os *Panama Papers*, investigação que reuniu quase 400 profissionais, de 76 países, em torno do maior vazamento de dados até então, passando pelos casos *WikiLeaks* e Snowden, e pelo surgimento de organizações comunicacionais como ProPublica, nos EUA. Freitas (2016) aborda também a prática cotidiana nas redações, a relação de colaboração entre jornalistas de diferentes veículos, fato que ele apresenta também como tendência e que teria sido impulsionado pela característica colaborativa do Jornalismo de Dados.

3.6 Considerações finais da revisão nacional

Em suma, esta revisão é um testemunho do surgimento do Jornalismo de Dados no Brasil, e, de uma visão panorâmica possibilitou-nos identificar trabalhos que evidenciassem a emergência deste subcampo do Jornalismo, dentro do campo científico da Comunicação. Despontando em 2007, as produções relacionadas ao Jornalismo de Dados vão adquirindo mais regularidade e maior frequência, atingindo o seu clímax em 2016 e 2017, com artigos, dissertações e teses sendo publicados sobre o tema (dos 8 artigos encontrados, 4 foram publicados em 2017; das 7 dissertações, 3 foram defendidas em 2016; e, das 6 teses encontradas, 3 foram defendidas em 2016). Além de herdar o desenvolvimento natural de área correlatas, como a RAC e o Jornalismo de Precisão, e de corresponder ao avanço das exigências técnicas do Jornalismo Digital, o movimento vislumbrado se dá em consonância com eventos internacionais envolvendo trabalhos importantes de *accountability* e de redes colaborativas de Jornalismo de Dados e Investigativo, como nos famosos casos Swiss Leaks e Panama Papers. No Brasil, a crise econômica, os escândalos de corrupção, o cenário político instável e a desconfiança da população em relação aos governos coincidem também com o aumento das iniciativas de transparência pública e acesso à informação e podem ter ajudado a impulsionar as pesquisas revisadas, mas o que se pode afirmar a partir da revisão é que, embora às vezes de forma instrumental ou combinadas a outras perspectivas, a articulação e a formação de

pesquisadores em torno do Jornalismo de Dados têm consolidado a produção científica neste subcampo do Jornalismo e da Comunicação no país.

3.7 Revisão internacional: Jornalismo de Dados

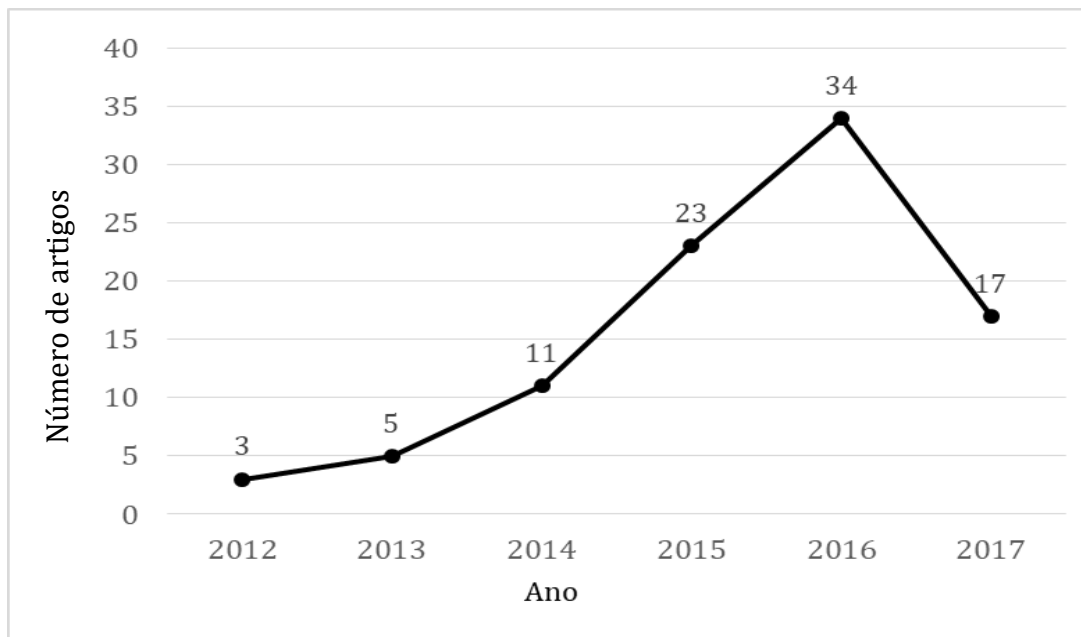
3.7.1 Resultados

Com a busca na base do SciVerse Scopus, procurou-se localizar artigos que contivessem a expressão “*Data Journalism*” no título, resumo ou palavras-chave; filtrando para publicações nas categorias “*Journal*”, “*Books*” e “*Book Series*”, conforme o recorte, foram localizados 93 artigos, destes, foram selecionados os 11 mais citados para uma análise qualitativa sobre o que se fala a respeito de Jornalismo de Dados, visto que juntos, estes 11, contabilizam 87% das citações entre os trabalhos mais referenciados e por se acreditar que, além de legitimados entre os pesquisadores da área, são também os mais relevantes. Entretanto, a seguir será apresentada uma descrição quantitativa dos resultados da busca no período determinado, compreendendo os últimos cinco anos, de 2012 a 2017, pois foi quando se encontrou publicações sobre o tema.

Como um todo, a análise visou identificar os modos de uso do conceito, os autores, as instituições de origem, o período da publicação, publicações por país e publicações por área, formando um conjunto de informações básicas sobre essa produção. Destarte, a presente revisão procura produzir uma visão panorâmica de como o Jornalismo de Dados está se desenvolvendo em âmbito internacional.

3.7.2 Série histórica

No que tange às publicações por ano, conforme o Gráfico 5, pode-se observar que o maior número de publicações se deu em 2016 (como no caso das publicações analisadas em nível nacional), com 34 artigos que abordaram o Jornalismo de Dados, cerca de 50% a mais em relação ao ano anterior, e o dobro da produção em relação ao seguinte, que foi de 17. O resultado sugere que o subcampo do Jornalismo de Dados está em expansão internacional, ganhando a atenção de diferentes áreas, e movimentando instituições e pesquisadores de todo o mundo para abordarem sob diferentes aspectos este campo emergente do Jornalismo.

Gráfico 5 – Número de artigos publicados por ano

Fonte: A autora.

Os dados mostram o quanto a produção sobre o assunto é recente, e, se comparados aos dados da revisão nacional, mostram que o crescimento do interesse de pesquisadores brasileiros no tema se deu em consonância com o interesse de pesquisadores em nível internacional.

3.7.3 Publicações por instituições/universidades

Das 122 instituições vinculadas aos autores das publicações, as que tiveram pelo menos dois artigos relacionados foram 20, e apenas 2 tiveram mais, sendo três artigos cada. Na Tabela 2, pode-se ver que não existem muitas publicações por Universidade, na verdade, ao contrário, as produções se encontram bastante dispersas, tal como apareceu no contexto nacional.

Tabela 2 – Número de publicações por instituição

Instituições	Número de publicações
City University London	3
CNRS Centre National de la Recherche Scientifique	2
College of Staten Island	2
Digital Repository of Ireland	2

Continua...

Continuação

Instituições	Número de publicações
Ecole Polytechnique	2
Fachhochschule St. Polten	2
Laobratoire d'Informatique pour la Mecanique et les Sciences de l'Ingenieur	2
National University of Ireland Galway	2
New York University	2
Simon Fraser University	2
Sodertorn University	3
The University of British Columbia	2
Universidad Carlos III de Madrid	2
Universidad de Santiago de Compostela	2
Universitat Zurich	2
Universite de Montreal	2
Université libre de Bruxelles ULB	2
Universite Paris-Sud XI	2
University of Colorado at Boulder	2
University of Maryland	2

Fonte: A autora.

3.7.4 Autores com mais publicações

Dos 157 autores identificados, os que publicaram pelo menos duas vezes foram 19. E, entre os autores com três produções, apenas C. W. Anderson e E. Appelgren aparecem entre os 11 artigos com mais citações na Scopus, os quais obtiveram pelo menos 9 citações. Entre os autores também não se observa associações de coautoria entre os que mais possuem produções relacionadas ao Jornalismo de Dados, evidenciando também a dispersão destes pesquisadores.

Tabela 3 – Autores que mais publicaram

Autores	Número de Publicações
ANDERSON, C.W.	3
APPELGREN, E.	3

Continua...

Continuação

Autores	Número de Publicações
BROUSSARD, M.	3
MANOLESCU, I.	3
PELLEGRINI, T.	3
DIAKOPOULOS, N.	2
GOASDOUÉ, F.	2
HACKETT, R.A.	2
HARROWER, N.	2
HERAVI, B.R.	2
HERMIDA, A.	2
HINOJOSA, L.	2
LESAGE, F.	2
RADCHENKO, I.	2
SAKOYAN, A.	2
SANDOVAL-MARTÍN, T.	2
SOMMER, S.	2
TANNIER, X.	2
YOUNG, M.L.	2

Fonte: A autora.

3.7.5 Publicações por país

Os 93 artigos encontrados na busca estão distribuídos por 26 países. Os destaques estão para os Estados Unidos, Reino Unido, Espanha, França, Áustria e Canadá, os quais têm juntos 63 publicações. Nesta relação, 10 trabalhos não tiveram sua origem identificada.

Tabela 4 – Publicações por país

País	Número de publicações
Estados Unidos da América	21
Reino Unido	13
Espanha	10
França	7
Áustria	6
Canadá	6

Continua...

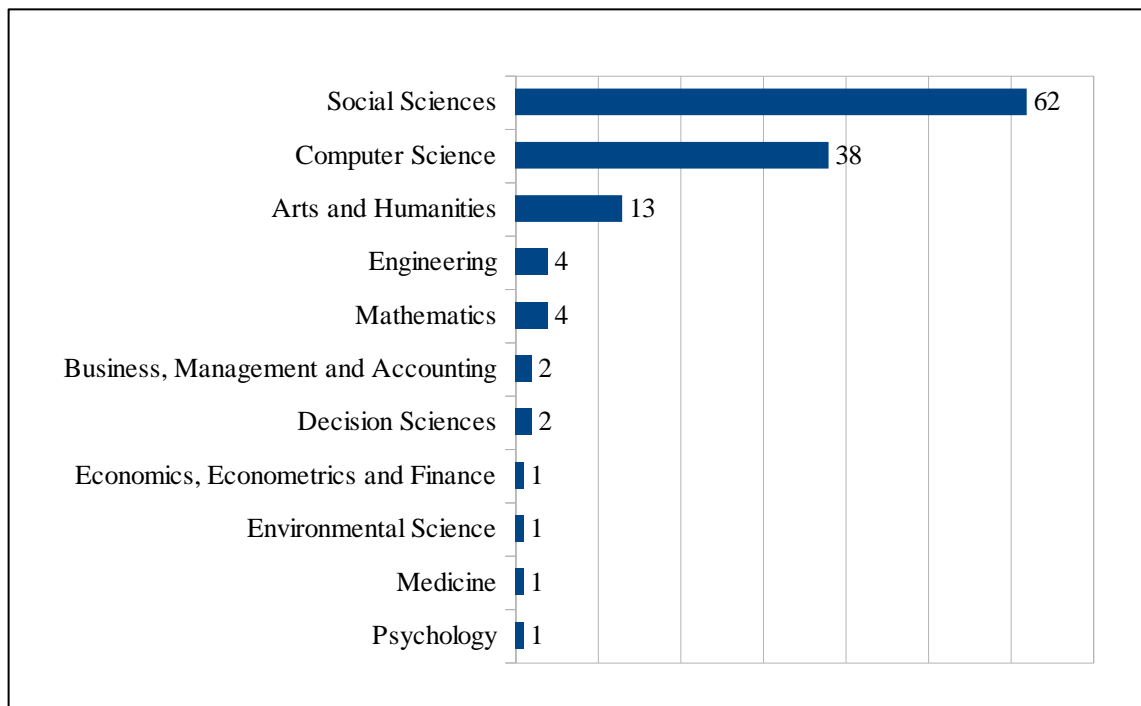
Continuação

País	Número de publicações
Bélgica	4
Irlanda	3
Holanda	3
China	2
Alemanha	2
Itália	2
Portugal	2
Rússia	2
Suécia	2
Dinamarca	1
Equador	1
Grécia	1
Japão	1
México	1
Nova Zelândia	1
Noruega	1
Polônia	1
Singapura	1
África do Sul	1
Suíça	1
Indefinido	10

Fonte: A autora.

3.7.6 Publicações por área

Das obras encontradas neste levantamento internacional, 62 estão catalogadas entre as publicações das Ciências Sociais, 38 entre as publicações das Ciências da Computação, e 13 entre as publicações ligadas às Artes e Humanidades. Essa relação de publicações por área indica também uma dispersão importante, mas estas se concentram de fato dentro de áreas que estão correlatas à Comunicação e Informação. Porém, esta distribuição pode também se dever a fatores de indexação, que às vezes acabam situando publicações inter e/ou multidisciplinares em áreas disciplinares mais especializadas que a realidade dos trabalhos desenvolvidos.

Gráfico 6 – Número de publicações por área

Fonte: A autora.

3.7.7 Análises dos artigos mais citados: o que eles têm a dizer?

O artigo de Thelwall e Buckley (2013) foi o mais referenciado da base, possuindo 232 citações. A pesquisa aborda basicamente a análise de sentimentos na ‘web social’, mostrando categorias de análise importantes para o Jornalismo de Dados, e que os autores acreditam serem importantes para a análise de sentimentos nas mídias sociais, mas, não somente para minerar e trabalhar com grandes quantidades de dados, neste caso, dados textuais, mas para interpretar os textos de comentários e postagens de modo que seja possível mensurar o que as pessoas estão sentindo, identificando se uma frase foi escrita de maneira sarcástica, humorística, triste, feliz ou neutra. Os autores analisam a manifestação da opinião pública no *Twitter*, destacando a união entre textos e algoritmos, que gera a possibilidade da análise de sentimentos e de produzir novos conhecimentos sobre comportamentos humanos, e predileções sobre determinados assuntos ou produtos.

Com 40 citações, o artigo de Diakopoulos (2015) analisa a influência de algoritmos na vida cotidiana e na adaptação dos jornalistas mediante as possibilidades oferecidas por estes mecanismos, modificando seus sistemas tradicionais de vigilância e de atenção para esta nova fonte de poder na sociedade. No artigo, o autor estuda a questão de como os algoritmos exercem seu poder, e afirma que estes mesmos são dignos de escrutínio por jornalistas computacionais,

explorando abordagens como transparência e engenharia reversa. Diakopoulos (2015) analisa empiricamente cinco estudos de caso de investigações jornalísticas de algoritmos e descreve os desafios e as oportunidades que estes estudos ilustram para fazer contas algorítmicas, incluindo a identificação de algoritmos notáveis, amostragem, relacionamentos desses algoritmos para estudar correlações e, finalmente, encontrar uma história. O autor aborda em profundidade o Jornalismo Computacional, que é descrito por ele como a aplicação da computação e tecnologia visando possibilitar ao Jornalismo desenvolver uma série de tarefas de informação, como coleta de dados, organização, análise matemática etc.

Citado 23 vezes, o artigo de Gynnild (2013) aborda os impactos da Computação no Jornalismo, no que denomina “Exploração Computacional em Jornalismo”, a qual envolve o desenvolvimento multifacetado de algoritmos, de dados e de métodos das Ciências Sociais em relatórios e na narração jornalística, e aponta que quando se fala de dados é importante também se certificar de sua validade, por isso, são preferíveis dados primários. A autora desenvolve seu trabalho destacando que é a inovação jornalística que levará ao Jornalismo inovador, e salienta também a grande quantidade de dados on-line e os desafios em “atravessá-los”, produzindo um Jornalismo mais transparente e democrático, e, nesse sentido, a autora trabalha também com os conceitos de Jornalismo de Prestação de Contas, de Jornalismo de Precisão, de Jornalismo Computacional e Reportagem Assistida por Computador (RAC). Gynnild (2013) relata que um dos grandes desafios é a abertura das organizações da grande mídia à inovação e às habilidades de colocar em prática boas ideias e uma mentalidade direcionada à inovação.

Referenciado 19 vezes, o artigo de Coddington (2015) compara a Reportagem Assistida por Computador (RAC), o Jornalismo de Dados e o Jornalismo Computacional evidenciando pontos convergentes e divergentes entre estes campos, e reforça que não são sinônimos, tendo como foco o caráter de análise quantitativa que deriva do Jornalismo Investigativo, orientação de raízes democráticas e divulgação de dados de governos e do movimento de código aberto, unindo jornalistas e programadores. O autor salienta que o Jornalismo tem sido historicamente construído em torno de texto e imagem, mas, muitas vezes, o papel dos números, principalmente no Jornalismo estadunidense, foi minimizado, o que poderia ser atribuído à dificuldade dos profissionais de apresentarem e trabalharem com números. Dentre as três tipologias abordadas, Coddington (2015) pontua que o Jornalismo de Dados é o que mais tem foco nos números e na transparência, e mais proximidade com o Jornalismo Investigativo.

Com 18 citações contabilizadas na base, o artigo de Fink e Anderson (2014) mostra uma análise sobre o que representa na prática o Jornalismo de Dados para jornalistas e organizações, a fim de compreenderem melhor como se deu o surgimento desse fenômeno. Os autores avaliam

que, inclusive, pode-se encontrar mais Jornalismo de Dados na prática do que na teoria. Fink e Anderson (2014) fazem também uma contextualização e uma revisão das produções científicas que abrangeram a temática nos Estados Unidos e também em alguns outros países, apontando o subcampo como emergente e expondo as dificuldades de se conceituar o Jornalismo de Dados. Por meio de pesquisa empírica com a realização de entrevistas, os autores buscaram promover a reflexão dos jornalistas (de jornais de pequena e grande circulação) cuja atuação está ligada ao Jornalismo de Dados, a fim de avaliar como eles entendiam as suas práticas, o perfil dos profissionais, atuação, editoriais, rotinas de produção, influência de valores pessoais, critérios de publicação, a busca por cliques em reportagens etc. Dentre os maiores desafios encontrados pelos pesquisadores à realização de reportagens aplicando o Jornalismo de Dados estão: falta de tempo, falta de ferramentas tecnológicas, falta de mão de obra qualificada e falta de recursos legais.

Registrando 14 citações na base Scopus, o artigo de Parasie (2015) trata do crescente número de repórteres se apropriando de bases de dados e desvendando formas de utilizar os algoritmos como meio de investigação. A autora destaca o surgimento do Jornalismo de Dados tanto nos Estados Unidos como na Europa, e que com isso um número crescente de jornalistas e programadores veem as ferramentas de processamento de dados como meios apropriados para descobrir irregularidades, desigualdades sociais ou questões ambientais, por exemplo. Parasie (2015) afirma que, apesar de os artefatos tecnológicos de processamentos de dados estarem se tornando os componentes mais importante do novo ambiente das redações, para os jornalistas, os bancos de dados e algoritmos não funcionam como “caixas pretas”, não fornecem resultados inquestionáveis, por isso, é necessário examinar o material e justificar o resultado da análise, e, nesse sentido, a autora salienta que os dados não têm valor jornalístico por si sós. Parasie (2015) relata um experimento feito com jornalistas investigativos, em um trabalho desenvolvendo um banco de dados, e analisa os desafios enfrentados, as tensões e vieses encontrados, bem como o próprio trabalho com os dados, de aprender a deixar os dados falarem, formulando hipóteses e passando a enxergar o Jornalismo sob influência das novas tecnologias, e, em especial, o caso do Jornalismo Investigativo.

Também citado 14 vezes, o artigo de Bakker (2014) discorre sobre as mudanças no papel do jornalista com as novas tecnologias e sobre as funções assumidas por este profissional, cada vez mais um curador de informação ao invés de produtor de notícias, um profissional atento às mídias sociais e que dá voz a diferentes grupos. O autor observa também que, atualmente, há muitos jornalistas que não mais trabalham ligados a uma empresa de mídia, mas atuam de forma autônoma. As observações de Bakker (2014) são resultado de pesquisa feita com base na análise

de 95 descrições de cargos que foram publicadas on-line pelas empresas de mídia holandesas, com foco nas habilidades e conhecimentos, e na mudança do papel do jornalista. A pergunta da pesquisa abordou o que as empresas de mídia esperam dos jornalistas que se candidatam às suas vagas de emprego, quais tarefas esperam que executem, e quais conhecimento e habilidades devem possuir (?). Estas exigências de mercado foram divididas entre: (1) habilidades técnicas e multimídia; (2) tarefas comunitárias e sociais; (3) habilidades relacionadas à produção de conteúdo; e (4) habilidades comerciais e de Jornalismo Empresarial. Além disso, Bakker (2014) levanta as consequências que isso poderia ter para a educação jornalística, visto que o mercado está exigindo mais competências dos jornalistas para lidarem com o mundo tecnológico e com a grande quantidade de dados disponíveis on-line. Segundo o autor, outra competência-chave que se exige dos comunicadores é a capacidade de estimular o engajamento das comunidades de usuários da internet, e, por isso, os graduandos devem ser ensinados a utilizar as mídias sociais e as suas potencialidades de maneira profissionalmente eficaz e competente. Quanto aos resultados da pesquisa, Bakker (2014) identificou que os empregadores buscavam também por criatividade, boa escrita de texto, saber produzir entrevistas, capacidade de pesquisa e “*feeling*” para a linguagem e a narrativa jornalísticas, bem como conhecimentos técnicos e habilidades multimídia, e, em alguns casos, espírito empreendedor. A pesquisa evidenciou também que o Jornalismo à maneira tradicional não está desaparecendo, ao contrário, este está se combinando às tarefas derivadas dos novos papéis jornalísticos, como: colher informações de outras fontes, o Jornalismo de Dados, as mídias sociais (nas discussões de publicação ou na moderação) etc. Uma das conclusões é que confiar o trabalho de produção a estagiários é uma tendência, e mais, que o Jornalismo profissional tem se tornado cada vez mais um trabalho técnico, e que atingir as qualificações técnicas exigidas pelos novos empregados, a diversidade e a profundidade das habilidades solicitadas é um desafio, e é muito difícil para qualquer jornalista atender a tantas exigências, mas para as escolas de Jornalismo é bem mais fácil ensinar todas essas habilidades em profundidade. Os cursos básicos de Jornalismo Digital com foco em mídias sociais já fazem parte do currículo atual, e a questão permanente, no entanto, é: o que “básico” significa (?); e ter “conhecimento” de software, plataformas e técnicas não implica que os estudantes não necessitem também de habilidades operacionais. Os resultados da pesquisa indicaram que as habilidades básicas vão além dos *blogs* e do domínio da mídia social. A questão mais importante seria integrar essas habilidades em todos os cursos e ainda desenvolver cursos mais avançados (edição, Jornalismo de Dados, programação, *design*) para os estudantes que desejam se tornar especialistas nessas áreas específicas. Para Bakker (2014), uma pergunta que deve continuar

direcionando o jornalista é ‘o que a sociedade espera dele (?)’, mesmo com tantas exigências da profissão em pleno século XXI e das limitações do profissional.

Com 13 citações, o artigo de Appelgren e Nygren (2014) discorre sobre o Jornalismo de Dados na Suécia, apontando-o como uma forma evolutiva de outras formas, dentre as quais: o Jornalismo Investigativo, a Reportagem Assistida por Computador, o Jornalismo de Precisão, Jornalismo Computacional e Jornalismo de Banco de Dados. Conforme definição apresentada pelos autores, o Jornalismo de Dados é atualmente uma forma emergente de contar histórias, em que os tradicionais métodos de trabalho jornalístico são misturados com análise de dados, programação e visualização, e esses dados vêm geralmente de bases públicas ou são coletados com ajuda do público (*crowdsourcing*), além disso, o acesso a dados abertos e o envolvimento de ativistas são fatores cruciais para o desenvolvimento do Jornalismo de Dados em muitos países. Os autores salientam que, na Suécia, o Jornalismo de Dados é ainda pouco difundido e explicam que o objetivo no artigo é propor uma visão geral do desenvolvimento do Jornalismo de Dados em sete veículos de mídia tradicionais suecas, utilizando métodos de pesquisa-ação a partir de entrevistas em profundidade com editores das empresas participantes, focando em sua experiência com Jornalismo de Dados – se conheciam o campo, como o enxergavam na prática, dificuldades encontradas –, e, ainda, paralelamente, analisaram o desenvolvimento do projeto *Datajournalistik*, que visa conscientizar e aumentar o conhecimento sobre Jornalismo de Dados nas empresas participantes, com o objetivo de que o conhecimento seja disseminado para outros jornalistas e desenvolvedores além das organizações do recorte. Os resultados indicaram que, com base em como esse campo é atualmente percebido por jornalistas, existe uma definição comum de Jornalismo de Dados.

Além disso, a pesquisa mostrou que as atitudes em relação ao Jornalismo de Dados no processo de introdução de novos métodos e de novos gêneros de Jornalismo em organizações “antigas” estão correlacionadas ao nível de experiência nos métodos de trabalho do Jornalismo de Dados. Appelgren e Nygren (2014) apontam como desafios enfrentados atualmente pelos métodos de trabalho do Jornalismo de Dados a falta de tempo e a necessidade de treinamento e desenvolvimento de habilidades exigidas no subcampo. Os resultados do trabalho apontam que uma grande parte dos entrevistados pareceu não estar familiarizado com o conceito antes de se completar a pesquisa, e, inclusive, tinham dificuldade em imaginar como fazer Jornalismo de Dados para além do Jornalismo em geral. Diferentemente, os resultados das entrevistas com jornalistas mais experientes em Jornalismo de Dados apontaram um crescente interesse no subcampo e desafios atuais nas salas de redação. Alguns destes entrevistados destacaram a necessidade de treinamento, e outros mencionaram como desafios o tempo de produção das

redações e a dificuldade para limpar e analisar dados brutos, e depois os contextualizar. Em suma, na Suécia, há indícios de que o Jornalismo de Dados é tratado como uma tendência por entrevistados nas empresas de mídia de dados, embora os resultados do estudo indiquem que o Jornalismo de Dados em si não é novo para os jornalistas, nem o interesse por este, assim como também a experiência entre jornalistas suecos, que está crescendo, e também que uso de novas abordagens para trabalhar com dados têm sido cada vez mais comuns. Da mesma maneira, jornalistas experientes concordam que nem todos os jornalistas estão aptos a trabalhar com o Jornalismo de Dados, tendo em vista as competências necessárias para tratar os dados utilizando conhecimentos específicos, advindos inclusive da matemática e estatística. Outra importante que os autores perceberam é que o *crowdsourcing* é um método comum a todos os editores entrevistados, e, portanto, que graças à interação com o público tem sido possível impulsionar o Jornalismo de Dados.

Com 12 citações, o artigo de Salaverría (2015) resume seu trabalho como um estudo que analisa as características, atividades e resultados dos laboratórios de dados promovidos nos últimos anos por certas empresas internacionais de notícias. Trata-se de um estudo comparativo entre 31 laboratórios, realizado com base na informação corporativa de seus *sites* e suas contas no *Twitter*. A análise identificou o protótipo, a estrutura, as tarefas, as operações e os resultados dos laboratórios divulgados pelas mídias a partir de janeiro de 2015. A pesquisa identificou quatro modelos principais: (1) laboratórios que desenvolvem aplicações e tecnologias digitais; (2) laboratórios que exploram notícias de multimídia e formatos de Jornalismo de Dados; (3) laboratórios que promovem projetos comerciais e *startups*; e, por fim, (4) laboratórios focados no treinamento profissional e programas de alfabetização midiática. O autor destaca que a crise na mídia e complicações empurraram um crescente número de empresas de jornal a buscar fórmulas inovadoras, a fim de descobrir oportunidades para o futuro. Dentre essas estratégias recentes está a criação dos *labs*, *medialabs* ou laboratórios de mídia, departamentos dedicados à pesquisa, experimentação, desenvolvimento e implementação de inovações tecnológicas, e de editoriais em suas organizações, compostos na sua maioria por profissionais abertos ao mundo tecnológico, dentre os quais, engenheiros da computação e desenvolvedores de aplicativos, especialmente trabalhando com bancos de dados e redes. Após apresentar uma contextualização histórica, o autor destaca a importância desses laboratórios, os quais, segundo ele, em si mesmos constituem inovação de processos e promovem mudanças no modelo produtivo tradicional da mídia, porque estes apresentam uma nova divisão operacional nas empresas, responsável pela descoberta de novos modos e modelos de trabalho, e que têm também a tarefa de exploração interna de inovações em produtos e serviços jornalísticos. Enfim, Salaverría (2015) conclui ser

oportuno estudar os laboratórios como novos catalisadores para os processos de inovação da mídia e suas formas de trabalho.

Com artigo citado 9 vezes, De Maeyer *et al.* (2015) abordam o surgimento e atenção das redações de todo o mundo para o Jornalismo de Dados, colocando que os meios de comunicação de elite, as instituições de educação de Jornalismo e outros grupos de interesse participam do surgimento e evolução do Jornalismo de Dados. De Maeyer *et al.* (2015) analisam a ascensão do Jornalismo de Dados na parte francesa da Bélgica e argumentam que este pode ser entendido como uma prática sócio discursiva, e, nesse sentido, não trata apenas da produção de conteúdos jornalísticos orientados por dados, ação que molda a noção geral de Jornalismo de dados, mas também os esforços discursivos dos atores envolvidos, dentro e fora das salas de redação. Um conjunto de *surveys* permitiu que os autores examinassem o fenômeno, estabelecendo primeiro uma cartografia sobre Jornalismo de Dados. Um exame mais aprofundado das definições de Jornalismo de Dados revelaram uma polifonia acentuada, que é particularmente polarizada em torno da dualidade do próprio termo, dividido entre um foco nos dados e um foco no Jornalismo, e dividido entre as noções coexistentes de Jornalismo de Dados, um “ordinário” e o outro mais “completo”, enumerando também obstáculos percebidos, os quais estão ligados principalmente a traços amplos que dão forma às notícias contemporâneas, sobre o seu fazer e o porquê destas serem como são, e sobre questões relativas ao Jornalismo de Dados concretamente.

Este estudo de De Maeyer *et al.* (2015) possibilitou investigar práticas consideradas de Jornalismo de Dados nas redações e também a abertura do olhar dos profissionais para o mundo tecnológico. Referenciando diversos autores para dialogar sobre as competências necessárias para trabalhar com Jornalismo de Dados, De Maeyer *et al.* (2015) destacam que as habilidades necessárias para produzir Jornalismo de Dados são particularmente cruciais, especialmente em relação à necessidade de se dominar as habilidades na intersecção entre jornalismo e tecnologia, e que não existe um jornalista de dados – ou seja, uma pessoa com um domínio completo das habilidades jornalísticas e técnicas –, e sim um conjunto convergente de *insights* que permite aos trabalhadores de notícias participarem em cooperação com atores profissionais de mundos distintos. Os autores ainda reforçam o poder por trás dos dados e também na atenção de escolas belgas destinadas à formação específica neste campo. Do ponto de vista discursivo, os autores apresentam uma abordagem da noção de Jornalismo de Dados não como uma tecnologia que precisa ser adotada, ou como uma prática já adotada, mas, antes, como algo materialmente e discursivamente existente no relacionamento fundamental nas redações, fora das organizações de notícias, e mesmo em contextos nacionais. Por meio de entrevistas estratégicas com

profissionais e com pessoas ligadas ao Jornalismo, os autores identificaram como o Jornalismo de Dados é apropriado pelas redações, dificuldades enfrentadas, questões sobre formação e os profissionais que são considerados referências no campo. A própria noção de Jornalismo de Dados apareceu com uma gama de significados pelos entrevistados, e apesar de existirem temas correlatos, não há consenso sobre questões fundamentais quanto à definição do fenômeno.

As definições decorrem sempre de exemplos, experiências e discursos de segunda mão, aprovações prontas e às vezes reinterpretadas. Segundo os autores, variações na percepção do Jornalismo de Dados parecem não estar relacionadas ao fato de se o entrevistado é jornalista, gerente ou treinador, mas o quão perto eles chegaram da prática do Jornalismo de Dados. Os entrevistados destacam a importância dos computadores e das tecnologias que impulsionaram as possibilidades de utilização dos dados. O estudo permite ainda, com base nas entrevistas, diferenciar o Jornalismo de Dados em dois: o “jornalismo de dados ordinário” e o “jornalismo de dados completo”, caracterizados por traços contrastantes: o primeiro é controlável por um indivíduo, pode ser feito em uma base diária, e pode ser incluído nas rotinas já existentes de organizações de notícias, caso os jornalistas dominem ferramentas específicas; já o segundo é eminentemente coletivo e exige a mobilização de uma gama de habilidades disciplinares (tais como: Jornalismo, Ciência da Computação, Estatística, Design Gráfico), requer mais tempo, dedicação e preocupação com a apresentação das informações (visualização dos dados) – e se reforça que os profissionais desse segundo tipo desqualificam o que produz o “jornalismo de dados ordinário”.

Com 9 citações, Hullman *et al.* (2015) também destacam a ascensão do Jornalismo de Dados e direcionam sua pesquisa aos dados públicos da *web* formados por comentários de usuários em um determinado *blog* noticioso, sugerindo como objetos de análise o *feedback* social dos comentários no processo de *design* e a motivação de comentários mais sofisticados. A partir da realização de análise qualitativa de 1.100 comentários codificados manualmente nas postagens, os resultados forneceram evidências de várias formas de visualização, baseada no *sensemaking*, sentidos e observações colaborativas em torno do conteúdo e dados visualizados. O artigo está centrado na análise visual colaborativa via comentários em um cenário naturalista de Jornalismo de Dados, em que são encontradas observações ricas e que descrevem como os comentaristas direcionam sua atenção para assuntos de conteúdo, mas com mais frequência no contexto. O artigo contribui com uma nova codificação para diferenciar o conteúdo *versus* o contexto e comentários críticos *versus* não-críticos ao estudar a apresentações de dados. Os resultados motivam novos usuários a comentarem como *feedback* social potencialmente útil no processo de *design* e também a sugerirem novos recursos para as plataformas.

3.8 Considerações sobre a revisão internacional

As análises quantitativas dos 93 artigos encontrados e a análise qualitativa dos 11 artigos mais citados na base Scopus indicam que os estudos internacionais sobre Jornalismo de Dados estão direcionados a pesquisas empíricas, e que não há preocupação explícita em formular uma definição de Jornalismo de Dados, mas em promover reflexões sobre a incorporação de novas tecnologias, práticas produtivas, a inserção do Jornalismo de Dados nas empresas jornalísticas, a utilização de bases de dados e de grande quantidade de dados públicos, além de identificarem conceitos e práticas reconhecidos pelos profissionais como da ordem do Jornalismo de Dados.

Assim como em nível nacional, não se encontrou um grupo de pesquisadores articulados deliberadamente em torno da produção científica sobre Jornalismo de Dados em outros países, mas apenas alguns que estão produzindo em maior nível e de maneira dispersa. Em relação às instituições, estas apareceram também de forma dispersa, não sendo possível identificar apenas pela análise das Universidades encontradas se existem núcleos de excelência específicos.

O grande número de produções relacionadas ao Jornalismo de Dados nos últimos cinco anos indica que a temática tem chamado cada vez mais a atenção, e que a diversidade de temas abordados nos artigos sobre a temática pode indicar que se trata de um campo emergente, em desenvolvimento e com muito potencial para a pesquisa e aplicação prática.

4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para responder à pergunta norteadora deste trabalho sobre ‘como o Jornalismo de Dados tem sido incorporado aos currículos de Jornalismo, mediante quais práticas e tendo em vista as novas diretrizes curriculares nacionais para o Bacharelado em Jornalismo (?), foi utilizada como metodologia a pesquisa qualitativa. Conforme Minayo (2001, p. 22) “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. A escolha desta metodologia se justifica porque, por exemplo, houve a necessidade de analisar currículos em profundidade, compará-los, compreendê-los e explicá-los, além de entrevistas e questionários, o que a pesquisa quantitativa não daria conta. O caráter documental apareceu também na análise dos currículos dos cursos e ementas das disciplinas de Jornalismo de Dados, aqui encarados como documentos. Para Cellard (2008), documento é um texto escrito, neste caso, PPCs e matrizes curriculares dos cursos, que são ou devem ser documentos públicos, no caso, disponibilizados pelas escolas de Jornalismo, e que, na análise, serão ordenados, sendo avaliados os contextos em que foram criados, peculiaridades da organização e motivações para sua elaboração da forma como foram elaborados, visto que, conforme as diretrizes, as instituições teriam maior autonomia para planejá-los.

Martins e Theóphilo (2009) destacam que um estudo pode ser feito com o uso exclusivo da pesquisa documental, nesse sentido, a pesquisa documental pode ser uma fonte de dados e também informação auxiliar, favorecendo maior compreensão do material e também servindo para corroborar com outras evidências. Por meio de uma pesquisa comparativa seria possível, por exemplo, identificar similaridades e relações distintas entre os documentos, neste caso, os PPCs.

Como estratégia metodológica de coleta de dados, escolheu-se também a aplicação de questionário via formulários enviados para o e-mail dos (as) coordenadores(as) dos cursos de Jornalismo selecionados no recorte da pesquisa, por se acreditar que ninguém melhor que os coordenadores para falarem sobre os PPCs vigentes, bem como sobre a rotina acadêmica e demandas dos cursos, docentes em atuação e disciplinas que compõe a formação. O formulário serviu para ordenar os pontos importantes da análise e posteriormente comparar as opiniões dos coordenadores. Para Marconi e Lakatos (2003), o questionário funciona como um instrumento para coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema, e será utilizado neste trabalho basicamente com os seguintes objetivos: para a averiguação das opiniões dos coordenadores em relação aos currículos, determinar as opiniões dos

coordenadores sobre a formação em Jornalismo de Dados e para descobrir planos de ação voltados ao Jornalismo de Dados. A partir desta metodologia, foi possível investigar de que maneira as instituições estão incorporando (ou não) a formação em Jornalismo em Dados, e para configurar uma imagem do que é esse subcampo em relação ao campo do Jornalismo e como este vem sendo absorvido pelos cursos de bacharelado em Jornalismo, buscando inclusive identificar práticas pelas quais as instituições lidam com isso, tais como: criando disciplinas eletivas, criando cursos de pós-graduação. O resultado final deste trabalho serviu para vislumbrar a incorporação do Jornalismo de Dados na formação do pesquisador, o posicionamento dos coordenadores quanto a este campo emergente, desafios e perspectivas para o desenvolvimento de novas pesquisas e/ou disciplinas relacionadas e/ou práticas do Jornalismo de Dados.

No recorte desta pesquisa, foram selecionados cursos de Bacharelado em Jornalismo, gratuitos, presenciais e em atividade, tomando como referência aquelas Instituições de Ensino Superior (IES) federais e estaduais que sinalizaram ter incorporado as novas DCN. A saber, em junho de 2018, totalizavam 44 (IES) conforme o e-MEC, e, destas, 30 disponibilizam o PPC on-line, ainda que em alguns casos este se encontre desatualizado, e 8 ofertam ou planejam a oferta da disciplina de Jornalismo de Dados. Aqui, cabe crítica inclusive à organização dos sites das Universidades públicas, em sua maioria são de difícil acesso, com informações desordenadas, desatualizadas ou ainda ausentes, o que representou o primeiro obstáculo para o desenvolvimento da pesquisa e exigiu esforços na obtenção dos PPCs. Após tentativas de contato via e-mail, mais duas Faculdades encaminharam o Projeto Pedagógico de Curso.

Como estratégia de análise, foram criadas categorias para análise, a fim de direcionar a resposta ao problema de pesquisa. Desse modo, primeiramente, foram identificadas as Escolas de Jornalismo que sinalizaram ofertar explicitamente uma disciplina de Jornalismo de Dados, bem como sua ementa, horas/aulas, período em que a disciplina é ofertada, se há pré, co ou pós requisitos e práticas relacionadas. Na sequência, se procurou identificar entre as Universidades que não ofertam explicitamente Jornalismo de Dados, disciplinas que contemplassem práticas de Jornalismo de Dados, incluindo: análise matemática (e/ou estatística), visualização (design gráfico), mídias digitais e por fim, seguindo o mesmo critério, se procurou identificar a presença do Jornalismo de Dados dentro de especialidades ou mesmo disciplinas clássicas do Jornalismo.

Após a análise dos 32 PPCs e ementas, foram enviados os formulários contendo um questionário (via *Google Forms*) para o e-mail dos coordenadores dos cursos, de modo a buscar identificar o Jornalismo de Dados na prática. Obter o retorno dos formulários também representou um novo desafio, que demandou contatos repetitivos via e-mail e também contatos

via telefone. Assim, em 40 dias, foram recebidas 9 respostas, correspondendo a 25% do total das IES analisadas. Os coordenadores foram questionados sobre sua compreensão a respeito do Jornalismo de Dados, da oferta da disciplina pelas Faculdades, da existência ou não de produtos resultantes das disciplinas, do Jornalismo de dados dentro de outras disciplinas ofertadas, da formação dos professores que lecionam a disciplina, do foco no digital para atender às Novas Diretrizes, da formação do jornalista diante das Novas Diretrizes, das práticas de Jornalismo de Dados e do interesse (ou não) em se incorporar o Jornalismo de Dados.

5 O JORNALISMO DE DADOS NOS PPCs E NA ANÁLISE DE COORDENADORES DE CURSO

A formação universitária em Jornalismo no Brasil é marcada por um processo histórico de transformações visando atender a adaptações e às mudanças nos processos comunicacionais e, em especial, mais recentemente, para atender à convergência digital. Como curso autônomo, o Bacharelado em Jornalismo, a partir das mais recentes diretrizes curriculares feitas pelo MEC, em conjunto com docentes experientes da área, propõe um repensar da prática jornalística, que visa à formação de profissionais mais críticos, o resgate ao interesse público e uma formação mais abrangente com foco no digital.

Nesse sentido, este trabalho averigua se o Jornalismo de Dados tem se estabelecido como disciplina, ou mesmo por meio de práticas correlacionadas durante a graduação, pois o domínio de conhecimentos deste campo emergente oferece maior autonomia ao jornalista, que não fica tão dependente de fontes, além de desenvolver a importante capacidade de analisar dados e construir reportagens mais embasadas, com narrativas permeadas de visualidades e, por isso, também, mais envolventes. Esta formação cumpre também com a capacitação técnica em algumas das características da atuação do jornalista na atualidade, como enquanto um curador da informação, que apura e verifica, dentre as tantas notícias divulgadas no meio digital, o que é ‘verdadeiro’ ou não, desmentindo atentados à democracia, boatos e demais conteúdos ‘viralizados’ nas mídias sociais (e na internet como um todo) sob a forma das chamadas *fake news*, prestando assim, um serviço de utilidade pública.

Neste contexto, não foi encontrada nenhuma pesquisa aprofundada sobre a emergência do Jornalismo de Dados no Ensino Superior de Jornalismo no Brasil, ou discussão válida, de proposta e método executáveis, sinalizando que o problema aqui proposto merece ser discutido; a lembrar: como os cursos de Bacharelado em Jornalismo estão incorporando a formação em Jornalismo em Dados (ou não) – nos seus currículos, e mediante quais práticas – e qual a relação deste processo com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais como norteadoras da formação do jornalista? Partindo destes questionamentos e adotando como estratégia metodológica inicial a análise qualitativa documental dos PPCs, procurou-se mapear presenças, ausências, práticas e estratégias metodológicas que contemplassem o subcampo – lembrando que, de acordo com a Portaria Normativa do MEC nº 40, de 12 de dezembro de 2007, republicada novamente em 20 de dezembro de 2010, é dever de cada instituição disponibilizar, para o conhecimento da comunidade acadêmica, o PPC de cada graduação, elaborado conforme orienta as DCN para

cada formação, e atualizado, além de outras informações e documentos que sejam de interesse desta mesma comunidade.

Nesse sentido, é necessário reforçar que o Jornalismo de Dados não foi uma exigência explícita das novas DCN do Bacharelado em Jornalismo (Resolução nº 1 de 27 de setembro de 2013), mas sim a atenção à convergência tecnológica. Contudo, segundo o Parecer CNE/CP nº 2/2009, as faculdades possuem autonomia didático-pedagógica em relação à distribuição das atividades discentes conforme sua própria organização nos termos de cada projeto pedagógico elaborado por elas, indicando características e disciplinas que sejam privilegiadas e/ou recebam maior atenção ou não.

Outra consideração em relação a esta análise dos PPCs, é que ao utilizar destes documentos parte-se da confiança de que a promessa dos conteúdos e abordagens acontecerá no desenrolar das disciplinas. Em relação à elaboração de cada PPC, não fica claro se de fato as concepções que norteiam os documentos resultam da experiência profissional dos docentes das Faculdades, até porque em alguns casos não aparecem os nomes daqueles que ficaram responsáveis pela organização do PPC, ou porque estes aparecem de modo genérico ou ainda, porque dá a entender que a elaboração dos documentos foi pensada especificamente para atender às DCN. Contudo, prever uma disciplina sem um professor com formação específica para ministrá-la na IES seria um tanto irresponsável ou muito otimista, visto que prejudicaria a aplicabilidade dos PPCs.

5.1 A disciplina Jornalismo de Dados nas faculdades de Jornalismo

A partir da análise dos PPCs, os quais foram elaborados tendo como referência as novas DCN do Bacharelado em Jornalismo, foi possível realizar as seguintes observações quanto à oferta explícita da disciplina de Jornalismo de Dados:

Quadro 7 – A disciplina Jornalismo de Dados nas faculdades de Jornalismo

IES	Disciplina	Pré-requisitos	Período	Carga Horária	Caráter
UFRN	Jornalismo de Dados	Laboratório de Linguagem Jornalística (1º nível)	Não consta	60h (30h teórica e 30h prática)	Optativa
UFPR	Jornalismo Investigativo e de Dados	Não consta	5º	60h	Obrigatória
UFSM	Jornalismo de Dados	Não consta	5º	60h (30h teórica e 30h prática)	Obrigatória
UFG	Jornalismo de Dados (está dentro de Jornalismo Especializado)	Não consta	Não consta	64h (32h teórica e 32h prática)	Optativa
UFSC	Jornalismo de Dados	Webdesign em Jornalismo	Não consta	72h	Optativa
UFPEL	Jornalismo de Dados	Não consta	Não consta	68h	Optativa
UEPB	Jornalismo em Base de Dados	Não consta	Não consta	60h (30h teórica e 30h prática)	Optativa
UNESP	Jornalismo de Dados: Lógicas e Algoritmos	Não consta	7º	60h (30h teórica e 30h prática)	Obrigatória
UNESP	Laboratório em Jornalismo de Dados	Jornalismo de Dados: Lógicas e Algoritmos	8º	60h (30h teórica e 30h prática)	Obrigatória

Fonte: A autora – com dados das Instituições (2018).

Abordando separadamente o que aparece na ementa de cada Faculdade, e começando aleatoriamente pela UFRN, em que a disciplina não consta no PPC, só aparece no currículo e

não possui programa da disciplina cadastrado, nem especificação do período em que é ofertada, e é optativa. Tem-se também que anteriormente a esta são ofertadas as disciplinas que preveem a análise de dados e por isso poderiam estar relacionadas, tais como: *Linguagem Jornalística* (obrigatória, 1º nível, 60h); *História e Legislação em Jornalismo* (obrigatória, 2º nível, 60h), que prevê análise de dados, levando em consideração diversos contextos; *Laboratório de Mídia Digital* (6º nível, obrigatória, 60h), que prevê análise e uso de bancos de dados, redes sociais e estudos sobre a convergência da mídia; e *Estatística em Comunicação Social* (optativa, 60h), ofertada pela Faculdade de Estatística e aberta aos estudantes de Jornalismo.

No, caso único pré-requisito é a disciplina de “Linguagem Jornalística”, ofertada no 1º período, o que indica haver uma preocupação mínima no sentido de que o estudante conheça e domine conhecimentos básicos sobre rotina e texto jornalístico, mas ainda assim, deixa uma lacuna, considerando os saberes relativos ao Jornalismo de Dados; pois este envolve ainda – conforme Bradshaw (2011) – certas técnicas de: compilar, limpar, contextualizar, combinar e comunicar os dados, e que foram aqui abordadas no tópico de título *O caminho percorrido até o Jornalismo de Dados*.

Mesmo sem um programa completo da disciplina, as informações disponíveis no PPC explicitam que o Jornalismo de Dados será trabalhado como uma estratégia de metodologia a orientar sobre a “elaboração de narrativas a partir da coleta, tradução e análise dos dados”, incluindo documentos disponíveis em plataforma digital ou em banco de dados; e a repassar aos alunos as principais ferramentas utilizadas na coleta de dados e/ou montagem de narrativas, e também legislação que assegura o acesso às informações de órgãos públicos; mas ainda assim não há detalhes sobre aprofundamento no tema, e não se sugere qualquer relação entre cidadania e Jornalismo de Dados.

Quanto ao digital, o PPC da UFRN preconiza que o curso de Jornalismo deve ser sustentado na racionalidade frente às tecnologias de convergência digital, mas que apesar desse universo múltiplo, o fim esperado é que os alunos aprendam e se desenvolvam como seres humanos. O PPC prevê ainda que os formandos sejam capazes de desenvolver estratégias de produção de “materiais comunicativos, bases de dados, formatos audiovisuais e redes para a intercomunicação, tomando em conta principalmente as características comunicativas dos potenciais usuários-educandos” (p. 18).

Na UFPR, a disciplina de *Jornalismo Investigativo e de Dados* é obrigatória e ofertada no 5º período, mas sem pré-requisitos. Em contrapartida, anteriormente à disciplina é ofertada a matéria de *Redação Jornalística III* (obrigatória, 3º período, 60h), que, na ementa, sugere abordar análise de dados em Jornalismo. Quanto à disciplina de *Jornalismo Investigativo e de*

Dados, a ementa o coloca como um formato jornalístico e a abordagem abrange: tratamento estatístico de informação, transmídia, linguagem de Jornalismo Digital, hackerismo, Jornalismo colaborativo e curadoria de dados. Aqui, além de ausência de uma abordagem cidadã, percebe-se também a falta da visualização de dados em Jornalismo, que deveria estar incorporada como parte do Jornalismo de Dados.

O PPC da UFPR indica estimular e respeitar a especificidade jornalística sem diluí-la profissionalmente no grande campo da Comunicação e salienta a questão da convergência e das novas tecnologias, sugerindo como alternativa superá-las, sobretudo, com o modelo de jornal laboratório. O PPC também coloca como desafio a necessidade de preparar o aluno para uma profissão permanentemente em transformação. No documento, a Faculdade de Jornalismo da UFPR reconhece que nem todos os requisitos das diretrizes foram atendidos, principalmente no que tange à produção laboratorial, e justifica considerar relevante que, antes de ir ao laboratório, o aluno deva estar formado teoricamente, por isso, a prática laboratorial começa no mínimo no 2º semestre.

Na UFSM, uma das ementas mais completas encontradas para análise e também mais abrangente, a disciplina de *Jornalismo de Dados* é obrigatória e ofertada assim como na UFPR, no 5º período e sem pré-requisitos; entretanto, apesar de não possuir pré-requisitos, é ofertada anteriormente a disciplina obrigatória em *Planejamento Gráfico* (no 3º período), a qual estaria relacionada aos componentes do Jornalismo de Dados.

A abordagem proposta para o Jornalismo de Dados, conforme programa da disciplina é a de: Planificar e produzir em Base de Dados (BDs), para a estruturação, a organização e a apresentação das informações jornalísticas; distinguir em profundidade suas características e os desafios da produção jornalística a partir da inclusão do Jornalismo em Base de Dados nas rotinas produtivas; conhecer as ferramentas de pesquisa em bases de dados para a criação, a raspagem e a visualização de dados; identificar e reconhecer as principais diferenças entre a Pirâmide clássica da notícia e a Pirâmide do Jornalismo de Dados de Paul Bradshaw (2011); consultar bancos de dados e planilhas; e, por fim, praticar filtragem de informações em grandes quantidades de dados.

Conforme ementa, a metodologia da disciplina está dividida em quatro unidades, sendo que, na primeira, seriam trabalhados conceitos, funções, peculiaridades e a aplicabilidade do Jornalismo de Dados; na segunda, técnicas para trabalhar com planilhas e extrair dados; na terceira, as pirâmides do Jornalismo com foco em narrativa; e, na quarta, a representação visual dos dados com foco na humanização das informações. Quando se trata do digital, o documento

prevê o desenvolvimento de habilidades específicas para o uso de tecnologias de comunicação e informação, especificamente na adequação às linguagens de cada mídia e na convergência.

Na UFG, a disciplina é optativa, não consta período em que será ofertada e nem pré-requisitos, mas, relacionada na grade, está a matéria do 4º período *Planejamento Gráfico e Editorial* (obrigatória, 64h), que aborda produção e concepção de projetos gráficos, bem como elementos de expressão e reprodução, sugerindo nesse caso, orientar e preparar para atender um dos componentes do Jornalismo de Dados que é a visualização. Na UFG, a disciplina optativa de *Jornalismo de Dados* já foi ofertada no 2º semestre de 2014 e como disciplina de inverno em 2017, conforme proposta apresentada por professores da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC/UFG).

Na ementa, está explicitada a preocupação de que criar e acessar bases de dados constitui uma das inovações que as novas tecnologias da comunicação e da informação e que hoje há uma área específica denominada Jornalismo de Dados para suprir essa demanda, portanto, é necessário capacitar o discente para buscar, organizar e contextualizar dados disponíveis na internet, a fim de inseri-lo em um mercado de trabalho cada vez mais dependente da tecnologia.

A abordagem da disciplina inclui: Políticas informacionais e as suas contradições na contemporaneidade; Jornalismo investigativo; Fontes de informação na *web*; Extração e tratamento de dados abertos; transparência e Lei de Acesso à Informação; Visualização da informação; Produção textual de interesse social, público e político. A metodologia se dá a partir de aulas expositivas em laboratório, mostrando teoria e prática dos conceitos abordados e exercícios em sala, além de um projeto final de conclusão da disciplina em duplas, que vem como elemento articulador de todo o conteúdo do curso.

Na UFSC, a disciplina de *Jornalismo de Dados* é optativa e tem como pré-requisito a de *Webdesign em Jornalismo* (4º período), que tem como pré-requisito *Laboratório de Produção Gráfica* (3º período), que tem como pré-requisito *Produção Gráfica em Jornalismo* (2º período), que tem por foco a visualização de dados e o planejamento gráfico. As disciplinas *Apuração, Redação e Edição II* (obrigatórias no 2º período) e *Edição IV* (obrigatória na 4ª fase) também abordam temáticas relacionadas ao Jornalismo de Dados.

A ementa da disciplina não está disponível, e o que se tem no PPC também é bastante superficial, apenas deixa explícito que devem ser abordadas “teoria e técnicas de pesquisa em Jornalismo de dados”, mas não é possível identificar como a Faculdade de Jornalismo da UFSC entende o Jornalismo de Dados, o que fica sugerido é pela bibliografia básica que traz as obras: *Manual de Jornalismo de Dados*, *Jornalismo na Era do Big Data* e *Infografia 2.0*, as quais dão pistas sobre quais temáticas relacionadas ao subcampo serão abordadas.

O PPC da UFSC deixa clara a preocupação com a mutação cultural e tecnológica e o papel da universidade no chamado “jornalismo que está por vir”, destacando inclusive que no atual momento, é necessário ter como norte “o jornalismo digital, a convergência multimídia e as novas formas de circulação da informação na sociedade, como as redes sociais, que estão redefinindo o papel do jornalismo” (2015, p. 26). Nesse sentido, em consonância com as DCN, o PPC deixa clara a necessidade de superação que tem o impresso como centro, sem abandonar o que é imprescindível à profissão e o que tem dado certo, pois as ferramentas tecnológicas são um meio e não um fim em si.

Na UFPEL, a disciplina *Jornalismo de Dados* é optativa, e não constam pré-requisitos e nem o período de oferta. Em contrapartida, entre as disciplinas relacionadas no documento, no 5º semestre, há a oferta em caráter obrigatório da disciplina de *Projeto Gráfico* (68h), que aborda de maneira abrangente design em Jornalismo, planejamento gráfico e projetos editoriais. Sobre a disciplina de *Jornalismo de Dados*, a ementa disponível destaca que o foco está em teoria e prática: “Compreender o uso de dados para finalidades jornalísticas e aprender a utilizar diferentes bases de dados e ferramentas de análise para busca de pautas e análise de fatos noticiosos” (UFPEL, 2015, p. 167).

O programa de curso inclui: discutir o uso de dados públicos como fonte de pautas e complementação de matérias jornalísticas, aprender coleta e análise de dados para Jornalismo, e compreender a criação de modos de visualização destes dados. Prevê ainda experimentações com dados *open access*, a exploração de *crawling* e de outras formas de mineração de dados públicos, discussão sobre LAI e transparência dos dados, técnicas para limpar bases de dados, métodos de análise, uso de ferramentas na nuvem e construção de visualização por meio de softwares disponíveis gratuitamente. Apesar de bem completa aparentemente, não fica clara a preocupação com a narrativa e a socialização prática dos resultados. Nota-se, no PPC, destaque às transformações no Jornalismo em decorrência das tecnologias da informação e comunicação, bem como mudanças no papel social do Jornalismo, agora, enquanto “espaço de interlocução social, de fortalecimento de experiências e práticas de democracia participativa, cuja natureza é essencialmente discursiva” (p. 35).

Na UEPB a disciplina também é optativa, sem pré-requisitos e sem período estabelecido para sua oferta. Dentre as disciplinas que sugerem práticas de Jornalismo de dados, tem-se: no 5º período, a oferta em caráter obrigatório da disciplina de *Projeto Gráfico* (68h), contemplando a visualização de dados. E, conforme ementa, a disciplina de *Jornalismo de Dados* na UEPB pretende abordar: Jornalismo em Base de Dados, *Big data*, narrativas baseadas em dados, estética das bases de dados, estruturação do Jornalismo com dados complexos e exploração de

fontes abertas para estruturação de narrativas. Por ser bastante resumida, não é possível fazer discussões mais aprofundadas, mas, colocada de maneira superficial, tem-se a indicação de que a disciplina abrange componentes essenciais relativos ao Jornalismo de Dados, contudo, não fica claro se diz respeito também a métodos de extração e limpeza de dados.

A UNESP oferece a disciplina *Jornalismo de Dados: Lógicas e Algoritmos* e a disciplina *Laboratório em Jornalismo de Dados*, ambas obrigatórias e ofertadas respectivamente no 7º e 8º período; a primeira não tem pré-requisitos, já a segunda tem como pré-requisito a de Jornalismo de Dados. A UNESP oferece ainda as seguintes disciplinas que, conforme as ementas, possuem relação com o Jornalismo de Dados ou compõem as práticas de Jornalismo de Dados: *Técnicas de Apuração Jornalística* (1º período, 60h, obrigatória), explicita consulta a base de dados e Reportagem Assistida por Computador; *Jornalismo Especializado II – Jornalismo Opinativo* (7º período, 60h, obrigatória), que especifica também a Reportagem Assistida por Computador, e *Design da Informação Jornalística* (3º período, 60h, obrigatória), que contempla técnicas de visualização de dados e projeto gráfico e editorial.

Na ementa de *Jornalismo de Dados: Lógicas e Algoritmos*, prevê-se a abordagem de conhecimentos básicos de lógicas algorítmicas para sua aplicação no Jornalismo de Dados, a construção de comandos para investigação documentada em plataformas digitais, Excel avançado para jornalistas, cálculos estatísticos fundamentais para o Jornalismo de Dados e práticas jornalísticas suportadas em fluxos de informações.

Na disciplina de *Laboratório em Jornalismo de Dados* é que o Jornalismo de Dados é trabalhado em sua completude, e, ao que sugere a ementa, acontece a apresentação e o debate sobre as origens do Jornalismo de Dados e as diferenças frente ao Jornalismo convencional, são trabalhadas práticas do Jornalismo de Dados mediante interdisciplinaridade de conhecimentos, o desenvolvimento de etapas de busca, extração, limpeza, análise e visualização de dados jornalísticos a partir de conteúdos disponíveis na rede e produzidas reportagens com base no que foi visto. Enquanto a disciplina *Jornalismo de Dados: Lógicas e Algoritmos* prepara para mineração e o uso de dados, a de *Laboratório em Jornalismo de Dados* é onde este parece se dar na prática.

No PPC do Bacharelado em Jornalismo da UNESP (2017, p. 14), reconhece-se também o processo de transição tecnológica, e principalmente a mídia, como espaço para discussão e crítica, e a necessidade da educação e informação a partir do Jornalismo e das tecnologias da comunicação para a inclusão social, com a possibilidade de edificar conhecimento e de criar mecanismos comunicativos capazes de divulgar e promover cultura, amparado pela ética.

Ainda que o Jornalismo de Dados não seja uma obrigatoriedade ou orientação explícita das Novas Diretrizes Curriculares Nacionais que orientam o bacharelado em Jornalismo, é necessário lembrar que a recomendação é o foco na convergência tecnológica, mas não há clareza sobre o “como” isso deve se dar, deixando a critério de cada instituição essa tarefa. A disciplina foi encontrada em oito das 32 IES pesquisadas (25%), entre as quais, quatro estão na Região Sul, duas na Região Nordeste, uma na Centro-Oeste e uma na Sudeste.

Essa distribuição da disciplina Jornalismo de Dados por região, principalmente a maior concentração no Sul, pode ser justificada pelo fato das IES do Sul apresentarem ao longo do tempo certo vanguardismo quando se trata de abordagens do Jornalismo voltadas ao digital, aliado à concentração de professores que estudam a temática e até mesmo grupos de pesquisa, especializações e até mesmo em nível *stricto sensu*, em se observando que o único programa de mestrado e doutorado acadêmicos em Jornalismo do país é vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina.

Apesar das universidades pesquisadas terem sido selecionadas pelo critério de já adoção às novas DCN para o Bacharelado em Jornalismo, a ausência de algumas informações sugere que possivelmente elas ainda estejam em processo de transição (o que ficará claro mais à frente no texto, quando se tratará do conteúdo do questionário via formulário eletrônico respondido pelos coordenadores de curso). Quando a disciplina é optativa então, a falta de regularidade ou mesmo a não oferta fica ainda mais evidentemente, o que pode ser atribuído à carência de professores aptos a abordarem a temática e proporem a oferta da disciplina, ou mesmo uma fragilidade ou certo desconhecimento do corpo docente consolidado quanto ao que compõe o Jornalismo de Dados. A saber que: das oito faculdades de Jornalismo que ofertam a disciplina, três o fazem em caráter obrigatório e cinco optativo, o que evidencia não só a importância dada ao Jornalismo de Dados, que se torna uma disciplina obrigatória (embora mais engessada, com o entendimento da importância estrutural na sua formação, e por ter sua ministração garantida), mas também sua emergência e/ou especialidade, como disciplina optativa (como algo que está ainda em aberto, em construção, com ementas sujeitas a modificação e discussões).

Não fica claro também nas ementas conteúdos importantes relacionados à questão ética dos dados e até mesmo de quais dados serão trabalhados, sugerindo que o foco estaria apenas em informações governamentais oficiais, deixando de lado outros dados potencialmente importantes como os de mídias sociais, por exemplo. Não foi ainda sequer encontrada menção às *fake News* nos PPCs, o que pode ser justificado porque alguns dos documentos foram criados antes das eleições à presidência dos Estados Unidos, em 2016, período em que a utilização de

informações falsas ganhou grande repercussão e influenciou inclusive nos resultados, culminando com a vitória do candidato republicano Donald Trump.

Outro ponto percebido nas análises dos PPCs é a ausência de abordagem da cidadania voltada ao digital e ao Jornalismo de Dados, desconsiderando mais uma potencialidade dessa modalidade jornalística para a informação segundo um interesse público, visto que, se há esse interesse de criticidade e de orientação dos discentes sobre essa relação, (Jornalismo de Dados e Cidadania), ela não fica explícita. Apenas duas universidades mencionam a Lei de Acesso à Informação em seus PPCs (UFG e UFPEL). A cidadania, recomendação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais, parece ter sido abordada em disciplinas específicas, para atender ao que foi orientado, mas nas demais disciplinas a abordagem cidadã não aparece.

Relembrando alguns dos conceitos de Jornalismo de Dados dentro da discussão teórica desse trabalho para subsidiar a análise que se seguirá, tem-se: conforme Crucianelli (2013), o Jornalismo de Dados é uma modalidade jornalística que abrange desde o trabalho com grandes quantidades de dados, em transdisciplinaridade com a computação (programação) e a Ciência da Informação, até a visualização interativa, em diálogo com o design, reunindo ainda muitas das características de outros cinco subcampos do Jornalismo, a saber: Jornalismo Investigativo, Jornalismo de Profundidade, Jornalismo de Precisão, a Reportagem Assistida por Computador (RAC) e Jornalismo Analítico, somando, dessa forma, pesquisa, análise e caráter investigativo, métodos quali e quanti e o aprofundamento das abordagens; vale lembrar também Bradshaw (2011), referência na área, para quem, o Jornalismo de Dados é composto das seguintes etapas: compilar, limpar, contextualizar, combinar e comunicar dados, sendo que este último tópico conta com a visualização, narração, socialização, humanização, personalização e utilidade dos dados. Vale lembrar que, as reportagens resultantes da prática do Jornalismo de Dados deveriam ser aprofundadas, analíticas e cumprir um papel social relevante, tornando públicos temas de interesse público, socializando informações que deveriam ser acessíveis aos cidadãos, mas que este geralmente não consegue acessar, ou por falta de técnica ou por falta do acesso à internet, e se ressalta ainda a dinamicidade com que as informações devem ser apresentadas, assumindo inclusive um caráter educativo, colaborando para o cumprimento pleno da democracia na Era da Informação.

Logo, analisando as ementas, apesar das limitações encontradas e da carência de dados, e até mesmo uma confusão teórica sobre de que trata o Jornalismo de Dados, visto que, cada universidade o contempla ou apresenta de uma forma. Geralmente, apareceram abordagens incompletas tendo em conta todas as práticas acima mencionadas de Jornalismo de Dados, ou a ausência de aprofundamento em lidar com dados e trabalhá-los, ou narrativas ou visualização,

ou ainda os resultados decorrentes destas práticas, ou mesmo desdobramentos da disciplina que resultem em contribuições efetivas e produtos finais.

Fazendo um comparativo entre as ementas, observa-se que a única abordagem comum nas disciplinas é o uso de dados, mas algumas nem explicitam quais são estes dados, de onde eles vêm e nem mesmo as técnicas utilizadas para fazê-los falar e traduzi-los em uma narrativa compreensiva. Até mesmo pela falta de informações em algumas das ementas, há bastante discrepância entre estas, mas é possível observar que as mais completas por abrangência da proposta são as da UFPEL, da UFSM e da UNESP, considerando o conjunto que prevê diversos processos desde a coleta e limpeza de dados, à narrativa e a visualização. No caso da UNESP, não só pela disciplina, porque está bastante direcionada à análise de dados, mas pela prática laboratorial, que congregará de fato todas as etapas, com a apresentação de um produto final, o que não fica claro na maioria das ementas disponibilizadas pelas outras IES. Ainda que algumas sugiram a divisão da carga horária entre teoria e prática, ficam questionamentos quanto a: como se daria essa prática? Onde? Há estrutura? Há laboratórios apropriados para isso? Há programas e tecnologias que favoreçam a mineração de bases de dados? Há recursos humanos capacitados? Nesse sentido, as únicas que dão pistas sobre efetivamente abranger as etapas de extração e de tratamento de dados na prática são a UFG, a UFPEL e a UNESP.

Outras considerações importantes a partir do que se pôde observar nos PPCs: há certa homogeneidade nas cargas horárias, a grande maioria é de 60h/a; observa-se um dissenso em relação a quando (em que período do curso) o Jornalismo de Dados deve aparecer na matriz curricular, tendo sido encontrada a sua oferta no 5º, no 7º e até no 8º períodos, nos casos em que a disciplina é obrigatória (pois a oferta como disciplina optativa não tem período específico e vai depender da disponibilidade ou não de um docente capacitado), mas a oferta da disciplina a partir do 5º período já indica que se espera do estudante já ter adquirido uma boa base teórica em Jornalismo e que esteja apto a tirar bom aproveitamento da disciplina.

Contudo, nota-se a ausência de certos pré-requisitos ou práticas anteriores relacionadas ao Jornalismo de Dados, tais como: análise matemática, análise computacional e visualização de dados; o que gera questionamentos quanto ao suporte teórico adquirido pelo estudante a fim de que ele esteja apto a lidar com o Jornalismo de Dados e as técnicas que o compõem. Nesse sentido, é como se o Jornalismo de Dados estivesse à parte do Jornalismo, como se não fosse uma modalidade e/ou uma especialização prática de vários “Jornalismos” vistos anteriormente à oferta da disciplina, repercutindo em uma formação rasa, e que deixasse a desejar em vários aspectos e/ou não contemplasse princípios fundamentais para que seja incorporado futuramente à prática jornalística. Nesse sentido, é admissível que o docente não saiba tudo, principalmente

diante das demandas constantes na área tecnológica, mas é necessário que esteja presente uma base, que se cumpram requisitos e que sejam abertos caminhos indicando o que falta preencher para uma formação completa em Jornalismo de Dados, e que, caso deseje, o aluno pode buscar uma formação específica e se aprofundar.

A partir desses resultados, tem-se que o Jornalismo de Dados, apesar de emergir, ainda se posiciona de forma muito tímida, prova disso é que apesar das propostas, não há certeza da oferta da disciplina quando optativa, nem de se há espaços propícios (laboratórios equipados com computadores e softwares apropriados) e de docentes habilitados para a prática, além da falta de consenso das faculdades sobre abordagens relativas ao Jornalismo de Dados e práticas necessárias ao domínio efetivo da modalidade. Diferentemente do que acontece, por exemplo em algumas faculdades de Jornalismo dos EUA, como: a Stanford Journalism, cujo programa prevê uma vasta abordagem ao Jornalismo de Dados;² na *University of Missouri*, em que se trabalha o Jornalismo de Dados de maneira interdisciplinar;³ a *Columbia Journalism School of New York*, que oferta o mestrado em Jornalismo de Dados;⁴ e também a *DePaul College of Communication* de Chicago, no Mestrado em Jornalismo com concentração em Jornalismo de Dados; e ainda na Europa, e instituições como: a *Cardiff University*, no Reino Unido, que oferta o mestrado em *Computational and Data Journalism*;⁵ e, também no Reino Unido, o Mestrado em *Data Journalism* na *Birmingham City School of Media*;⁶ e, na Austrália, *The University of Melbourne* indica também privilegiar a abordagem ao Jornalismo de Dados nas suas práticas.⁷

Nestas escolas e instituições, o Jornalismo de Dados parece estar ganhando seu espaço e tendo seu valor reconhecido, e, para se ter uma ideia, em algumas destas escolas, o Jornalismo de Dados anda paralelo à computação, com ementas que sugerem o ensino de programação para os estudantes, além da mineração de dados em diferentes plataformas, bases e inclusive mídias sociais. Além disso, de maneira uníssona, as faculdades de Jornalismo de fora do país veem o Jornalismo de Dados como uma grande possibilidade de “fazer os dados contarem histórias” e concordam com essa descrição do que trataria a disciplina. Outra consideração relevante é que os docentes dessas Instituições têm uma formação diferente do que professores daqui, são estimulados a aprender novas técnicas e quando a Universidade não possui um docente apto a

² Disponível em: <http://journalism.stanford.edu/>. Acesso em: 19 jan. 2019.

³ Disponível em: https://journalism.missouri.edu/programs/undergraduate/general/independent-study__trashed/data-journalism-interdisciplinary/. Acesso em: 19 jan. 2019.

⁴ Disponível em: <https://journalism.columbia.edu/ms-data-journalism>. Acesso em: 19 jan. 2019.

⁵ Disponível em: <https://www.cardiff.ac.uk/study/postgraduate/taught/courses/course/computational-and-data-journalism-msc>. Acesso em: 19 jan. 2019.

⁶ Disponível em: <https://www.bcu.ac.uk/media/courses/data-journalism-ma-2019-20>. Acesso em: 19 jan. 2019.

⁷ Disponível em: <https://handbook.unimelb.edu.au/subjects/jour90011>. Acesso em: 19 jan. 2019.

ensinar um determinado conteúdo, contratam alguém temporariamente para suprir a demanda, permitindo assim, um ciclo completo e imersão que algumas disciplinas, como o Jornalismo de Dados demandam.

Em comparação com estas experiências, no Brasil, o Jornalismo de Dados aparece como uma modalidade do Jornalismo com grandes contribuições a dar para o fazer jornalístico, mas que ainda precisa se consolidar e se estabelecer, e que ainda carece de clareza de definição e de função pelas universidades, para que, assim, possa, quem sabe, num futuro não muito distante, contemplar a formação de jornalistas mais cientes do seu papel social, os quais comuniquem com ética, com responsabilidade e com vistas à cidadania, contribuindo para que o Jornalismo recupere sua credibilidade e supere sua imagem desgastada, fazendo as pazes com a sociedade.

5.2 Práticas de Jornalismo de Dados encontradas nas faculdades que não ofertam a disciplina explicitamente

Como proposta de investigar de que maneira as universidades estão incorporando a formação em Jornalismo em Dados ou não, e como este tem sido incorporado aos currículos dos Bacharelados em Jornalismo e mediante quais “práticas”, após verificar a oferta explícita da disciplina, procurou-se identificar práticas que abrangessem o Jornalismo de Dados. Nesse sentido, vale retomar o conceito de “práticas” adotado neste trabalho. Tendo como referência Bourdieu (1972), que argumenta ser mais importante se descobrir o que se faz a respeito de algo do que aquilo que se diz sobre algo, e também que estas práticas estão relacionadas ao “*habitus*”, visto que é o cotidiano de um grupo e seus indivíduos e suas ações que orientarão as suas práticas, nem sempre estritamente orientadas por regras explícitas, mas por apropriações de experiências anteriores, e por uma estrutura social que as reproduz até sua naturalização (BOURDIEU, 1972).

A motivação da construção desse problema está em que, para colocar o Jornalismo de Dados em prática, é necessário ao menos domínio técnico em certas áreas do conhecimento – tais como: estatística, infografia, design, informática (com a utilização de recursos e técnicas de mineração e tratamento de informação para grandes bases de dados) etc.– e de computadores e softwares especializados, que potencializam o trabalho junto a outros recursos tecnológicos, como redes de internet rápida. Para entender como esse campo emergente vem de fato sendo absorvido nesses cursos é necessário buscar também por práticas que possam ser reconhecidas como próprias do Jornalismo de Dados, o que se justifica pelo fato de, conforme constatado em trabalho de campo preliminar (que corrobora a hipótese inicial desta pesquisa), as instituições

realizam práticas de Jornalismo de Dados, como as supracitadas, mas não as reconhecem como tal. Outrossim, além de identificar a oferta da disciplina de Jornalismo de Dados, mapeou-se disciplinas que contemplavam práticas de Jornalismo de Dados nas IES pesquisadas, como: análise matemática, infografia, design, disciplinas com foco no digital; e ainda disciplinas que, conforme ementa, sugerissem abordar o Jornalismo de Dados e/ou modalidades correlatas. Assim, excluindo as oito Faculdades que ofertam explicitamente a disciplina Jornalismo de Dados, as quais foram analisadas separadamente, temos 24 IES para realizar o mapeamento de práticas exclusivamente.

5.2.1 Disciplinas que contemplam a Análise Matemática nas faculdades de Jornalismo

Abordando separadamente o que aparece na ementa de cada faculdade, e começando aleatoriamente pela UFCA, tem-se a oferta *Jornalismo Econômico* em caráter optativo a partir do 3º período, a qual tem como pré-requisito a disciplina *Introdução às Práticas em Jornalismo* (64h, obrigatória, 2º período). Ainda conforme a ementa, a disciplina se propõe a apresentar os conceitos básicos da Economia e a forma como esses conceitos devem ser decodificados para a cobertura de pautas jornalísticas. Além da abordagem de assuntos relativos à Economia, e do paralelo com o Jornalismo, a ementa da disciplina sugere uma abrangência quanto a questões voltadas às tecnologias de informação e estatística na Comunicação e no Jornalismo.

Quadro 8 – Disciplinas que contemplam a Análise Matemática nas faculdades de Jornalismo

IES	Disciplina	Pré-Requisitos	Período	Carga Horária	Caráter
UFCA	Jornalismo Econômico	Introdução às Práticas em Jornalismo (64h, obrigatória, 2º período)	A partir do 3º	64h	Optativa
UFMS	Estatística para Jornalismo	Não consta	Não consta	51h	Optativa
UFRGS	Estatística Básica I	Não consta	Não consta	4 créditos	Optativa
UFRGS	Estatística I	10 créditos obrigatórios	Não consta	5 créditos	Optativa
UFRGS	Estatística II	Estatística I	Não consta	5 créditos	Optativa
UFRJ	Comunicação e Estatística	Não consta	Não consta	30h	Optativa
UFRJ	Métodos Quantitativos em Jornalismo	Não consta	Não consta	30h	Optativa
UFS	Estatística Básica para as Ciências Sociais Aplicadas	Não consta	Não consta	60h	Optativa
UFT	Análise de Dados Estatísticos em Jornalismo	Não consta	4º	30h	Obrigatória
UnB	Estatística Aplicada	Não consta	2º	60h	Seletiva obrigatória
UFU	Análise de Dados em Educação	Não consta	Não consta	60h	Optativa

Fonte: A autora, a partir de dados informados pelas Faculdades (2018).

Já na UFMS, é proposta a oferta da disciplina *Estatística para Jornalismo*, optativa e com 51h de carga horária. A ementa descreve que serão abordadas as seguintes temáticas: *Dados, População, Amostra, Tipos de Estatística, Apresentação gráfica, Probabilidade, Testes de hipóteses*, entre outros.

Na UFRGS, tem-se as disciplinas: *Estatística Básica I* (optativa, 4 créditos), *Estatística I* (optativa, 5 créditos, pré-requisito de 10 créditos em disciplinas obrigatórias,) e *Estatística II* (optativa, 5 créditos, com pré-requisito de *Estatística I*), as quais são disciplinas ofertadas pela Faculdade de Matemática, e oferecidas como núcleo específico aos estudantes de Jornalismo. De acordo com as ementas, as abordagens envolvem: *Estatística, Amostragem, Probabilidade, Hipóteses* etc.

Na UFRJ, aparecem na matriz curricular as disciplinas de *Comunicação e Estatística* (optativa, 30h) e *Métodos Quantitativos em Jornalismo* (optativa, 30h), mas, assim como nas demais faculdades pesquisadas, não aparecem muitos detalhes sobre a oferta, até por se tratarem de disciplinas optativas. As disciplinas parecem complementares e sugerem uma abordagem que visa preparar o estudante para a análise de dados. Ambas não apresentam pré-requisitos e possuem 30h cada. Estão previstas as seguintes temáticas: na primeira, *Conceitos e noções fundamentais, Séries estatísticas, Preparação de dados para análise estatística, Elaboração de tabelas e gráficos, Captação, organização e análise de dados sobre produtos e mercados e Aplicação de softwares estatísticos*; e na segunda, *Uso de métodos quantitativos no trabalho de reportagem, Estatística e notícia, Números em fontes de informação e Planilhas e bancos de dados*.

Na UFS está prevista a disciplina *Estatística Básica para as Ciências Sociais Aplicadas* (Optativa, 60h), ofertada pela Faculdade de Estatística. Conforme sua ementa, a disciplina abordará: *Estatística nas Ciências Sociais, Fases da pesquisa quantitativa nas Ciências Sociais, Tipos de dados: Primários e Secundários (e suas principais fontes nas Ciências Sociais), Principais métodos de Análise Exploratória de dados nas Ciências Sociais e Noções de correlação e regressão linear*.

Na UFT, uma das poucas instituições em que a disciplina é obrigatória, é ofertada *Análise de Dados Estatísticos em Jornalismo* (Obrigatória, 30h, 4º período). A ementa prevê proporcionar conhecimentos básicos para a interpretação e a análise de dados estatísticos que sejam utilizáveis no desempenho das atividades jornalísticas, abordando as seguintes temáticas: *Estatística indutiva e dedutiva, Noções elementares de amostragem e probabilidades, Estatística descritiva, Coleta, organização, análise e apresentação dos dados, Gráficos*

associados às distribuições de frequências, medidas de posição, medidas de dispersão, taxas e índices e Análise de material jornalístico.

Na UnB, a *Estatística Aplicada* (Seletiva Obrigatória, 60h, 2º período) não possui pré-requisitos e, como seletiva obrigatória, tem quase o mesmo *status* de uma disciplina optativa, pois faz parte de uma lista de disciplinas que o estudante deverá cursar em parte, a sua escolha. A matéria não possui ementa disponível nem conteúdo programático, tampouco se diz de sua regularidade.

Por fim, conforme ordem aleatória com que as disciplinas aparecem no quadro acima, a de *Análise de Dados em Educação* (optativa, 60h), ofertada pela Faculdade de Jornalismo da UFU, em parceria com a Faculdade de Educação, assim sendo, de maneira compartilhada. De acordo com a ementa, a disciplina aborda *Estatística, Coleta e tratamento de dados estatísticos, Gráficos, Medidas, Crítica e Análise de dados.*

Das faculdades de Jornalismo pesquisadas, oito ofertam disciplinas que indicam o ensino de conteúdos para que os alunos sejam capazes de realizar Análise Matemática e também Estatística, contemplando, desta forma, abordagens que fazem parte do Jornalismo de Dados. Conforme as informações disponibilizadas pelas instituições, é possível observar que não há consenso sobre o período de oferta da disciplina, que apenas três delas possuem pré-requisitos e que os conteúdos destas três últimas são relativamente homogêneos, trabalhando o que de fato compõe a Estatística e só variando quando são consideradas em sua área ou em sua subárea de concentração, como: Estatística voltada para Ciências Sociais ou Estatística para o Jornalismo.

Direcionadas à Comunicação e ao Jornalismo de fato, pelo que foi possível mapear, e tendo em vista inclusive a disponibilidade da ementa, encontrou-se as disciplinas: *Jornalismo Econômico* (UFCA); *Estatística para Jornalismo* (UFMS); *Comunicação e Estatística e Métodos Quantitativos em Jornalismo* (UFRJ); *Estatística Básica para as Ciências Sociais Aplicadas* (UFS) e *Análise de Dados Estatísticos em Jornalismo* (UFT).

É necessário considerar também que, das oito disciplinas, apenas uma delas é ofertada em caráter obrigatório: *Análise de Dados Estatísticos em Jornalismo*, pela UFT, no 4º período e com carga horária de 30h – talvez, uma carga horária muito reduzida para abordar temáticas relativas à *Estatística, Análise e visualização de dados e também a Aplicabilidade do conteúdo visto voltada ao Jornalismo*, carga horária que pode ser suficiente para expor a temática em um caráter introdutório, mas não para aprofundá-la.

Ainda que a análise estatística seja um componente do Jornalismo de Dados, o cenário que se encontra nos PPCs enquanto uma disciplina quase que em totalidade proposta em caráter optativo, e sendo ofertada, por exemplo, pela Faculdade de Matemática, é de que não desperte

possivelmente o interesse de estudantes que já não tenham uma preocupação com a formação matemática, até porque o estereótipo é de que os jornalistas têm aversão a números. Por sugerir uma abordagem tecnicista e até mesmo pelas informações limitadas, não foi possível encontrar preocupações que talvez fossem pertinentes sobre responsabilidade de utilização e manuseio de dados, nem sobre o caráter humanista e cidadão que se espera do jornalista.

5.2.2 Disciplinas que contemplam a área Gráfica/Design nas faculdades de Jornalismo

Iniciando a análise por escolha aleatória, e conforme explicitado no quadro que segue, tem-se que, na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), são ofertadas as disciplinas *Planejamento e Design Gráfico* (obrigatória, 60h, 3º período) e *Design Gráfico para Mídias Digitais* (optativa, 60h). Não foram encontrados nas ementas pré-requisitos para cursá-las. Enquanto a primeira busca “preparar e apresentar ideias para material visual e produção gráfica voltada ao jornalismo”; a segunda tem foco na “evolução do design, software e tendências para design em mídias digitais”.

Quadro 9 – Disciplinas que contemplam a área Gráfica/Design nas faculdades de Jornalismo

IES	Disciplina	Pré-Requisitos	Período	Carga Horária	Caráter
UEMG	Planejamento e Design Gráfico	Não consta	3º	60h	Obrigatória
UEMG	Design Gráfico para Mídias Digitais	Não consta	Não consta	60h	Optativa
UEL	Planejamento Gráfico em Jornalismo	Não consta	3º	72h	Obrigatória
UEPG	Infografia	Não consta	2º	34h	Obrigatória
UERN	Editoração Eletrônica em Jornalismo	História da Arte (2º período, 60h)	3º	60h	Obrigatória

Continua...

Continuação

IES	Disciplina	Pré-Requisitos	Período	Carga Horária	Caráter
UFAC	Comunicação Visual aplicada à Editoração	Não consta	4º	60h	Obrigatória
UFAC	Planejamento Gráfico	Comunicação Visual aplicada à Editoração	5º	60h	Obrigatória
UFAL	Oficina de Planejamento Gráfico e Editoração	Não consta	3º	80h	Obrigatória
UFCA	Comunicação Visual	Não consta	2º	64h	Obrigatória
UFMG	Design em Comunicação	Não consta	1º	90h	Obrigatória
UFOP	Design de Informação: Infografia e Visualização de Dados	Não consta	Não consta	72h	Optativa
UFOP	Jornalismo Visual	Não consta	Não consta	72h	Optativa
UFOP	Projeto Gráfico	Planejamento Visual (72h, obrigatória, 3º período)	Não consta	72h	Optativa
UFRGS	Laboratório de Design Gráfico	Teorias da Imagem (2 créditos, 1º período, obrigatória)	Não consta	4 créditos	Optativa

Continua...

Continuação

IES	Disciplina	Pré-Requisitos	Período	Carga Horária	Caráter
UFRJ	Linguagem Gráfica	Não consta	1º	60h	Obrigatória
UFRJ	Jornalismo Gráfico I	Não consta	6º	60h (dividida igualmente entre teoria e prática)	Obrigatória
UFRJ	Jornalismo Gráfico II	Jornalismo Gráfico I	Não consta	60h (dividida entre teoria e prática)	Optativa
UFRN	Projeto Gráfico e Editoração	Não consta	3º	60h	Obrigatória
UFRRJ	Comunicação Visual	Não consta	4º	60h	Obrigatória
UFS	Planejamento Visual em Jornalismo	Fotojornalismo (2º período)	4º	60h	Obrigatória
UFT	Planejamento Gráfico	Narrativas Jornalísticas (2º semestre, 60h)	3º	60h (20h teoria e 40h prática)	Obrigatória
UFT	Design em Comunicação	Não consta	Não consta	60h	Optativa
UFT	Produção de Infográficos	Planejamento Gráfico	Não consta	30h (prática)	Optativa
UnB	Processos Gráficos em Jornalismo	Introdução ao Jornalismo (1º período)	2º	60h	Obrigatória
UnB	Webdesign em Jornalismo	Apuração e texto jornalístico 1 (2º período)	3º	60h	Obrigatória

Continua...

Continuação

IES	Disciplina	Pré-Requisitos	Período	Carga Horária	Caráter
UNICENTRO	Design em Jornalismo	Não consta	2º	136h	Obrigatória
UNIFAP	Jornalismo Visual	Não consta	Não consta	60h	Optativa
UNIFAP	Planejamento Gráfico	Introdução ao Planejamento Gráfico (2º período)	3º	60h	Obrigatória
UNIPAMPA	Planejamento Visual em Jornalismo	Não consta	3º	60h	Obrigatória
UNIR	Design Gráfico	Não consta	4º	80h	Obrigatória
USP	Jornalismo visual: fotojornalismo e design da notícia	Não consta	1º	90h	Obrigatória
USP	Produção Gráfica	Não consta	1º	150h	Optativa
USP	Infografia em Narrativas Visuais em Jornalismo	Jornalismo Visual: fotojornalismo e design da notícia	3º	120h	Optativa
UNEMAT	Design	Não consta	2º	60h	Obrigatória
UFU	Planejamento Gráfico	Não consta	2º	60h	Obrigatória
UFU	Arte, Estética e Comunicação	Não consta	5º	60h	Obrigatória

Fonte: A autora – a partir de dados dos documentos pesquisados (2018).

Já na Universidade Estadual de Londrina (UEL), a disciplina *Planejamento Gráfico em Jornalismo* (obrigatória, 72h, 3º período) prevê preparar os discentes para trabalharem com

composição visual e de projetos gráficos, estética, técnicas de produção e desenvolvimento; e a disciplina *Infografia* (obrigatória, 34h, 2º período) é complementar à disciplina *Design em Jornalismo* (obrigatória, 68h, 1º semestre), as quais preveem trabalhar: *O uso de infográficos na narrativa jornalística como uma unidade comunicativa, A organização das informações e o “pensar infograficamente”, Os códigos do jornalismo iconográfico (gráficos, infográficos, mapas, símbolos, ícones, emblemas, ilustrações, comics, animações), Hipermídia e infografia em bases de dados, e Ferramentas para a criação de infográficos.*

Na UERN, oferta-se a disciplina *Editoração Eletrônica em Jornalismo* (obrigatória, 60h, 3º período), que tem como pré-requisito *História da Arte* (2º período, 60h). Conforme a ementa, está prevista a abordagem de fundamentos da programação visual em Jornalismo, como: *Recursos gráficos de softwares e aplicativos para sua implementação, Planejamento gráfico em telas de vídeo e com imagens em movimento, bem como, Editoração, Programação visual e aplicativos para sites jornalísticos: recursos gráficos e valorização da informação; Eficácia informativa e apelo visual, Função dos elementos da infografia na narrativa jornalística contemporânea, A interação de dados, textos e imagens na produção de infografias estáticas e animadas no Jornalismo.* Esta instituição é uma das que mais oferecem conteúdos pertinentes à produção do Jornalismo de Dados no que tange a visualização.

Na UFAC, são ofertadas duas disciplinas relacionadas ao Jornalismo de Dados e em caráter obrigatório: *Comunicação Visual aplicada à Editoração* (obrigatória, 60h, 4º período) e *Planejamento Gráfico* (obrigatória, 60h, 5º período), que tem como pré-requisito a disciplina anterior. Enquanto a abordagem da primeira inclui: *Noções básicas sobre linguagem visual, sua aplicação na Comunicação Visual e planejamento e desenvolvimento de projetos editoriais*, a segunda propõe trabalhar mais a *Histórica das artes e movimentos, Produção e criação.*

A Faculdade de Jornalismo da UFAL oferece a disciplina *Oficina de Planejamento Gráfico e Editoração* (obrigatória, 80h, 3º período), que é dividida em 60h de prática e 20h de teoria, não possui pré-requisitos, e, como conteúdo, propõe-se: *Introdução à estética gráfica, Princípios de diagramação, Sistemas de composição tipográfica, Tipologia, Processos de impressão, o papel, a cor na mídia impressa e Softwares de editoração.*

Na UFCA, a disciplina que sugere contemplar aspectos do Jornalismo de Dados é a de *Comunicação Visual* (obrigatória, 64h, 2º período). A proposta de conteúdos está centrada em: *Estudos da sintaxe da linguagem visual, Tipografia, Linguagem das cores, Hierarquia visual, Composição gráfica (layout), Infografia, Criação de selos, Visualização de dados e Produção gráfica.*

Na UFMG, é ofertada a disciplina de *Design em Comunicação* (obrigatória, 90h, 1º período). A abordagem une: *Processo de criação visual, Planejamento de criação para mídia eletrônica e mídia impressa, História e percepção da forma*, além de preocupações em relação ao digital.

A UFOP oferta as disciplinas de *Jornalismo Visual* (optativa, 72h), sem pré-requisitos, e *Projeto Gráfico* (optativa, 72h), que tem como pré-requisito a disciplina *Planejamento Visual* (obrigatória, 72h, 3º período), que tem como pré-requisito *Teorias da Imagem* (obrigatória, 36h, 1º período). Enquanto a ementa da primeira prevê as temáticas: *Conceitos e histórias do Jornalismo Visual, Visualidade no Jornalismo, Design e Jornalismo, Fundamentos do Jornalismo Visual, Panorama do Jornalismo visual contemporâneo, Design, Fotojornalismo, Infografia, Visualização de dados e Estudos de caso*; a segunda está voltada a *Produtos impressos e digitais, Pensamento criativo, Design e Comunicação visual, Projetos e produção gráfica e digital*.

Na UFRGS, oferta-se a disciplina *Laboratório de Design Gráfico* (optativa, 4 créditos), e que tem como pré-requisito *Teorias da Imagem* (obrigatória, 2 créditos, no 1º período). A abordagem consistiu na realização de um trabalho experimental interdisciplinar na área da Comunicação, com o “Desenvolvimento de técnicas, instrumentos e processos relacionados à comunicação através da linguagem do design gráfico” (UFRGS, 2016, p. 58), e, conforme observação, a disciplina apresenta conteúdo variável a ser definido no período de oferta.

A Faculdade de Jornalismo da UFRJ oferta três disciplinas relacionadas à visualização dados, portanto, relacionadas aos elementos que compõem a prática no Jornalismo de Dados. *Linguagem Gráfica* (obrigatória, 60h, 1º período), *Jornalismo Gráfico I* (obrigatória, 60h, 6º período) e *Jornalismo Gráfico II* (optativa, 60h), possui como pré-requisito a anterior e estas últimas preconizam que teoria e prática sejam divididas igualmente. Conforme a ementa, serão abordados respectivamente: o uso de elementos gráficos, com características nos projetos de planejamento visual, layout, arte final, composição e seleção de tipologia, estética da forma e comunicação visual; estética aplicada ao material gráfico, estilo do projeto gráfico, semiologia do projeto gráfico e utilização de ilustrações; projetos gráficos experimentais em jornalismo, infográficos e comunicação visual para internet.

Na UFRN, oferta-se a disciplina *Projeto Gráfico e Editoração* (obrigatória, 60h, 3º período). A ementa prevê estudos de Estética aplicada ao material gráfico, *Planejamento e projeto gráfico, Design*, com o uso de softwares específicos, *Compreender os elementos da comunicação visual e Conhecer a importância do design na composição gráfica da linguagem jornalística*.

Na UFRRJ, a disciplina *Comunicação Visual* (obrigatória, 60h, 4º período) envolve *Elementos básicos da Comunicação Visual/Design Gráfico, Sistema de Identidade Visual, História da Comunicação Visual/Design Gráfico e Linguagens Visuais*.

Na UFS, tem-se *Planejamento Visual em Jornalismo* (obrigatória, 60h, 4º período, pré-requisito *Fotojornalismo*). A disciplina abrange: *História e evolução da linguagem gráfica, Design editorial, Análise de publicações impressas e digitais, Editoração eletrônica, Elementos da comunicação visual, Projeto gráfico e Identidade visual*.

A UFT oferta três disciplinas relacionadas: (1) *Planejamento Gráfico* (obrigatória, 60h, 3º período, com pré-requisito em *Narrativas Jornalísticas*, 60h, 2º semestre); (2) *Produção de Infográficos* (optativa, 30h) e sua disciplina pré-requisito: (3) *Planejamento Gráfico e Design em Comunicação* (optativa, 60h). Os conteúdos previstos nas três disciplinas assinaladas são: *Noções de arte e elementos estéticos-formais, Teoria da Gestalt aplicada ao planejamento gráfico, Semiótica aplicada ao Projeto Gráfico, Utilização de Imagens, Diagramação, paginação e editoração, Arte final e impressão, Técnicas de composição e programação visual, Planejamento Gráfico em hipertextos e infografias, Noções de Design em Jornalismo, Comunicação e percepção visual e Produtos e serviços do Design Gráfico*.

Na UnB, são ofertadas duas disciplinas relacionadas: *Processos Gráficos em Jornalismo* (obrigatória, 60h, 2º período, pré-requisito *Introdução ao Jornalismo*, 1º período) e *Webdesign em Jornalismo* (Obrigatória, 60h, 3º período, pré-requisito *Apuração e texto jornalístico 1*, 2º período). Conforme as ementas, são abordados, na primeira, os temas: *Princípios da linguagem gráfica e sua aplicação no Jornalismo, Noções básicas sobre os elementos que articulam a linguagem visual, Métodos e processos de criação visual no Design de notícias, Planejamento, projeto e produção gráfica*; e na segunda aparecem: *Introdução aos princípios do planejamento editorial e visual no Webjornalismo, Noções de interface gráfica e identidade visual na web para jornalistas, Conceitos básicos sobre arquitetura da informação, Design de conteúdo, Componentes gráficos e infográficos, Redes sociais e acessibilidade*.

No UNICENTRO é ofertada a disciplina de *Design em Jornalismo* (obrigatória, 136h, 2º período). Não possui pré-requisitos e com carga horária extensa, esta disciplina se propõe a abordar os temas: *Desenvolvimento do processo criativo e da apreciação crítica em Design, Introdução ao Design Social e Humanista, Planejamento gráfico, Identidade e estilo visual, Introdução aos principais softwares gráficos, com a criação de elementos visuais, análise e experimentação de layouts, Sistemas de cor, Integração do texto jornalístico e Design na construção de páginas web, em perspectiva com a convergência das mídias de áudio, vídeo e fotografia*.

Na UNIFAP, prevê-se a oferta das disciplinas *Jornalismo Visual* (optativa, 60h) e *Planejamento Gráfico* (obrigatória, 60h, 3º período), que tem como pré-requisito *Introdução ao Planejamento Gráfico* (2º período). Conforme as ementas, trabalhar-se-á, na primeira: *O que é Jornalismo Visual, Design e Infografia, Diagramação, Narrativa visual, Edição de dados, Tecnologia e imagem*; e na segunda: *Princípios da percepção visual, Estética e o processo histórico das Artes gráficas, Uso de programas informáticos gráficos para editoração eletrônica e utilização de cores, Ilustrações, imagens e fotografias aplicados ao Jornalismo, Técnicas de produção e planejamento visual gráfico aplicadas ao Jornalismo e Planejamento e execução de projetos gráficos*.

A Faculdade de Jornalismo da UNIPAMPA oferta *Planejamento Visual em Jornalismo* (obrigatória, 60h, 3º período). A abordagem inclui os seguintes temas: *A Imprensa e o Design, Elementos básicos da composição gráfica, Produção e Design gráfico em Jornalismo impresso e digital, Infografia e interfaces*.

Na UNIR, tem-se a disciplina de *Design Gráfico* (obrigatória, 80h, 4º período), na qual se aborda os temas: *Técnicas gráficas em Jornalismo, Fundamentos da Comunicação visual, Composição da matéria, Produção e edição gráfica*.

A Faculdade de Jornalismo da USP oferta três disciplinas relacionadas: (1) *Jornalismo visual: fotojornalismo e design da notícia* (obrigatória, 90h, 1º período), (2) *Produção Gráfica* (optativa, 150h, 1º período) e *Infografia em Narrativas Visuais em Jornalismo* (optativa, 120h, 3º período), que tem como pré-requisito aquela primeira disciplina. Respectivamente, conforme ementa, as três disciplinas visam:

[...] contribuir para a capacitação do aluno para a articulação entre texto e imagem, apresentar e discutir as noções, os elementos fundamentais e as principais características da linguagem visual do Fotojornalismo, exercitar métodos e procedimentos práticos para a utilização dos elementos da linguagem gráfica e fotográfica, visando especificamente a exploração do potencial discursivo do jornalismo visual.

[...] apresentar as múltiplas etapas da construção do livro, discutir as formas de intervenção no texto a partir de elementos gráficos, considerando as possibilidades e os limites de atuação do produtor gráfico no tempo e no espaço.

[...] apresentar e discutir o potencial narrativo do jornalismo visual e fornecer subsídios teóricos e práticos para o aluno explorar recursos narrativos visuais por meio do fotojornalismo e do design editorial de periódicos, com ênfase em storytelling, fotojornalismo e visualização de dados.⁸

⁸ Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/>. Acesso em: 19 jan. 2019.

Na UNEMAT, a disciplina relacionada a este tópico é a de *Design* (obrigatória, 60h, 2º período). Nesta, aborda-se: *Conceitos básicos de comunicação visual, Técnicas de design e produção visual, Técnicas de ilustração e aplicação visual*. Nesta Faculdade de Jornalismo, assim como ocorreu em algumas das outras instituições pesquisadas, existem outras disciplinas voltadas a Projeto gráfico I e II, mas aparentemente não abrangem nada de novo em benefício da visualização de dados, focando em projetos gráficos para *web* e impresso, principalmente no que tange a conhecimentos de diagramação.

Na UFU, oferta-se duas disciplinas relacionadas: *Planejamento Gráfico* (obrigatória, 60h, 2º período) e *Arte, Estética e Comunicação* (obrigatória, 60h, 5º período). Conforme as ementas, estas abrangem *Princípios e elementos da comunicação e linguagem visual e Projeto gráfico x Projeto editorial*, com o objetivo de “preparar o aluno para dialogar com os diferentes profissionais da área das artes visuais, além de compreender a importância do processo visual na comunicação”⁹.

Tendo a visualização de dados como um dos elementos definidores do Jornalismo de Dados e que para sua realização são necessários conhecimentos de Design e Projeto Gráfico, foram mapeadas disciplinas ofertadas pelas faculdades investigadas e que sugerem abordagem contemplativa à temática. Desse modo, considerou-se na análise das ementas não só o nome da disciplina, mas a ementa e o conteúdo programático (quando disponível), visto que muitos levam em consideração apenas Projeto editorial e Diagramação de materiais impressos, o que não seria suficiente para a prática do Jornalismo de Dados, pois se faz necessária a utilização de ferramentas e programas que contemplem a infografia e a ilustração, para além da relação imagem e texto. Assim, foram identificadas em 23 Faculdades de Jornalismo investigadas, um total de 36 disciplinas com conteúdos que podem beneficiar a prática de Jornalismo de Dados no quesito visualização de dados.

Das 36 disciplinas encontradas, cerca de 70% são ofertadas em caráter obrigatório e aproximadamente 30% em caráter optativo. A obrigatoriedade das disciplinas com foco no Design e visualização no Jornalismo sugere que estas estão sendo vistas como parte da base para a formação profissional do jornalista. Já as optativas, em sua maioria, representam como se fosse um aprofundamento do que foi visto em disciplinas anteriores, dependendo da oferta por docentes e também com possibilidade de modificação/adaptação da ementa.

Conforme as informações disponíveis, foi possível observar que a maioria (43%) das disciplinas estão no terceiro período de curso, seguido por uma parcela considerável no segundo

⁹ Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/sites/faced.ufu.br/files/IARTE32505-%20Arte%2C%20est%C3%A9tica%20e%20comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.

período (26%) e as demais divididas entre primeiro, quarto e sexto períodos. Do total, 12 delas possuem pré-requisitos, considerando que a maioria está concentrada nos primeiros períodos, o que compõe ainda assim um dado interessante, observando-se a exigência de uma formação básica anterior, mais abrangente ou específica, às vezes voltada à Arte e à História, ou ao que se pode considerar como o básico para se dominar alguns conceitos e técnicas relativas, por exemplo, a projetos gráficos, de imagem e de visualização de dados no Jornalismo. Observa-se que, apesar de algumas variações, a carga horária fica majoritariamente em torno das 60h/a, e isso, à exceção das disciplinas oferecidas na UNICENTRO e na USP, que ofertam disciplinas com até mais de 100h/a, carga horária que se mostra suficiente para abranger e relativamente se aprofundar nos conteúdos propostos.

Mesmo as disciplinas listadas sugerindo tratar de conceitos e de técnicas que possam beneficiar a visualização de dados, em apenas nove destas conteúdos de visualização de dados e de infografia estão mais explícitos, a saber: UEL, UNIPAMPA, UFOP, USP, UFT, UNIFAP, UERN, UFCA e UNEMAT. Dentre as que preconizaram o foco no digital estão: UFMG, UnB, UFOP e UNIPAMPA.

De maneira geral, as ementas sugerem mais teoria em detrimento da prática e produtos oriundos das disciplinas, ainda que algumas ementas especifiquem que a metodologia consiste em teoria e prática, e até mesmo divididas igualmente ou com uma porcentagem para cada na carga horária. Também não há explicitamente a preocupação com a humanização do Design. As que indicaram abordar em maior profundidade o poder da visualização e narrativas visuais são: UEL, UERN, UFT, UNIFAP e USP.

Com base no que foi discutido anteriormente sobre a importância da formação atual com foco no digital e na internet, ressalta-se que apenas dez das faculdades mostraram preocupação com novas abordagens do digital e em uma formação que contemple as tecnologias *web*. Uma das hipóteses que pode ajudar a explicar essa desatualização é a defasagem de laboratórios e a necessidade da compra de licença de softwares específicos, e outra é mesmo falta de domínio por parte do corpo docente já estabelecido sobre os temas em questão.

Trazendo a visualização de dados como prática do Jornalismo de Dados e investigando as disciplinas que abrangem a temática, foi possível observar que a maioria das faculdades de Jornalismo contemplaram esse aspecto. Ainda que Design e Diagramação já fossem vistos em projetos pedagógicos anteriores, principalmente voltados para o impresso, com base nas novas diretrizes, era esperado que as ementas direcionassem o foco destas disciplinas para o digital, o que não foi encontrado em profundidade nas análises. Apesar das mudanças nos nomes das disciplinas – não tanto no caso de “Editoração Jornalística” ou “Projeto Gráfico” –, há carência

nas ementas de preocupações em preparar para o que há de mais novo e também em formar os estudantes para utilizarem novos recursos que favoreçam a construção de narrativas e notícias mais atrativas.

5.2.3 Disciplinas que contemplam “o digital” nas faculdades de Jornalismo

“O digital” foi outra característica analisada neste trabalho, a fim de identificar se dentro de disciplinas que o contemplassem haveria a indicação de abordagem ao Jornalismo de Dados, analisando ementas, programas e referências bibliográficas.

Quadro 10 – Disciplinas que contemplam “o digital” nas faculdades de Jornalismo

IES	Disciplina	Pré-Requisitos	Período	Carga Horária	Caráter
UEPG	Webjornalismo	Não consta	2º	68h	Obrigatória
UERN	Jornalismo Multimídia	Não consta	6º	60h	Obrigatória
UFAL	Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia	Oficina de Tecnologias Contemporâneas de Comunicação (80h, obrigatória, 4º semestre)	5º	120h	Obrigatória
UFAL	Oficina de Tecnologias Contemporâneas de Comunicação	Não consta	3º	80h	Obrigatória
UFJF	Comunicação e Expressão Visual	Não consta	1º	60h	Obrigatória

Continua...

Continuação

IES	Disciplina	Pré-Requisitos	Período	Carga Horária	Caráter
UFMS	Laboratório de Ciberjornalismo I	Ciberjornalismo (68h, obrigatório, 5º semestre)	6º	51h	Obrigatória
UFOP	Comunicação Digital e Hipermedia	Não consta	4º	72h	Obrigatória
UFOP	Gestão de Conteúdo e Análise de Redes Sociais	Não consta	Não consta	60h	Optativa
UFRGS	Ciberjornalismo II	Ciberjornalismo I (4 créditos, 2º período, obrigatória) e Teoria do Jornalismo I (4 créditos, 3º período, obrigatória)	4º	4 créditos	Obrigatória
UFRJ	Sistema de Informação	Não consta	2º	60h (teórica)	Obrigatória
UFRN	Laboratório de Mídia Digital	Não consta	6º	60h	Obrigatória
UFRRJ	Jornalismo Hipermedia	Não consta	7º	60h	Obrigatória
UFS	Jornalismo Digital	Linguagem Hipermedia (3º período)	4º	60h	Obrigatória
UFT	Webjornalismo	Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalísticas (Obrigatória, 60h, 3º período)	6º	60h	Obrigatória

Continua...

Continuação

IES	Disciplina	Pré-Requisitos	Período	Carga Horária	Caráter
UFT	Jornalismo Multimídia	Webjornalismo (Obrigatória, 60h, 6º período)	7º	60h	Obrigatória
UNIPAMPA	Jornalismo Digital I	Comunicação Digital (Obrigatória, 60h, 2º período)	3º	60h	Obrigatória
UNIR	Jornalismo e Convergência de Mídias	Não consta	6º	80h	Obrigatória
UnB	Webjornalismo	Apuração e Texto Jornalístico I (Obrigatória, 60h, 2º período)	4º	60h	Obrigatória
USP	Projetos em Jornalismo Digital	Não consta	6º	90h	Obrigatória
UFU	Tecnologias Contemporâneas em Comunicação e Educação	Não consta	3º	60h	Obrigatória

Fonte: A autora, a partir de dados informados pelas Faculdades (2018)

Assim, iniciando de modo aleatório a análise dos dados sobre as disciplinas identificadas na pesquisa e apresentadas no quadro acima, tem-se, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, a oferta da disciplina *Webjornalismo* (obrigatória, 68h, 2º período), que além de explicitamente tratar do *Jornalismo Digital em Bases de Dados* sugere abranger temas como: *Cultura digital e Jornalismo, Jornalismo na hipermídia, Gerenciadores de conteúdo, Plataformas, formatos e dinâmicas de produção e Jornalismo e redes sociais on-line*. Por ser bastante abrangente, tal disciplina ser ofertada no segundo período, sem pré-requisitos, parece um tanto prematuro, visto que, para melhor aproveitá-la, os estudantes devessem dominar outros conhecimentos relativos, por exemplo, à Matemática, à Computação, à Estatística e ao Jornalismo Digital.

Na UERN, oferta-se *Jornalismo Multimídia* (obrigatória, 60h, 6º período), disciplina que contempla os temas: *Hipertexto digital, Webjornalismo, Formatos do Jornalismo multimídia, Infografia, Jornalismo e redes sociais, Jornalismo digital em bases de dados, Jornalismo móvel e Criação de produtos multimídias*.

Na UFAL, tem-se a disciplina *Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia* (obrigatória, 120h, 5º semestre), que tem o pré-requisito da disciplina *Oficina de Tecnologias Contemporâneas de Comunicação* (80h, obrigatória, 4º semestre). A bibliografia abrange obras que abordam práticas que se relacionam e também compõem o Jornalismo de Dados, e foca em temas como: *Práticas do Webjornalismo, Produção de conteúdo jornalístico multimídia para web, Manutenção de agência de notícias on-line com atualização diária e contínua, Desenvolvimento e aplicação de ferramentas de interação e colaboração com o leitor, Relação prática e cotidiana do Jornalismo com redes sociais on-line, Jornalismo participativo por meio da internet e dispositivos móveis de comunicação*.

Além destas disciplinas, a Faculdade de Jornalismo da UFAL oferta a disciplina *Oficina de Tecnologias Contemporâneas de Comunicação* (obrigatória, 80h, 3º período), que, com viés na Análise Computacional, prevê trabalhar os temas: *Análise crítica dos impactos sociais das tecnologias de informação e comunicação, Mídias digitais e prática social, Conceitos básicos de informática, Estrutura e noções técnicas fundamentais sobre a comunicação mediada pelo computador: redes e internet, Meios interativos: hipertexto, interfaces e interatividade, Construindo e monitorando sites e blogs, Internet, audiência e consumo, Transmissão em streaming e atividades práticas e utilização de softwares e aplicativos para a comunicação digital, Análise de ferramentas on-line e Elaboração de produtos para web e mídias sociais nas organizações*.

A UFJF oferta a disciplina *Comunicação e Expressão Visual* (obrigatória, 60h, 1º período), que tem foco na Comunicação visual impressa, no cinema, na TV e nos ambientes digitais, unindo elementos técnicos, estéticos e as formas de narrativa visual.

Na UFMS, oferta-se a disciplina *Laboratório de Ciberjornalismo I* (obrigatória, 51h, 6º período), que tem como pré-requisito *Ciberjornalismo* (68h, obrigatório, 5º semestre), que, por sua vez, tem como pré-requisitos as disciplinas de *Entrevista e Pesquisa Jornalística* (68h, obrigatória, 3º semestre) e de *Jornalismo Informativo* (51h, obrigatória, 1º semestre). Segundo sugerem as ementas e a bibliografia, contempla-se alguns conteúdos relacionados a práticas do Jornalismo de Dados, abordando: *Introdução ao Ciberjornalismo, Redes Digitais, Jornalismo na internet, Características do Ciberjornalismo, Formas da narrativa do Ciberjornalismo, O Ciberjornalismo e as relações pessoais e O Ciberjornalismo e a sociedade*.

Na UFOP, oferta-se duas disciplinas relacionadas às práticas do Jornalismo de Dados: *Comunicação Digital e Hipermídia* (obrigatória, 72h, 4º período) e *Gestão de Conteúdo e Análise de Redes Sociais* (optativa, 60h). A primeira destas trata de: *Anatomia das mídias digitais, Algoritmos, Bases de dados, Interface, Linguagem das novas mídias, Design de multiplicidades: hipermídia e redes, Hipertexto e processos hipermidiáticos de comunicação, Mobilidade e interação, Mídias digitais e sociais e Introdução às linguagens de programação*. E a segunda aborda: *Marketing de Conteúdo e o seu uso para a comunicação, Estratégias de produção e circulação de conteúdo on-line, Análise e direcionamento de público a partir do tipo de conteúdo, formato e plataforma de circulação, Redes Sociais Digitais, Curadoria de conteúdo, Algoritmos e filtros bolha, Ferramentas de coleta e mesura de dados, Teoria de Grafos e Protocolos de Análise de Redes Sociais*.

Na UFRGS, tem-se a disciplina *Ciberjornalismo II* (obrigatória, 4 créditos, 4º período), que tem como pré-requisitos *Ciberjornalismo I* (obrigatória, 4 créditos, 2º período) e *Teoria do Jornalismo I* (obrigatória, 4 créditos, 3º período). Conforme ementa, há explícita abordagem ao Jornalismo de Dados mediante temas como: *Reportagem Assistida por Computador, Jornalismo de Precisão e Jornalismo de Dados, Jornalismo e redes sociais, Jornalismo Colaborativo, Tecnologias digitais e novas tendências do Jornalismo*.

Na UFRJ, tem-se a disciplina de *Sistema de Informação* (obrigatória, 60h, 2º período), que indica abordar conteúdos relacionados ao Jornalismo de Dados, a saber: *Sistemas de computação, Ambientes e sistemas operacionais, Linguagens de programação, Redes de dados, modelos e aplicações à Comunicação Social*; conteúdos estes que podem habilitar o graduando a localizar, ler e filtrar dados.

Na UFRN, tem-se a disciplina de *Laboratório de Mídia Digital* (Obrigatória, 60h, 6º período), com conteúdos que abordam: *Análise e uso de recursos na produção jornalística na web, Ecossistemas digitais, Convergência de mídias, Ubiquidade informacional e interações em rede, Rotinas produtivas para mídias digitais, Experiência do usuário, Produção de conteúdo para Jornalismo Digital, Suportes móveis e Produção e redação de textos jornalísticos para meios convergentes*.

Na UFRRJ, a disciplina de *Jornalismo Hipermídia* (Obrigatória, 60h, 7º) se assemelha bastante com a disciplina de mesmo nome da UFRN, abordando a convergência digital nos processos de comunicação social, e ainda o hipertexto, a hipermídia, o multimídia, a transmídia e o *crossmedia*, abrangendo características gerais do Webjornalismo, assim como as rotinas do trabalho jornalístico para as plataformas multimídia e também a análise e o uso de diferentes recursos na produção jornalística digital na web (bancos de dados, redes sociais, convergência

de mídias etc.), além de Jornalismo em dispositivos móveis e a produção e redação de textos jornalísticos para meios convergentes.

Na UFT, oferta-se a disciplina de *Webjornalismo* (obrigatória, 60h, 6º período), que tem como pré-requisito a disciplina *Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalísticas* (obrigatória, 60h, 3º período) e propõe que os estudantes possam identificar, analisar e aplicar formas de produção jornalística, dominando as técnicas de redação na Era digital e entendendo o perfil do webjornalista. Além de abordar o *Jornalismo em Banco de Dados*, a ementa prevê os conteúdos: *Histórico da internet, Big Data, Características e estágios do Webjornalismo, Hipertexto no Webjornalismo, Tempo real e interatividade, Processo de produção da notícia na web, O futuro do Webjornalismo: Jornalismo Semântico, Categorias e gêneros jornalísticos na internet e Webwriting*. Na mesma faculdade, oferta-se a disciplina de *Jornalismo Multimídia* (obrigatória, 60h, 7º período), que tem como pré-requisito a disciplina de *Webjornalismo*, acima analisada, e prevê abordar a apresentação a elementos e formas diferenciadas de consumo da notícia, como arquivos de áudio e vídeo, por *hiperlinks*, mídias e redes sociais; e aborda ainda: infográficos, *newsgames* e narrativas transmidiáticas, assim como também a discussão sobre a convergência e multimídia, a narrativa multimídia e a narrativa transmidiática, incluindo a utilização da reportagem multimídia no Jornalismo On-line, trata diferença entre Mídia e Rede social, abordando a notícia e a convergência nas redes sociais, e a relação entre o *Twitter* e o Microjornalismo, assim como noções de hipermídia, *Newsgames* e Infografia.

Na UFS, oferta-se a disciplina de *Jornalismo Digital* (obrigatória, 60h, 4º período), que tem como pré-requisito a disciplina *Linguagem Hipermídia* (oferecida no 3º período). De acordo com a ementa, os conteúdos contemplados são: *Características do Jornalismo veiculado pela Internet e outros meios digitais, Especificidades da reportagem para veiculação on-line e com recursos hipermídia, Estruturas narrativas no Jornalismo Digital, A função dos hiperlinks, dos recursos de edição hipermídia e dos softwares aplicativos, e também O Jornalismo em bases de dados e multiplataforma*. São previstas também análises de experiências e exercícios de reportagem, texto e edição.

A Faculdade de Jornalismo da UNIPAMPA oferta *Jornalismo Digital I* (obrigatória, 60h, 3º período), que tem como pré-requisito a disciplina *Comunicação Digital* (obrigatória, 60h, 2º período) e pós-requisito *Jornalismo Digital II* (obrigatória, 60h, 4º período), além de três disciplinas práticas: *Laboratório de Jornalismo digital I, II e III*. É uma das faculdades de Jornalismo que mais demonstrou contemplar o digital, tanto com disciplinas introdutórias, quanto mais aprofundadas, e depois ainda com a possibilidade efetiva da prática. Conforme as ementas, aborda-se os seguintes conteúdos: *História do Jornalismo Digital, Formação e*

estética do webjornalista, Fundamentos e conceitos do Jornalismo Digital, Acessibilidade e desenho universal no Jornalismo Digital, Metodologias de pesquisa científica em cibermeios, Estrutura das novas tecnologias de informação e comunicação, Memória e bancos de dados jornalísticos, Mídias e dispositivos midiáticos jornalísticos digitais, Linguagem e estratégias de produção transmidiáticas, Redes sociais digitais e Jornalismo, Produção, consumo e compartilhamento de conteúdos jornalísticos digitais, Jornalismo Digital Colaborativo e Blogs jornalísticos.

Na UnB, oferta-se a disciplina de *Webjornalismo* (obrigatória, 60h, 4º período), que tem como pré-requisito *Apuração e Texto Jornalístico I* (obrigatória, 60h, 2º período), e aborda: *História da internet, Hipermidialidade, hipertextualidade, multimidialidade, interatividade, instantaneidade, memória e personalização, Ferramentas, novos gêneros e formatos no Jornalismo em rede, Reportagem Assistida por Computador e Data mining, Produção de notícias para blogs, sites e dispositivos móveis, Técnica de construção da narrativa multimídia, Redação convergente e integrada e Redes sociais.*

Na UNIR, oferta-se a disciplina *Jornalismo e Convergência de Mídias* (obrigatória, 80h, 6º período). Prevê-se que sejam trabalhados os conteúdos de: *Multimídia, Convergência, Visualização de dados, Infografia e Possibilidades web.*

Na USP, tem-se a disciplina de *Projetos em Jornalismo Digital* (obrigatória, 90h, 6º período), na qual se trata de: *Inovação, tecnologia e ferramentas para o Jornalismo, Jornalismo multimídia e interfaces interativas na web, NewsGames, Instalações de plugins e templates, História do Jornalismo Digital no Brasil e as perspectivas da comunicação e da produção de informação, Panorama de ferramentas do Jornalismo On-line, Sistemas de gerenciamento de conteúdo, Funcionamento dos principais CMS livres, Principais ferramentas de edição multimídia, Jornalismo 2.0, Planejamento editorial, Mudanças estruturais na temporalidade a partir dos meios de comunicação de massa e dos meios eletrônicos, O Jornalismo colaborativo e suas implicações, Jornalismo de Base de Dados, RAC e Web profunda.*

Na UFU, oferta-se a disciplina de *Tecnologias Contemporâneas em Comunicação e Educação* (obrigatória, 60h, 3º semestre), que aborda desde o advento das tecnologias, passando pelas TIC, a RAC, possibilidades de convergência, e também a relação com a Educação.

O digital era uma grande promessa dessa análise, visto que, o Jornalismo de Dados não foi uma recomendação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais, mas uma atenção especial à convergência tecnológica sim, por isso, esperou-se encontrar profundidade no tratamento do assunto, assim como novidades e inclusive o próprio Jornalismo de Dados dentro das disciplinas que contemplassem o digital.

Mesmo contemplando o digital, algumas disciplinas não trouxeram muitas novidades ou aprofundamento nas ementas, e, em alguns casos, a disciplina até já era ofertada no antigo currículo, mas foi mantida sem modificações ou, quando muito, com nome diferente. Já outras demonstraram inovação ao agregar o digital de modo a perpassar diversas disciplinas, inclusive as práticas tradicionais do Jornalismo. Foi possível observar também abordagens mais ousadas ao digital, como foi o caso da UFT, com abordagens sobre os *Big data* e a *Web* semântica, por exemplo. Das 32 faculdades de Jornalismo investigadas nesta etapa da pesquisa documental, em 17 se encontrou a abordagem explícita ao Jornalismo de Dados nas ementas de disciplinas.

Alguns PPCs inclusive discorrem de maneira reflexiva sobre a questão do digital, e dão atenção especial às mudanças no papel social do jornalista diante do imenso volume de dados e informações disponíveis on-line, e da necessidade de inovar e otimizar as rotinas produtivas. É necessário ressaltar que nem sempre o Jornalismo de Dados apareceu de maneira explícita, como aconteceu nas ementas da UEPG, UERN, UFRGS, UFT, UFS, e USP, que tratam do tema diretamente, mas mediante práticas compatíveis com as atividades características do Jornalismo de Dados e contempladas nessas disciplinas, ou mesmo de maneira relacionada, como é o caso da Reportagem Assistida Por Computador (RAC), na UFRGS, UnB, USP e UFU, que, como coloca Cruciani (2013), é uma das práticas que compõem o Jornalismo de Dados mediante a reunião e análise de dados. Há ainda recorrência da preocupação na Visualização de dados e na Infografia, que são elementos importantes do Jornalismo de Dados, como se nota nos PPCs dos cursos ligados às universidades: UERN, UFJF, UFT, UFOP e UNIR. Também foi possível identificar a análise de dados e/ou computacional em disciplinas com foco no digital nos cursos das universidades: UFAL, UFOP e UFRJ. Já a preocupação com a narrativa para o digital apareceu nas universidades: UFJF, UFMS, UFS, UFT e UnB.

De maneira geral, há preocupação em inovação para o digital e práticas jornalísticas que contemplem as necessidades atuais, bem como a relação com os públicos do Jornalismo on-line e demais especificidades que sugerem trazer algo de novo para as faculdades de Jornalismo. Outra característica é que 95% das disciplinas estão em caráter obrigatório, ou seja, dentre as 20 disciplinas com foco no digital encontradas, apenas uma é ofertada em caráter optativo, o que sugere a importância estrutural da discussão sobre o tema. A carga horária entre as IES gira, na maioria dos casos, em torno de 60h, com algumas variações, valendo destacar quatro casos que contam com carga horária substancialmente maior: Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL), com 120h; Projetos em Jornalismo Digital (USP), com 90h; e as disciplinas Oficina de Tecnologias Contemporâneas de Comunicação (UFAL) e Jornalismo e Convergência de Mídias (UNIR), ambas com 80h. Além disso, 8 das 20 disciplinas possuem

pré-requisitos; e a sua distribuição por período se deu da seguinte maneira: 1 é ofertada no primeiro período, 1 no segundo período, 2 no terceiro, 4 no quarto, 1 no quinto, 6 no sexto e 2 no sétimo; sendo que a única optativa não possui período definido.

As que são ofertadas ao primeiro e segundo períodos, por serem mais superficiais e introdutórias justificam essa distribuição, com exceção de uma que também aparece no segundo período, a de Webjornalismo, não ficando claro se seria o melhor semestre para oferta, visto que são necessários mais conhecimentos prévios para seu melhor aproveitamento, mas isso, em contrapartida, pode atender também ao recomenda as novas DCN, ao sugerir que a prática já fosse inserida desde o início do curso. Os períodos que são ofertadas essas disciplinas estão um tanto dispersos, concentrando-se um pouco mais no 4º (com 20%) e no 6º (30%) períodos de curso, mas ocorrem em dois casos também no 3º (10%) e em mesmo número no 7º (10%), ou seja, períodos em que parte das teorias já foram introduzidas; e é usual da graduação a oferta de disciplinas que demandem conhecimentos prévios para a inserção na prática, inclusive. Mas, conforme foi exposto, nessa questão ainda não há total consenso.

Os resultados evidenciam que, a abordagem ao digital precisa avançar, mas ainda assim, o fato de 53% das faculdades de Jornalismo estarem atentas às necessidades de adaptação para o digital sugere que alguma coisa vem sendo feita a este respeito, o que pode ser visto em suas ementas, que trazem conteúdos e bibliografias que amparam a discussão em sala de aula. A autonomia que as faculdades têm dá também a possibilidade de criarem novos PPCs e ementas distintas entre as universidades (mesmo em disciplinas com o mesmo título), e isso pode ser observado na heterogeneidade das propostas. O digital, em sua característica de modificações e inovações constantes, preconiza atenção e não uma construção definitiva nas propostas com foco neste, privilegiando a diversidade de abordagens entre as IES, e, embora pareça difícil de se perceber um alinhamento de discursos quanto à formação do jornalista, existem vários pontos de convergência entre as especificidades locais.

5.2.4 Disciplinas relativas a especialidades do Jornalismo que contemplam práticas do Jornalismo de Dados nas faculdades de Jornalismo

Iniciando a análise também de maneira aleatória, a última das investigações dos PPCs procurou mapear nas ementas das disciplinas ofertadas pelas faculdades de Jornalismo, aquelas em que estão presentes de técnicas de Jornalismo de Dados. Conforme pode ser acompanhado pelo quadro acima, a UEMG, tem duas disciplinas que sugerem abordar técnicas de Jornalismo de Dados: *Jornalismo Político* (optativa, 60h) e *Jornalismo Investigativo* (optativa, 30h). Na

primeira, ementa e bibliografia preveem abordar a consulta a base de dados, e, na segunda, além do próprio Jornalismo Investigativo, que marca o Jornalismo de Dados, tem-se também a RAC, preconizando o direito ao acesso à informação pública.

Quadro 11 – Disciplinas que contemplam Especialidades do Jornalismo que indicaram abordar Jornalismo de Dados nas faculdades de Jornalismo

IES	Disciplina	Pré-Requisitos	Período	Carga Horária	Caráter
UEMG	Jornalismo Político	Não consta	Não consta	60h	Optativa
UEMG	Jornalismo Investigativo	Não consta	Não consta	30h	Optativa
UEPG	Métodos de Apuração Jornalística	Não consta	2º	68h	Obrigatória
UFAC	Jornal Laboratório 2	Redação Jornalística 2 (60h, obrigatória, 4º período) Redação Jornalística 1 (60h, obrigatória, 3º período)	6º	60h	Obrigatória
UFAL	Oficina de Texto em Jornalismo II	Oficina de Texto em Jornalismo I (80h, obrigatória, 1º período)	2º	80h (20h teórica e 60h prática)	Obrigatória
UFJF	Técnicas de Investigação Jornalística	Não consta	2º	30h	Obrigatória
UFMS	Prática de Reportagem	Entrevista e Pesquisa Jornalística (3º período)	7º	68h	Obrigatória

Continua...

Continuação

IES	Disciplina	Pré-Requisitos	Período	Carga Horária	Caráter
UFOP	Laboratório Integrado I: Texto e Web	Introdução ao Jornalismo; Apuração, Redação e entrevista; Redação em Jornalismo; Comunicação Digital e Hipermídia	6º	108h	Obrigatória
UFOP	Laboratório Integrado II: Grande Reportagem	Introdução ao Jornalismo; Apuração, Redação e entrevista; Redação em jornalismo; Planejamento Visual; Fotojornalismo	7º	144h	Obrigatória
UFRJ	Técnica de Reportagem I	Não consta	4º	60h	Obrigatória
UFRRJ	Jornalismo Investigativo	Não consta	Não consta	60h	Optativa
UFRRJ	Técnicas de Reportagem	Não consta	2º	60h	Obrigatória
UFS	Linguagens e Técnicas da Reportagem	Oficina de Textos Jornalísticos (1º período)	2º	60h	Obrigatória
UnB	Jornalismo Investigativo	Apuração e Texto Jornalístico 1(2º período)	4º	60h	Obrigatória
UNICENTRO	Jornalismo Investigativo	Não consta	Não consta	68h	Optativa

Continua...

Continuação

IES	Disciplina	Pré-Requisitos	Período	Carga Horária	Caráter
UNIFAP	Comunicação Contemporânea na Sociedade de Dados	Não consta	Não consta	60h	Optativa
UNIR	Jornalismo Especializado	Teorias do Jornalismo (3º período)	5º	80h	Obrigatória

Fonte: A autora, a partir de dados informados pelas Faculdades (2018)

Na UEPG, oferta-se a disciplina Métodos de Apuração Jornalística (obrigatória, 68h, 2º período), que inclui: *Introdução dos fundamentos da atividade jornalística, Definição de pauta, Procedimentos de apuração e Levantamento de dados em documentos, sites e base de dados e Realização de entrevistas com fontes primárias e secundárias*. A ementa prevê ainda: *Prática de investigações jornalísticas mais aprofundadas, Metodologia na apuração de reportagens investigativas, RAC, Procedimentos de investigação de informações e cruzamentos em diferentes bases de dados, Leitura de dados em Excel e Técnicas de checagem*.

Na UFAC, tem-se *Jornal Laboratório 2* (obrigatória, 60h, 6º período), que tem como pré-requisitos *Redação Jornalística 2* (60h, obrigatória, 4º período) e *Redação Jornalística 1* (60h, obrigatória, 3º período). A disciplina aborda: *Prática de reportagem, Tipos de entrevista e estruturas de reportagem, Tipos de texto jornalístico, Apuração de informação, fontes e legitimidade (assessorias, bibliografias, documentos, estatísticas, internet, bancos de dados, arquivos públicos) e A Grande Reportagem: planejamento, apuração e texto*.

Na UFAL, oferta-se a disciplina *Oficina de Texto em Jornalismo I* (obrigatória, 80h, 1º período), pré-requisito da *Oficina de Texto em Jornalismo II* (obrigatória, 80h, 2º semestre), cuja ementa inclui os temas: *Elaboração de texto jornalístico no formato grande reportagem, Interpretação de estudos, relatórios, documentos, leis e bancos de dados, RAC, Diferenças entre grande reportagem para mídia impressa (jornal diário, Revista) e internet, Jornalismo de revista, Elaboração de textos para gêneros opinativos, Características, formatos e técnicas para elaboração de textos para gêneros opinativos (editoriais, crônicas, resenhas, colunas etc.) e Diferenças entre gêneros opinativos para mídia impressa (jornal diário, Revista) e internet*.

Ofertada pela Faculdade de Jornalismo da UFJF, a disciplina *Técnicas de Investigação Jornalística* (obrigatória, 30h, 2º período), prevê: *Utilização de fontes documentais e pesquisa no processo de produção jornalística, Informação documental e outras fontes de informação, Função do jornalista frente ao potencial de pesquisa na internet, Bancos de dados e pesquisa auxiliada por computador, Entrevista como técnica de investigação, e O rigor informativo e a responsabilidade jornalística.*

Na UFMS, oferta-se a disciplina *Prática de Reportagem* (obrigatória, 68h, 7º período), que tem como pré-requisito *Entrevista e Pesquisa Jornalística* (3º período), com conteúdos que incluem: *Conceito de Reportagem, A pauta como elemento de estruturação, Tipos e estrutura da reportagem, Livro-reportagem e RAC.*

No Bacharelado em Jornalismo da UFOP, há duas disciplinas que sugerem abordar técnicas relacionadas ao Jornalismo de Dados. A primeira, *Laboratório Integrado I: Texto e Web* (obrigatória, 108h, 6º período) tem várias disciplinas como pré-requisito: *Introdução ao Jornalismo; Apuração, redação e entrevista; Redação em Jornalismo; Comunicação Digital e Hipermídia.* E a segunda, *Laboratório Integrado II: Grande Reportagem* (obrigatória, 144h, 7º período), tem como pré-requisitos: *Introdução ao Jornalismo; Apuração, redação e entrevista; Redação em Jornalismo; e Planejamento Visual e Fotojornalismo.* Por estarem no 6º e no 7º períodos, pressupõe-se que as disciplinas teóricas fundamentais para a base de formação do jornalista já tenham sido vistas, e, inclusive, algumas aparecem como pré-requisitos.

Por serem laboratoriais, as disciplinas da UFOP contam com atividades práticas, sendo que, em *Laboratório Integrado I*, aborda-se: *Práticas convergentes de produção jornalística laboratorial em diferentes plataformas, Rotinas produtivas e hierarquias editoriais, Pesquisa, produção, apuração, redação, edição e revisão de notícias e reportagens, Visualização de dados e de produtos jornalísticos laboratoriais e, ainda, Construção de significados a partir da complementaridade de linguagens.* Dando sequência, em *Laboratório Integrado II*, aborda-se: *Trânsitos e experimentações entre linguagens, suportes, formatos, modelos, processos produtivos e conteúdos jornalísticos, Ética nos espaços laboratoriais jornalísticos, Grande reportagem, Fotografia e planejamento visual na grande reportagem, Projeto gráfico, Jornalismo Investigativo, Jornalismo de precisão, Tratamento de dados e documentos complexos, Relação com fontes visuais, Possibilidades narrativas e Livro-reportagem.*

Ofertada pela Faculdade de Jornalismo da UFRJ, a disciplina da *Técnica de Reportagem I* (obrigatória, 60h, 4º período) vai discutir: *Funções do repórter na empresa jornalística, Fontes e métodos de apuração, Relação entre apuração e texto final, Técnicas de entrevista,*

Pesquisa e uso de bancos de dados, Reportagem para veículos impressos, eletrônicos e digitais e Questões éticas na reportagem.

A UFRRJ conta com as disciplinas *Jornalismo Investigativo* (optativa, 60h) e *Técnicas de Reportagem* (obrigatória, 60h, 2º período). A primeira visa proporcionar ao aluno uma visão geral do Jornalismo Investigativo, estimular a análise crítica, conscientizar da responsabilidade social do jornalista, abordar a prática da apuração e a importância da documentação, além das modalidades do Jornalismo de Precisão e RAC, além da pesquisa de profundidade na internet com uso de banco de dados, exercita discorrer sobre o direito de acesso a informações públicas e sobre a liberdade de expressão, e ainda sobre os limites legais da investigação jornalística, ética e responsabilidade profissional, e conhecer as associações de Jornalismo Investigativo no mundo; trata ainda da seleção e uso das fontes, levantamento e checagem de dados, utilização da *web* (em *sites*, bancos de dados, redes sociais etc.), produção de pauta e análise de dados estatísticos. Já a segunda disciplina aborda: *Técnicas de entrevista, Postura ética e profissional, A Grande Reportagem, Pesquisa para Grande Documentário, Livro reportagem e Reportagem multimídia.*

Na UFS, tem-se a disciplina *Linguagens e Técnicas da Reportagem* (obrigatória, 60h, 2º período), que tem como pré-requisito *Oficina de Textos Jornalísticos* (1º período) e prevê discutir “a reportagem como método de apuração e como gênero narrativo”, além de conteúdos como: *Componentes da reportagem, Reportagem noticiosa, temática, especial e investigativa, A pauta e a apuração como a “alma” da reportagem, Seleção e abordagem de fontes documentais e humanas, Pesquisa prévia em bases de dados e repositórios virtuais de informação, Entrevistas e dados de observação, Texto em diferentes mídias*; conteúdos estes que serão trabalhados por meio de exercícios em sala de aula e em trabalho de campo.

Na UnB, novamente aparece a disciplina de *Jornalismo Investigativo* (obrigatória, 60h, 4º período, pré-requisito *Apuração e Texto Jornalístico 1*, 2º período). A disciplina reúne: *Técnicas avançadas de apuração e de Jornalismo Investigativo, RAC, Busca de informações em órgãos públicos, empresas privadas, ONGs, investigação de patrimônio e tratamento da informação obtida em bases de dados.*

Na UNICENTRO, também se oferta *Jornalismo Investigativo* (optativa, 48h), e também é onde o Jornalismo de Dados pode ser visto indiretamente, a partir do Jornalismo de Precisão e da RAC. Além disso, são vistos os seguintes conteúdos: *Noções conceituais sobre Jornalismo Investigativo, Investigações jornalísticas históricas, Problemas éticos da investigação jornalística e Reportagem no jornalismo investigativo: tipologia e formas narrativas.*

A UNIFAP oferta a disciplina *Comunicação Contemporânea na Sociedade de Dados* (optativa, 60h), que abrangerá: *Surgimento e funcionamento das redes telemáticas, Avanço da tecnologia de captação, produção e distribuição de conteúdos multimídia, Redes centralizadas, descentralizadas e distribuídas, Novas interfaces digitais, Dados estruturados, Bancos de dados e sistemas de busca, Convergência de mídias e divergência de veículos de comunicação, Inovações tecnológicas dos formatos das redes e mídias sociais, Sistemas computacionais de recomendação, de avaliação e de reputação e Lei de Livre Acesso à Informação.*

Finalizando, a UNIR oferece a disciplina *Jornalismo Especializado* (obrigatória, 80h, 5º período), que tem como pré-requisito *Teorias do Jornalismo* (3º período), e sobre a qual se poderia destacar em seu conteúdo fronteiras e confluências entre jornalismo especializado, investigativo e de precisão.

Buscando disciplinas que abordassem Jornalismo de Dados, foi possível identificar que 14 faculdades de Jornalismo contemplaram a temática de maneira dissolvida dentro de outras disciplinas. Neste ponto, chama a atenção a disciplina de Jornalismo Investigativo, que propõe técnicas de Jornalismo de Dados mediante a Reportagem Assistida por Computador (RAC), e disciplinas com foco no texto jornalístico em si e de abrangência à grande reportagem, com a consulta a base de dados, e discussões sobre Lei de Acesso à Informação, por exemplo.

Sugerindo uma abordagem cidadã, só foi possível identificar conteúdos na UEMG, na disciplina de Jornalismo Político, na UFRRJ, com Jornalismo Investigativo, e na UNIFAP, com a disciplina *Comunicação Contemporânea na Sociedade de Dados*, quando trazem a LAI ou a discussão sobre o direito à liberdade de expressão. A carga horária recorrente das disciplinas é de 60h, com alterações mais significativas quando estas são voltadas à prática laboratorial, em que aumenta substancialmente. Do total de disciplinas encontradas, 12 são obrigatórias e cinco são optativas, sendo que 8 destas possuem pré-requisitos, o que possibilita uma base para que assuntos densos possam ser trabalhados.

As disciplinas estão distribuídas principalmente no 2º período (29%) ou também não possuem período especificado (29%), sendo optativas, as demais estão divididas entre 4º, 5º, 6º e 7º períodos. A incidência das disciplinas no 2º período dialoga com a análise acima, da concentração de conteúdos voltados ao Jornalismo de Dados em disciplinas voltadas ao texto jornalístico, e a técnicas de apuração e reportagem, que funcionam inclusive como disciplinas obrigatórias e introdutórias ao Jornalismo. A profundidade dos conteúdos, mesmo nos períodos iniciais, sinaliza inclusive a inovação e o foco no digital distribuída entre a formação básica do jornalista, ainda que não seja majoritário, visto que, declaradamente foram encontradas na

UEPG, UFAL, UFJF, UFRRJ e UFS, mas abre precedentes para que essa possibilidade seja avaliada por outras Instituições.

A análise dos Projetos Pedagógicos de curso foi dividida em duas etapas principais: a primeira visou identificar as faculdades de Jornalismo que ofertam explicitamente a disciplina de Jornalismo de Dados, e a segunda consistiu em identificar disciplinas que contemplassem práticas que também compõem o Jornalismo de Dados nas faculdades que não sinalizaram ofertar a disciplina explicitamente. Para isso, foram analisadas as ementas, cargas horárias, caráter da disciplina e pré-requisitos.

Dos 32 PPCs disponibilizados por faculdades de Jornalismo que sinalizaram já ter aderido às novas Diretrizes Curriculares Nacionais que orientam o Bacharelado em Jornalismo, 8 indicam a oferta explícita da disciplina Jornalismo de Dados, ainda que de forma discreta, sem informações sobre a efetiva regularidade da oferta, sem consenso entre faculdades sobre o seu conteúdo, sem dados sobre sua incorporação ou resultados, muitas sem pré-requisitos e, de todas, mesmo com ponderações, as que mais se mostraram abrangentes ao Jornalismo de Dados foram as disciplinas ofertadas pela UNESP.

Nas faculdades de 6 universidades foram encontradas práticas específicas que compõem o Jornalismo de Dados (como: extração e tratamento de dados, análise matemática, estatística, visualização de dados etc.), são estas: UFRGS, UFRJ, UFT, UFS, UFU e UnB. Ainda que não ofertem declaradamente o Jornalismo de Dados, foi interessante encontrar nas faculdades estas práticas, visto que, tendo como base novamente o conceito de Bourdieu (1972), para quem, mais importante nem sempre é o que se diz sobre algo, mas o que se faz sobre aquilo, ainda mais porque em um grupo, no caso aqui, a comunidade acadêmica de docentes que estrutura os PPCs, tem em seu cotidiano ações e apropriações de experiências e as reproduzem até que estas sejam naturalizadas, sugerindo, assim, que experiências com o digital e técnicas de Jornalismo de Dados já se fizesse presentes anteriormente como práticas, embora sob outras roupagens.

Dessas, as faculdades de Jornalismo da UFRJ, UFS e UnB ofertam outras disciplinas específicas do Jornalismo e que contemplam o Jornalismo de Dados. Destacam-se ainda UEPG, UFAL, UFMS, UFOP, UFRRJ e UNIR, que, além de ofertarem duas disciplinas com práticas de Jornalismo de Dados, também ofertam disciplinas que abordam a temática diretamente. As demais, conforme os PPCs, apresentaram uma ou no máximo duas práticas, o que não seria suficiente para contemplar os aspectos que compõem efetivamente o Jornalismo de Dados. As práticas de Jornalismo de Dados mais encontradas nos PPCs têm relação com a visualização de dados e com “o digital”, que também se mostrou bastante presente, mas, como já foi discutido especificamente em cada tópico, conforme as ementas, não há inovação em muitas disciplinas,

o estudo gráfico é geralmente voltado à diagramação e o digital ainda com foco na convergência do texto para o on-line, ou seja, embora algumas disciplinas mudem de nome, mantém a mesma abordagem. A prática menos recorrente foi a de análise matemática e estatística, inclusive uma perda com as novas diretrizes, já que muitas sinalizaram ofertar no antigo currículo, ainda que sob caráter optativo, evidenciando uma redução na prática em conceitos que seriam fundantes do tratamento de dados. Também do ponto de vista computacional, referências a exercícios de tabulação e análise de dados não foram encontradas em muitas ementas, e isso é algo que pesa consideravelmente na capacitação em Jornalismo de Dados.

Somadas, as faculdades de Jornalismo que ofertam a disciplina de Jornalismo de Dados (8) explicitamente e as que sugerem abordar práticas fundamentais que o compõem (6), tem-se que 44% das faculdades podem estar formando seus estudantes para trabalhar com o Jornalismo de Dados, ou seja, pouco menos da metade – sem contar que disciplinas optativas podem não estar sendo oferecidas, ou pelo menos não regularmente.

Nesse sentido, em se considerando ainda que as demais ofertam uma ou duas práticas, constatar que menos da metade das faculdades contempla esta discussão pode ser muito pouco no que tange à inovação no Jornalismo e quanto aos aspectos voltados ao digital, e pensando a que a nova geração de jornalistas deve estar atenta, frente as exigências do mercado e também da sociedade como um todo.

Dentro das disciplinas de Jornalismo de Dados também não há referência à importância do seu papel cidadão, na divulgação de informações que dizem respeito ao interesse público, característica que poderia ser explorada de maneira multidirecional e não só em disciplinas específicas. Quando foi encontrada esta característica, o foi de forma sutil, falando de aspectos a serem trabalhados com foco no direito à liberdade de expressão e ao acesso a informação. O ideal seria unir o discurso da cidadania e estendê-lo por toda matriz curricular, para que não seja esquecido, e mais, para que seja reforçado, para que sua importância não se perca e o futuro jornalista tenha em mente sua responsabilidade, principalmente diante do que caracteriza a era atual da velocidade e disponibilidade de informação, mas, ao mesmo tempo, uma era de muita desinformação e notícias falsas, ou permeada de interesses políticos e privados que minam o interesse público. A relevância desta parte da análise se mostra no sentido de que: o que não é deixado claro, exercitado, geralmente, por consequência, gera um analfabetismo funcional. E ainda que os docentes tenham autonomia para ministrar suas disciplinas, e que não tenham esta formação ou uma capacitação apropriada ao ensino do Jornalismo de Dados, parece necessário haver um alinhamento dos discursos nas faculdades (em seus PPCs) no sentido produzir certo consenso sobre de que trata este subcampo do Jornalismo, sem pretender de maneira alguma

esgotar os temas fundamentais à formação jornalística, mas distribuí-los conforme as demandas mais atuais.

5.3 Análises das respostas dos coordenadores de curso de Jornalismo aos formulários

Como estratégia metodológica complementar à análise dos dados dos 32 PPCs, optou-se pela aplicação de questionários via formulários do Google (Google Forms¹⁰), dirigidos aos coordenadores(as) dos cursos de Jornalismo, pois não há ninguém em posição de maior aptidão para falar sobre os PPCs vigentes em cada caso, pois, além de terem de acompanhar o processo burocrático de adequação e de implementação do currículo, conhecem o funcionamento de cada faculdade e possuem uma visão mais ampla sobre as rotinas dos cursos.

A escolha de formulários eletrônicos também se justifica pelo fato de não necessitar da presença do pesquisador para serem aplicados, não sendo necessário o deslocamento até cada instituição, sendo assim menos oneroso diante do orçamento reduzido desta pesquisa, além do recebimento de respostas mais precisas, por escrito, considerando a autonomia da resposta por cada coordenador, e ainda por fornecer respostas em um formato padronizado, já estruturado pelo formulário, facilitando, desta forma, a análise dos resultados.

O formulário (disponibilizado nos Apêndices deste trabalho) foi desenvolvido após passar por parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFG), e foi estruturado levando em consideração: (1) apresentação da pesquisadora, exposição de motivos e objetivos de trabalho e convidando os coordenadores de curso a participarem; (2) depois foram expostos os termos para aceitação dos participantes e, na sequência, identifica-se os coordenadores por IES; e, por fim, (3) o questionário em si, com 12 perguntas abertas e 6 fechadas (com múltipla escolha) – o questionário foi baseado em lacunas encontradas nos PPCs e a partir de recomendações das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Bacharelado em Jornalismo que pudessem trazer compreensões possíveis sobre o ensino do Jornalismo de Dados enquanto disciplina ou prática.

O formulário ficou aberto para resposta por 40 dias, abrangendo partes dos meses de setembro e outubro de 2018. A primeira tentativa de contato visou incluir as 44 faculdades de Jornalismo que, conforme dados do e-MEC, já teriam aderido, ou estariam em processo de adesão, ao Bacharelado, mas, destas, 32 que haviam disponibilizado os PPCs, documento que se faz imprescindível para esta análise, excluindo as restantes desta etapa da pesquisa. Enviou-se e-mail aos endereços eletrônicos oficiais das coordenações de curso com uma apresentação

¹⁰ Disponível em: <https://docs.google.com/forms>. Acesso em: 19 jan. 2019.

geral da pesquisa e com o *link* para o formulário. Por não ter conseguido muitas respostas, após o primeiro mês, reenviou-se os e-mails, e, na ocasião, reforçando o convite formalmente via telefone. No total, das 32 IES, foram obtidas, ao final do prazo de 40 dias, 9 respostas, número que, conforme Marconi e Lakatos (2012), é razoável, tendo em vista que, em questionários via formulário enviados por e-mail, a taxa média de devolução é de 25%. A hipótese para esta baixa participação é a de uma possível falta de interesse ou até mesmo de falta de conhecimento em relação à temática.

5.3.1 Definição de Jornalismo de Dados conforme os coordenadores de curso por IES

Se o foco desta pesquisa está no Jornalismo de Dados, então, a primeira pergunta aos coordenadores se deu no sentido de saber o que eles entendem por Jornalismo de Dados, o que poderia indicar também traços da visão da instituição a respeito, ou mesmo a opinião de vários professores de Jornalismo, muitos deles sem conhecimento específico sobre o tema, elementos estes que podem enriquecer a presente pesquisa.

Quadro 12 – Definição de Jornalismo de Dados conforme os coordenadores de curso por IES

IES do coordenador	O que você entende por Jornalismo de Dados?
UFAL	É uma técnica jornalística em engloba diversas mídias para contar histórias.
UNIR	Arquivamento e interpretação jornalísticas baseada em informações numéricas que devem estar, de alguma maneira, interligadas, através de mecanismos manuais, analógicos ou digitais.
UNIPAMPA	Toda prática jornalística ou conceito de comunicação aliado aos dados armazenados em bancos e sistemas de informação.
UFOP	Jornalismo produzido a partir de abordagens e angulações centradas em dados, não necessariamente estruturados e não necessariamente massivos.

Continua...

Continuação

Instituição de Ensino	O que você entende por jornalismo de dados?
UFPEL	O jornalismo de dados é uma nova possibilidade proporcionada pelas novas tecnologias de informação e comunicação que abrange ferramentas que proporcionam um melhor e maior conhecimento dos fatos do dia-a-dia.
UERN	É o jornalismo com forte potencial de checagem com base em elementos objetivos, quando se confronta fontes, números, bases de dados etc.
UFRRJ	É um jornalismo praticado nos tempos atuais em que há o uso de dados diversos para a construção da notícia. Esses dados presentes na internet podem ser utilizados tanto como fontes como ferramentas para a narrativa.
UFT	A prática jornalística com ênfase em técnicas de análise de informações de bancos de dados, estatísticas, levantamentos institucionais e acervo de pesquisas, dentre outros.
UFG	Trata-se de uma metodologia para auxiliar na busca de informações que serão utilizadas em reportagens, utilizando sobretudo a web como espaço de investigação. O jornalismo de dados não apenas se vale dessas ferramentas avançadas de busca, como fornece meios para ler e compreender esses dados e, posteriormente, publicizá-los de maneira coerente e inteligível, dentro de princípios de difusão jornalística.

Fonte: Dados da Pesquisa

As respostas foram bastante diversas, revelaram múltiplas formas de como o Jornalismo de Dados é encarado: uma técnica, uma ferramenta, uma nova possibilidade para o Jornalismo, mas, principalmente, uma prática jornalística; e os dados on-line apareceram como as principais fontes. A visão dos coordenadores quanto ao Jornalismo de Dados incluiu:

- a) uma maneira de contar histórias;
- b) arquivamento e interpretação jornalísticas baseadas em informações numéricas;
- c) um conceito de comunicação aliado aos dados armazenados em bancos e sistemas de informação, produzido a partir de abordagens e angulações centradas em dados;

- d) uma nova possibilidade proporcionada pelas novas tecnologias de informação e comunicação que abrange ferramentas que proporcionam um melhor e maior conhecimento dos fatos do dia-a-dia;
- e) potencial de checagem com base em elementos objetivos, quando se confronta fontes, números, bases de dados etc. – o uso de dados diversos para a construção da notícia;
- f) dados presentes na internet utilizados tanto como fontes, quanto ferramentas para a narrativa;
- g) técnicas de análise de informações de bancos de dados, estatísticas, levantamentos institucionais e acervo de pesquisas, dentre outros;
- h) auxiliar na busca de informações que serão utilizadas em reportagens, utilizando sobretudo a *web* como espaço de investigação e fornece meios para ler e compreender esses dados e, posteriormente, publicizá-los.

Com base nos conceitos apresentados no decorrer deste trabalho, e, especialmente, com base nas definições de Crucianelli (2013) e Bradshaw (2011) de Jornalismo de dados – para a primeira, trata-se de uma modalidade jornalística que abrange uma grande quantidade de dados, visualização interativa e transdisciplinaridade com a programação, e reúne ainda características de pelo menos outros cinco campos do Jornalismo (Jornalismo Investigativo, Jornalismo de Profundidade, Jornalismo de Precisão, RAC e Jornalismo Analítico), e, de acordo com aquele segundo autor, compõe-se das seguintes etapas: compilar, limpar, contextualizar, combinar e comunicar, sendo que este último tópico conta ainda com a visualização, narração, socialização, humanização, personalização e utilidade dos dados –, o entendimento que mais se aproximou foi o da coordenação do curso de Jornalismo da UFG, tendo as demais contemplado aspectos do Jornalismo de Dados de forma desarticulada e/ou reduzido a algumas de suas práticas.

5.3.2 Oferta da disciplina de Jornalismo de Dados

Dos 9 coordenadores que responderam ao questionário, apenas um deles (da UFPEL) declarou que a faculdade oferece a disciplina de Jornalismo de Dados.

Quadro 13 – Oferta da disciplina Jornalismo de Dados nas faculdades

Instituição de Ensino	O curso de Jornalismo que você coordena oferta a disciplina Jornalismo de Dados?
UFAL	Não
UNIR	Não
UNIPAMPA	Não
UFOP	Não
UFPEL	Sim
UERN	Não
UFRRJ	Não
UFT	Não
UFG	Não

Fonte: Dados da Pesquisa

Após saber se existia a oferta da disciplina, os coordenadores foram questionados quanto à maneira com que a disciplina era ofertada, em uma pergunta de múltipla escolha e sem caráter obrigatório de resposta, e os respondentes contaram com as seguintes opções: Núcleo Livre, Obrigatória, Disciplina de inverno/verão, Optativa, Curso de extensão, Grupo de Pesquisa ou Outro. A coordenação da UFPEL, disse que não há disciplina específica com a nomenclatura de Jornalismo de Dados, mas que a temática é contemplada em duas disciplinas obrigatórias do curso. Já a coordenação da UFT (que manifestou na pergunta anterior não ofertar a disciplina) afirmou que, às vezes, a disciplina se dá integrada à disciplina “Análise de Dados Estatísticos”.

Quadro 14 – Espaço em que a disciplina de Jornalismo de Dados acontece

Instituição de Ensino	A disciplina de jornalismo de dados acontece
UFAL	Não é ofertada
UNIR	Não é ofertada
UNIPAMPA	Não é ofertada
UFOP	Não é ofertada
UFPEL	Em laboratório de informática
UERN	Não é ofertada
UFRRJ	Não é ofertada

Continuação...

Continuação...

Instituição de Ensino	A disciplina de jornalismo de dados acontece
UFT	Em laboratório de informática
UFG	Não é ofertada

Fonte: Dados da Pesquisa

Nesta pergunta com modelo de resposta de múltipla escolha, os coordenadores poderiam escolher entre as alternativas: em sala de aula, em laboratório de informática, metade em sala de aula e metade em laboratório, mais em sala de aula que em laboratório, mais em laboratório que em sala de aula e não é ofertada.

Na questão, apenas UFPEL e UFT responderam “Em laboratório de informática”, os demais mantiveram a afirmação de que não era ofertada.

5.3.3 Produtos resultantes da disciplina de Jornalismo de Dados e divulgação de resultados

A partir dessa pergunta aberta, algumas faculdades, que até então mantinham a posição de não ofertar a disciplina, começaram a responder positivamente sobre produtos resultantes da disciplina e a divulgação de resultados, não só reconsiderando posições, mas fazendo possíveis associações, o que sugere a inserção do tema em outras disciplinas, como nos casos da UFPEL e da UFT, que utilizaram o espaço das primeiras questões para expor esse ponto.

A UNIR pontuou que o Jornalismo de Dados é contemplado em disciplina destinada à produção jornalística digital, mas não mencionou produtos ou resultados. A UFPEL, única que possuía declaradamente a disciplina explicou que os produtos resultantes são basicamente reportagens e notícias factuais e que há alguma preocupação com a divulgação dos resultados.

A UFRRJ disse que não há produtos específicos no momento. Conforme a UFT, não existe uma proposta específica de produto, nem divulgação dos resultados. A UFG reforçou que não possui disciplina específica de Jornalismo de Dados, mas que o conteúdo permeia algumas disciplinas, sem mencionar também produtos ou preocupação com a divulgação de resultados. UFAL, UNIPAMPA, UFOP e UERN mantiveram a posição que não é ofertada.

5.3.4 Abordagens ao Jornalismo de Dados dentro de outras disciplinas

Quando questionados se o Jornalismo de Dados estaria sendo contemplado dentro de disciplina ofertada pela graduação, foi possível observar que a divisão está em disciplinas com foco no digital (maior concentração) e dentro de práticas do Jornalismo.

O coordenador do curso da UFAL declarou que o Jornalismo de Dados é contemplado em outra disciplina, sem especificar. UERN e UNIPAMPA mantiveram que a disciplina não é ofertada e/ou não se aplica.

As coordenações que declararam que o curso aborda o Jornalismo de Dados em outras disciplinas e que contemplam o digital foram a da UNIR, na disciplina *Produção Jornalística Digital*; da UFOP, em *Produção Laboratorial*; UFPEL, que sinalizou abordar o conteúdo na disciplina de *Ciberjornalismo*; da UFRRJ, em *Jornalismo Hipermídia* e outra disciplina (que aborda técnicas de apuração e relacionamento com fontes na era digital); e a coordenação do curso da UFG, na disciplina de *Webjornalismo*.

As faculdades que disseram abordar o Jornalismo de Dados em práticas de Jornalismo foram: a UFG, com *Jornalismo Investigativo* e *Produção de Texto Jornalístico II*, e a UFT, com *Análise de Dados Estatísticos em Jornalismo*, que é optativa, e foi ofertada apenas uma vez, segundo a coordenação.

Quadro 15 – Divisão da metodologia de ensino da disciplina de Jornalismo de Dados

IES	Como é dividida a metodologia de ensino da disciplina de Jornalismo de Dados em sua Instituição
UFAL	Teoria e prática são divididas igualmente
UNIR	Não possui
UNIPAMPA	Não possui
UFOP	Não possui
UFPEL	Teoria e prática são divididas igualmente
UERN	Não possui
UFRRJ	É mais prática que teórica
UFT	Teoria e prática são divididas igualmente
UFG	Não possui

Fonte: Dados da Pesquisa

Outra pergunta com resposta de múltipla escolha, em que os coordenadores poderiam escolher entre as alternativas: “teoria e prática são divididas igualmente”, “é mais teórica que prática”, “é mais prática que teórica” ou “não possui”.

Nessa questão, UFPEL, UFAL e UFT responderam que “teoria e prática são divididas igualmente”, e UFRRJ que “é mais prática que teórica”, os demais mantiveram a afirmação de que não é ofertada disciplina com conteúdos de Jornalismo de Dados.

5.3.5 A formação dos professores que lecionam Jornalismo de Dados nas IES

Como uma pergunta aberta, e na expectativa de obter informações aprofundadas sobre professores capacitados para lecionar o Jornalismo de Dados, o questionamento, na verdade, surtiu o efeito oposto e as respostas não foram muito conclusivas para este trabalho. O consenso obtido foi de que se tratam de jornalistas com titulação mínima de mestrado. A única instituição que explicitou a experiência na formação do docente foi a UNIR, que revelou que se trata de um professor que pesquisa desde 2008 sobre Jornalismo Digital. Na UFPEL, tem-se que são doutores em Comunicação Social, na UFRRJ, um doutor e um pós-doutor (não disseram a área da formação), na UFT, professores doutores, jornalistas, mas ponderou que a disciplina já foi ministrada por um sociólogo, e, na UFG, todos jornalistas, com mestrado ou doutorado. UFAL, UNIPAMPA, UFOP e UERN mantiveram que não há oferta da disciplina.

5.3.6 Foco no digital para atender às novas Diretrizes Curriculares Nacionais

Quando questionados se houveram mudanças após a implantação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Bacharelado em Jornalismo, que preconiza sobre a atenção ao digital e à convergência tecnológica, a maioria dos coordenadores reconheceu que houveram mudanças estruturais no sentido de atender às Novas Diretrizes. O consenso está não somente na expansão da prática laboratorial, mas na ampliação da discussão teórica e influência direta do corpo docente para essas modificações, não só em contratação de professores, mas também com docentes se dedicando à pesquisa relacionada à temática.

A pergunta se justifica pelo fato das Novas Diretrizes recomendarem a formação do jornalista com competência teórica, técnica, tecnológica, ética, estética para atuar criticamente na profissão, saber utilizar recursos tecnológicos da comunicação e informação pensando no contexto de constante mutação tecnológica que os futuros profissionais estarão inseridos. Nesse mesmo sentido, um dos fatores que também chamou a atenção foi a recomendação de “ter como

horizonte profissional o ambiente regido pela convergência tecnológica, em que o jornalismo impresso, embora conserve a sua importância no conjunto midiático, não seja a espinha dorsal do espaço de trabalho, nem dite as referências da profissão” (BRASIL, 2013, p. 2).

Na UFAL, a estratégia, segundo a coordenação, foi aumentar a oferta de *Laboratório de Jornalismo Digital*.

Na UNIR, a disciplina destinada especificamente à produção jornalística digital se desdobrou e ganhou o mesmo espaço das produções para outros meios, contando ainda com a inclusão da temática para discussão em disciplina de teoria e com a possibilidade para maior tratamento em disciplinas optativas.

Na UFOP, as modificações se deram com a implantação de laboratório integrado com seis linguagens, voltado a produções hipermediáticas, com 240h dedicadas, seis professores especializados no assunto e ainda produção de um portal-laboratório; além de mudança na disciplina dedicada à *web*, agora mais centrada em teorias; e maior atenção ao digital ao longo da matriz curricular.

Na UFPEL, a coordenação destacou que desde o início do curso a atenção ao digital é uma preocupação e que as mudanças se dão de acordo com as aptidões dos integrantes do corpo docente. Como exemplo, a coordenação citou que atualmente contam com duas docentes que trabalham com o digital.

Na UERN, a adaptação ocorreu a partir de maior atenção à formação multimídia dos jornalistas, bem como a discussão teórica da questão.

A coordenação do curso da UFRRJ se limitou a dizer que mudanças aconteceram com a implantação de um novo currículo, mas não se especificou nada.

Já na UFT, disse-se que há maior incentivo à prática dentro das disciplinas e integração com novas linguagens e formatos midiáticos.

E, por fim, na UFG, a novidade em relação ao PPC anterior é o acréscimo da disciplina *Cibercultura*.

5.3.7 Formação plural e cidadão do jornalista

Outra característica presente nas Novas Diretrizes que orientam os bacharelados em Jornalismo é a recomendação de formar o jornalista para atuar como um produtor intelectual e agente da cidadania, reforçando, neste sentido, o papel social e a identidade da profissão. Com um eixo de formação humanista, as Novas Diretrizes preveem inclusive que o curso contribua com a cidadania no contexto local em que está inserido.

Para isso, faz-se necessário que futuros jornalistas tenham formação em conhecimentos históricos relativos às conquistas da cidadania, bem como compreendam e valorizem o papel do jornalista para a democracia e o exercício da cidadania, a fim de que futuramente possam “exercer, sobre os poderes constituídos, fiscalização comprometida com a verdade dos fatos, o direito dos cidadãos à informação e o livre trânsito das ideias e das mais diversas opiniões” (BRASIL, 2013, p. 4).

Quando os coordenadores são questionados sobre como a formação do jornalista de maneira mais plural e cidadã foi incorporada ou não aos currículos, em sua maioria, a resposta fica restrita à incorporação ou criação de disciplinas específicas ou perpassando disciplinas, mas não sugerem (ou informando explicitamente) a articulação entre a cidadania e o digital – ainda que, como exemplo, na UFPEL, a disciplina de *Comunicação e Cidadania* aborde o digital. A complexidade está em considerar que a cidadania é uma das bases para a formação do jornalista, portanto, ela deve ser abrangente, isso principalmente porque na Era Digital os cidadãos estão on-line e conectados, os governos fornecem dados on-line, movimentos sociais os mais diversos ganham cada vez mais força em redes on-line, redes estas que concentram informações e dados, os quais precisam ser acessíveis, considerando questões éticas envolvidas.

Como estratégia para trabalhar a temática da cidadania, a UFAL criou várias disciplinas relacionando mídia e temas sociais variados.

Na UNIR, a cidadania foi incorporada na ementa de disciplinas obrigatórias e foram propostas mais disciplinas optativas a respeito.

A UFOP oferta disciplinas eletivas relacionadas a Direitos Humanos e cidadania, e as obrigatórias: *Ética e Crítica da Mídia*.

A coordenação do curso de Jornalismo da UFPEL destacou que a temática da cidadania foi incorporada de forma parcial, pois a instituição ainda está em processo de amadurecimento do currículo do curso, mas que as novas DCN já podem ser observadas em diversas disciplinas, tanto obrigatórias quanto optativas.

Na UERN, o atendimento às exigências pode ser visto com a inserção de disciplinas como: *Economia Política da Comunicação; Crítica da Mídia e Comunicação; e Cidadania e Direitos Humanos*.

Na UFRRJ, foram criadas disciplinas obrigatórias e um conjunto maior de disciplinas optativas, mas segundo a coordenação de curso, os quesitos jornalismo plural e cidadão já eram trabalhados ao longo do curso nas disciplinas práticas e teóricas.

Conforme a coordenação do curso na UFT, o currículo anterior já abrangia a questão da cidadania, o que foi aprimorado no novo PPC.

Na UFG, de maneira abrangente, as disciplinas de fundo humanístico continuam sendo ofertadas, como: Antropologia, Filosofia e Sociologia. Por outro lado, há disciplinas do campo da Comunicação e/ou, mais especificamente, do Jornalismo, voltadas à formação de princípios éticos e cidadãos: *História do Jornalismo, Cidadania e Direitos Humanos, Ética e Legislação da Comunicação, Política Brasileira, Espaço, Comunicação e Sociedade, Jornalismo Compartilhado e Popular, Educomunicação, Comunicação para a Sustentabilidade*, além de disciplinas de temas variados, embasadas em pesquisas específicas de professores e núcleos de pesquisadores e contemplar temas afins – vale ressaltar que uma das duas linhas de pesquisa na pós-graduação em comunicação da UFG é a linha de Mídia e Cidadania, o que, juntamente com esta farta oferta de disciplinas relacionadas ao tema, sugere que este é um centro de excelência no tema.

Quadro 16 – Desafios enfrentados na formação do jornalista tendo em vista as novas diretrizes curriculares

IES	Quais são os maiores desafios enfrentados na formação do jornalista tendo em vista as novas Diretrizes Curriculares Nacionais
UFAL	Mais recursos financeiros
UNIR	Professores mais capacitados
UNIPAMPA	Estudantes mais interessados
UFOP	Professores mais capacitados
UFPEL	Mais infraestrutura
UERN	Mais infraestrutura
UFRRJ	Mais infraestrutura
UFT	Mais infraestrutura
UFG	Mais infraestrutura

Fonte: Dados da Pesquisa

Questionados sobre os desafios enfrentados na formação do jornalista tendo em vista as novas diretrizes curriculares, em pergunta fechada, de múltipla escolha, com as alternativas: professores mais capacitados, mais recursos financeiros, mais infraestrutura e estudantes mais interessados. Dos 9 coordenadores, 1 declarou necessitar de “Estudantes mais interessados”, 2 de “Professores mais capacitados”, 1 “Mais recursos financeiros” e 5 “Mais infraestrutura”; o que vai de encontro às falas de alguns coordenadores sobre implementação de laboratórios nas faculdades como as mudanças mais recentes ocorridas em função de atender às demandas das novas DCN.

5.3.8 O que dizem os coordenadores sobre as práticas de Jornalismo de Dados

5.3.8.1 Abordagem à análise matemática/estatística nas Faculdades de Jornalismo

Quando questionados sobre a oferta de disciplinas que contemplem técnicas de análise matemática dos dados, tais como estatística, economia etc., UNIPAMPA, UFOP e UFRRJ disseram que não ofertam, e a UNIR ponderou que não como obrigatória, mas não especificou de qual se trata a oferta. Já a UFAL oferta *Economia Política da Comunicação*; a UFPEL destacou que a temática é vista nas disciplinas de *Fundamentos da Comunicação Digital* e de *Ciberjornalismo*; a UERN possui a disciplina *Estatística Aplicada às Ciências Sociais*, que no antigo currículo era obrigatória, mas neste aparece em caráter eletivo. A UFT oferta a disciplina *Análise de Dados Estatísticos em Jornalismo*, que substitui a anteriormente ofertada *Estatística*. E, na UFG, há a disciplina de *Iniciação Científica*, que apresenta métodos de análise de dados aos estudantes.

5.3.8.2 Incorporação de métodos digitais ou uso de software para análise de dados nas Faculdades de Jornalismo

Com relação ao ensino de métodos digitais para análise de dados, UFAL, UNIPAMPA, UERN, UFRRJ e UFG afirmaram categoricamente não dispor de disciplinas que abrangem a temática. A UNIR declarou possuir algumas disciplinas optativas, ofertadas sem regularidade, e que trabalham temas relacionados às mídias sociais.

Já a UFOP oferta: *Comunicação Digital e Hipermídia e Gestão de Conteúdo e Análise de Redes Sociais*, que contemplam esta especificidade.

Conforme a coordenação de Jornalismo da UFPEL, as disciplinas *Fundamentos da Comunicação Digital* e *Ciberjornalismo* também abordam os conteúdos mencionados.

Já a coordenação de curso da UFT lamentou a não oferta e destacou que recentemente havia participado de um curso de SQL especialmente com esta finalidade, visto que poucos professores dominam a ferramenta, mas estavam “sobrecarregados com as disciplinas clássicas, não podendo assumir Jornalismo de Dados, que sequer está especificamente prevista no PPC”.

5.3.8.3 De que maneira é contemplada a visualização de dados

Quando questionados sobre a oferta do ensino de técnicas de visualização de dados, tal como a infografia, por exemplo, todas as coordenações se manifestaram positivamente sobre a abrangência da temática ainda que não diretamente.

Dentre as que especificaram as disciplinas, a UNIR oferta específicas de *Design Gráfico Editorial* e *Laboratório de Jornalismo Digital*, além de outras optativas e sem regularidade.

Na UFOP, a disciplina de *Planejamento Visual* é obrigatória e ainda estão previstas as eletivas de *Design de Informação*, *Infografia e Visualização de Dados*, *Jornalismo Visual* e *Projeto Gráfico*.

Na UFPEL, a temática é contemplada em Fundamentos da Comunicação e em Ciberjornalismo.

A UERN oferta a disciplina de Editoração Eletrônica em Jornalismo; a UFRRJ abrange visualização de dados em Comunicação Visual (obrigatória), ainda que conforme a coordenação este não seja o foco principal da disciplina. Na UFT, a temática é contemplada em Planejamento Gráfico e na UFG esse conteúdo é ministrado em disciplinas como Planejamento Gráfico Editorial, obrigatória, ou em outras eventualmente ofertadas, como Tópicos em Comunicação (Ilustração em Jornalismo) ou Laboratório Orientado (Diagramação do Jornal Samambaia). Conforme a coordenação de curso, nesses casos, o infográfico é mais trabalhado sob uma perspectiva do design.

5.3.9 Incorporação (ou não) do Jornalismo de Dados nas Faculdades futuramente

Quadro 17 – Interesse em incorporar o Jornalismo de Dados à Faculdade

Instituição de Ensino	Caso o Jornalismo de Dados ainda não seja trabalhado em sua instituição, há interesse em incorporá-lo de alguma forma?
UFAL	Sim
UNIR	Sim
UNIPAMPA	Sim
UFOP	Sim
UFPEL	Sim
UERN	Sim

Continua...

Continuação

Instituição de Ensino	Caso o Jornalismo de Dados ainda não seja trabalhado em sua instituição, há interesse em incorporá-lo de alguma forma?
UFRRJ	Sim
UFT	Sim
UFG	Sim

Fonte: Dados da Pesquisa

Quando questionados sobre o interesse da instituição em incorporar o Jornalismo de Dados de alguma forma, unanimemente os coordenadores de curso responderam que sim.

Já quando perguntados em relação ao modo de incorporação do Jornalismo de Dados à graduação, majoritariamente, as respostas foram que pela criação de uma disciplina específica. UFAL, UFOP, UERN e UFRRJ sinalizaram interesse em ofertar futuramente a disciplina de maneira eletiva. De maneira mais específica, a UNIR fala da criação de disciplinas optativas, mas especialmente com a pesquisa de algum professor sendo abordada nestas, ou mesmo de projetos de extensão que possam ser coordenados por um jornalista contratado para esta finalidade; além de cursos eventuais para atualização dos discentes e docentes.

A coordenação do curso de Jornalismo da UFPEL ressaltou que, embora já faça parte das preocupações, prevê que deverá aparecer ainda mais nas disciplinas existentes e em novas que serão ofertadas futuramente.

A coordenação do curso de Jornalismo da UFT disse que “aborda” (colocando entre aspas na resposta) Jornalismo de Dados em *Análise de Dados em Jornalismo*, uma disciplina de 30h, e que só hoje se percebe a grande necessidade de abordagens específicas e profundas, incluindo o manejo de ferramentas como o SQL, dentre outras.

Já na UFG, para cobrir a lacuna da não oferta de Jornalismo de Dados, estão tentando trazer uma formação da ABRAJI, além da inserção pontual em disciplinas e eventos.

Na UNIPAMPA, a coordenação informou que a disciplina já está incorporada em Laboratório de Jornalismo Digital II.

Em não havendo oferta, mas havendo interesse em incorporar o Jornalismo de Dados, os coordenadores foram convidados a explicar o porquê dessas ausências.

A UFAL justificou que não oferta porque até não houve demanda para a disciplina.

A UNIR atribui a inexistência da disciplina à falta de profissionais qualificados na pesquisa e na prática, mas reforçou que há interesse em incorporar.

A UNIPAMPA manteve a resposta da pergunta anterior, de que já é incorporado na disciplina de *Laboratório de Jornalismo Digital II*.

Na UERN, a resposta é que a questão ainda não foi objeto de discussão curricular, assim como na UFRRJ, mas nesta, contudo, já foi cogitada a oferta de oficinas com convidados para explorar o assunto com os alunos.

Na UFG, segundo a coordenação, há interesse em incorporar o Jornalismo de Dados, e que o assunto “provavelmente não integrou o último PPC por não haver no curso um professor com conhecimento específico na área”.

Dos desafios para implementar ações voltadas à promoção do Jornalismo de Dados, as observações são diversas, mas giram em torno de principalmente mais infraestrutura.

A UFAL pontuou que não houve demanda.

A UNIR vê como maior desafio a falta de recursos financeiros e de infraestrutura para promoção de cursos, além da contratação de professores e pesquisadores na área.

A UNIPAMPA considera a burocracia demasiada e a falta de formação específica, além da falta de possibilidade de novos concursos públicos para profissionais com este perfil.

Para a coordenação do curso de Jornalismo da UERN, deveria haver mais investimento financeiro e a criação de uma cultura que enfatize a importância do Jornalismo de Dados.

No caso da UFRRJ, a coordenação sinaliza que estão lidando com a implantação da infraestrutura adequada ao curso, que ainda não há laboratórios para as disciplinas específicas, mas que, sanada essa situação, deverão incorporar disciplinas e projetos que sejam mais de acordo com o momento atual.

Na UFT, a coordenação reconhece que faltam professores com formação específica e que algumas ferramentas são recentes e demandam contínuo treinamento, além de afinidade e atualização.

A UFG destaca a necessidade de mais infraestrutura laboratorial e professores com conhecimentos específicos nesse campo.

E, por fim, a UFOP, que cita como dificuldades: a falta de professores habilitados para atuarem na área, não necessariamente mais capacitados, mas capacitados no assunto, além de também mencionar a questão da infraestrutura.

5.4 O conteúdo dos PPCs está alinhado com o dos coordenadores de curso?

5.4.1 Oferta da disciplina Jornalismo de Dados

Dos 9 coordenadores que responderam ao formulário, apenas um (UFPEL) disse que a disciplina de Jornalismo de Dados é ofertada. Comparando as respostas com a análise dos PPCs, e, nesse sentido, restringindo a análise às 9 universidades cujos coordenadores dos cursos de Jornalismo responderam ao formulário, tem-se que apenas a UFPEL prevê no PPC a oferta da disciplina de *Jornalismo de Dados* (optativa, 68h).

Porém, na UFG, cuja resposta ao formulário foi negativa, de acordo com informações do PPC, também existe a oferta de Jornalismo de Dados (optativa, 64h), que aparece como uma especialidade do Jornalismo (ou *Jornalismo especializado*). O cruzamento destas informações sugere certo desconhecimento das coordenações em relação ao PPC e indica também que esse desconhecimento possa vir da não regularidade na oferta da disciplina.

Nas demais IES respondentes, não foi encontrada de fato a explícita oferta da disciplina.

5.4.2 Como o Jornalismo de Dados é ofertado

Após serem questionados sobre a existência da disciplina específica, os coordenadores responderam quanto à maneira com que esta era ofertada, em uma pergunta de múltipla escolha e sem caráter obrigatório de resposta, com as opções: Núcleo Livre, Obrigatória, Disciplina de inverno/verão, Optativa, Curso de extensão, Grupo de Pesquisa ou Outro. A coordenação da UFPEL, escolheu “Outro”, e disse que não há disciplina específica com a nomenclatura de Jornalismo de Dados, mas que a temática é contemplada em duas disciplinas obrigatórias do curso (não especificadas na resposta), contrariando o que aparece no PPC, onde a disciplina Jornalismo de Dados está de forma explícita. Além disso, com base nas análises das ementas, não foi possível localizar estas “duas disciplinas obrigatórias do curso”, em que seria abordado o Jornalismo de Dados, sendo que a única disciplina que possui algumas práticas relacionadas seria a de *Planejamento Gráfico*.

Já a coordenação da UFT (que manifestou na pergunta anterior não ofertar a disciplina) ponderou que às vezes a disciplina está integrada à disciplina *Análise de Dados Estatísticos* (obrigatória, 30h, 4º período), cuja ementa prevê conhecimentos para interpretação e análise de dados estatísticos, e que sejam utilizados no desempenho das atividades cotidianas na área de Jornalismo, tais como: *Estatística indutiva e dedutiva, Noções elementares de amostragem e*

probabilidades, Estatística descritiva, Coleta, organização, análise e apresentação dos dados, Gráficos associados às distribuições de frequências, medidas de posição, medidas de dispersão, taxas e índices e Análise de material jornalístico.

Na pergunta subsequente, que se trata de “Como a disciplina de Jornalismo de Dados acontece”, UFPEL e UFT respondem que é ofertada em laboratório de informática. Os demais coordenadores mantêm que não é ofertada. A questão foi elaborada com modelo de resposta de múltipla escolha, os coordenadores poderiam escolher entre as alternativas: em sala de aula, em laboratório de informática, metade em sala de aula e metade em laboratório, mais em sala de aula que em laboratório, mais em laboratório que em sala de aula e não é ofertada.

Chama a atenção que quando questionados sobre a existência da disciplina Jornalismo de Dados, apenas UFPEL diz que é ofertada, mas a partir do momento que se questiona sobre o “como é ofertada”, a UFT reconsidera e passa a avaliar as questões a partir da disciplina de *Análises de Dados em Jornalismo*, que contemplaria o Jornalismo de Dados.

5.4.3 Divulgação dos resultados da disciplina de Jornalismo de Dados

A partir dessa pergunta aberta, algumas das coordenações que até então mantinham a posição de não ofertar a disciplina começaram a responder sobre a oferta da disciplina, produtos resultantes da disciplina e a divulgação de resultados, não só reconsiderando posições, mas ainda fazendo possíveis associações, o que pode ter se dado levando em conta disciplinas que tenham relação com o conteúdo de Jornalismo de Dados, como no caso acima descrito da UFT – mas se deve considerar a possibilidade de que algumas tenham passado a dar respostas até mesmo por constrangimento, diante de muitas negativas anteriores, já que algumas respostas não foram tão claras.

A UNIR pontuou que o Jornalismo de Dados é contemplado em disciplina destinada à produção jornalística digital, mas não mencionou produtos ou resultados. Comparando com os resultados da análise dos PPCs, pode ser a que a coordenação estivesse se referindo à disciplina de *Jornalismo e Convergência de Mídias* (obrigatória, 80h, 6º período), que sugere práticas de Jornalismo de Dados na abordagem aos conteúdos, abordando: multimídia, convergência, visualização de dados, infografia e possibilidades *web*; mas sem clareza quanto aos produtos finais ou divulgação de resultados.

A UFPEL respondeu que os produtos resultantes são basicamente reportagens e notícias factuais e que há alguma preocupação com a divulgação dos resultados.

A coordenação do curso de Jornalismo da UFRRJ disse que não há produtos específicos no momento.

Conforme a coordenação na UFT, não existe uma proposta específica de produto, nem divulgação dos resultados.

A UFG reforçou que não possui disciplina específica de Jornalismo de Dados, mas que o conteúdo está presente em outras disciplinas (sem especificar quais) e não mencionou também produtos ou preocupação com a divulgação de resultados.

UFAL, UNIPAMPA, UFOP e UERN mantiveram a posição de não oferta da disciplina.

Avaliar a existência de produtos não basta na leitura dos PPCs, ainda que haja a oferta de disciplinas que contemplem a prática, por isso, foi levada em consideração apenas a resposta dos coordenadores. Verificando nos sites das Faculdades, não foi possível encontrar produtos específicos de Jornalismo de Dados daquelas que afirmaram a preocupação em divulgar os resultados.

5.4.4 Identificação do Jornalismo de Dados como conteúdo de outra disciplina

Quando questionados se o Jornalismo de Dados estaria sendo contemplado dentro de disciplina ofertada pela graduação, foi possível observar que a divisão está em disciplinas com foco no digital (maior concentração) e dentro de práticas do Jornalismo. A UFAL declarou que o Jornalismo de Dados é contemplado em outra disciplina, sem especificar, mas, analisando o PPC, a disciplina com conteúdo que mais se aproximou é *Oficina de Texto em Jornalismo II* (obrigatória, 80h, 2º semestre), cuja ementa inclui elaboração de texto jornalístico no formato grande reportagem, interpretação de estudos, relatórios, documentos, leis e bancos de dados, e RAC, por exemplo.

UERN e UNIPAMPA mantiveram que a disciplina não é ofertada e/ou não se aplica.

Em contrapartida, quando se compara com a análise dos PPCs, tem-se que, na UERN, a disciplina de *Jornalismo Multimídia* (obrigatória, 60h, 6º período) contempla como conteúdo o *Jornalismo Digital em Base de Dados*, entre outros conteúdos importantes voltados ao digital, conforme se observa na ementa, que aborda: *Hipertexto digital, Webjornalismo, Formatos do Jornalismo Multimídia, Infografia, Jornalismo e redes sociais, Jornalismo Digital em Base de Dados, Jornalismo Móvel e Criação de produtos multimídia*.

E, na UNIPAMPA, a abordagem ao Jornalismo de Dados pode ser identificada de modo indireto nas disciplinas: *Comunicação Digital* (obrigatória, 60h, 2º período), *Jornalismo Digital I* (obrigatória, 60h, 3º período) e *Jornalismo Digital II* (obrigatória, 60h, 4º período), além de

várias disciplinas de *Laboratório de Jornalismo Digital (I, II e III)*. Assim, a UNIPAMPA foi uma das faculdades de Jornalismo que mais demonstrou contemplar o digital, com disciplinas introdutórias, aprofundadas e depois com possibilidade efetiva da prática. Conforme ementas, e de maneira abrangente são vistos os conteúdos: *História do Jornalismo Digital, Formação e estética do webjornalista, Fundamentos e conceitos do Jornalismo Digital, Acessibilidade e desenho universal no Jornalismo Digital, Metodologias de pesquisas científicas em cibermeios, Estrutura das novas tecnologias da informação e da comunicação, Memória e bancos de dados jornalísticos, Mídias e dispositivos midiáticos jornalísticos digitais, Linguagem e estratégias de produção transmidiáticas, Redes sociais digitais e Jornalismo, Produção, consumo e compartilhamento de conteúdos jornalísticos digitais, Jornalismo Digital Colaborativo e Blogs jornalísticos*.

Agora, tratando das universidades que declararam abordar a disciplina dentro de outra que contempla o digital, tem-se que, na UNIR, há a disciplina *Produção Jornalística Digital*, mas não consta na ementa o conteúdo, sendo que a mais próxima do que foi mencionado pela coordenação (que não chegou a especificar a disciplina no formulário) é a disciplina *Jornalismo e Convergência de Mídias* (Obrigatória, 80h, 6º período), que, conforme a ementa, prevê os conteúdos: *Multimídia, Convergência, Visualização de dados, Infografia e Possibilidades web*.

A UFOP destacou a disciplina *Produção Laboratorial*, mas, comparando com o PPC, há apenas duas disciplinas com esse enfoque: a primeira, *Laboratório Integrado I: Texto e Web* (obrigatória, 108h, 6º período), e, a segunda, *Laboratório Integrado II: Grande Reportagem* (obrigatória, 144h, 7º período). As disciplinas da UFOP contam com práticas convergentes de produção jornalística laboratorial em diferentes plataformas, evidenciam as rotinas produtivas, os processos de produção de reportagens, a visualização de dados e de produtos jornalísticos. Em Laboratório II, aborda-se experimentações, processos produtivos e conteúdos jornalísticos, a ética nos espaços laboratoriais jornalísticos, a grande reportagem, fotografia e planejamento visual na grande reportagem, projeto gráfico, Jornalismo Investigativo e de Precisão, tratamento de dados e documentos complexos, relação com fontes visuais, possibilidades narrativas e livro-reportagem.

A UFPEL, além da oferta explícita, sinalizou que a disciplina *Ciberjornalismo* também aborda a temática. No PPC da UFPEL, prevê-se também a oferta da disciplina *Webjornalismo* (obrigatória, 68h, 2º semestre), cuja ementa contempla: *História, terminologias e gerações do Jornalismo Digital, Definições de Jornalismo Digital, Webjornalismo e Ciberjornalismo, Recursos e características do Webjornalismo, Produção de notícias, Sistemas de apuração, de produção e de circulação na Internet*; mas não aponta nada específico de Jornalismo de Dados.

A coordenação na UFRRJ menciona a disciplina de *Jornalismo Hipermídia* e mais uma disciplina que aborda técnicas de apuração e relacionamento com as fontes na Era Digital (não especificada). Comparando com as análises do PPC, identifica-se positivamente a oferta da disciplina *Jornalismo Hipermídia* (obrigatória, 60h, 7º), que aborda: *Convergência digital nos processos de Comunicação Social, Hipertexto, hipermídia, multimídia, transmídia e crossmedia, Webjornalismo, Rotinas do trabalho jornalístico para plataformas multimídia, Análise e uso de diferentes recursos na produção jornalística (bancos de dados, redes sociais, convergência de mídias etc.) na web, Jornalismo em Dispositivos Móveis e Produção e redação de textos jornalísticos para meios convergentes*. Buscando identificar também a outra disciplina mencionada pela coordenação, cuja ementa abrangeria “técnicas de apuração e relacionamento com as fontes na era digital”, mas que não foi especificada, tem-se a disciplina de *Jornalismo Investigativo* (optativa, 60h) como a de características que mais se aproximam, e que, de acordo com a ementa, estimula a análise crítica, a conscientização sobre a responsabilidade social do jornalista, a prática da apuração, a importância da documentação, associação entre Jornalismo Investigativo e Jornalismo de Precisão, RAC e pesquisa de profundidade na internet com uso de banco de dados, trata do direito de acesso a informações públicas e à liberdade de expressão, dos limites legais da investigação jornalística, abordando ética e responsabilidade profissional; a disciplina aborda ainda seleção e uso de fontes, levantamento e checagem de dados, utilização da *web* (em *sites*, bancos de dados, redes sociais etc.), produção de pauta e análise de dados estatísticos.

Na UFG, a coordenação indicou que a disciplina de *Webjornalismo* aborda a temática de *Jornalismo de Dados*. Conforme o PPC, oferta-se a disciplina *Webjornalismo* (optativa), mas não disponibilizou a ementa, sendo que outra possivelmente equivalente é a de *Jornalismo na Web* (obrigatória, 64h, 3º período), que prevê: *História e características das diferentes gerações de Jornalismo, Implicações da tecnologia na captação, produção e disponibilização de informação jornalística na web, Criação de sites e arquitetura da informação, Formatos jornalísticos no ciberespaço, Segmentação, interatividade e relacionamento entre o jornalista e o público, Hipertextualidade e hipermedialidade, Produção de narrativas transmidiáticas e elaboração de produto jornalístico*; ou seja, não indica necessariamente a abordar o Jornalismo de Dados.

Das universidades cujos coordenadores de cursos de Jornalismo disseram abordar o Jornalismo de Dados em práticas de Jornalismo: tem-se que a UFG aparece novamente neste tópico com a disciplina de *Jornalismo Investigativo*, previsto como *Jornalismo Especializado* (optativa, 64h, 7º período), e, portanto, não possui ementa disponível no PPC e não é ofertada

com regularidade, porque dependerá da disponibilidade dos docentes do curso, e há também a disciplina *Produção de Texto Jornalístico II* (obrigatória, 64h, 2º período), cuja ementa cita: Conceitos de entrevista, Técnicas de entrevista para o Jornalismo, Conceito de reportagem, Tipos de reportagens, Técnicas de apuração e elaboração de reportagens jornalísticas, Estrutura do texto da reportagem, Pluralismo discursivo e prática laboratorial; ou seja, não indica abordar explicitamente o Jornalismo de Dados, mas ainda assim indica que poderá haver relação.

Na UFT, conforme a coordenação, a prática de Jornalismo de Dados está novamente com a disciplina *Análise de Dados Estatísticos em Jornalismo*, que seria optativa e foi ofertada apenas uma vez, mas isso contraria o que consta no PPC, onde aparece a disciplina aparece com caráter obrigatório, com total de 30h e oferta prevista para o 4º período. Mas também, conforme ementas disponibilizadas no site da faculdade, tem-se também a disciplina de *Webjornalismo* (obrigatória, 60h, 6º período), que contempla estudos relacionados ao *Big Data* e ao *Jornalismo em Banco de Dados*.

5.4.5 Teoria e prática no ensino da disciplina de Jornalismo de Dados

Quando questionados sobre “Como é dividida a metodologia de ensino da disciplina de Jornalismo de Dados em sua Instituição”, os coordenadores de curso tiveram a possibilidade de escolher entre as alternativas resposta: teoria e prática são divididas igualmente, é mais teórica que prática, é mais prática que teórica ou não possui.

UFPEL e UFT responderam que teoria e prática são divididas igualmente, lembrando que, comparada com respostas anteriores, tem-se que a primeira se refere à oferta da disciplina explícita, e a segunda à disciplina de *Análise de Dados em Jornalismo*.

A UFRRJ respondeu à pergunta afirmando que é mais prática que teórica, relacionando provavelmente às disciplinas citadas anteriormente, que conforme a coordenação possuiriam práticas de Jornalismo de Dados, a saber: *Jornalismo Hipermídia* e se supõe, também com base nas características citadas (mas não especificadas pela coordenação), que a outra é *Jornalismo Investigativo*.

Os demais coordenadores, mesmo tendo reconhecimento práticas em outras disciplinas na pergunta anterior, mantiveram que não ofertam a disciplina, visto que de maneira explícita foi perguntado sobre a metodologia da disciplina de Jornalismo de Dados.

5.4.6 Atenção ao digital para atender às Novas Diretrizes

Quando questionados sobre as mudanças implementadas após a implantação das novas DCN, que criaram o Bacharelado em Jornalismo, e que preconizam inclusive atenção ao digital e à convergência tecnológica, a maioria dos coordenadores reconheceu mudanças estruturais feitas para atender às Novas Diretrizes, e o consenso está não somente na expansão da prática laboratorial, mas também na ampliação da discussão teórica e ainda no indicativo da influência direta do corpo docente para essas modificações, não só em contratação de professores, mas também com docentes se dedicando à pesquisa relacionada à temática.

Na UFAL, de acordo com a coordenação, a estratégia foi aumentar a oferta da disciplina de *Laboratório de Jornalismo Digital*. Segundo informações do PPC, a categoria laboratorial contempla disciplinas laboratoriais avançadas que exigem que o estudante já tenha uma base conceitual, desta forma, exige-se teoria na experiência prática do ofício, e os graduandos são colocados para planejar e produzir de modo semiprofissional e são simulados responsabilidades e processos de uma equipe de trabalho. Ainda conforme o PPC da UFAL, a diferença entre oficinas e laboratórios é que a primeira aproxima teoria e prática de forma mais sutil, favorece a exploração da técnica e a experimentação prática, enquanto que a segunda diz respeito a uma simulação, a uma atuação sistemática e em equipe a fim de resultar produtos específicos.

De fato, a UFAL apresenta uma série de laboratórios e de oficinas no PPC, mas em se considerando aquelas que possuem conteúdo focado no digital estão: *Laboratório de Fotografia e Fotojornalismo* (obrigatória, 80h, 4º semestre) e *Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia* (obrigatória, 120h, 7º semestre); e *Oficina de Tecnologias Contemporâneas de Comunicação* (obrigatória, 80h, 3º semestre), *Oficina de Planejamento Gráfico e Editoração* (obrigatória, 80h, 3º semestre) e *Oficina de Edição de Mídia Impressa e Digital* (obrigatória, 80h, 4º semestre); atende-se desta forma, portanto, às orientações das novas DCN no que diz respeito tanto a uma maior atenção ao digital, quanto ao incentivo à prática.

Na UNIR, segundo a coordenação do curso de Jornalismo, a disciplina destinada à produção jornalística digital se desdobrou e ganhou o mesmo espaço das demais produções para outros meios, contando, ainda, com a inclusão da temática para discussão em disciplinas de teoria e ainda com a possibilidade de maior tratamento em disciplinas optativas. Neste caso, como apresentado, a disciplina que sugere abordar a produção jornalística digital é *Jornalismo e Convergência de Mídias* (obrigatória, 80h [observando que esta é a carga horária padrão de disciplinas do curso de Jornalismo na UNIR]). Interpretando a fala da coordenação, na grade

anterior possivelmente o digital não tinha esse espaço que dispõe na nova, ainda que esta seja a única disciplina que explicitamente possui foco no Jornalismo Digital.

Na UFOP, a modificação, segundo a coordenação de curso, deu-se com a implantação de um laboratório integrado com seis linguagens, centrado em produções hipermidiáticas, com 240h, seis professores dedicados e a produção de um portal-laboratório; mudança na disciplina dedicada à *web*, agora mais centrada em teorias; maior atenção ao digital ao longo da matriz curricular. Essas mudanças de foco podem ser vistas no PPC de Jornalismo da UFOP, em que são ofertadas as disciplinas: *Comunicação Digital e Hipermídia* (obrigatória, 60h, 4º semestre), *Laboratório Integrado I: Texto e Web* (obrigatória, 90h, 6º semestre), *Laboratório Integrado I: Planejamento Visual e Fotojornalismo* (obrigatória, 90h, 6º semestre), *Convergência e Processos Jornalísticos* (eletiva, 30h), *Design de Informação: Infografia e Visualização de Dados* (eletiva, 60h), *Introdução à Comunicação Digital* (eletiva, 30h), *Jornalismo e Dispositivos Móveis* (eletiva, 60h) e *Webrádio* (eletiva, 60h). São no total oito disciplinas entre obrigatórias e eletivas que tratam de diversas abordagens voltadas ao digital.

Na UFPEL, a coordenação destacou que desde o início do curso a atenção ao digital é uma preocupação e que as mudanças se dão de acordo com as aptidões dos integrantes do corpo docente. Como exemplo, a coordenação citou que atualmente contam com duas docentes que trabalham com o digital. A análise do PPC possibilitou identificar que o digital de fato perpassa todo o curso, desde as disciplinas-base até as mais especializadas, contemplando o ensino do rádio, telejornalismo, e indo até a pesquisa e a ética voltada ao digital.

Na UERN, a adaptação se deu a partir de maior uma atenção à formação multimídia dos jornalistas, bem como com a discussão teórica da questão. A fala da coordenação reflete o que demonstra o PPC do curso, cuja atenção à convergência e ao digital também está presente em disciplinas diversas, com destaque para a disciplina de *Jornalismo Multimídia* (obrigatória, 60h, 6º período).

A UFRRJ se limitou a dizer que a mudança se deu com a implantação de novo currículo, o que pode ser comprovado pelas informações do PPC, em que foram criadas também uma série de atividades laboratoriais: *Laboratório de Jornalismo Digital (I, II, III e IV)*, *Laboratório de Design Gráfico e Digital para Jornalismo*, *Laboratório de Convergência Digital para Jornalismo (I e II)*, além das disciplinas *Comunicação e Novas Tecnologias* (obrigatória, 4 créditos, 1º período) e *Jornalismo Hipermídia* (obrigatória, 4 créditos, 7º período). Foi possível observar ainda que o digital está contemplado em outras disciplinas que não guardam relação direta com a temática.

Na UFT, a coordenação explicou que há maior incentivo à prática dentro das disciplinas e pela integração com novas linguagens e formatos midiáticos. De maneira explícita, existem previstas no PPC as disciplinas obrigatórias de *Webjornalismo* (obrigatória, 60h, 6º período) e *Jornalismo Multimídia* (obrigatória, 60h, 7º período), além de um grande número de optativas, inclusive no modelo de oficinas, a saber: *Agência Multimídia* (120h), *Novas Tecnologias e Sociedade Informacional* (30h), *Novas tendências em comunicação* (30h), *Oficina de Jornalismo Online* (30h), *Produção de Infográficos* (30h) e *Produção de Websites* (30h), o que totaliza oito disciplinas ofertadas, divididas entre duas obrigatórias e seis optativas, integrando teoria e prática voltadas ao digital.

Na UFG, conforme a coordenação, a novidade em relação ao PPC anterior é o acréscimo da disciplina *Cibercultura* (obrigatória, 32h), que propõe a reflexão e a discussão das práticas humanas no contexto das tecnologias convergentes da informação e da comunicação e transformações culturais. Também foi possível observar que o digital foi contemplado em outras disciplinas não relacionadas diretamente à temática, a exemplo de outras IES acima.

A coordenação da UNIPAMPA não respondeu ao que foi perguntado.

5.5 Das práticas de Jornalismo de Dados

5.5.1 Análise matemática/estatística

Quando questionados sobre a oferta de disciplinas que contemplem técnicas de análise matemática dos dados, como estatística, economia etc., UNIPAMPA e UFOP disseram que não, concordando com o que consta nos PPCs dos cursos. UFRRJ deu também resposta negativa, mas, conforme o PPC, a disciplina *Técnicas de Reportagem* (obrigatória, 60h, 2º período) contempla análise de dados estatísticos.

A UNIR ponderou que não oferta disciplinas obrigatórias sobre a temática, mas que há entre as optativas, mas não foi possível identificar no PPC quaisquer disciplinas relacionadas, a não ser que o coordenador esteja se referindo a alguma disciplina ofertada como Jornalismo Especializado e cuja ementa não esteja disponível para apreciação.

A UFAL destacou a oferta de *Economia Política da Comunicação*, que conforme dados da ementa não abrange necessariamente matemática e estatística, nesse sentido, a resposta pode ter sido estimulada pela sugestão de abordagem da pergunta, que incluía Economia. De acordo com dados do PPC, a disciplina prevê tratar de: *Fundamentos da Economia Política, Formação dos diferentes modelos de comunicação: impresso, rádio, TV e internet em perspectiva*

comparada, Concepção, produção e circulação de bens simbólicos, Indústria da informação e comunicação, Recepção e padrões de consumo da comunicação, Marcos regulatório das comunicações no Brasil e no mundo, Radiodifusão Pública (public broadcasting), Telecomunicações e Políticas públicas de comunicação no Brasil.

A UFPEL destacou que a temática é vista em *Fundamentos da Comunicação Digital* e em *Ciberjornalismo*, contudo, não há indicativo na ementa de que a análise matemática ou a estatística sejam explicitamente contempladas nestas disciplinas, voltadas mais a características do Jornalismo On-line.

De acordo com a coordenação de Jornalismo da UERN, oferta-se *Estatística Aplicada às Ciências Sociais*, que no antigo currículo era obrigatória, mas neste aparece em caráter eletivo. A disciplina não consta no PPC, talvez por ser ofertada por outro departamento.

Na UFT, tem-se a disciplina *Análise de Dados Estatísticos em Jornalismo*, equivalente e em substituição à anteriormente ofertada *Estatística*, sendo uma das poucas IES que ainda abrangem a temática. A disciplina aparece no PPC em caráter obrigatório e, conforme a ementa, prevê proporcionar conhecimentos para a interpretação e análise de dados estatísticos que sejam utilizados no desempenho das atividades cotidianas na área de Jornalismo.

Na UFG, segundo a coordenação do curso, a disciplina *Iniciação Científica* (obrigatória, 64h, 6º período) contemplaria métodos de análise de dados aos estudantes. Porém, na ementa, isso não aparece, sendo que o foco, de acordo com os dados do PPC, é o treinamento científico, prevendo abordar a formação docente e do pesquisador profissional em Comunicação, tratando de pós-graduação e docência, da carreira científica no Brasil, plataforma de currículos Lattes, grupos de pesquisa, organizações e eventos científicos, o avaliação de Qualis nas publicações; além de práticas de pesquisa em comunicação, tais como: aplicação dos diferentes métodos científicos às pesquisas em Comunicação e Jornalismo; e ainda laboratório de pesquisa: projeto, coleta de dados, análise e produção de resultados, relatório de pesquisa e artigo científico.

A coordenação da UNIPAMPA não respondeu ao que foi perguntado.

5.5.2 Métodos digitais ou uso de software para análise de dados

Com relação ao ensino de métodos digitais para análise de dados, UFAL, UNIPAMPA, UERN, UFRRJ e UFG afirmaram categoricamente não dispor de disciplinas que abrangessem a temática. Nos PPCs da UNIPAMPA, UERN, UFRRJ e UFG não se encontrou indicativos de abordagem sua abordagem, já no PPC de Jornalismo da UFAL consta a disciplina *Oficina de Tecnologias Contemporâneas de Comunicação* (obrigatória, 80h, 3º semestre), que sugere o

ensino de técnicas para trabalhar com dados on-line, com conceitos básicos de informática, estrutura e noções técnicas fundamentais sobre a comunicação mediada pelo computador: redes e internet, atividades práticas e utilização de *softwares* e aplicativos para a comunicação digital, análise de ferramentas online.

A UNIR declarou possuir disciplinas optativas, sem regularidade, que trabalham temas relacionados às mídias sociais, mas a análise das ementas não indicou a utilização de métodos digitais ou de software especializado para este fim.

Já a coordenação do curso de Jornalismo da UFOP disse possuir duas disciplinas que contemplam esta especificidade e citou as disciplinas de: *Comunicação Digital e Hipermídia e Gestão de Conteúdos e Análise de Redes Sociais*. A verificação das ementas evidencia que ambas propõem o uso de tecnologias computacionais para análise de dados. Enquanto que a primeira sugere abordar a temática desde o estudo da anatomia das mídias digitais, algoritmos, bases de dados, com interações homem-máquina, até introdução às linguagens de programação; a segunda prevê o ensino de curadoria de conteúdo, redes sociais, algoritmos e filtros bolha, ferramentas de coleta e medida de dados, Teoria de Grafos e protocolos de análise de Redes Sociais.

Conforme a coordenação do curso de Jornalismo da UFPEL, há duas disciplinas que abordam os conteúdos: *Fundamentos da Comunicação Digital e Ciberjornalismo*, porém, as ementas não descrevem contemplá-los.

Já a coordenadora de curso da UFT lamentou a não oferta e destacou que recentemente havia feito um curso de SQL já com esta finalidade, visto que poucos professores dominam a ferramenta, mas, assim como ela, já estavam “sobrecarregados com as disciplinas clássicas, não podendo assumir Jornalismo de Dados, que sequer está especificamente prevista no PPC”. A fala da coordenação vai ao encontro do que consta nas ementas, não sendo possível identificar a adesão a métodos digitais ou computacionais para análise de dados.

5.5.3 Visualização de dados

Quando questionados sobre a oferta do ensino de técnicas de visualização de dados, todas as coordenações se manifestaram positivamente sobre a abrangência da temática, ainda que não diretamente.

Das que especificaram as disciplinas, tem-se que UNIR oferta *Design Gráfico Editorial e Laboratório de Jornalismo Digital*, além de outras optativas (mas sem regularidade). Na análise do PPC, evidenciou-se a oferta da disciplina de *Design Gráfico* (obrigatória, 80h, 4º

período), que contempla técnicas gráficas em Jornalismo, fundamentos da comunicação visual, a composição da matéria, produção e edição gráfica, mas não foram encontradas as disciplinas às quais se referiu a coordenação.

Na UFOP, há a disciplina de *Planejamento Visual*, que é obrigatória, e ainda as eletivas: *Design de Informação: Infografia e Visualização de Dados*, *Jornalismo Visual* e *Projeto Gráfico*, as quais constam também no PPC e são disciplinas que contemplam a visualização de dados em diferentes abordagens.

Na UFPEL, a temática, conforme a coordenação, é contemplada em *Fundamentos da Comunicação* e em *Ciberjornalismo*. Contudo, na análise das ementas das disciplinas não se sustenta a afirmação. Segundo o PPC da UFPEL, constam as disciplinas *Planejamento Gráfico* (obrigatória, 68h, 5º semestre) e *Jornalismo de Dados* (optativa, 68h), as únicas que indicam explicitamente abordar projeto gráfico para jornalismo e visualização de dados.

Em resposta ao formulário, a coordenação da UERN citou a oferta da disciplina de *Editoração Eletrônica em Jornalismo*, o que também aparece no PPC do curso.

Na UFRRJ, mencionou-se a disciplina *Visualização de dados em Comunicação Visual* (obrigatória), ainda que conforme a coordenação este não seja o foco da disciplina, concordando com o que consta no PPC do curso.

Na UFT, de acordo com a coordenação, a temática é contemplada em *Planejamento Gráfico*, e a disciplina aparece também no PPC do curso, mas foi possível observar ainda que as optativas *Design em Comunicação* (60h) e *Produção de Infográficos* (30h) contemplam a temática também.

Na UFG, a coordenação de curso informou que esse conteúdo é ministrado em disciplinas como *Planejamento Gráfico e Editorial* (obrigatória) ou outras mais eventualmente ofertadas como Tópicos em Comunicação (disciplina *Ilustração em Jornalismo*) ou Laboratório Orientado (disciplina *Diagramação do Jornal Samambaia*). Conforme a coordenação de curso, nesses casos, o infográfico é mais trabalhado sob uma perspectiva do *Design*. As informações da coordenação sobressaem às que estão no PPC, apresentadas de maneira mais limitada e de certa forma omitindo a abordagem contemplativa das disciplinas optativas. A única que aparece de modo mais detalhado é a de *Planejamento Gráfico e Editorial* (obrigatória, 64h, 4º período).

A coordenação da UNIPAMPA não respondeu ao que foi perguntado.

5.6 Interesse de incorporar (ou não) o Jornalismo de Dados nos cursos

Já seguindo para a parte final das perguntas aos coordenadores, após identificar oferta, abrangência e práticas, foi perguntado sobre o interesse cursos em incorporar o Jornalismo de Dados. De forma unanime, os coordenadores responderam que sim à questão.

A fim de obter pistas sobre a forma com que os professores que estão na coordenação dos cursos veem a disciplina e o nível de importância atribuído a ela, foi perguntado como eles pretendem incorporá-la, de maneira aberta. Majoritariamente, os coordenadores optaram pela criação de uma disciplina específica. UFAL, UFOP, UERN e UFRRJ sinalizaram inclusive interesse em ofertar futuramente a disciplina de maneira eletiva, o que não significa só que talvez mereça menos importância ou um lugar fixo na matriz curricular, mas também, que como eletiva está sujeita à oferta por professores e também a possibilidades de alteração da ementa.

De maneira mais específica, na UNIR, fala-se da criação de disciplinas optativas, mas especialmente com a pesquisa de algum professor sendo abordada nestas, ou mesmo de projetos de extensão que possam ser coordenados por um jornalista contratado para esta finalidade; além de cursos eventuais para atualização dos discentes e docentes; propondo, desta forma, algumas alternativas para contemplar a temática e considerando a disponibilidade e os conhecimentos relativos de docentes da instituição para ministrá-la e/ou ainda o aperfeiçoamento eventual de alunos e professores.

UFPEL ressaltou que embora já faça parte das preocupações, prevê que deverá aparecer ainda mais nas disciplinas existentes e em novas, não descrevendo o “como”, mas se abrindo a possibilidades e reforçando que o curso dá atenção à temática.

A coordenação do curso de Jornalismo da UFT disse que “aborda” (colocando entre aspas na resposta) Jornalismo de Dados na disciplina *Análise de Dados em Jornalismo* (30h), e que, hoje, percebe-se a grande necessidade de abordagem específica e profunda, incluindo o manejo de ferramentas como SQL, dentre outras, não indicando também “como” irá incorporar, mas reconhecendo a ausência e a preocupação com a questão.

Já na UFG, segundo a coordenação, para cobrir a lacuna da não oferta de Jornalismo de Dados estão tentando trazer uma formação da ABRAJI, além da inserção pontual em disciplinas e eventos. A afirmação, por um lado, contraria o PPC do Bacharelado em Jornalismo da UFG, em que a disciplina Jornalismo de Dados está prevista dentro de Jornalismo Especializado, em caráter optativo, ao mesmo tempo que indica preocupação da instituição em suprir “a lacuna” a partir de eventos e em parceria com a ABRAJI.

Na UNIPAMPA, a coordenação informou que a disciplina Jornalismo de Dados já está incorporada em Laboratório de Jornalismo Digital II, contrariando as respostas anteriores, em que havia declarado ausência da disciplina, ou seja, omitindo-se (ou não compreendendo o questionamento) em relação às práticas. A disciplina citada nesta questão pela coordenação do curso de Jornalismo consta no PPC, mas não sugere abordar Jornalismo de Dados. Conforme ementa, está prevista em *Jornalismo Digital II* (obrigatória, 60h, 4º período) a abordagem das seguintes temáticas: *Arquitetura da informação jornalística, Etiquetagem (tagueamento) de conteúdos webjornalísticos, Funções, organização, hierarquia e discurso dos hiperlinks no Webjornalismo, Multimedialidade, convergência e linguagem jornalística transmidiática, Imagens, fotos e infografias multimídia, Características da rotina de produção jornalística digital, Podcasts jornalísticos, Videocasts jornalísticos, Características, elementos e publicação de revistas digitais e Tendências do Jornalismo Digital.*

Aos que haviam respondido não ofertar, mas manifestaram o interesse em incorporar o Jornalismo de Dados, a pergunta posterior visou identificar o motivo dessas ausências ainda.

A UFAL justificou que não houve oferta porque até então não houve demanda para a disciplina.

A UNIR atribui a inexistência da disciplina à falta de profissionais qualificados na parte de pesquisa e prática relacionadas ao assunto, mas reforçou que há interesse em incorporar.

A UNIPAMPA manteve a resposta da pergunta anterior, a de que o tema é incorporado na disciplina de *Laboratório de Jornalismo Digital II*, contrariando as respostas anteriores e também as informações expressas no PPC do curso.

Na UERN, a resposta foi que a questão ainda não foi objeto de discussão curricular. E o mesmo se deu na UFRRJ; nesta, contudo, já foi cogitada a oferta de oficinas com convidados para explorar o assunto com os alunos.

Na UFG, segundo a coordenação, há interesse em incorporar o Jornalismo de Dados, e que o assunto “provavelmente não integrou o último PPC por não haver no curso um professor com conhecimento específico na área”, revelando seu desconhecimento da oferta da disciplina em outra ocasião pela instituição, com constatado.

Dos desafios para implementar ações voltadas à promoção do Jornalismo de Dados, as observações são diversas, mas, geralmente, giram em torno de: (1º) infraestrutura adequada e recursos financeiros (incluindo laboratórios e *softwares*, por exemplo), e (2º) professores com conhecimento específico (ressaltando a falta de possibilidade de novos concursos públicos para profissionais com este perfil); e de maneira isolada, cita-se: demanda para a disciplina, excesso

de burocracia, necessidade de se criar uma cultura que enfatize a importância do Jornalismo de Dados.

5.7 Considerações gerais dos resultados do diálogo entre PPCs e respostas dos coordenadores

As respostas dos coordenadores quando comparadas com o que aparece nos PPCs evidencia algum nível de falta de clareza quanto à matriz curricular do curso e ainda incertezas relativas à oferta e regularidade de disciplinas, bem como sobre o Jornalismo de Dados, sugerindo que eles ainda não tenham assimilado a essência das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs). Apesar de dar pistas para alguns aspectos, abrangências e sobre a prática e a incorporação das novas DCNs, em que se vê esforços e que está sendo feito algo a respeito, parece ainda cedo para avaliar esta modificação, que ainda está em nível experimental, e em se considerando que alguns dos cursos nem formaram as primeiras turmas neste novo currículo.

Sobre a adequação às novas Diretrizes Curriculares Nacionais, percebe-se tentativas de contemplar o digital, de maior atenção à prática laboratorial e de abordagem cidadã, que não foram o foco deste trabalho, mas foram contemplados nas perguntas em nível de investigação, por se enxergar que o Jornalismo de Dados, além de estar relacionado ao digital, possui ainda a possibilidade de abarcar a temática cidadã, devido a suas características investigativas e de direito à informação e comunicação pelo cidadão, e ainda o dever de comunicar para a cidadania pelo jornalista. Contudo, nesse sentido, percebem-se ausências ou incorporações isoladas, que geram questionamentos, como se esta “alfabetização para a cidadania” dos futuros jornalistas não estaria sendo proposta de maneira funcional e isolada, sem a atenção que lhe é merecida por todo o currículo, e inclusive com foco ao digital. Ainda, de modo preocupante, em função de incoerências entre conteúdo apresentado nos PPCs e resposta dos coordenadores, fica o questionamento de até que ponto de fato estas disciplinas que aparecem como ofertadas estão sendo contempladas ou apenas foram criadas de modo representativo na teoria.

Nos formulários, foram vistas também contradições ou ainda falta de entendimento, e também respostas de coordenadores que vão modificando seu posicionamento conforme as perguntas avançam. A própria compreensão de Jornalismo de Dados foi exposta de maneira incompleta ou simplista pelos coordenadores. Depois aparecem também certas confusões quando se compara os questionário com os PPCs, sugerindo que ou há certo desconhecimento dos coordenadores sobre algumas questões, ou que os PPCs não oferecem uma leitura suficiente sobre o que é contemplado ou não pelas disciplinas, inclusive sobre práticas de Jornalismo de

Dados, e que não há clareza também sobre a formação dos docentes e produtos resultantes da disciplina, de modo que as respostas não foram suficientes para saber se há prática efetiva, pois quando se trata de Jornalismo de Dados, só a teoria não basta.

De maneira geral, os coordenadores reconhecem a importância de dar maior atenção à temática, mas, em contrapartida, é notável a existência de desafios a serem superados para que isto se transforme em realidade, não só pela oferta explícita da disciplina, mas também pela incorporação de práticas. Dentre estes, a necessidade de mais infraestrutura e docentes com formação foram as falas mais recorrentes, e nesse sentido também a declaração da coordenação da UFT é bastante representativa quando disse que havia feito inclusive um curso de SQL com esta finalidade, visto que poucos dos professores dominam essa ferramenta, e mais, disse que os professores já estavam “sobrecarregados com as disciplinas clássicas, não podendo assumir Jornalismo de Dados, que sequer está especificamente prevista no PPC”, o que é uma realidade de universidades públicas, com professores cada vez mais sobrecarregados e sem previsão de novos concursos que possam suprir estas lacunas.

Método, prática, técnica ou como uma especialidade: é desta maneira instrumental que o Jornalismo de Dados é encarado pelas Faculdades, longe de se tornar uma área ou evoluir como subcampo do Jornalismo. Diferentemente do que acontece na Europa e América do Norte, os resultados deste trabalho sugerem que, com o passar do tempo, pela carência de infraestrutura e de docentes aptos a abordar a temática, o Jornalismo de Dados se banaliza, dissolve-se e acaba sendo incorporado por alguma outra subárea, ainda que de modo incompleto. A falta de consenso e conhecimento, que, para alguns, faz do Jornalismo de Dados uma promessa, para outros, o rebaixa em nível de importância, pouco ou não privilegiado nos PPCs, categorizando-o como uma especialização que deverá ser engolida pelo digital. Além da carência e ampliação de disciplinas de fundamentos de análises de dados, em que se percebe, principalmente, um afastamento da Estatística, que para os processos técnicos de análise de dados é importante, e esta ausência dificulta a capacidade do profissional de interpretar e analisar dados.

As escolas superiores públicas nacionais de Jornalismo ainda precisam avançar, e ainda demandam mais investimentos, infraestrutura e pessoal. Haja criatividade e motivação docente para atender às demandas que surgem a cada dia na sociedade da informação, principalmente quando se trata da formação do jornalista, profissional que por muito tempo era considerado um dos mais respeitados, e que hoje enfrenta crises de legitimidade e credibilidade. Não que a formação deva assumir a culpa por essa decadência, pois é sabido que no mercado profissional muitas vezes o jornalista tem que decidir e assumir posições conflitantes, mas a universidade precisa ser local de resistência, de Ciência, de luta, espaço para formar jornalistas conscientes,

éticos, críticos, humanos e cidadãos, informados do seu tempo presente, conhecedores da sua história, para que assim, o Jornalismo prevaleça como ferramenta educadora, que seja, dê voz e promova a liberdade de expressão, e informe para formar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os números, a linguagem binária da internet e as possibilidades de acesso a banco de dados públicos transformaram o fazer jornalístico, mas a grande onda do Jornalismo de Dados, processamento de informação, análise computacional e estatística, que veio principalmente com o fenômeno *WikiLeaks*, modificou subitamente as redações, que aos poucos foram assimilando práticas de Jornalismo de Dados, resultando em longo prazo na naturalização dessas práticas, e nesta maneira indefinida de encarar o Jornalismo de Dados.

O Jornalismo de Dados não deve ser encarado com um subcampo futuro, visto que, para o jornalista, o futuro é agora, pois os dados estão disponíveis on-line, faltando apenas aprender e elaborar conceitos e obter as técnicas e ferramentas para os interpretar e analisar criticamente, sem depender de informações de segunda mão e de assessorias especializadas em análise de dados. Conforme as discussões apresentadas no decorrer deste trabalho, observa-se que estudos científicos sobre o tema têm muita demanda e também espaço para expansão, tratando-se, pois, de um assunto emergente e pouco explorado, mas que tende a crescer, principalmente no Brasil, se considerarmos inclusive a revisão de produções, especialmente, com a análise de Charbonneaux e Gkouskou-Giannakou (2015), que abordando a consolidação do Jornalismo de Dados, comparando os casos da Grécia e Alemanha, sugerem que o campo surge com força em contextos geopolíticos característicos de crise ou de desconfiança dos cidadãos quanto aos seus governos, a exemplo do que vem acontecendo atualmente no Brasil.

Outra observação é a de que os conceitos também podem causar confusão quando se fala de um Jornalismo feito a partir de dados, visto que todo Jornalismo carece de dados para ser produzido, portanto, ao se buscar definições as mais completas e que parecem ser as mais claras, o que se encontra é de que se trata de um Jornalismo que tem por base grande quantidade e variedade de dados públicos e privados, na maioria das vezes disponíveis on-line, seja em mídias sociais ou, principalmente, nas grandes bases de dados, cujos dados, pela quantidade, necessitam ser extraídos e tratados a partir de ferramentas específicas computacionais, e ainda interpretados e reconstituídos dentro de uma narrativa compreensível pelo grande público, e que contam com gráficos como aliados no processo de visualização e compreensão. Também em função do mapeamento do subcampo, os dados sugerem que, ainda que seja de forma mais tímida a preocupação das universidades em abordar a temática, este aparece (explicitamente ou não) nos currículos, mas pode ser que o Jornalismo de Dados se torne cada vez mais um assunto de interesse temático ou instrumental e não se consolide como um subcampo. Além disso, em nível internacional, observa-se mais empiria, o que pode ser atribuído à uma maior incorporação

das práticas pelas empresas jornalísticas, resultando na criação inclusive de pós-graduações em nível *stricto sensu* focadas em Jornalismo de Dados. Outra questão diz respeito às práticas, em que não se identifica tanto o que se diz sobre estas, principalmente no Brasil, mas se observa que algo está sendo feito e que existem experiências de incorporação do Jornalismo de Dados, ainda que seja com práticas em caráter experimental e na incorporação de apenas algumas das práticas que compõem o Jornalismo de Dados (como métodos digitais para mineração e análise de dados, matemática e estatística, narrativa jornalística e visualização gráfica).

No Brasil, inclusive, que de certa forma não foi atingido tão fortemente por essa “grande onda”, o Jornalismo de Dados é visto como técnicas isoladas, incorporado por algumas grandes redações, como o Estadão Dados,¹¹ ou iniciativas independentes, como o Nexo Jornal.¹² Já nas universidades, tanto o Jornalismo de Dados quanto suas práticas aparecem ainda de maneira fragmentada. A partir dos 32 PPCs analisados, tem-se que oito (8) cursos ofertam a disciplina Jornalismo de Dados explicitamente e seis (6) sugerem abordar todas as práticas fundamentais que o compõem. Estes dados indicam que 44% das universidades investigadas podem estar formando seus estudantes a trabalharem com o Jornalismo de Dados, mas também que nem a metade e nem todas estas abordam o tema de maneira satisfatória, tanto que as características cidadãs do Jornalismo de Dados não são exploradas nas ementas, o que só foi possível observar em algumas faculdades e ainda em caráter sutil, com algumas poucas referências à LAI e ao Marco Civil da Internet. As demais IES pesquisadas apresentam algumas práticas isoladas, o que não seria suficiente para afirmar que o Jornalismo de Dados está sendo abordado.

As respostas dos coordenadores evidenciam insegurança, falta de clareza quanto ao Jornalismo de Dados, havendo também incoerências entre suas declarações e os PPCs, o que pode sugerir desconhecimento dos Projetos Pedagógicos, até mesmo pela transição do cargo de coordenação assumido por alguns dos entrevistados. Além disso, apesar de unanimemente reconhecerem a importância do Jornalismo de Dados, colocam os desafios de infraestrutura e da escassez de professores capacitados para trabalharem a temática, algo a ser superada, tendo em vista inclusive a necessidade de se contratar novos docentes, o que depende de novos concursos, os quais não estão previstos, sem mencionar as incertezas que tomam as universidades públicas brasileiras diante do cenário político nacional.

Dessa forma, os resultados apontam que o Jornalismo de Dados está sendo timidamente incorporado pelas faculdades públicas de Jornalismo, figura com caráter optativo, sem garantia de regularidade e, até mesmo, o desconhecimento (ou algum nível de incerteza) da oferta pelos

¹¹ Disponível em: <http://blog.estadaodados.com/>. Acesso em: 19 jan. 2019.

¹² Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/edu/dados-e-mapas/>. Acesso em: 19 jan. 2019.

coordenadores, sendo dissolvido desta forma em outras disciplinas; e diferente do que acontece em países como EUA, Canadá, Inglaterra e Austrália, por exemplo, ao invés de caminhar para se estabelecer como subcampo científico dentro do Jornalismo e da Comunicação, tende a ser engolido pelo digital e poderá se tornar uma simples especialização, como é definido inclusive por alguns dos coordenadores de curso no Brasil, que o reconhecem como um método, prática, técnica ou especialidade. Mas há que se ponderar que, o cenário pode ser outro nas faculdades privadas (aqui não analisadas), e que com o surgimento de mais experiências práticas é possível que futuramente as IES despertem cada vez mais em contemplar essa formação, bem como para desenvolver pesquisas em torno do assunto, produzindo com maior clareza o desenvolvimento dessa experiência em nível nacional, e criando consensos conceituais do Jornalismo de Dados como conteúdo importante na formação do jornalista atual.

Majoritariamente, verifica-se uma ausência de mobilizações para formar docentes e discentes em Jornalismo de Dados, e também que as universidades públicas não poderão suprir completamente a demanda do mercado por profissionais com conhecimentos próprios deste subcampo; visto que, até mesmo em razão da tão recente incorporação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais, que orientam os bacharelados em Jornalismo, a abordagem ao digital ainda aparece em caráter experimental, e seus efeitos deverão ficar mais claros após a graduação das primeiras turmas, e a partir da adaptação das ementas conforme diálogo em sala de aula, com base na autonomia de docentes, e de iniciativas de aperfeiçoamento por professores e por alunos, assim como pela troca de experiências entre instituições em congressos científicos e em órgãos que as articulam. O presente trabalho inclusive não esgota esta questão, mas sugere que mais produções contemplem a temática, abrangendo a adaptação das universidades para atender às novas Diretrizes Curriculares Nacionais, e, se muito se falou sobre o digital, vale perguntar: como se dá a formação de professores de Jornalismo e como esta se aprofunda na convergência tecnológica e no estudo de produtos laboratoriais com foco no Jornalismo de Dados? E ainda: as empresas jornalísticas têm procurado incorporar o Jornalismo de Dados? E os profissionais jornalistas? Como eles estão se adaptando para as demandas atuais e como lidam com grandes bases de dados na produção de notícias? Enfim, surge uma série de questionamentos e de desdobramentos ao fim deste trabalho, evidenciando que, ao se falar em Jornalismo de Dados no Brasil, há fôlego para pesquisa, existem tentativas de incorporação e algo está sendo feito a respeito, ainda que não de maneira completa, e quem sabe num futuro não tão distante possam ser observados novos projetos voltados à temática e os frutos da formação de universidades (e da ABRAJI inclusive, que oferece cursos sobre a temática) sejam observados na prática, como um ganho para o Jornalismo, dando maior credibilidade às notícias produzidas, e significando

uma vitória para o público, com acesso à informação sobre dados de interesse da sociedade, de maneira atraente e compreensível, a fim de que o exercício da cidadania seja potencializado mediante o exercício do papel social do jornalista em sua forma plena.

REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, Zélia Leal. O lugar do Jornalismo na Comunicação. **Líbero**, São Paulo, Ano IX, n. 17, jun. 2006. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/748/716>. Acesso em: 13 jul. 2018.
- APPELGREN, Ester; NYGREN, Gunnar. Data journalism in Sweden: introducing new methods and genres of journalism into “old” organizations. **Digital Journalism**, Abingdon, Reino Unido, v. 2, n. 3, p. 394-405, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/21670811.2014.884344>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21670811.2014.884344>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- BAKKER, Piet. Mr. Gates returns: curation, community management and other new roles for journalists. **Journalism Studies**, Abingdon, Reino Unido, v. 15, n. 5, p. 596-606, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/1461670X.2014.901783>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1461670X.2014.901783>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Por que estudar história dos meios nos cursos de comunicação? *In*: ALMEIDA, Fernando Ferreira de; CARRILHO, Kleber; BASTOS, Robson (org.). **Fórum Ensicôm**: realidades e perspectivas do ensino de comunicação no Brasil. São Paulo: INTERCOM, 2017. p. 6-18.
- BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital em base de dados (JDBD)**: um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos. 2007. 331 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11299>. Acesso em: 19 jan. 2019.
- BARBOSA, Suzana; TORRES, Vitor. O paradigma ‘Jornalismo Digital em Base de Dados’: modos de narrar, formatos e visualizações para conteúdos. **Galáxia**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 152-164, jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/10398>. Acesso em: 19 jan. 2019.
- BERTOCCHI, Daniela. **Dos dados aos formatos**: a construção de narrativas no jornalismo digital. Curitiba: Appris, 2016.
- BOUNEGRU, Liliana. Jornalismo de dados em perspectiva. *In*: GRAY, Jonathan; BOUNEGRU, Liliana; CHAMBERS, Lucy. **Manual de Jornalismo de Dados 1.0**. 2014. Disponível em: http://datajournalismhandbook.org/pt/introducao_4.html. Acesso em: 2 out. 2017.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. Reproduzido de: Esquisse d’une théorie de la pratique. Tradução Paula Montero. Tradução do original em francês das partes: “Les trois modes de connaissance” e “Structures, habitus et pratiques”. *In*: **Esquisse d’une théorie de la pratique**. Genebra: Lib. Droz, 1972. p. 162-89. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/352755/mod_resource/content/1/Esbo%C3%A7o%20de%20uma%20teoria%20da%20pr%C3%A1tica.pdf. Acesso em: 30 jan. 2018.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In*: ORTIZ, R (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BRADSHAW, Paul. O que é jornalismo de dados? *In*: GRAY, Jonathan; BOUNEGRU, Liliana; CHAMBERS, Lucy. **Manual de Jornalismo de Dados 1.0**. 2014. Disponível em: http://datajournalismhandbook.org/pt/introducao_0.html. Acesso em: 2 out. 2017.

BRADSHAW, Paul. The inverted pyramid of data journalism. *In*: **Online Journalism Blog: A conversation**. 2011. Disponível em: <https://onlinejournalismblog.com/2011/07/07/the-inverted-pyramid-of-data-journalism/>. Acesso em: 23 out. 2018.

BRASIL. **Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2011]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm. Acesso em: 19 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Educação, [2013]. Disponível em: <https://goo.gl/8SyTR9>. Acesso em: 19 jan. 2019.

CALDAS, Maria das Graças Conde. Ética e cidadania na formação do jornalista. **Revista Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, SP, ano 27, n. 44, p. 85-101, 2. sem. 2005. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3942>. Acesso em: 6 jan. 2018.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Revisão de Tradução Isabela Macho de Oliveira Fraga. 1. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHARBONNEAUX, Juliette; GKOUSKOU-GIANNAKOU, Pergia. O jornalismo de “dados”, uma prática de investigação? Um olhar sobre os casos alemão e grego. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, DF, v. 11, n. 2, p. 266-291, 2015. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/592>. Acesso em: 19 jan. 2019.

CODDINGTON, Mark. Clarifying journalism’s quantitative turn: a typology for evaluating data journalism, computational journalism, and computer-assisted reporting. **Digital Journalism**, Abingdon, Reino Unido, v. 3, n. 3, p. 331-348, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/21670811.2014.976400>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2014.976400>. Acesso em: 27 mar. 2018.

CRUCIANELLI, Sandra. **Herramientas digitales para periodistas**. Segunda Edición. Austin, TX, EUA: Knight Center for Journalism in the Americas, The University of Texas at

Austin, 2013. Disponível em: <https://knightcenter.utexas.edu/books/HDPP.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.

DE MAEYER, Juliette *et al.* Waiting for data journalism: a qualitative assessment of the anecdotal take-up of data journalism in French-speaking Belgium. **Digital Journalism**, Abingdon, Reino Unido, v. 3, n. 3, p. 432-446, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/21670811.2014.976415>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2014.976415>. Acesso em: 27 mar. 2018.

DEMENECK, Ben Hur. **Jornalismo transnacional: prática, método e conceito**. 2016. 237 f. Tese (Doutorado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-13092016-100914/>. Acesso em: 19 jan. 2019.

DIAKOPOULOS, Nicholas. Algorithmic accountability: journalistic investigation of computational power structures. **Digital Journalism**, Abingdon, Reino Unido, v. 3, n. 3, p. 398-415, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/21670811.2014.976411>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2014.976411>. Acesso em: 27 mar. 2018.

DUARTE, Márcia Yukiko Matsuuchi. Comunicação e Cidadania. *In*: DUARTE, Jorge. (org.). **Comunicação Pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 95-115.

ESTEVANIM, Mayanna. **Processos no jornalismo digital: do Big Data à visualização de dados**. 2016. 208 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-06032017-094238/>. Acesso em: 19 jan. 2019.

FINK, Katherine; ANDERSON, C. W. Data journalism in the United States: beyond the “usual suspects”. **Journalism Studies**, Abingdon, Reino Unido, v. 16, n. 4, p. 467-481, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/1461670X.2014.939852>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1461670X.2014.939852>. Acesso em: 27 mar. 2018.

FREITAS, Carla Miranda Barroso de. **A colaboração no jornalismo: do Arizona Project aos Panama Papers**. 2016. 176 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/19991>. Acesso em: 19 jan. 2019.

GEHLEN, Marco Antônio. **Jornalismo de (im)precisão: o conhecimento matemático e a apuração de números**. 2016. 319 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10923/9501>. Acesso em: 19 jan. 2019.

GEHRKE, Marília; MIELNICZUK, Luciana. Philip Meyer, the outsider who created Precision Journalism. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 39, p. 4-13, mai.-ago. 2017.

Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/72228/41398>. Acesso em: 19 jan. 2019.

GRAGNANI, Juliana. Como ‘comportamento de manada’ permite manipulação da opinião pública por fakes. *In: BBC Brasil em Londres*. 9 dez. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42243930>. Acesso em: 2 jan. 2019.

GYNNILD, Astrid. Journalism innovation leads to innovation journalism: the impact of computational exploration on changing mindsets. *Journalism*, Thousand Oaks, CA, EUA, v. 15, n. 6, p. 713-730, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177/1464884913486393>. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1464884913486393>. Acesso em: 19 jan. 2019.

HULLMAN, Jessica, *et al.* Content, context, and critique: commenting on a data visualization blog. *In: ACM CONFERENCE ON COMPUTER-SUPPORTED COOPERATIVE WORK AND SOCIAL COMPUTING*, 18., 2015, Vancouver, Canadá. **Proceedings...** Vancouver: Association for Computing Machinery, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1145/2675133.2675207>. Disponível em: <https://dl.acm.org/citation.cfm?doid=2675133.2675207>. Acesso em: 27 mar. 2018.

LÉVY, Pierre. **Inteligência coletiva**: por uma antropologia de ciberespaço. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015. 214 p.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil**: Identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013. 272 p.

LORENZ, Mirko. Por que jornalistas devem usar dados? *In: GRAY, Jonathan; BOUNEGRU, Liliana; CHAMBERS, Lucy. Manual de Jornalismo de Dados 1.0*. 2014. Disponível em: http://datajournalismhandbook.org/pt/introducao_1.html. Acesso em: 2 out. 2017.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador, BA: Calandra: 2003.

MACHADO, Raquel Cavalcanti Ramos; RIVERA, Laura Nathalie Hernandez. Democratização na era digital: desafios para um diálogo consciente e igualitário. *In: Revista Brasileira de Políticas Públicas*, Brasília, v. 7, n. 3, p. 601-616, 2017. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/RBPP/article/view/4801/3649>. Acesso em: 2 jan. 2019.

MAGENTA, Matheus. Eleições 2018: como Bolsonaro superou a bolha radical na internet e terminou o 1º turno na liderança. *In: BBC News Brasil em São Paulo*. 7 out. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45768006>. Acesso em: 2 jan. 2019.

MALI, Tiago. Entrevista feita via aplicativo *WhatsApp*. Entrevistadora: Jéssica Bazzo. Em: 5 out. 2017.

MANCINI, Leonardo; VASCONCELLOS, Fabio. Jornalismo de Dados: conceito e categorias. *Fronteiras*, Unisinos, v. 18, n. 1, p. 69-82, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2016.181.07/5300>. Acesso em: 19 jan. 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria.** São Paulo: Paulus, 2009. 278 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARQUES, Iuri Lammel. Organization and management of journalistic content on the semantic web. 2011. 173 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/6327>. Acesso em: 19 jan. 2019.

MARTINS, Dalton Lopes. Entrevista feita via e-mail. Entrevistadora: Jéssica Bazzo. Em: 26 set. 2017.

MARTINS, Gerson Luiz Mello. Formação de profissionais e pesquisadores em ciberjornalismo. *In:* MARTINS, Gerson Luiz; REINO, Lucas Santiago Arraes; BUENO, Thaísa. (org.). **Performance em ciberjornalismo: tecnologia, inovação e eficiência.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2017. 323 p., p. 305-323.

MEDEIROS, Anna Barbara. **A reportagem com base na extração, análise e visualização de dados.** 2016. 275 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/168042>. Acesso em: 19 jan. 2019.

MEDEIROS, Magno. Cidadania, direitos humanos e jornalismo: percalços históricos e violência institucionalizada. *In:* SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela (org.). **Cidadania Comunicacional: Teoria, Epistemologia e Pesquisa.** Goiânia: Gráfica UFG, 2016. 256 p.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o jornalismo que está por vir: a função da universidade e os obstáculos para a sua realização.** Florianópolis: Insular, 2012.

MEDITSCH, Eduardo. Tipos e formas de conhecimento na Escola de Jornalismo. *In:* ALMEIDA, Fernando Ferreira de; CARRILHO, Kleber; BASTOS, Robson (org.). **Fórum Ensicom: realidades e perspectivas do ensino de comunicação no Brasil.** Capa Pedro Vinicius Piccoli. Diagramação em E-Pub Kleber Carrilho. São Paulo: INTERCOM, 2017a. p. 55-67.

MEDITSCH, Eduardo. Entrevista feita via e-mail. Entrevistadora: Jéssica Bazzo. Em: 18 nov. 2017b.

MELO, José Marques de. Desafios do Ensino do Jornalismo no século XXI. *In:* ALMEIDA, Fernando Ferreira; SILVA, Robson Bastos da; MELO, Marcelo Briseno Marques de (org.). **O ensino de comunicação frente às Diretrizes Curriculares.** São Paulo: INTERCOM, 2015. 203 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Cláudia Peixoto de. **O curso de comunicação social no Brasil: do currículo mínimo às novas diretrizes curriculares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2014.

PARASIE, Sylvain. Data-Driven Revelation? Epistemological tensions in investigative journalism in the age of “big data”. **Digital Journalism**, Abingdon, Reino Unido, v. 3, n. 3, p. 364-380, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/21670811.2014.976408>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2014.976408>. Acesso em: 27 mar. 2018.

PERUYERA, Matias Sebastião. **Usos e apropriações de tecnologias no cotidiano do jornalismo guiado por dados**. 2015. 209 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/1897>. Acesso em: 19 jan. 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique; MAIA, Kênia. O jornalista brasileiro face ao fim da obrigatoriedade do diploma para exercício da profissão: reagenciamento do repertório de legitimação profissional. **Trabajo y Sociedad**, Santiago del Estero, Argentina, n. 26, p. 35-50, verão 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=387343599003>. Acesso em: 14 set. 2018.

PERUZZO, Cicília M. Khroling. Internet e democracia comunicacional: entre os entraves, utopias e o direito à comunicação. In: MELO, José Marques de; SATHLER, Luciano. (org.). **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: UESP, 2005. 288 p.

POSTER, Mark. Cidadania, Mídia Digital e Globalização. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 315-336.

PRIMO, Alex. O que é jornalismo? Quem e o que o produz? Onde e quando acontece? In: MARTINS, Gerson Luiz; REINO, Lucas Santiago Arraes; BUENO, Thaísa. (org.). **Performance em ciberjornalismo: tecnologia, inovação e eficiência**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2017. 323 p., p. 51-62.

RAMONET, Ignacio. A explosão do jornalismo na era digital. In: MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. Tradução Karina Patrício. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

RAMOS, Daniela Osvald. **Formato: condição para a escrita do jornalismo digital de bases de dados**. Uma contribuição da semiótica da cultura. 2011. 146 f. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-23092011-180325/>. Acesso em: 19 jan. 2019.

RAMOS, Murilo César. Comunicação, direitos sociais e políticas públicas. In: MARQUES DE MELO, J.; SATHLER, L. **Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação**. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2005.

RENÓ, Luciana; RENÓ, Denis; CORRÊA, Elizabeth Saad. Notícia binária: um estudo sobre o Jornalismo de Dados no novo ecossistema midiático. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, SP, v. 39, n. 1, p.43-67, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/6952>. Acesso em: 19 jan. 2019.

RODRIGUES, Kelly de Conti. **Jornalismo de dados na web**: estudo da produção de sentido na infografia do Blog do Estadão Dados e do La Nación Data Blog. 2016. 162 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/144483>. Acesso em: 19 jan. 2019.

ROYAL, Cindy; BLASINGAME, Dale. Data journalism: an explication. **#ISOJ The Journal of the International Symposium on Online Journalism**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2015. Disponível em: <https://isojournal.wordpress.com/2015/04/15/data-journalism-an-explication/>. Acesso em: 19 jan. 2019.

SALAVERRÍA, Ramón. Los labs como fórmula de innovación en los medios. **El profesional de la información**, Abingdon, Reino Unido, v. 24, n. 4, p. 596-606, jul./ago. 2015. Disponível em: <http://www.elprofesionaldeinformacion.com/contenidos/2015/jul/06.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2018.

SCOPUS (BASE DE DADOS BIBLIOGRÁFICA). *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. São Petesburgo, Flórida, EUA, Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Scopus_\(base_de_dados_bibliogr%C3%A1fica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Scopus_(base_de_dados_bibliogr%C3%A1fica)). Acesso em: 19 jan. 2019.

SEGALA, Mariana. **Siga os números**: introdução ao uso de dados no jornalismo de finanças e negócios. 2017. 62 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/19628>. Acesso em: 19 jan. 2019.

SEMIDÃO, Rafael Aparecido Moron. **Dados, informação e conhecimento enquanto elementos de compreensão do universo conceitual da ciência da informação**: contribuições teóricas. 2014. 199 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/110783/000799485.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 9 ago. 2018.

SERRANO, Pascual. Outro jornalismo possível na internet. *In*: MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. Tradução Karina Patrício. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela. A cidadania como comunicação: estudo sobre a especificidade comunicacional do conceito de cidadania. *In*: SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela (org.). **Cidadania Comunicacional**: Teoria, Epistemologia e Pesquisa. Goiânia: Gráfica UFG, 2016. 256 p.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; TUZZO, Simone Antoniacci. Revisão crítica da relação entre a comunicação e a cidadania: um estudo sobre a mídia. *In*: SIGNATES, Luiz;

MORAES, Ângela (org.). **Cidadania Comunicacional: Teoria, Epistemologia e Pesquisa**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016. 256 p.

THELWALL, Mike; BUCKLEY, Kevan. Topic-based sentiment analysis for the social web: the role of mood and issue-related words. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, Medford, MA, EUA, v. 64, n. 8, p. 1608-1617, ago. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.22872>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.22872>. Acesso em: 27 mar. 2018.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP – Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 1, p. 27-55, jan.-fev. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.

TORRES, Vitor. **O curador de informação em produtos agregadores de notícias**. 2013. 209 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/14588>. Acesso em: 19 jan. 2019.

TRÄSEL, Marcelo Ruschel. Entrevista feita via e-mail. Entrevistadora: Jéssica Bazzo. Em: 05 out. 2017a.

TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil**. 2014a. 314 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10923/6841>. Acesso em: 19 jan. 2019.

TRÄSEL, Marcelo Ruschel. Jornalismo guiado por dados e cultura profissional. In: MARTINS, Gerson Luiz; REINO, Lucas Santiago Arraes; BUENO, Thaísa. (org.). **Performance em ciberjornalismo: tecnologia, inovação e eficiência**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2017b. 323 p., p. 95-106.

UNESCO. **Modelo Curricular da Unesco para o ensino do jornalismo**. Tradução: Aline Paz Rogers. Brasília: Unesco, 2010. 161 p.

VIZEU, Alfredo. Entrevista realizada durante o 17º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo – ENPJ. Entrevistadora: Jéssica Bazzo. Palmas, TO, abr. 2018.

ZUCULOTO, Valci. O profissional de jornalismo no Brasil contemporâneo – trajetória, atuação e necessidades da e para formação. In: ALMEIDA, Fernando Ferreira de; CARRILHO, Kleber; BASTOS, Robson (org.). **Fórum Ensicom: realidades e perspectivas do ensino de comunicação no Brasil**. São Paulo: INTERCOM, 2017. 100-116p.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Faculdade de Comunicação. **Projeto Político Pedagógico – Curso de Graduação em Jornalismo**. Brasília: Faculdade de Comunicação, 2015.

Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Comunicação e Artes. **Projeto Político-Pedagógico do Curso Bacharelado em Jornalismo**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, 2015.

Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO. Departamento de Comunicação Social. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Jornalismo – Campus de Alto Araguaia**. Alto Araguaia: Departamento de Comunicação Social, 2014.

Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Unidade Frutal. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo**. Frutal: UFMG, 2015.

Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. **Projeto Pedagógico: Curso de Bacharelado em Jornalismo**. Mossoró: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, 2016.

Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Núcleo docente estruturante. **Projeto Pedagógico de Curso PPC: Jornalismo (Bacharelado)**. Campina Grande: EDUEPB, 2016. 164 f.

Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução CEPE/CA nº 004/2016, de 9 de março de 2016**. Reformula o Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo, a ser implantado a partir do ano letivo de 2016. Londrina: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2016.

Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução CEPE nº 005/2016, de 26 de fevereiro de 2015**. Aprova novo Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Jornalismo, da UEPG. Ponta Grossa: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2015.

Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 4-CEPE/UNICENTRO, de 21 de março de 2016.** Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Jornalismo, Bacharelado, da UNICENTRO, *Campus Santa Cruz*, e dá outras providências. Guarapuava: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – UNESP. Departamento de Comunicação Social. **Projeto Político-Pedagógico (PPP) do curso de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).** Bauru: Departamento de Comunicação Social, 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo Bacharelado.** Maceió: Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Faculdade de Informação e Comunicação. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo.** Goiânia: Faculdade de Informação e Comunicação, 2015. 83 f. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Faculdade de Comunicação Social. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Jornalismo.** Juiz de Fora: Faculdade de Comunicação Social, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. Conselho de Ensino de Graduação. **Resolução COEG nº 482/2014, de 15 de outubro de 2014.** Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo – Bacharelado, anexo à resolução, a ser implantado a partir do ano letivo de 2015. Campo Grande: Conselho de Ensino de Graduação, 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Graduação em Jornalismo.** Mariana: Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social, 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Centro de Letras e Comunicação. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo – Currículo 2**. Pelotas: Faculdade de Informação e Comunicação, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. Departamento de Jornalismo. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Jornalismo**. Vilhena: Departamento de Jornalismo, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Centro de Comunicação e Expressão. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo**. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Centro de Educação Superior Norte. **Projeto Pedagógico de Curso – Curso de Jornalismo – Bacharelado**. Santa Maria: Centro de Educação Superior Norte, 2013. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Conselho do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. **Resolução CONEPE nº 15/2017, de 5 de abril de 2017**. Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Jornalismo e dá outras providências. Aracaju: Conselho do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Faculdade de Educação. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo**. Uberlândia: Faculdade de Educação, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Jornalismo**. Rio Branco: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2013. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ. Conselho Universitário. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Jornalismo**. Macapá: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. Núcleo Docente Estruturante do Curso de Jornalismo. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Jornalismo**. São Borja: Núcleo Docente Estruturante do Curso de Jornalismo, 2013. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Setor de Artes, Comunicação e Design. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo**. Processo de criação do Curso de Jornalismo a partir de 2017 (como curso autônomo). Curitiba: Setor de Artes, Comunicação e Design, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Escola de Comunicação. **Projeto Pedagógico da Habilitação em Jornalismo**. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo**. Natal: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Jornalismo**. Porto Alegre: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo**. Palmas: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. **Projeto Pedagógico Curricular (PPC) do Curso Jornalismo**. Seropédica: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2009. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qDJq5z-zkBx1yL0SrY1RMRSzv2ZioKf7>. Acesso em: 20 jan. 2019.

APÊNDICES

Apêndice A – Resposta dos coordenadores ao questionário – elaborado com Google Forms.

06/01/2019

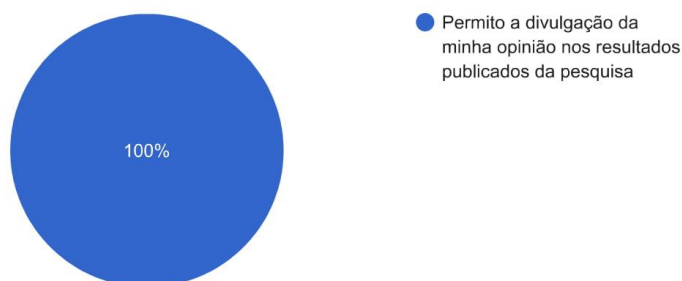
A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo

A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo

11 respostas

De maneira bem resumida, a minha pesquisa se propõe a: Investigar de que maneira as escolas de jornalismo estão incorporando a formação em jornalismo em dados e/ou mediante práticas de jornalismo de dados e como veem a importância de trabalhar este campo emergente. O que permitirá: Identificar lacunas acadêmicas, discutir a formação profissional do jornalismo, a incorporação das novas diretrizes curriculares e propor novas pesquisas futuras. Se você aceita participar favor assinalar a opção abaixo:

11 respostas



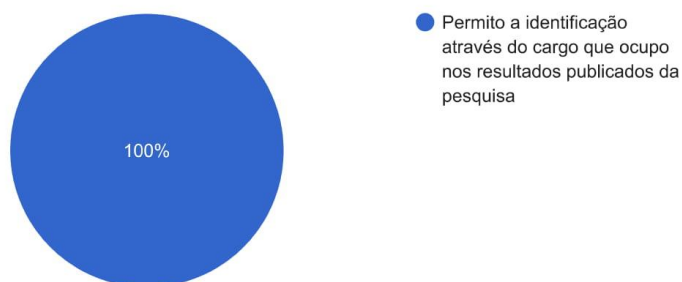
A sua participação nesta pesquisa é voluntária e caso haja qualquer desconforto emocional você não é obrigado a respondê-la. Contudo sua participação é muito importante devido ao caráter exploratório desse estudo, bem como compreensão de como está se dando (ou não) a incorporação do jornalismo de dados enquanto campo emergente e também adaptação às novas diretrizes curriculares. Como participação voluntária, o participante não será beneficiado financeiramente ou terá qualquer compensação lucrativa com a

06/01/2019

A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo

colaboração na pesquisa. Os participantes terão assegurados o sigilo e a privacidade de seus nomes, todavia, os respondentes aparecerão de maneira representativa pelo cargo que ocupam e Instituição a que estão vinculados. Ex: coordenação do curso de bacharelado em jornalismo da Universidade XXX. Para que sua participação seja validada, favor concordar abaixo.

11 respostas



O participante tem assegurado por Lei a liberdade de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. O participante terá garantida sua liberdade de se recusar a responder questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento no formulário da pesquisa. Vale ressaltar que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não. Destacamos também que: Os resultados dessa pesquisa irão compor dissertação de mestrado que será publicada no formato PÚBLICO após a defesa. Os resultados podem ser ainda adaptados e publicados no formato de artigo ou parte de livro ao final do trabalho. Caso se sinta lesado de qualquer forma, o participante tem assegurado por lei o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), decorrentes da sua participação na pesquisa.

11 respostas

06/01/2019

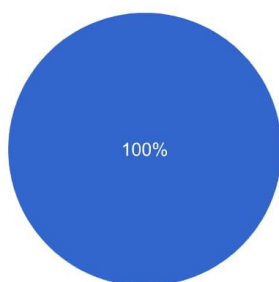
A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo



- Li os termos, estou ciente e concordo em participar
- Não concordo

Por se tratar de uma dissertação de mestrado, seus resultados ficarão armazenados em banco de dados pessoal ou institucional. Também por se tratar de um trabalho de conclusão do curso de mestrado toda pesquisa a ser feita com os dados que foram coletados deverá ser autorizada pelo/a participante e ainda será submetida novamente para aprovação do Conselho de Ética em Pesquisa institucional e, quando for o caso, à CONEP. Assim, visando à execução de investigações futuras ressalta-se que: a) pode haver a necessidade, relevância e oportunidade para usos futuros do material coletado; b) os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não; c) os resultados serão divulgados em meios institucionais e podem vir a se tornar artigos ou parte de livros futuramente; d) os participantes se declaram cientes de que todo material coletado pode ser usado também em pesquisas futuras. Nesse sentido, favor assinalar:

11 respostas



- Declaro ciência de que os meus dados coletados serão tornados públicos, podem vir a ser divulgados em diferentes meios e ainda podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;

Instituição de Ensino

11 respostas

UFAL

Universidade Federal do Amazonas

Universidade Federal de Rondônia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB

Universidade Federal do Pampa - Unipampa

Ufop

Universidade Federal de Pelotas

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

UFRRJ

Universidade Federal do Tocantins

Universidade Federal de Goiás

O que você entende por jornalismo de dados?

11 respostas

É uma técnica jornalística em engloba diversas mídias para contar histórias.

Jornalismo compartilhado interpessoal, divulgado na ou pela internet

Arquivamento e interpretação jornalistas baseada em informações numéricas que devem estar, de alguma maneira, interligadas, através de mecanismos manuais, analógicos ou digitais.

Jornalismo realizado em base de dados digitais, no ambiente em rede.

Toda prática jornalística ou conceito de comunicação aliado aos dados armazenados em bancos e sistemas de informação.

Jornalismo produzido a partir de abordagens e angulações centradas em dados, não necessariamente estruturados e não necessariamente massivos.

O jornalismo de dados é uma nova possibilidade proporcionada pelas novas tecnologias de informação e comunicação que abrange ferramentas que proporcionam um melhor e maior conhecimento dos fatos do dia-a-dia.

É o jornalismo com forte potencial de checagem com base em elementos objetivos, quando se confronta fontes, números, bases de dados etc.

É um jornalismo praticado nos tempos atuais em que há o uso de dados diversos para a construção da notícia. Esses dados presentes na internet podem ser utilizados tanto como fontes como ferramentas para a narrativa.

A prática jornalística com ênfase em técnicas de análise de informações de bancos de dados, estatísticas, levantamentos institucionais e acervo de pesquisas, dentre outros.

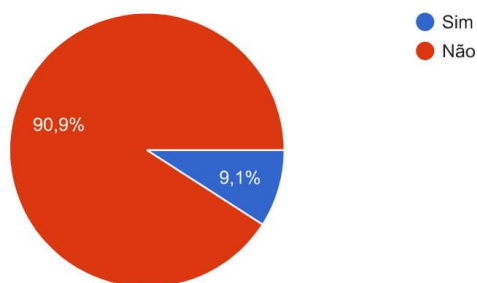
06/01/2019

A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo

Trata-se de uma metodologia para auxiliar na busca de informações que serão utilizadas em reportagens, utilizando sobretudo a web como espaço de investigação. O jornalismo de dados não apenas se vale dessas ferramentas avançadas de busca, como fornece meios para ler e compreender esses dados e, posteriormente, publicizá-los de maneira coerente e inteligível, dentro de princípios de difusão jornalística.

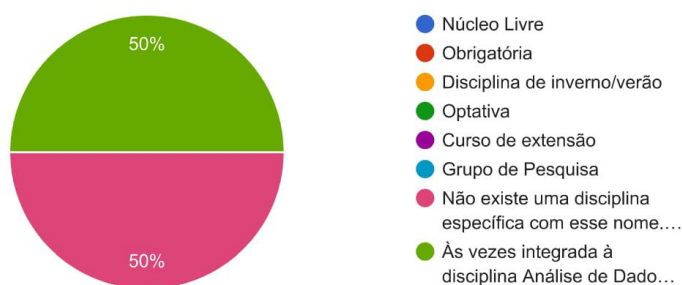
O curso de jornalismo que você coordena oferta a disciplina "jornalismo de dados"?

11 respostas



Se você respondeu sim à pergunta anterior, de que maneira a disciplina jornalismo de dados é ofertada:

2 respostas

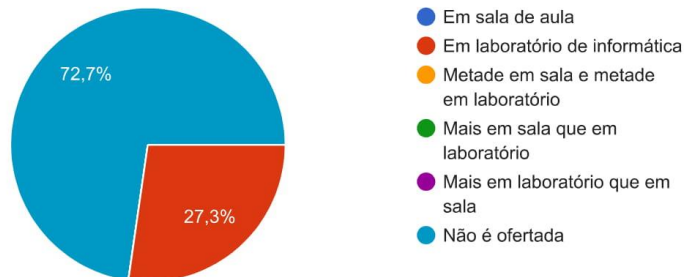


06/01/2019

A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo

A disciplina de jornalismo de dados acontece:

11 respostas



Que produtos jornalísticos são desenvolvidos ao final ou durante a disciplina de jornalismo de dados ofertada em sua Instituição? Há preocupação com a divulgação destes resultados?

11 respostas

A disciplina não é ofertada.

Documentário escrito

O jornalismo de dados é contemplado em disciplina destinada à produção jornalística digital

Site www.avoador.com.br

Não é ofertada, como dito anteriormente.

N.A.

Reportagens e notícias factuais basicamente. Sim, em parte.

Não se aplica

No momento não temos produtos específicos

Não existe uma proposta específica de produto, nem a divulgação dos resultados.

Não possuímos uma disciplina específica de jornalismo de dados, mas o conteúdo permeia algumas disciplinas.

06/01/2019

A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo

O jornalismo de dados é ensinado ou está vinculado a outra disciplina na graduação em jornalismo ofertada pela sua Instituição? Se é abordado juntamente com outra disciplina especifique.

11 respostas

Com outra disciplina.

Está vinculado à outra disciplina, denominada webjornalismo.

O jornalismo de dados é contemplado em disciplina destinada à produção jornalística digital

É ensinado e ofertado nas disciplinas Comunicação e Tecnologia e, Jornalismo Digital

Não é ofertada, como dito anteriormente. De novo.

É parcialmente abordado em disciplinas de produção laboratorial.

Ele está presente em cadeiras ligadas ao ciberjornalismo.

Não se aplica

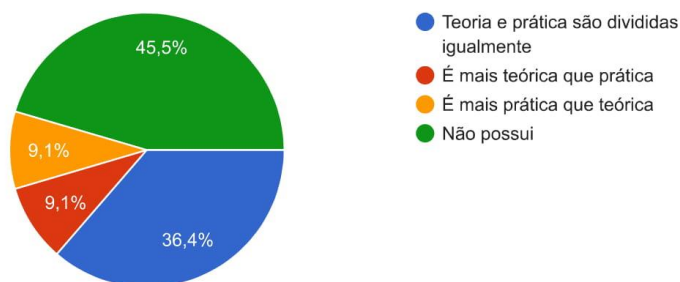
O jornalismo de dados é ensinado como um item de conteúdo em jornalismo hipermídia. E também temos uma disciplina optativa que aborda o assunto: técnicas de apuração e relacionamentos com as fontes na era digital.

É abordada em "Análise de Dados Estatísticos em Jornalismo". Cabe ressaltar que a disciplina "Jornalismo de Dados" por ser optativa não é oferecida todos os semestres, na verdade foi oferecida apenas uma vez.

Disciplinas como Jornalismo Investigativo, Webjornalismo e Produção de Texto Jornalístico II.

Como é dividida a metodologia de ensino da disciplina de jornalismo de dados em sua Instituição:

11 respostas



06/01/2019

A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo

Qual a formação dos professores que lecionam jornalismo de dados na sua Instituição?

11 respostas

Essa disciplina não é ofertada.

Doutorado

Pesquisa desde 2008 sobre jornalismo digital.

Formação em Jornalismo e doutorado na área.

Este formulário contém problemas no processo de coleta de dados.

N.A.

Doutores em comunicação social.

Não se aplica

um doutor e um pós-doutor

Jornalismo, mas já foi ministrada por um sociólogo. Ambos professores doutores

São todos jornalistas, com mestrado ou doutorado.

Após a implantação das novas diretrizes curriculares, com o bacharelado em jornalismo, que preconizam inclusive atenção ao digital e à convergência tecnológica, que mudanças foram implementadas na formação dos futuros jornalistas em sua Instituição?

11 respostas

Hoje são ofertados vários laboratórios de jornalismo digital.

Cursos de capacitação

A disciplina destinada à produção jornalística digital se desdobrou e ganhou o mesmo espaço das demais produções para outros meios, contando, ainda, com a inclusão desta temática para discussão em disciplina de teoria. Abre-se, ainda, a possibilidade para maior tratamento em disciplinas optativas.

Uma nova disciplina foi criada e maior carga horária destinada a área digital. Tendo inclusive um produto laboratorial desenvolvido na disciplina. Site www.avoador.com.br

Este formulário contém problemas no processo de coleta de dados.

06/01/2019

A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo

Implantação de laboratório integrado com seis linguagens, centrado em produções hipermidiáticas, com 240 horas, seis professores e produção de um portal-laboratório; mudança na disciplina dedicada à web, agora mais centrada em teorias; maior atenção ao digital ao longo da matriz curricular.

Desde o início do curso, essa preocupação se fez presente. Não obstante, as mudanças se dão de acordo com as aptidões dos integrantes do corpo docente. Atualmente, contamos com duas professoras/pesquisadoras que trabalham com a referida temática.

Há maior atenção à formação multimídia dos jornalistas, bem como a discussão teórica dessa questão.

Implementamos novo currículo para atender as novas diretrizes

Maior incentivo à prática dentro das disciplinas e integração com novas linguagens e formatos midiáticos.

A novidade em relação ao PPC anterior é o acréscimo da disciplina Ciberultura.

As novas diretrizes curriculares orientam a formação do jornalista de maneira mais plural e cidadã. De que maneira isso foi incorporado ou não ao novo currículo de sua Instituição?

11 respostas

Com a criação de diversas disciplinas relacionando mídia e temas sociais variados.

Por meio dos debates do presente, cadenciados por questões sociais e econômicas

Na ementa de disciplinas obrigatórias e na proposição de mais disciplinas optativas.

Discordo que as novas diretrizes orientam para uma formação mais plural, ao contrário, ela possui uma base mais tecnicista e muito mais fechada no jornalismo. Perdeu várias dimensões da Comunicação Social e de disciplinas das Científica Sociais e Psicologia. Para manter essa formação ampla, mantivemos muitas disciplinas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais.

Este formulário contém problemas no processo de coleta de dados.

Há oferta de eletivas relacionadas a direitos humanos, cidadania, além de obrigatória de ética e crítica da mídia.

De forma parcial. Ainda estamos num processo de amadurecimento do currículo do curso. No entanto, tais diretrizes já podem ser observadas em diversas disciplinas, tanto obrigatórias quanto optativas.

Inserção de disciplinas como Economia Política da Comunicação / Crítica da Mídia / Comunicação, Cidadania e Direitos Humanos

Incorporamos por meio de criação de disciplinas obrigatórias e um conjunto maior de disciplinas optativas. No entanto, os quesitos jornalismo plural e cidadão já era trabalhado ao longo do curso nas disciplinas práticas e teóricas.

O currículo anterior já abrangia tais questões, o que foi aprimorado no novo PPC (de 2015)

As tradicionais disciplinas de fundo humanístico continuam sendo ofertadas, como Antropologia, Filosofia e Sociologia. Por outro lado, há disciplinas do campo da Comunicação ou, mais especificamente do Jornalismo, que auxiliam na formação de princípios éticos e cidadãos: História do Jornalismo,

06/01/2019

A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo

Cidadania e Direitos Humanos, Ética e Legislação da Comunicação, Política Brasileira, Espaço, Comunicação e Sociedade, Jornalismo Compartilhado e Popular, Educomunicação, Comunicação para a Sustentabilidade, além de disciplinas de tema variado, que podem ser embasadas em pesquisas específicas de professores e núcleos de pesquisadores e contemplar temas afins.

Com relação à formação ofertada em jornalismo pela sua Instituição, alguma disciplina abrange o ensino de técnicas de análise matemática dos dados? (Ex. estatística, economia etc) Se sim, especifique.

11 respostas

Não

Economia Política da Comunicação.

Não como obrigatória.

Não.

não

Sim, em Fundamentos da comunicação digital e em Ciberjornalismo.

No curso no formato habilitação (em extinção), temos a disciplina Estatística Aplicada às Ciências Sociais. Todavia, no novo bacharelado em Jornalismo, ela é eletiva.

Não.

Sim. Análise de Dados Estatísticos em Jornalismo, que anteriormente era apenas Estatística

A disciplina Iniciação Científica apresenta métodos de análise de dados aos estudantes.

Com relação à formação ofertada em jornalismo pela sua Instituição, alguma disciplina abrange o ensino de métodos digitais ou uso de software para análise de dados? Se sim, especifique.

11 respostas

Não.

Não

Planejamento Gráfico e Webjornalismo (InDesign/Adobe)

Em disciplinas optativas, sem regularidade, trabalha-se com temas destinados às mídias sociais.

06/01/2019

A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo

não

Sim, introdução em Comunicação Digital e Hipermídia e aprofundamento em CSA624 Gestão de Conteúdo e Análise de Redes Sociais.

Ver resposta anterior.

Infelizmente não. Recentemente fiz um curso de SQL com esta finalidade, poucos professores dominam a ferramenta, mas, assim como eu, já estão sobrecarregados com disciplinas "clássicas" não podendo assim assumir Jornalismo de Dados que sequer está especificamente prevista no PPC.

Com relação à formação ofertada em jornalismo pela sua Instituição, alguma disciplina abrange o ensino de técnicas de visualização de dados? (Ex. infografia, projeto gráfico etc) Se sim, especifique.

11 respostas

Não diretamente.

Projeto e Planejamento Gráfico

Em disciplinas específicas de design gráfico editorial e laboratório de jornalismo digital, além de disciplinas optativas, mas sem regularidade.

Sim. A disciplina de Jornalismo Digital I e II

sim

Sim, Planejamento Visual (obrigatória); e as eletivas Design de Informação: Infografia e Visualização de Dados, Jornalismo Visual, Projeto Gráfico.

Ver resposta anterior.

Sim. Editoração Eletrônica em Jornalismo.

Na disciplina de comunicação visual - obrigatória - os alunos aprendem um pouco sobre isso, mas não é o foco principal da disciplina.

Sim. Planejamento Gráfico

Não há uma disciplina específica para infografia, mas esse conteúdo é ministrado em outras disciplinas, como Planejamento Gráfico Editorial, ou em disciplinas eventualmente ofertadas, como Tópicos em Comunicação (Ilustração em Jornalismo) ou Laboratório Orientado (Diagramação do Jornal Samambaia). Entretanto, nesses casos, o infográfico é mais trabalhado sob uma perspectiva do design.

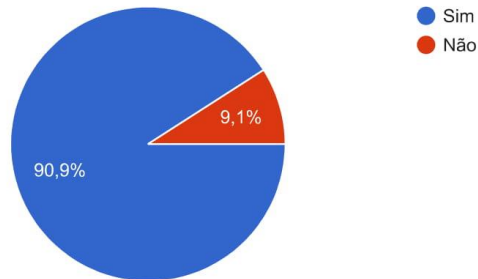
Caso o jornalismo de dados ainda não seja trabalhado em sua

06/01/2019

A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo

Instituição, há interesse em incorporá-lo de alguma forma?

11 respostas



Se sua resposta anterior foi positiva, de que maneira o jornalismo de dados poderia ser incorporado à graduação em jornalismo ofertada pela sua Instituição?

11 respostas

Com a criação de uma disciplina eletiva.

Por meio de disciplina e workshops

Através de disciplinas optativas, especialmente com a pesquisa de algum professor sendo abordada nelas, ou mesmo de projetos de extensão que possam ser coordenados por um jornalista contratado para esta finalidade; além de cursos eventuais para atualização dos discentes e docentes.

Já ofertamos dentro das disciplinas Jornalismo Digital e Comunicação e tecnologia.

Já é incorporado na disciplina de Laboratório de Jornalismo Digital II

Como disciplina eletiva.

Embora ele já faça parte das nossas preocupações, entendo que ele deverá aparecer ainda mais nas disciplinas existentes e nas novas que serão ofertadas futuramente.

Numa futura reforma curricular, há possibilidade da inclusão da disciplina.

Por meio de disciplinas optativas mais específicas sobre o assunto

A disciplina que "aborda" jornalismo de dados é de 30h, hoje percebe-se uma grande necessidade de abordagem específica e profunda, incluindo o manejo de ferramentas como SQL, dentre outras.

No momento, estamos tentando cobrir lacunas com cursos (estamos tentando trazer uma da Abraji) e inserção pontuais em disciplinas e eventos.

06/01/2019

A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo

Explique o motivo caso o jornalismo de dados não seja ofertado e não haja interesse em incorporá-lo.

11 respostas

Não houve demanda para essa disciplina.

É preciso investir em bons equipamentos e boa conectividade

Falta de profissionais qualificados na pesquisa e prática. Mas há interesse em incorporar.

Já é trabalhado nas disciplinas citadas, mas, sem muito aprofundamento.

Já é incorporado na disciplina de Laboratório de Jornalismo Digital II.

NA.

-

Ainda não foi objeto de discussão curricular.

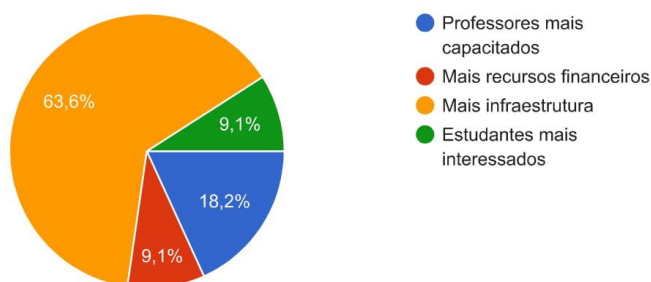
Não há ainda a incorporação efetiva porque não houve ainda um espaço para debate do assunto. Já pensamos, no entanto, em montar oficinas com convidados para explorar o assunto com os alunos.

-

Há o interesse em incorporá-lo. Provavelmente não integrou o último PPC por não haver no curso um professor com conhecimento específico na área.

Na sua opinião, quais são os maiores desafios enfrentados na formação do jornalista tendo em vista as novas diretrizes curriculares:

11 respostas



06/01/2019

A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo

Quais desafios o curso vê para implementar ações voltadas à promoção do jornalismo de dados?

11 respostas

Não houve demanda para tal.

Melhorar capacidades estruturais e infraestruturais

Recursos financeiros e de infraestrutura para promoção de cursos, além de contratação de professores e pesquisadores nesta área.

Investimentos nas áreas de tecnologia, aquisição de equipamentos e, principalmente, aquisição e licença de software específicos.

Burocracia demasiada e falta de formação específica. Além da falta de possibilidade de novos concursos públicos para profissionais com este perfil.

Professores habilitados a atuar na área (não necessariamente mais capacitados, mas capacitados no assunto); infraestrutura.

Ver resposta anterior.

Mais investimento financeiro e a criação de uma cultura que enfatize a importância do jornalismo de dados.

No caso do jornalismo na UFRRJ estamos lidando com a implantação da infraestrutura adequada ao curso que ainda não possui laboratórios para as disciplinas específicas. Sanada essa situação, devemos nos deter na incorporação de disciplinas e projetos que sejam mais de acordo com o momento em que vivemos.

Professores com essa habilidade específica, uma vez que algumas ferramentas são recentes e demandam contínuo treinamento, afinidade e atualização.

Mais infraestrutura laboratorial e professores com conhecimentos específicos nesse campo.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço

Google Formulários

06/01/2019

A incorporação do jornalismo de dados no bacharelado em jornalismo